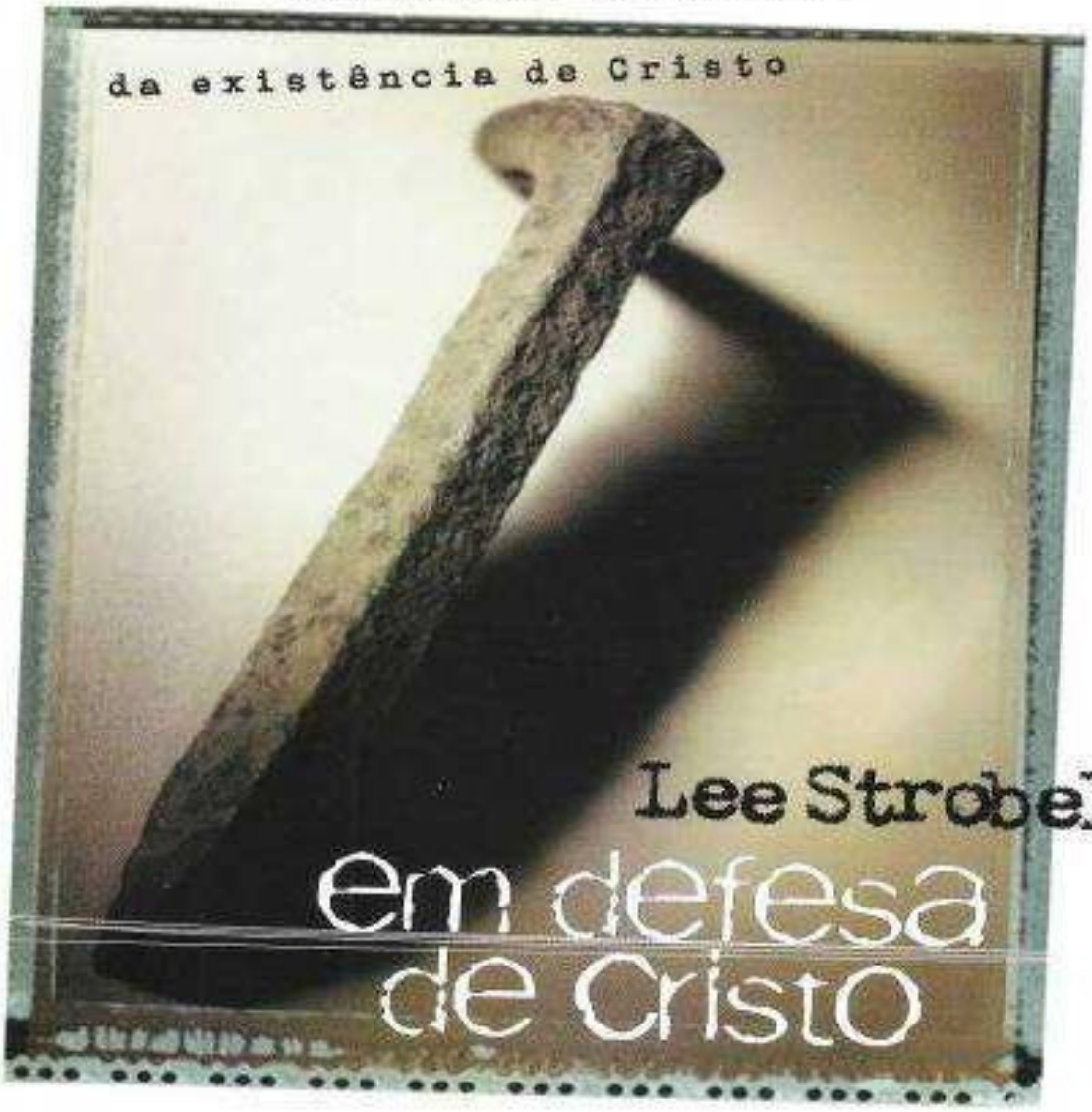
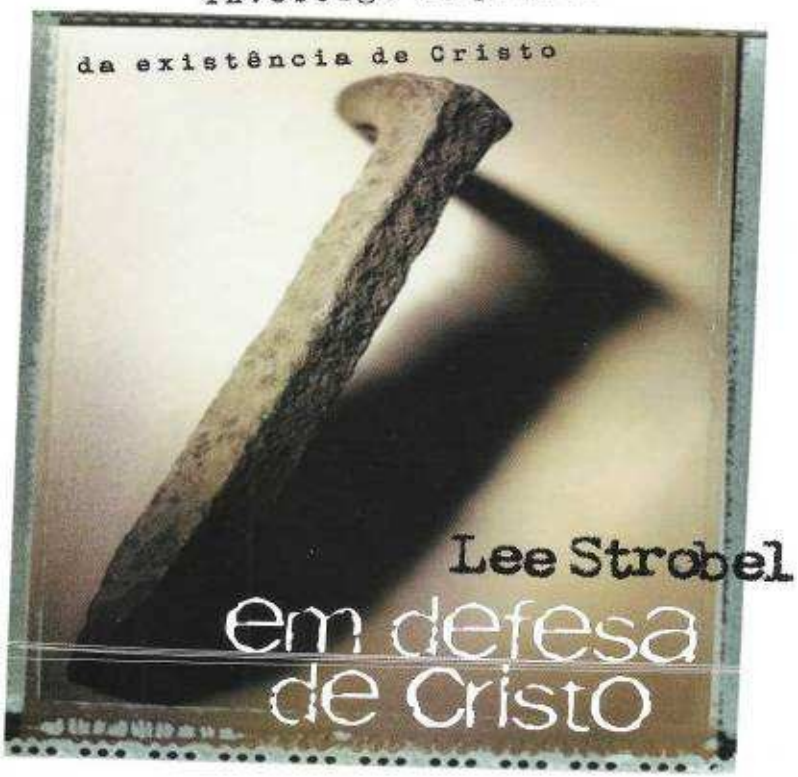
Jornalista ex-ateu

investiga as provas

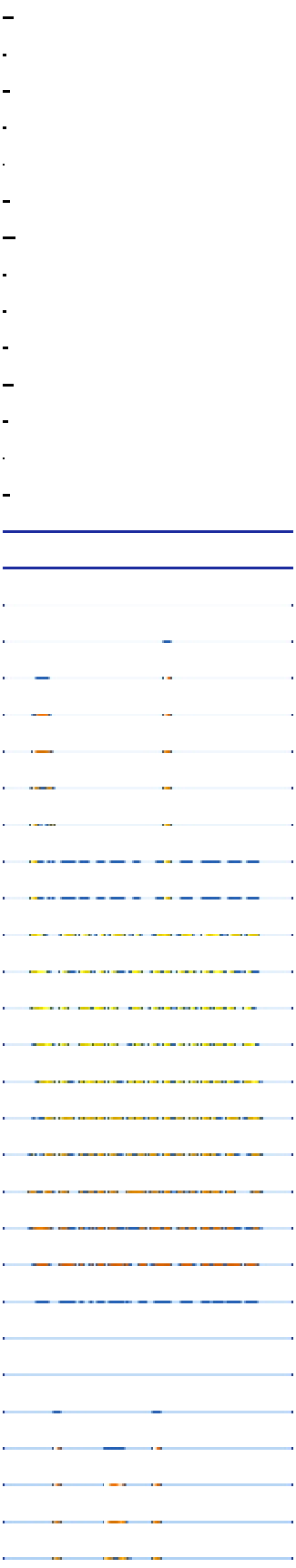


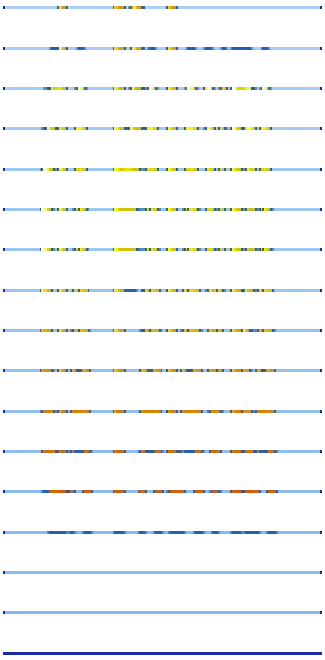
Vida

Jornalista ex-ateu
investiga as provas



Vida
ACADÊMICA





Digitalizado por Dumane

www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer

leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para

avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Strobel, Lee, 1952-

Em defesa de Cristo : um jornalista ex-ateu

investiga as provas da existência de Cristo /

Lee Strobel ; tradução de Antivan Guimarães

Mendes, Hans Udo Fuchs. — São Paulo : Editora

Vida, 2001.

Título original: The case for Christ: a journalist's personal investigation of the evidence for Jesus.

ISBN 85-7367-561-6

1.Apologética 2. Jesus Cristo - Pessoa e missão I. Título.

01-4197

CDD-232-908

índice para catálogo sistemático

1. Historicidade de Jesus : Cristologia

232.908



LEE STROBEL

Em defesa de Cristo

jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo

Tradução

Antivan Mendes & Hans Udo Fuchs

2a impressão

Vida

ACADÊMICA

Sumário

Agradecimentos..... 6

Introdução: Reabrindo a investigação de toda uma vida..... 7

Parte I: Analisando os dados

1. As provas das testemunhas oculares..... 16

Pode-se confiar nas biografias de Jesus?

com o dr. Craig Blomberg

2. Avaliando o testemunho ocular..... 36

As biografias de Jesus resistem à investigação minuciosa?

com o dr. Craig Blomberg

3. A prova documental..... 54

As biografias de Jesus foram preservadas de modo confiável?

com o dr. Bruce Metzger

4. A prova corroborativa..... 74

Existem evidências confiáveis a favor de Jesus além de suas biografias? com o dr. Edwin Yamauchi

5. A prova científica..... 95

A arqueologia confirma ou contradiz as biografias de Jesus?

com o dr. John McRay

6. A prova da contestação..... 114

O Jesus da história é o mesmo Jesus da fé?

com o dr. Gregory Boyd

Parte II: Analisando Jesus

7. A prova da identidade..... 136

Jesus estava realmente convicto de que era o Filho de Deus?

com o dr. Ben Witherington

8. A prova psicológica..... 150

Jesus estava louco quando afirmou ser o Filho de Deus?

com o dr. Gary Collins

9. A prova do perfil..... 163

Jesus apresentou os atributos de Deus?

com o dr. D. A. Carson

10. A prova das impressões digitais..... 180

Jesus — e só ele — enquadra-se no perfil do Messias?

com Louis Lapides, Th.M.

Parte III: Pesquisando a ressurreição

11. A prova médica..... 199

A morte de Jesus foi uma fraude e sua ressurreição, um logro?

com o dr. Alexander Metherell

12. A prova do corpo desaparecido..... 214

O corpo de Jesus realmente desapareceu do túmulo?

com o dr. William Lane Craig

13. A prova das aparições..... 235

Jesus foi visto vivo depois de sua morte na cruz?

com o dr. Gary Habermas

14. A prova circunstancial..... 255

Existem fatos secundários que apontam para a ressurreição?

com o dr. J. P. Moreland

Conclusão: O veredicto da história..... 269

O que as provas indicam — e o que elas significam hoje

Agradecimentos

Tenho profunda gratidão pelos *insights* e pela contribuição das várias pessoas que trabalharam neste

livro. Tenho uma dívida sobretudo com Bill Hybels, que me permitiu fazer uma série de apresentações sobre

esse tema na Willow Creek Community Church; com minha esposa, Leslie, que teve a idéia de tranformar

aquele conceito inicial em livro; com meu editor, John Sloan, cujas orientações criativas significaram

muitíssimo para o projeto.

Sou também grato a Mark Mittelberg e a Garry Poole pelo estímulo e pelo apoio constantes; a Chad

Meister e a Bob e Gretchen Passantino pelas pesquisas e sugestões; a Russ Robinson por sua perspectiva

jurídica; à minha assistente, Jodi Walle, por sua ajuda valiosíssima; a minha filha, Alison, e a meu filho, Kyle,

por terem contribuído, ainda que por trás dos bastidores.

Por último, gostaria de agradecer aos estudiosos que me permitiram entrevistá-los para este livro.

Inúmeras vezes fiquei impressionado não somente com o conhecimento e a sabedoria que detinham, mas

também com a fé humilde e sincera — além do desejo manifesto por eles de ajudar os espiritualmente sedentos

no exame criterioso das alegações afrontosas sobre Jesus.



Introdução

Reabrindo a investigação

de toda uma vida

De acordo com a promotoria, a tentativa de assassinato de James Dixon foi um caso muito fácil de

resolver. Depois de aberto, não demorou muito e já estava encerrado. Bastava um exame superficial das provas

para ver que Dixon atirara no abdômen de Richard Scanlon, sargento da polícia, durante um tumulto na zona sul

de Chicago.

Peça por peça, item por item, testemunha por testemunha, as provas fechavam o laço em torno do

pescoço de Dixon. Havia impressões digitais e uma arma, testemunhas e um motivo, um policial ferido e um

réu com uma ficha pregressa de violência. A justiça estava prestes a abrir o alçapão que deixaria Dixon

pendurado pelo peso da própria culpa.

Os fatos eram simples. O sargento Scanlon atendera prontamente ao chamado de um vizinho do West

108th Place, que dissera ter visto um homem portando uma arma. Quando Scanlon chegou, Dixon discutia aos

gritos com a namorada na porta da frente da casa dela. O pai da moça, ao ver Scanlon, achou que podia sair.

De repente, ele e Dixon começaram a brigar. O sargento interveio rapidamente, na tentativa de separar

os dois. Ouviu-se um tiro; Scanlon titubeou, ferido na região do abdômen. Ouviu-se em seguida o som dos

freios de dois carros da polícia que chegavam em alta velocidade ao local. Dixon foi preso imediatamente.

Um revólver calibre 22 pertencente a Dixon — com suas impressões digitais e vestígios de disparo —

foi encontrado nas proximidades, supostamente arremessado ali por ele depois de usá-lo. O pai da moça não

estava armado, e o revólver de Scanlon não saíra do coldre. A pele do sargento, queimada pela pólvora, era

prova de que o tiro fora dado de muito perto.

Felizmente, nada que pudesse pôr em risco a sua vida, mas sério o bastante para que merecesse uma

medalha pelo ato de bravura, a qual o superintendente da polícia pessoalmente fez questão de colocar no peito

do policial. Quanto a Dixon, a polícia descobriu em sua ficha que ele fora anteriormente preso pelo mesmo

motivo. Tudo indicava uma propensão para a violência.

Depois de quase um ano, numa sala de tribunal praticamente deserta de Chicago, eu tomava notas

enquanto Dixon admitia publicamente que atirara de fato no sargento, um policial veterano que servia a polícia

havia quinze anos. A confissão, mais as provas apresentadas, era o que faltava para fechar o caso. O juiz Frank

Machala determinou que Dixon fosse preso, depois bateu o martelo encerrando o processo. A justiça fora feita.

Coloquei meu bloco de anotações no bolso do paletó esporte e desci as escadas até a sala de imprensa.

Achava que meu editor fosse me dar, no máximo, três parágrafos para contar a história na edição do *Chicago*

Tribune do dia seguinte. Sem dúvida, era mais do que suficiente. A matéria, afinal de contas, não era grande

coisa.

Pelo menos era o que eu pensava.

Revelações de um informante

Quando atendi ao telefone na sala de imprensa, reconheci prontamente a voz do outro lado — era um

informante com quem eu vinha mantendo contato o ano todo desde que começara a cobrir o Tribunal de Justiça.

Percebi que ele tinha alguma coisa muito importante para me dizer, porque, quanto mais "quente" a informação,

mais depressa e mais baixo ele falava. Naquele momento, o volume de sussurros por minuto era bem

expressivo.

— Lee, você está a par do caso Dixon?

— Claro que sim — respondi. — Eu o cobri dois dias atrás. Pura rotina.

— Não tenha tanta certeza disso. Ouvi dizer que, algumas semanas antes do incidente, o sargento

Scanlon foi visto em uma festa exibindo sua caneta-revólver.

— Exibindo o quê?

— Uma caneta-revólver. É uma pistola calibre 22 que se parece com uma caneta-tinteiro. O porte é

ilegal, nem mesmo a polícia está autorizada a usá-la.

Quando lhe disse que não via a importância disso, ele ficou mais empolgado ainda.

— Escute bem — disse ele —, Dixon não atirou em Scanlon. O sargento se feriu quando sua caneta

disparou acidentalmente no bolso da camisa. Ele armou para o Dixon porque ficaria encrencado se

descobrissem que estava portando uma arma ilegal. Entendeu? Dixon é inocente!

— É impossível! — exclamei.

— Verifique novamente as provas — foi sua resposta. — Veja o que elas mostram de fato.

Desliguei o telefone e subi correndo as escadas em direção ao escritório do promotor; antes de entrar, porém,

parei um pouco para recuperar o fôlego.

— O senhor está a par do caso Dixon? — perguntei-lhe casualmente, para não deixar transparecer que

sabia de algo. — Se não se importa, eu gostaria de examinar novamente alguns detalhes.

Ele ficou lívido.

— Não tenho permissão para falar sobre esse caso no momento — gaguejou. — Sem comentários.

Acontece que meu informante já dera a "dica" ao escritório do promotor. O grande júri tinha sido

convocado secretamente para reavaliar as provas. Foi surpreendente. Ninguém esperava aquilo: o caso James

Dixon seria reaberto.

Novos fatos para uma nova teoria

Comecei ao mesmo tempo minha própria investigação, estudando o local do crime, entrevistando

testemunhas, conversando com Dixon e examinando as provas físicas. A medida que eu analisava cada detalhe

do caso, acontecia uma coisa estranhíssima: todos os fatos novos que eu levantava — inclusive as provas

anteriores que apontavam indiscutivelmente para a culpa de Dixon — encaixavam-se de modo perfeito na teoria

da caneta-revólver.

• As testemunhas disseram que, antes da chegada de Scanlon

ao local do crime, Dixon fora visto

batendo a arma na porta da casa da namorada. A arma disparou na direção do chão; na soleira da porta da

frente havia uma marca que correspondia

perfeitamente ao impacto de um projétil. Isso explicava a bala

que faltava na arma de Dixon.

• Dixon disse que não queria ser pego com a arma, por isso a

escondera num gramado do outro

lado da rua antes que a polícia

chegasse. Localizei uma testemunha que confirmou o fato. Isso

explica

por que a arma fora encontrada longe do local do crime,

embora ninguém tivesse visto Dixon desfazer-se

dela.

• Havia queimaduras de pólvora do lado de dentro — mas não

na parte de cima — do bolso

esquerdo de Scanlon. O buraco da bala deixara uma marca na parte inferior do bolso. Conclusão: o

disparo acontecera dentro do bolso de Scanlon.

• Contrariamente ao que dizia o relatório da polícia, a trajetória

da bala fora em ângulo descendente.

Abaixo do bolso da camisa de Scanlon havia um rastro de sangue por onde a bala passara

depois

de

atravessar parte da pele do policial.

• A ficha policial de Dixon estava incompleta. Embora tivesse

passado três anos na prisão por causa

de outro atentado, o Tribunal de Apelação o libertara depois de apurar que ele fora

condenado

injustamente. A polícia ocultara uma testemunha de defesa fundamental; além do fato de que a testemunha da

acusação mentira. Isso explica por que a ficha de Dixon o acusava de tendências violentas.

Um homem inocente é libertado

Finalmente, fiz a Dixon a pergunta crucial:

— Se você era inocente, por que disse ser culpado? Ele suspirou:

— Foi uma barganha da defesa — disse, referindo-se à prática pela qual os promotores recomendam

uma sentença mais leve se o réu confessar a culpa, evitando-se assim que o caso vá a julgamento, poupando o

tempo e o dinheiro de todos

os envolvidos.

— Disseram-me que, se eu admitisse a culpa, pegaria um ano de prisão. Já passei 362 dias na cadeia

esperando pelo julgamento. Tudo o que tinha a fazer era confessar minha culpa e ir para casa depois de alguns

dias. Mas, se insistisse em ir a julgamento, e o júri me considerasse culpado, então eles fariam de tudo para me

dar uma pena bem pesada. Eu pegaria 20 anos por atirar em um policial. Era um confronto que não valia a pena.

Eu queria voltar para casa...

— E por isso você se confessou culpado, mesmo sendo inocente.

Dixon meneou a cabeça afirmativamente:

— Isso mesmo.

Por fim, Dixon foi absolvido e acabou ganhando uma ação contra o Departamento de Polícia. Scanlon

perdeu a medalha, foi indiciado pelo grande júri, confessou-se culpado por conduta imprópria e foi desligado da

polícia.1 Quanto a mim, meus artigos apareceram todos na primeira página. Mas, acima de tudo, eu aprendera

algumas lições muito importantes no início da minha carreira de repórter.

Uma das mais marcantes foi a de que as provas podiam apontar para mais de uma possibilidade. Por

exemplo, havia provas suficientes para condenar Dixon pelo atentado. Mas as principais perguntas eram: *Será*

que aquelas eram todas as provas possíveis? Qual explicação se encaixa melhor na totalidade dos fatos? Tão

logo a teoria da caneta-revólver entrou em cena, ficou claro que esse quadro era suficiente para explicar todas

as provas da melhor maneira possível.

Aprendi ainda outra lição. Um dos motivos por que as provas tinham me parecido tão convincentes era

que elas se encaixavam nos preconceitos que eu tinha na época. Para mim, Dixon era sem dúvida um

encrenqueiro, um fracassado, produto de um lar desfeito. Os policiais eram os mocinhos. E os promotores

nunca erravam.

Por essa ótica, todas as provas coletadas pareciam adequar-se perfeitamente ao quadro geral. Eu

simplesmente passei por cima de todas as inconsistências e falhas. Quando a polícia me disse que as provas do

caso eram irrefutáveis, acreditei na palavra deles e não me aprofundei mais nas

minhas investigações.

Só quando encarei por outro ângulo o caso — abandonando os preconceitos e procurando olhar com

objetividade a situação — é que pude avaliá-lo sob nova perspectiva. Finalmente, deixei que as provas me

conduzissem à verdade, mesmo que contrariassem minhas pressuposições iniciais. Isso foi há mais de vinte

anos. Eu ainda tinha muito a aprender.

De Dixon a Jesus

O motivo pelo qual contei esse caso pouco comum é porque, de certo modo, minha jornada espiritual se

assemelha em muitos pontos à experiência que tive com James Dixon.

Por muito tempo em minha vida, fui cético. Na verdade, eu me considerava ateu. Para mim, havia

provas de sobra de que Deus era simplesmente produto da nossa imaginação, da mitologia antiga, da

superstição primitiva. Como é que podia existir um Deus amoroso se ele mandava as pessoas para o inferno

simplesmente por não acreditarem nele? Como é que os milagres podiam contrariar as leis básicas da natureza?

Será que a evolução não era uma explicação satisfatória para a origem da vida? Será que o raciocínio científico

não abolia a crença no sobrenatural?

Quanto a Jesus, ele nunca disse que era Deus! Ele foi um revolucionário, um sábio, um judeu

iconoclasta — mas Deus? Não, esse pensamento nunca lhe ocorrera! Posso citar inúmeros professores

universitários que concordam comigo — e não há dúvida de que se trata de pessoas muito competentes, não é

verdade? Vamos encarar os fatos: basta um exame superficial das provas para que fiquemos convencidos de que

Jesus foi apenas um ser humano como você e eu, muito embora dotado de sabedoria e bondade incomuns.

Um exame superficial — eu nunca me aprofundara mais do que isso. Havia lido muita coisa de filosofia

e história, o suficiente para alicerçar meu ceticismo; um fato aqui, uma teoria científica ali, uma citação de peso,

um argumento inteligente. Eu tinha uma motivação muito forte para ignorá-los: um estilo de vida egoísta e

imoral que teria de abandonar se mudasse o meu modo de ver as coisas e me tornasse discípulo de Cristo.

No que me dizia respeito, o caso estava encerrado. Eu chegara à conclusão de que a divindade de Cristo

era uma ilusão inventada por gente supersticiosa, não tinha por que perder a tranqüilidade por causa disso.

Pelo menos era o que eu pensava.

Respostas para um ateu

Não foi o telefonema de um informante que me levou a examinar novamente os argumentos a favor de

Cristo. Foi minha esposa.

Leslie me deixou atônito, no outono de 1979, quando disse que havia se convertido. Fechei os olhos e

esperei pelo pior, sentindo-me vítima de um engodo. Eu havia me casado com uma Leslie — a Leslie divertida,

despreocupada, disposta a correr riscos —, e agora parecia que ela ia se tornar uma puritana sexualmente

reprimida prestes a trocar nosso estilo de vida livre e em ascensão por vigílias de oração e trabalho voluntário

em cozinhas imundas fazendo sopa.

1 Lee STROBEL, Four years in jail — and innocent, *Chicago Tribune*, 22 Aug. 1976; Did justice close her eyes?, *Chicago Tribune*, 21

Aug. 1977.

Em vez disso, tive uma grata surpresa — fascinante mesmo

— com as mudanças tão profundas em seu caráter, sua integridade e autoconfiança. Por fim, quis chegar ao

fundo do que estava produzindo essas mudanças sutis, porém significativas, no comportamento de minha

esposa, por isso comecei a investigar minuciosamente os fatos favoráveis ao cristianismo.

Pondo de lado o máximo possível meus interesses pessoais e preconceitos, li livros, entrevistei

especialistas, questionei, analisei a história, explorei a arqueologia, estudei literatura antiga e, pela primeira vez

na vida, li a Bíblia versículo por versículo.

Mergulhei no caso com uma determinação muito maior do que em vários outros que eu já investigara.

Utilizei o preparo que recebi na Faculdade de Direito de Yale, bem como minha experiência como editor de

assuntos jurídicos no *Chicago Tribune.* E, com o passar do tempo, as provas que colhi no mundo — da história,

da ciência, da filosofia e da psicologia começaram a apontar para o inimaginável.

Era como se o caso Dixon fosse reaberto.

Julgar por si mesmo

Talvez sua perspectiva espiritual se baseie também em provas observadas à sua volta ou coligidas há

muito tempo em livros ou que lhe foram comunicadas por seus professores na faculdade, membros de sua

família ou amigos. Mas será que sua conclusão é a melhor possível para as provas disponíveis? Se você cavasse

bem fundo, confrontando seus preconceitos e procurando sistematicamente por provas, o que você descobriria?

Esse é o tema do livro. Na verdade, voltarei ao início da minha jornada espiritual (que durou dois anos)

e a expandirei. Convido-o a me acompanhar em entrevistas com especialistas de destaque e autoridades de

credenciais acadêmicas impecáveis.

Cruzei diversas vezes o país — de Minnesota à Geórgia, da Virgínia à Califórnia — para colher

pareceres de estudiosos, para desafiá-los com as objeções que tinha quando era cético, para forçá-los a defender

seus pontos de vista com dados sólidos e argumentos convincentes e para testá-los com as mesmas perguntas

que você faria se tivesse oportunidade.

Nessa busca da verdade, usei minha experiência de jornalista especializado em assuntos legais para

examinar diversos tipos de provas — testemunhas oculares, provas documentais, provas corroborativas, provas

de refutação, provas psicológicas, circunstanciais e até mesmo impressões digitais (estranho, não é?).

Essas classificações são as mesmas utilizadas no tribunal. Creio que a perspectiva legal é a melhor

forma de tratar esse processo — tendo o leitor como jurado.

Se você fosse escolhido para compor o júri em um tribunal de verdade, a primeira coisa que lhe

pediriam era que afirmasse não ter nenhuma idéia preconcebida sobre o caso. Pediriam também que jurasse

manter a mente aberta e que agisse com justiça, tirando suas conclusões com base na relevância dos fatos, e não

em caprichos ou preconceitos. Você teria de considerar com ponderação a credibilidade das testemunhas, filtrar

os depoimentos e submeter rigorosamente as provas ao bom senso e à lógica. Peço-lhe que faça o mesmo

durante a leitura deste livro.

Por fim, é responsabilidade dos jurados chegar ao veredicto. Isso não significa que eles o façam com

100% de certeza, porque não há como ter certeza absoluta de nada nesta vida. Em um julgamento, pede-se aos

jurados que analisem as provas e cheguem à melhor conclusão possível. Em outras palavras, retomando o caso

de James Dixon, quais os argumentos que se encaixam melhor nos fatos?

Essa é a sua tarefa. Espero que você a desempenhe com seriedade, porque há muito mais do que mera

curiosidade em jogo. Se é para acreditar em Cristo — e eu acho que esse "se" é

muito importante para você

neste momento —, então nada e mais importante que o modo como você responde a ele

Mas quem era ele de fato? Quem dizia ser? Será que existe algum indício que comprove suas alegações?

Isso é o que pretendemos descobrir agora, a caminho de Denver, onde faremos nossa primeira entrevista.



parte um

analisando os dados



1

As provas das

testemunhas oculares

Pode-se confiar nas biografias de Jesus?

Quando conheci Leo Carter, um homem tímido e de fala mansa, fazia 17 anos que ele morava no bairro

mais perigoso de Chicago. Seu testemunho pusera três assassinos na cadeia. Ele tinha ainda na cabeça uma bala

calibre 38 — uma lembrança terrível da saga horrenda que começou quando ele viu Elijah Baptist entrar em

uma mercearia.

Leo e um amigo, Leslie Scott, estavam jogando basquete quando viram Elijah, na época um delinqüente

de 16 anos com 30 passagens pela prisão em sua ficha policial, matar Sam Blue em frente à mercearia.

Leo conhecia o dono da loja desde criança. "Quando não tínhamos o que comer, ele nos dava alguma

coisa", Leo me disse calmamente. "Quando fui visitá-lo no hospital e me disseram que estava morto, sabia que

teria de testemunhar sobre o que tinha visto."

Toda testemunha ocular é muito importante. Um dos momentos mais impressionantes de um julgamento

é quando uma testemunha descreve em detalhes o crime que viu e depois aponta sem vacilar o réu, o autor do

crime. Elijah Baptist sabia que o único modo de evitar que fosse preso era impedir, de algum modo, que Leo

Carter e Leslie Scott testemunhassem.

Elijah e dois amigos decidiram então que tinham de ir à luta. Seguindo a pista de Leo e Leslie,

encontraram os dois conversando com Henry, irmão de Leo, e arrastaram os três, sob a mira de um revólver,

para um ponto escuro das docas ali perto.

"Gosto de você", o primo de Elijah disse a Leo, "mas tenho de fazer isto". Com essas palavras, ele

encostou a arma no nariz de Leo e puxou o gatilho.

O revólver deu um estouro; a bala penetrou em Leo e descreveu um pequeno ângulo, cegando-o e indo

alojar-se no cérebro. Ao cair no chão, ele foi alvejado novamente; a bala parou a cinco centímetros da espinha

dorsal.

Leo, imóvel, fingiu-se de morto. Ele viu quando seu irmão, em prantos, e seu amigo foram cruelmente

assassinados à queima-roupa. Depois que Elijah e sua gangue foram embora, Leo arrastou-se para um lugar

mais seguro.

De algum modo, contra todas as possibilidades, Leo Carter sobreviveu. A bala, cuja remoção seria

muito perigosa, permaneceu em sua cabeça. Apesar das terríveis dores de cabeça que nem a forte medicação

conseguia atenuar, ele era agora a única testemunha a depor contra Elijah Baptist no tribunal, onde este seria

julgado pelo assassinato de Blue Sam. Os jurados acreditaram em Leo, e Elijah foi condenado a 80 anos de

reclusão.

Leo também era a única testemunha no caso do assassinato de seu irmão e um amigo por Elijah e seus

dois companheiros. Seu testemunho bastou, uma vez mais, para que os três acusados fossem condenados à

prisão perpétua.

Leo Carter é um dos meus heróis. Ele batalhou para que a justiça fosse feita, embora tivesse de pagar

um preço colossal por isso. Até hoje, quando penso em testemunhas oculares — mais de 20 anos

após o crime — ainda vejo seu rosto na minha frente.2

Testemunhos de um tempo muito distante

O testemunho ocular, em geral, é determinante e persuasivo. Se a testemunha observou o crime

minuciosamente, e não sendo ela movida por nenhuma predisposição ou por outros motivos quaisquer, e se for

verdadeira e justa, o ponto máximo do julgamento será o instante em que a testemunha apontar o réu como

autor do crime na sala do tribunal. Isso pode ser o bastante para condenar essa pessoa à prisão ou coisa pior.

O testemunho ocular é tão essencial quanto a investigação dos fatos históricos — até mesmo quando se

2 Lee STROBEL, Youth's testimony convicts killers, but death stays near, *Chicago Tribune,* 25 Oct. 1976.

investiga se Jesus é realmente o Filho unigênito de Deus.

Mas, que testemunhos oculares temos? Será que temos o testemunho de alguém

que interagiu com

Jesus, que ouviu seus ensinamentos, presenciou seus milagres, testemunhou sua morte e que, talvez, tenha se

encontrado com ele após sua alegada ressurreição? Há algum registro de "jornalistas" do século 1 que tenham

entrevistado testemunhas oculares, fazendo perguntas difíceis e registrando escrupulosamente o que

consideraram ser verdadeiro? E, não menos importante, em que medida esses relatos passariam incólumes pelo

escrutínio dos céticos?

Eu sabia que, assim como o testemunho de Leo Carter determinara o encarceramento de três assassinos

cruéis, os relatos de testemunhos oculares de um tempo longínquo poderiam ajudar na solução da mais

importante questão espiritual. Em busca de respostas concretas, marquei uma entrevista com o dr. Craig

Blomberg, estudioso de renome nacional e autor de um livro que trata desse tópico: *The historícal reliability of*

the gospels [A confiabilidade histórica dos evangelhos].

Eu sabia que Blomberg era inteligente. Na verdade, até mesmo sua aparência encaixava-se no

estereótipo. Alto (1,83 metro) e magro, cabelos castanhos, curtos, ondulados e penteados muito à vontade para a

frente, barba crespa e óculos de lentes grossas, sem armação, ele parecia o tipo que deveria ser o primeiro da

classe no colégio (e foi); digno do National Merit Scholar (premiação concedida

aos estudantes que mais se

destacam em seu campo de pesquisa), que recebeu de fato; e formado com louvor em um seminário de prestígio

(o que é verdade: Craig formou-se pela Trinity Evangelical Divinity School).

Eu queria, porém, uma pessoa que fosse mais que apenas inteligente e instruída; estava à procura de um

especialista que não minimizasse as nuanças nem descartasse despreocupadamente algo que pudesse pôr em

xeque os relatos cristãos. Queria alguém íntegro, que tivesse lidado com as críticas mais contundentes à fé e que

falasse com autoridade, sem lançar mão de declarações radicais, que mais escondem que põem a nu as questões

fundamentais.

Disseram-me que Blomberg era exatamente quem eu estava procurando, por isso fui a Denver conferir a

informação. Confesso que tinha minhas dúvidas, principalmente quando, em minhas pesquisas, descobri um

fato muito inquietante sobre ele, que eu preferiria ter deixado encoberto: Blomberg ainda tem esperanças de

estar vivo quando seus queridos heróis de infância, os Chicago Cubs, conquistarem a World Series.

Para falar a verdade, isso era o quanto bastava para que eu não confiasse muito em seu discernimento.

Primeira entrevista: Craig L. Blomberg, Ph.D.

Craig Blomberg é considerado uma das autoridades mais importantes do país nas biografias de Jesus, os

quatro evangelhos. Doutorou-se em Novo Testamento pela Aberdeeen University, Escócia, tornando-se

posteriormente pesquisador sênior da Tyndale House, na Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde integrou

um grupo de elite formado por estudiosos internacionais responsáveis por uma série de trabalhos muito

elogiados sobre Jesus. Há 12 anos leciona Novo Testamento no prestigioso seminário de Denver.

Dentre os livros que escreveu, podemos citar *Jesus and the gospels: interpreting the parables [Jesus e*

os evangelhos: a interpretação das parábolas]; How wide the divide? [Qual o tamanho da divisão?], além de

comentários sobre o evangelho de Mateus e 1Coríntios. Participou também da edição do sexto volume de

Gospel perspectives [Perspectivas dos evangelhos], que trata exaustivamente dos milagres de Jesus. E co-autor

ainda de *Introductíon to biblical interpretation [Introdução à interpretação bíblica]*. Contribuiu com alguns

capítulos sobre a historicidade dos evangelhos para o livro *Reasonable faith [Fé racional]* e escreveu o

elogiado *Jesus under fire [Jesus sob cerco]*. Blomberg é membro da Sociedade para o Estudo do Novo

Testamento, da Sociedade de Literatura Bíblica e do Instituto de Pesquisas Bíblicas.

Como era de esperar, seu escritório transbordava de livros empilhados pelas estantes (até na gravata ele

tinha livros estampados).

Todavia, observei imediatamente que nas paredes do escritório não predominavam os tomos

empoeirados de historiadores antigos, e sim trabalhos artísticos feitos por suas jovens filhas. As pinturas

extravagantes e coloridas de lhamas, casas e flores não tinham sido penduradas ao acaso, como se fossem uma

reflexão tardia; evidentemente ele as tratava como se fossem um prêmio recebido — realizadas com muito

esforço e emolduradas com cuidado, estavam devidamente autografadas por Elizabeth e Rachel. Não há dúvida,

pensei comigo, que esse homem não é só cérebro, ele também tem coração.

Blomberg fala com a precisão de um matemático (sim, ele também lecionou matemática no início da

carreira), pesando com cuidado as palavras, como se relutasse em propor qualquer sutileza que não pudesse ser

provada. Era exatamente quem eu procurava.

Ele se acomodou em uma poltrona alta com uma xícara de café na mão, e eu também, para espantar o

frio do Colorado. Percebendo que Blomberg era o tipo de pessoa que não gosta de rodeios, decidi começar

minha entrevista indo diretamente ao que interessava.

Testemunhas oculares da história

— Por favor — eu disse com uma ponta de desafio na voz —, é possível ser inteligente e crítico e ainda

assim acreditar que os quatro evangelhos foram escritos pelas pessoas que dão nome a eles? Blomberg pousou a

xícara na ponta da escrivaninha e olhou firmemente para mim.

— A resposta é *sim* — disse convicto. Recostou-se novamente e prosseguiu:

— O que importa é reconhecer que, rigorosamente falando, os evangelhos são anônimos. Mas o

testemunho uniforme da igreja primitiva é que Mateus, também conhecido por Levi, o coletor de impostos, e

um dos 12 discípulos, escreveu o primeiro evangelho do Novo Testamento; João Marcos, companheiro de

Pedro, é autor do evangelho que chamamos de Marcos; Lucas, o "médico amado" segundo Paulo, escreveu

tanto o evangelho que leva seu nome quanto os Atos dos Apóstolos.

— Em que medida a crença de serem eles os autores era consensual? — perguntei.

— Não se sabe de ninguém mais que pudesse tê-los escrito

— disse ele. — Pelo que tudo indica, a autoria desses três evangelhos não era motivo de disputa.

Apesar disso, eu queria me aprofundar um pouco mais na questão.

— Perdoe meu ceticismo — eu disse. — Será que alguém não teria algum motivo para mentir, dizendo

que aquelas pessoas escreveram os evangelhos, quando na verdade não o fizeram?

Blomberg fez que não com a cabeça.

— Não acho provável. Lembre-se de que aquelas personagens eram singulares — disse ele, rompendo

em um sorriso.

— Marcos e Lucas nem sequer pertenciam ao grupo dos 12. Mateus sim, mas era odiado porque fora

coletor de impostos; portanto, depois de Judas Iscariotes (que traiu Jesus!), seria ele a figura mais abominável.

Compare isso com o que aconteceu quando os fantasiosos evangelhos apócrifos foram escritos muito depois. As

pessoas atribuíram sua autoria a personagens conhecidos e exemplares: Filipe, Pedro, Maria, Tiago. Esses

nomes tinham muito mais prestígio que os de Mateus, Marcos e Lucas. Respondendo então à sua pergunta, não

haveria por que conferir a autoria a esses três indivíduos menos respeitáveis se não fossem de fato os

verdadeiros autores.

Parecia lógico, mas era óbvio que ele estava deixando comodamente de fora um dos evangelistas.

— E João? perguntei-lhe. — Ele era muito importante; na verdade, João não era tão-somente um dos 12

discípulos, ele era um dos três apóstolos mais íntimos de Jesus, juntamente com Tiago e Pedro.

— Sim, ele é uma exceção — admitiu Blomberg meneando a cabeça. — E o mais interessante é que o

evangelho de João é o único sobre o qual paira uma certa dúvida quanto à autoria.

— E qual é exatamente a objeção?

— Não há dúvida quanto ao nome do autor: era João mesmo — respondeu Blomberg. — A questão é

que não se sabe se foi João, o apóstolo, ou se foi outro. Segundo o testemunho de um escritor cristão chamado

Papias, em aproximadamente 125 d.C, havia João, o apóstolo, e João, o ancião, mas o contexto não deixa claro

se ele se referia a uma única pessoa de duas perspectivas distintas ou a pessoas diferentes. Fora essa exceção,

todos os demais testemunhos afirmam unanimemente que foi João, o apóstolo, o filho de Zebedeu, quem

escreveu o evangelho.

— Mas você acha que foi ele mesmo quem escreveu? — perguntei-lhe, na tentativa de obrigá-lo a se

posicionar.

— Sim, creio que grande parte do material remonta ao apóstolo — disse ele. — Todavia, se você ler

com bastante atenção o evangelho, observará nos últimos versículos indícios de que eles talvez tenham sido

finalizados por um editor. Eu, pessoalmente, não vejo problema algum no fato de que alguém próximo a João

tenha dado aos versículos finais uma formulação tal que fosse capaz de conferir ao documento inteiro uma

uniformidade estilística. Seja como for — sublinhou — o evangelho de João baseou-se sem dúvida alguma no

testemunho ocular, a exemplo dos outros três.

Aprofundando-me um pouco mais

Embora estivesse satisfeito com as explicações de Blomberg, não me sentia pronto ainda para seguir em

frente. A questão da autoria dos evangelhos é extremamente importante. Eu queria detalhes específicos —

nomes, datas, citações. Terminei meu café e pus a xícara sobre a escrivaninha. Com a caneta em punho,

preparei-me para um questionamento mais profundo.

— Vamos voltar a Marcos, Mateus e Lucas — eu disse. — Que provas específicas o senhor tem de que

são eles os autores dos evangelhos?

Blomberg inclinou-se para a frente.

— Uma vez mais, o testemunho mais antigo e possivelmente mais significativo é o de Papias, que, por

volta de 125 d.C, afirmou especificamente que Marcos havia registrado com muito cuidado e precisão o que

Pedro testemunhara pessoalmente. Na verdade, ele disse que Marcos "não cometeu erro nenhum" e não

acrescentou "nenhuma falsa declaração". Ele disse que Mateus preservara também os escritos sobre Jesus.

Depois, Ireneu, escrevendo aproximadamente em 180 d.C, confirmou a autoria tradicional. Vejamos o que ele

diz — disse ele pegando um livro e abrindo-o nas palavras de Ireneu:

... Mateus publicou entre os hebreus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em

Roma e aí fundaram a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o

que pedro anunciava. Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o evangelho pregado por ele. E depois, João, o

discípulo do Senhor, aquele que tinha recostado a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso,

na Ásia.3

Erguendo os olhos das anotações que fazia, eu disse a Blomberg:

— Muito bem, deixe-me ver se entendi direito. Sabendo-se com certeza que os evangelhos foram

escritos pelos apóstolos Mateus e João, por Marcos, companheiro do apóstolo Pedro, e por Lucas, o historiador,

companheiro de Paulo e um tipo de jornalista do século 1, podemos afirmar que os acontecimentos por eles

registrados baseiam-se em testemunhos diretos e indiretos.

À medida que eu falava, Blomberg acompanhava atentamente minhas palavras. Quando terminei, meneou

afirmativamente.

— Exatamente — disse convicto.

Biografias antigas *versus* modernas

Havia ainda alguns aspectos preocupantes dos evangelhos que eu precisava esclarecer. Queria entender,

principalmente, em que tipo de gênero literário eles se enquadravam.

- Quando vou à livraria, não encontro na seção de biografias o mesmo tipo de literatura com que deparo nos

evangelhos — eu disse. —Quando, atualmente, alguém escreve uma biografia, vasculha a vida inteira do

biografado. Mas veja o caso de Marcos — ele não fala do nascimento de Jesus e não diz absolutamente nada

sobre a mocidade do Salvador. Em vez disso, concentra-se em um período de três anos e passa metade de seu

evangelho tratando dos eventos que culminaram na última semana de Cristo. Como o senhor explica isso?

— Existem aí dois motivos — disse Blomberg, erguendo ao ar uma das mãos e reproduzindo num gesto

com os dedos o número mencionado.

— O primeiro é literário, e o segundo é teológico. Com relação ao primeiro motivo, era assim que as

pessoas escreviam biografias no mundo antigo. Eles não tinham essa percepção que temos hoje de que deviam

dar igual importância a todas as fases da vida do indivíduo; ou que deviam contar a história em seqüência

estritamente cronológica; tampouco achavam que tinham de citar literalmente o que dissera o biografado,

bastava que a essência do que ele havia dito ficasse preservada. Os antigos gregos e hebreus nem sequer tinham

um sinal para denotar a interrogação. Para eles, o registro da história só valia a pena porque as suas personagens

tinham lições a ensinar. O biógrafo, portanto, se demorava nas partes da vida do biografado que considerava

exemplares, paradigmáticas, que pudessem servir de ajuda a outras pessoas e que dessem sentido a determinado

período da história.

— E qual seria o motivo teológico? — perguntei-lhe.

— É uma decorrência do que acabei de dizer. Para os cristãos, embora a vida de

Jesus, seus

ensinamentos e milagres sejam maravilhosos, não teriam sentido algum se Cristo não tivesse de fato morrido e

ressuscitado dos mortos, para expiação e perdão dos pecados da humanidade. Marcos, portanto, autor do

evangelho que é provavelmente o mais antigo, dedica quase metade de sua narrativa aos eventos que levarão

àquele período de uma semana cujo clímax será a morte e ressurreição de Cristo. Dada a importância da

crucificação — concluiu — a composição do evangelho está perfeitamente de acordo com a literatura antiga.

O mistério de Q

Além dos quatro evangelhos, os especialistas sempre se referem ao que chamam Q, inicial da palavra

3 IRENEU, de Lião, III Livro, São Paulo, Paulus, 1995, p. 247, (Patrística.)

alemã *Quelle*, que significa "fonte".4

Pelas semelhanças de linguagem e conteúdo, supõe-se que Mateus e Lucas tenham se baseado em Marcos para

escrever seu evangelho. Além disso, os estudiosos acham também que Mateus e Lucas teriam igualmente

absorvido material desse Q misterioso, ausente do livro de Marcos.

— Como se pode definir exatamente esse Q? — indaguei a Blomberg.

— Não passa de uma hipótese — respondeu, recostando-se outra vez confortavelmente na poltrona. —

Com poucas exceções, seriam apenas dizeres e ensinamentos de Jesus que teriam formado talvez um

documento independente. Um gênero literário muito em voga na época consistia em agrupar os dizeres de

professores proeminentes. É mais ou menos o que se faz com os grandes sucessos de um cantor ou cantora

quando são reunidos em um único disco e chamados *O melhor de...* Isso é que deve ter sido o Q. Pelo menos, a

teoria é essa.

Todavia, se Q for anterior a Mateus e a Lucas, talvez contenha material mais antigo sobre Jesus. Quem

sabe então, pensei, pudesse lançar nova luz sobre quem foi Jesus realmente.

— Escute — eu disse — se isolássemos o material de Q, que retrato de Jesus teríamos?

Blomberg cofiou a barba e fitou o teto por alguns momentos enquanto refletia sobre a pergunta.

— Bem, não se esqueça de que o documento Q era uma coleção de citações e, portanto, não tinha

material de narrativa capaz de fornecer uma imagem muito ampla de Jesus — disse ele pausadamente,

escolhendo com cuidado as palavras.

— Seja como for, Jesus faz ali algumas declarações de peso, por exemplo, a de que era a personificação

da sabedoria e que, por seu intermédio, Deus julgaria toda a humanidade, fosse aceito ou rejeitado por ela.

Recentemente, um livro acadêmico defendeu a seguinte tese: se todos os dizeres de Q fossem isoladas, seria

obtida a mesma imagem de Jesus que se encontra disseminada nos evangelhos: a

de alguém que fazia

afirmações audaciosas sobre si mesmo.

Queria que Blomberg se estendesse um pouco mais sobre o assunto.

— Ele é visto como fazedor de milagres? — perguntei-lhe.

— Lembre-se, repito, de que as histórias de milagres não figuram isoladamente — disse ele —, já que

são encontradas normalmente em meio à narrativa, e Q é essencialmente uma lista de citações.

Blomberg fez uma pausa, pegou uma Bíblia de capa de couro de cima da escrivaninha e folheou

ruidosamente suas páginas gastas.

— Mas, por exemplo, em Lucas 7.18-23 e Mateus 11.2-6, lemos que João Batista enviou seus

mensageiros a Jesus para que lhe perguntassem se era realmente o Cristo, o Messias que esperavam. Jesus

respondeu-lhes basicamente o seguinte: "Digam-lhe que reflita sobre meus milagres; digam-lhe o que vocês

viram: os cegos vêem, os surdos ouvem, os paralíticos andam e aos pobres foram pregadas as boas novas".

— Portanto, mesmo em Q — concluiu —, há claramente a consciência do ministério de miraculoso de

Jesus.

A menção de Blomberg a Mateus trouxe-me à mente outra pergunta relativa ao modo como os

evangelhos foram agrupados.

— Por que — perguntei-lhe — Mateus, supostamente uma testemunha ocular dos feitos de Jesus, teria

acrescentado ao seu evangelho parte do que Marcos escrevera, quando todos sabem que Marcos não

testemunhou pessoalmente o ministério de Jesus? Se o evangelho de Mateus tivesse sido escrito de fato por uma

testemunha ocular, é de se supor que ele confiasse em suas observações.

Blomberg sorriu.

— É algo que só faz sentido se Marcos estivesse realmente baseando seu relato nas lembranças de

Pedro, que foi testemunha ocular — disse ele. — Como você mesmo disse, Pedro pertencia ao círculo íntimo de

Jesus. Ele ouviu e viu coisas que os outros discípulos não puderam ver nem ouvir. Portanto, seria lógico que

Mateus, embora testemunha ocular, confiasse na versão dos fatos que Pedro transmitira a Marcos.

É verdade, pensei comigo, acho que faz sentido. Na realidade, comecei a fazer mentalmente uma

analogia com base nos meus vários anos como repórter. Lembrei-me de que fizera parte de uma multidão de

jornalistas que, certa feita, cercou o famoso patriarca político de Chicago, o falecido prefeito Richard J. Daley,

para metralhá-lo com perguntas sobre um escândalo que vinha fermentando no Departamento de Polícia.

Embora eu houvesse testemunhado os acontecimentos, dirigi-me imediatamente a um repórter de rádio

mais íntimo de Daley e pedi-lhe que tocasse de novo a fita com o que Daley acabara de dizer. Só assim podia

ter certeza de ter anotado corretamente suas palavras.

Foi isso, pensei, o que Mateus provavelmente fizera com Marcos — embora Mateus, um dos discípulos,

tivesse suas lembranças, a busca pela precisão impulsionou-o a confiar em parte do material oriundo

4 Arthur G. PATZIA, *The making of the New Testament*, Downers Grove, InterVarsity Press, 1995, p. 164.

diretamente do círculo íntimo de Jesus por meio de Pedro.

A perspectiva singular de João

Satisfeito com as observações iniciais de Blomberg relativas aos três primeiros evangelhos — chamados

sinóticos, palavra que significa "ver ao mesmo tempo", por causa da semelhança de suas linhas gerais e do

modo como se inter-relacionam 5 — passei a me preocupar em seguida com o evangelho de João. Quem quer

que leia os quatro evangelhos perceberá prontamente que existem diferenças óbvias entre os sinóticos e o

evangelho de João. Será que isso implica a existência de contradições irreconciliáveis entre eles?

— O senhor poderia me explicar as diferenças entre os evangelhos sinóticos e o evangelho de João? —

pedi a Blomberg.

Ele arqueou as sobrancelhas e exclamou:

— Que pergunta extraordinária! Um dia espero escrever um livro inteiro só

sobre esse tópico.

Depois de lhe assegurar que só me interessavam os pontos fundamentais da questão, e não uma discussão

exaustiva, ele se acomodou novamente na poltrona.

— Bem, é verdade que João é mais diferente do que semelhante aos sinóticos — disse ele inicialmente.

—Apenas umas poucas histórias mais importantes que aparecem nos outros três evangelhos surgem novamente

em João, muito embora haja uma diferença bastante significativa com relação à última semana de Cristo.

Daquele ponto em diante, os paralelos são muito mais próximos. O estilo lingüístico parece também sofrer uma

modificação muito significativa. Em João, Jesus emprega uma terminologia diferente. Ele faz longos sermões, a

cristologia parece ser de qualidade superior — isto é, afirma mais diretamente e com mais ênfase que Jesus é

um com o Pai, que é o próprio Deus, o Caminho, a Verdade, a Vida, a Ressurreição e a Vida.

— A que se devem as diferenças?

— Durante muitos anos, supôs-se que João soubesse tudo o que Mateus, Marcos e Lucas tinham escrito,

portanto achava desnecessária a repetição e por isso optou por complementá-los. Mais recentemente, prevalece

a opinião de que João é em grande parte independente dos outros três evangelhos, o que explicaria não somente

as escolhas diferentes de material como também as diferentes perspectivas de

Jesus.

A afirmação mais audaciosa de Jesus

— Existem algumas particularidades teológicas em João — observei.

— Sem dúvida, mas será que merecem ser chamadas de contradições? Creio que a resposta é não,

porque grande parte dos temas mais importantes ou específicos de João têm paralelos em Mateus, Marcos e

Lucas, embora sejam bem menos desenvolvidos.

Essa era uma afirmação audaciosa. Decidi testá-la imediatamente, levantando a questão que talvez seja a

mais significativa dentre todas as que dizem respeito às diferenças entre os sinóticos e o evangelho de João.

— João afirma muito explicitamente que Jesus é Deus, o que alguns atribuem ao fato de ter ele escrito

depois dos demais e de ter começado a dar um colorido às coisas — eu disse. — Será possível encontrar nos

sinóticos o tema da divindade?

— Sim, é possível — disse ele. — É mais implícito, mas pode-se encontrá-lo ali também. Lembra-se de

quando Jesus caminhou sobre as águas? Está lá em Mateus 14.22-33 e Marcos 6.45-52. A maior parte das

traduções em inglês ocultam o grego ao verter da seguinte forma as palavras de Cristo: "Não temam, sou eu".

Na verdade, o grego diz literalmente: "Não temam, eu sou". Essas duas últimas palavras são idênticas às que

Jesus pronuncia em João 8.58, quando toma sobre si o nome divino Eu Sou, que

é como Deus se revelou a

Moisés na sarça ardente, em Êxodo 3.14. Portanto, Jesus se revela como aquele que tem o mesmo poder divino

sobre a natureza que tem IAVÉ, o Deus do Antigo Testamento. Balancei a cabeça concordando.

— Esse é um exemplo — eu disse. — O senhor teria outros?

— Sim, os outros são do mesmo tipo — disse Blomberg. — Por exemplo, o título que Jesus mais aplica

a si mesmo nos primeiros três evangelhos é "Filho do Homem" e ...

Ergui a mão pedindo-lhe que esperasse um pouco.

— Um momento — eu disse. Abri minha valise e peguei um livro. Folheei-o até localizar o que estava

procurando. — Segundo Karen Armstrong, a ex-freira autora do *best-seller A history of God [Uma história de*

Deus], o termo "Filho do Homem", ao que parece, servia simplesmente para "enfatizar a fraqueza e a

mortalidade da condição humana"; portanto, ao empregá-lo, Jesus nada mais fazia que chamar a atenção para o

5 Ibid., p. 49

fato de que "ele era um ser humano frágil que um dia haveria de sofrer e morrer". 6 Se isso for verdade — eu

disse —, não me parece que a expressão seja uma declaração de divindade muito convincente.

Blomberg irritou-se.

— Olhe — disse ele peremptório —, ao contrário da crença popular, "Filho do Homem" não se refere

originariamente à humanidade de Jesus. Pelo contrário, trata-se de uma alusão direta a Daniel 7.13,14.

Dito isso, abriu o Antigo Testamento e leu as palavras do profeta Daniel:

Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do

ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o

adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído.

Blomberg fechou a Bíblia.

— Veja, portanto, o que Jesus faz quando aplica a si mesmo a expressão "Filho do Homem" —

prosseguiu. — Estamos diante de alguém que se aproxima de Deus, na sala do trono celestial, alguém a quem é

concedida autoridade e domínio universais. Isso faz de "Filho do Homem" um título de grande exaltação, e não

de mera humanidade.

Mais tarde, deparei com um comentário de outro erudito, William Lane Craig, que eu viria a entrevistar

para este livro, e que fazia a mesma observação.

É muito comum a idéia de a expressão "Filho do Homem" ser usada em referência à humanidade de Jesus, assim como a

expressão contrária, Filho de Deus, remeter à sua divindade. Acontece que a realidade é o oposto.

O Filho do Homem era uma figura divina do livro de Daniel, no Antigo Testamento, que surgiria no final do mundo para julgar a

humanidade e reinar para todo o sempre. Portanto, autodenominar-se Filho do Homem seria, na verdade, reivindicar para si a

divindade. **7**

Blomberg prosseguiu:

— Além disso, Jesus se diz capaz de perdoar pecados nos evangelhos sinóticos, algo que só Deus pode

fazer. Jesus aceita que lhe dirijam orações e adoração. Ele diz: "Quem, pois, me confessar diante dos homens,

eu também o confessarei diante do meu Pai que está nos céus". O julgamento final baseia-se na tomada de

posição de um indivíduo perante quem? Um simples ser humano? Não. Essa seria uma reivindicação muito

arrogante. O julgamento final baseia-se na tomada de posição do indivíduo perante Jesus por este ser Deus.

Como você pode ver, há todo tipo de material nos sinóticos relacionado à divindade de Cristo, que em João se

torna mais explícito.

A pauta teológica dos evangelhos

Ao escrever o último dos evangelhos, João teve de fato a vantagem de poder refletir sobre as questões

teológicas durante um período de tempo mais longo. Perguntei a Blomberg:

— Será que o fato de João escrever com uma preocupação teológica maior teria prejudicado o material

histórico de seu evangelho, tornando-o menos confiável?

— Não creio que João seja mais teológico — ressaltou Blomberg. — Simplesmente sua ênfase teológica

gira em torno de outras questões. Mateus, Marcos e Lucas têm, cada um, ângulos teológicos distintos que

desejam destacar. Lucas, o teólogo dos pobres, tem preocupações sociais; Mateus é o teólogo que procura

entender a relação do cristianismo com o judaísmo;

Marcos mostra Jesus como o servo sofredor. Uma lista que procurasse determinar as diferenças entre as

teologias de Mateus, Marcos e Lucas ficaria bem comprida.

Interrompi Blomberg porque achei que ele estava se afastando do objetivo de minha pergunta.

— Muito bem, mas será que essas motivações teológicas não colocam em dúvida a capacidade e

disposição dos apóstolos de informar com precisão o que aconteceu? — perguntei-lhe. — Não é possível que a

pauta teológica deles os levasse a dar um colorido à história no momento de registrá-la, chegando mesmo a

distorcê-la?

— Isso significa, sem dúvida, que, a exemplo de todo documento ideológico, temos de levar em conta

essa possibilidade

— Blomberg admitiu. — Muita gente distorce a história para adequá-la aos seus propósitos ideológicos.

6 Karen ARMSTRONG, *A history of God*, New York, Ballantine/Epiphany, p. 82.

7 William Lane CRAIG, *The son rises:* historical evidence for the resurrection of Jesus, Chicago, Moody Press, 1981, p. 140

Infelizmente, as pessoas acham que isso sempre acontece, o que é um erro. No mundo antigo, a idéia de uma

história escrita sem paixão, de maneira objetiva, com o único propósito de registrar os acontecimentos, sem que

houvesse algum objetivo ideológico, era algo inédito. Ninguém escrevia história se não pudesse aprender algo

com ela.

— Suponho então que, diante disso, tudo se torna muito suspeito — sugeri sorrindo.

— Sob certo aspecto, sim — disse ele. — Mas, se podemos reconstruir de modo razoavelmente seguro a

história com base em vários outros tipos de fontes antigas, poderemos igualmente fazê-lo com os evangelhos,

muito embora eles também sejam ideológicos.

Blomberg refletiu por um momento em busca de uma analogia que pudesse servir ao que se propunha a

expor. Finalmente, disse:

— Vamos tomar um paralelo moderno colhido na experiência da comunidade judaica, que poderá ajudar

a esclarecer o que quero dizer. Algumas pessoas, normalmente movidas pelo anti-semitismo, negam ou

atenuam os horrores do Holocausto. Todavia, foram os estudiosos judeus que fundaram museus, escrevei, a

livros, preservaram artefatos e registraram os depoimentos de testemunhas oculares sobre o Holocausto. Claro

que seu propósito é ideológico — a saber, certificar-se de que tal atrocidade

nunca mais se repita —, mas foram

também extremamente fiéis e objetivos na documentação dessa verdade histórica. O cristianismo baseou-se

igualmente em certas alegações históricas segundo as quais Deus teria entrado no espaço e no tempo na pessoa

de Jesus de Nazaré, portanto a ideologia que os cristãos tentavam promover exigia um arcabouço histórico

bastante meticuloso.

Blomberg fez uma pausa para que sua analogia fizesse efeito. Depois, virando-se para mim, perguntou-

me:

— Entendeu o quero dizer? Balancei a cabeça dizendo que sim.

Últimas notícias da história

Uma coisa é dizer que os evangelhos procedem direta ou indiretamente do testemunho ocular; outra

coisa é afirmar que a informação neles contida ficou preservada de modo confiável até que fosse finalmente

registrada por escrito anos mais tarde. Eu sabia que esse era um dos principais pontos em disputa, por isso

queria desafiar Blomberg, o quanto antes, com essa questão.

Peguei novamente o livro de Karen Armstrong, *A history of God,* e lhe disse:

Ouça o que mais diz a autora:

Sabemos muito pouco sobre Jesus. O primeiro relato mais abrangente sobre sua vida aparece no evangelho segundo São

Marcos, que só foi escrito por volta do ano 70, cerca de 40 anos depois de sua

morte. Àquela altura, os fatos históricos achavam-se

misturados a elementos míticos que expressavam o significado que Jesus havia adquirido para seus seguidores. É esse significado,

basicamente, que o evangelista nos apresenta, e não uma descrição direta e confiável.8

Pus de volta o livro na valise aberta, virei-me para Blomberg e prossegui:

— Alguns estudiosos dizem que os evangelhos foram escritos muito depois dos acontecimentos por eles

registrados. Com isso, as lendas que se desenvolveram durante esse período acabaram por contaminar sua

redação, alçando Jesus de simples professor sábio ao mitológico Filho de Deus. O senhor acha razoável essa

hipótese ou será que existem indícios suficientes de que a composição dos evangelhos é anterior a essa data, ou

seja, antes que a lenda pudesse corromper totalmente o que ficou registrado?

Blomberg, de olhos semicerrados, disse em tom veemente:

— Temos duas questões distintas aqui, e é importante que as conservemos assim. Estou certo que temos

indícios suficientes para fixar a data da redação dos evangelhos em um período mais antigo. Mas, mesmo que

não tivéssemos, o argumento de Armstrong seria falho do mesmo jeito.

— Por quê? — perguntei-lhe.

— As datas estabelecidas no meio acadêmico, mesmo nos círculos mais liberais, situam Marcos nos

anos na década de 70, Mateus e Lucas na década de 80, e João na década de 90. Observe que essas datas ainda

estão dentro do período de vida de várias pessoas que foram testemunhas oculares da vida de Jesus, inclusive

daquelas que lhe foram hostis, e que por isso poderiam atuar como parâmetro de correção caso houvesse em

circulação algum ensinamento falso sobre Jesus. Conseqüentemente, essas datas mais recentes para os

evangelhos não são assim tão recentes. Na verdade, é possível fazer uma comparação muito instrutiva. As duas

biografias mais antigas de Alexandre, o Grande, foram escritas por Ariano e Plutarco depois de mais de 400

8 ARMSTRONG, op. cit, p. 79.

anos da morte de Alexandre, ocorrida em 323 a.C, e mesmo assim os historiadores as consideram muito

confiáveis. É claro que surgiu um material lendário com o decorrer do tempo, mas isso só aconteceu nos séculos

posteriores aos dois autores. Por outras palavras, nos primeiros 500 anos, a história de Alexandre ficou quase

intacta. O material lendário começou a aparecer nos 500 anos seguintes. Portanto, comparativamente, é

insignificante saber se os evangelhos foram escritos 60 ou 30 anos depois da morte de Jesus. Na verdade, a

questão praticamente inexiste.

Entendi o que Blomberg queria dizer. Ao mesmo tempo, tinha minhas reservas. Para mim, parecia

intuitivamente óbvio que, quanto menor o lapso de tempo entre um acontecimento e o momento de seu registro,

tanto menor a possibilidade de esse registro ser corrompido por lendas ou lembranças incorretas.

— Vamos admitir, por enquanto, que seja isso mesmo, mas voltemos à data de registro dos evangelhos

— eu disse. — O senhor acredita que eles foram escritos possivelmente antes da data mencionada?

— Sim, antes — disse Blomberg. — Podemos confirmar isso pelo livro de Atos, escrito por Lucas. Atos

termina, aparentemente, sem uma conclusão. Paulo é a personagem principal do livro, e se encontra preso em

Roma. É assim, abruptamente, que o livro acaba. O que acontece com Paulo? Atos não nos diz, provavelmente

porque o livro foi escrito antes da morte dele.

Blomberg ia ficando cada vez mais empolgado.

— Isso significa que o livro de Atos não pode ser posterior a 62 d.C. Assim, podemos recuar a partir

desse ponto. Uma vez que Atos é o segundo tomo de um volume duplo, sabemos que o primeiro tomo — o

evangelho de Lucas — deve ter sido escrito antes dessa data. E já que Lucas inclui parte do evangelho de

Marcos, isto significa que Marcos é ainda mais antigo. Se trabalharmos com a margem aproximada de um ano

para cada um, chegaremos à conclusão de que Marcos foi escrito por volta de 60 d.C, talvez até mesmo em fins

da década de 50. Se Jesus foi morto em 30 ou 33 d.C, temos aí um intervalo de, no máximo, 30 anos

aproximadamente.

Blomberg recostou-se novamente na poltrona com ar de triunfo.

— Em termos de história, principalmente se compararmos com Alexandre, o Grande, disse ele, é como

se fosse uma notícia de última hora!

Era mesmo muito impressionante o fato de que, do ponto de vista histórico, tinha pouquíssima

relevância o intervalo entre os acontecimentos da vida de Jesus e a data em que os evangelhos foram escritos.

Todavia, eu queria insistir no assunto. Meu objetivo era retroceder no tempo o máximo possível até chegar às

primeiras informações sobre Jesus.

Voltando ao começo

Levantei-me e fui até a estante.

— Vejamos se é possível recuar mais ainda no tempo — disse, virando-me para Blomberg. — De que

época datam os primeiros testemunhos mais importantes sobre a expiação, a ressurreição e a relação única de

Jesus Cristo com Deus?

— É bom lembrar que os livros do Novo Testamento não estão em ordem cronológica — disse

Blomberg inicialmente. Os evangelhos foram escritos praticamente depois das cartas de Paulo, cujo ministério

epistolar começou por volta do fim da década de 40. A maior parte de suas cartas mais importantes são da

década de 50. Para saber qual a informação mais antiga, vamos às cartas de Paulo com a seguinte pergunta:

"Existem sinais aqui de que fontes mais antigas teriam sido usadas na redação dessas cartas?".

— E o que encontramos? — perguntei.

— Descobrimos que Paulo havia abraçado alguns credos, confissões de fé ou hinos da igreja cristã mais

antiga. Esses elementos remontam ao alvorecer da igreja pouco depois da ressurreição. Os credos mais famosos

são os de Filipenses 2.6-11, que fala de Jesus como tendo a mesma natureza de Deus, e Colossenses 1.15-20,

onde Jesus é descrito como a "imagem do Deus invisível", que criou todas as coisas e por meio de quem todas

as coisas foram reconciliadas com Deus, "estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz". Essas

passagens sem dúvida são importantes porque mostram o tipo de crença que tinham os primeiros cristãos em

relação a Jesus. Todavia, talvez o credo mais importante no que se refere ao Jesus histórico seja o de 1Coríntios

15, onde Paulo usa uma linguagem técnica para indicar que estava transmitindo essa tradição oral de uma forma

relativamente fixa.

Blomberg localizou a passagem na Bíblia e a leu para mim:

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi

sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro

e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de

quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e,

então, a todos os apóstolos.9

— Essa é a questão — disse Blomberg. — Se a crucificação ocorreu em 30 d.C, a conversão de Paulo se

deu aproximadamente em 32. Ele foi então levado imediatamente para Damasco, onde se encontrou com um

cristão chamado Ananias e alguns outros discípulos. Seu primeiro encontro com os apóstolos em Jerusalém

teria ocorrido em 35 d.C. Em algum momento desse período, Paulo recebeu esse credo, que fora formulado pela

igreja primitiva e era usado por ela. Temos aqui, portanto, os principais fatos sobre a morte de Jesus pelos

nossos pecados, além de uma lista detalhada daqueles para quem ele apareceu ressuscitado — tudo isso se dá no

intervalo de dois a cinco anos depois dos eventos propriamente ditos! Não se trata aí de mitologia elaborada

cerca de 40 anos ou mais depois, conforme pretende Armstrong. Pode-se perfeitamente argumentar a favor da

crença na ressurreição, muito embora não haja nenhum registro escrito, que ela remonta aos dois anos

posteriores ao evento. Isso é de suma importância — disse ele, levantando um pouco a voz para dar ênfase.

— Não estamos comparando 30 ou 60 anos com os 500 anos normalmente aceitos para outros dados —

estamos falando de dois anos!

Não havia como negar a importância dessa prova. Ela parecia, sem dúvida, invalidar a acusação de que a

ressurreição — que para os cristãos era a maior prova da divindade de Jesus — fora meramente um conceito

mitológico formulado ao longo do tempo, à medida que as lendas corrompiam os relatos das testemunhas

oculares da vida de Cristo. Fiquei particularmente impressionado: como cético que era, a ressurreição era uma

das minhas principais objeções ao cristianismo.

Encostei-me na estante. Tratáramos de vários assuntos e, depois daquela observação culminante de

Blomberg, achei que era hora de fazer uma pausa.

Um pequeno recesso

Já era fim de tarde. Tínhamos conversado o tempo todo sem fazer nenhum intervalo. Todavia, não

queria encerrar nossa conversa sem antes submeter os relatos das testemunhas oculares ao mesmo tipo de teste

utilizado por advogados ou jornalistas. Precisava saber se eles passariam no teste ou se, na melhor das

hipóteses, se mostrariam duvidosos; ou, na pior das hipóteses, indignos de confiança.

Depois de preparado o terreno, convidei Blomberg a se levantar e a esticar as pernas antes de nos

sentarmos novamente para retomar a discussão.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Você já foi influenciado pelo testemunho ocular de alguém? Que critérios você costuma utilizar para avaliar

a veracidade e a precisão de uma história? Pelos seus critérios, que tipo de avaliação receberiam os evangelhos?

2. Na sua opinião, o conteúdo teológico dos evangelhos afeta a autenticidade de seu testemunho histórico? Sim

ou não? Justifique. Você acha que a analogia que Blomberg faz com o Holocausto ajuda a refletir sobre essa

questão?

3. De que modo a explicação de Blomberg sobre as informações mais antigas que se tem sobre Jesus influencia

sua opinião sobre a confiabilidade dos evangelhos e por quê?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

BARNETT, Paul. *Is the New Testament history?* Ann Arbor,Vine,

1986.

_____. *Jesus and the logic of history.* Grand Rapids, Eerdmans,

1997.

BLOMBERG, Craig. *The historical reliability of the gospels.* Downers Grove, InterVarsity, 1987.

BRUCE, E E *Merece confiança o Novo Testamento?* 2. ed. Trad Waldyr Carvalho Luz. São Paulo, Vida Nova,

1990.

FRANCE, R. T. *The evidence for Jesus.* Downers Grove, InterVarsity, 1986.

9 1Coríntios 15.3-7



2

Avaliando

o testemunho ocular

As *biografias de Jesus resistem*

à investigação minuciosa?

A voz debilitada de Michael McCullough, de 16 anos, era quase inaudível. Os jurados não conseguiam

ouvi-la por causa do som ofegante que vinha da máquina de respiração que o mantinha vivo. Foi preciso que

uma pessoa se debruçasse sobre a cama de Michael para ler seus lábios, entender o que ele dizia e reproduzir

seu testemunho ao tribunal improvisado.

Paralisado do pescoço para baixo por uma bala que lhe dilacerara a medula espinhal, Michael estava

muito fraco para ser levado ao tribunal onde era julgado o caso dos dois jovens acusados de atacá-lo. O juiz, o

júri, os réus, advogados, repórteres e o público presente à sessão amontoaram-se no quarto de hospital de

Michael, que foi declarado jurisdição temporária do tribunal itinerante da comarca de Cook.

Questionado pelos promotores, Michael recordou o dia em que saíra de seu apartamento localizado em

um projeto residencial de Chicago com dois dólares no bolso. Contou como fora abordado na escada pelos dois

acusados, que o alvejaram propositadamente no rosto enquanto tentavam roubar-lhe o dinheiro. Sua história foi

confirmada por dois outros jovens que presenciaram a agressão no local.

Os acusados em momento algum negaram a autoria do disparo. Eles alegavam que a arma disparara

acidentalmente enquanto a balançavam no ar. Os advogados de defesa sabiam que só havia um modo de

conseguir a pena reduzida para seus clientes: desacreditando o testemunho de que o disparo fora um ato de

violência cruel e premeditada.

Fizeram de tudo para colocar em dúvida os depoimentos das testemunhas oculares. Questionaram sua

capacidade de ver o que acontecera, mas não conseguiram diminuir nem um pouco sua credibilidade. Tentaram

explorar as inconsistências dos testemunhos, mas os relatos eram coerentes nos pontos principais. Exigiram

mais provas, mas era óbvio que nenhuma prova mais era necessária.

Levantaram suspeitas sobre o caráter das testemunhas, mas tanto elas quanto a vítima eram jovens

obedientes à lei, sem nenhum antecedente criminal. Queriam provar que os acusados estavam sendo vítimas de

preconceito, mas não conseguiram descobrir nenhum. Colocaram em dúvida a capacidade de compreensão de

uma das testemunhas, um garoto de nove anos chamado Keith, alegando que ele não tinha condições de

entender o que significava dizer a verdade sob juramento, mas ninguém, é claro, duvidava de sua capacidade.

Como os advogados de defesa não foram capazes de pôr em dúvida a credibilidade da vítima e das

testemunhas da acusação, os dois réus foram condenados a 50 anos de prisão por homicídio doloso. Dezoito

meses depois, Michael morreu.10

O trabalho do advogado de defesa é desafiador porque remete ao questionamento, suscita dúvidas e

investiga os pontos delicados e vulneráveis do depoimento da testemunha. É preciso, portanto, submeter as

testemunhas a diversos testes.

Pressupõe-se com isso que o testemunho honesto e correto passe nos testes, ao passo que o testemunho

falso, exagerado ou enganador seja desmascarado.

No caso de Michael, a justiça prevaleceu porque os jurados perceberam que as testemunhas e as vítimas

contaram com sinceridade e precisão o que tinham vivenciado.

Mas voltemos à investigação sobre a realidade histórica de Jesus. Chegara o momento de submeter o

testemunho do dr. Blomberg aos testes que iriam revelar sua fraqueza ou realçar sua força. Vários testes seriam

os mesmos usados pelos advogados de defesa no caso de Michael havia tantos anos.

— Gostaria de submetê-lo a oito tipos diferentes de testes — disse ao dr. Blomberg, enquanto nos

sentávamos depois de uma pausa de 15 minutos.

10 Lee STROBEL, Jury in Makeshift Courtroom hears dying boy tell of attack, *Chicago Tribune*, 24 Feb. 1976.

Blomberg pegou uma xícara fumegante de café preto recém-passado e recostou-

se. Não sei, mas tive a

impressão de ele estar ansioso pelo desafio.

— Vá em frente — disse-me ele.

1. O teste da intenção

Este teste mostrará se os escritores tiveram a intenção, implícita ou explícita, de preservar com exatidão

a história.

— Será que esses autores do século 1 estavam preocupados em registrar com precisão o que de fato

aconteceu? — perguntei a Blomberg.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sim, estavam — disse ele. — Pode-se ver isso no início do evangelho de Lucas, que se parece muito

com os prefácios de outras obras da Antigüidade, biográficas ou históricas, dignas de confiança.

Blomberg abriu a Bíblia e leu a introdução do evangelho de Lucas:

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por

aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o

começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas certeza das coisas que te foram

ensinadas.11

— Como podemos ver — prosseguiu Blomberg —, Lucas diz claramente que ele pretendia escrever

com precisão sobre as coisas que havia investigado e que comprovara com o respaldo extremamente confiável

de testemunhas.

— E quanto aos outros evangelhos? — perguntei-lhe. — Eles não começam com declarações desse tipo.

Isso significa então que os autores não tinham a mesma intenção?

— É verdade que Marcos e Mateus não afirmam isso explicitamente — disse Blomberg. — No entanto,

estão próximos de Lucas em termos de gênero, o que nos leva a crer que o objetivo histórico de Lucas refletiria

muito de perto o deles.

— E João? — perguntei-lhe.

—A única afirmação do propósito dos evangelhos está em João 20.31: "Mas estes foram escritos para

que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome".

— Isto me parece muito mais uma declaração teológica que histórica — objetei.

— Admito que sim — disse Blomberg. — Mas se o indivíduo acha que primeiro precisa estar

suficientemente convencido para depois crer, é preciso que a teologia proceda de fatos históricos exatos. Além

do mais, há uma prova implícita que não pode passar despercebida. Pense no modo como os evangelhos foram

escritos — de maneira sóbria e responsável, com detalhes incidentais apurados, com cuidado e precisão óbvios.

Não encontramos neles os rebuscamentos exóticos e a presença evidente da

mitologia que vemos em vários

outros escritos antigos.

— Aonde isso nos leva? — Blomberg perguntou. Em seguida disse, respondendo à própria indagação:

— Parece-nos bastante óbvio que o objetivo dos autores dos evangelhos era o de registrar o que efetivamente

ocorrera.

Respondendo às objeções

Mas será que foi isso mesmo que aconteceu? Alguns críticos procuram fomentar um ambiente de idéias

contraditórias e concorrentes.

Na opinião deles, os primeiros cristãos estavam convencidos de que presenciariam ainda em vida o

retorno de Jesus para a consumação da história, por isso não achavam que fosse necessário preservar algum

registro histórico sobre a vida de Jesus ou sobre seus ensinamentos. Afinal de contas, por que se dar ao trabalho

de escrever se ele em breve voltaria para pôr fim ao mundo e consumar a história?

— Portanto — eu disse —, anos mais tarde, quando ficou evidente que Jesus não retornaria logo, os

cristãos se deram conta de que não possuíam nenhum material confiável em que pudessem se basear para

escrever os evangelhos. Nada fora registrado com objetivos históricos. Não foi isso o que aconteceu de fato?

— Existem ao longo da história, sem dúvida nenhuma, seitas e grupos, inclusive

religiosos, para os

quais esse argumento é válido, mas não para os primeiros cristãos — disse Blomberg.

— Por que não? — perguntei desafiando-o. — O que tornava o cristianismo tão diferente?

11 Lucas 1.1-4.

— Em primeiro lugar, acho que a premissa é um tanto exagerada. A verdade é que a maior parte dos

ensinamentos de Jesus pressupõem um lapso significativo de tempo antes do fim do mundo. Em segundo lugar,

mesmo que alguns dos seguidores de Jesus acreditassem que ele fosse voltar sem demora, lembre-se de que o

cristianismo saiu do judaísmo. Durante oito séculos, os judeus viveram entre a tensão dos freqüentes discursos

dos profetas de que o "Dia do Senhor" estava próximo e a marcha ininterrupta da história de Israel. E, mesmo

assim, os seguidores daqueles profetas registraram, preservaram as palavras deles e as tinham em alta conta.

Uma vez que os seguidores de Jesus o consideravam muito superior a um profeta, parece bastante lógico supor

que tenham feito a mesma coisa.

Embora o argumento me parecesse sensato, alguns estudiosos levantavam uma segunda objeção que eu

queria propor a Blomberg.

— Alguns eruditos dizem que era crença comum entre os primeiros cristãos que o Cristo fisicamente

ausente dirigia-se à sua igreja por meio de mensagens, ou "profecias". Uma vez que essas profecias gozavam da

mesma autoridade que tinham as palavras de Jesus durante sua existência terrena, os cristãos primitivos não

faziam distinção entre os novos discursos e os que o Jesus histórico proferira. Conseqüentemente, esses dois

materiais distintos aparecem juntos nos evangelhos, portanto não sabemos qual deles procede de fato do Jesus

histórico. Esse é o tipo de crítica que atormenta muita gente. O que o senhor tem a dizer a esse respeito?

— Esse argumento tem menos fundamento histórico que o anterior — disse Blomberg com um sorriso.

— Na verdade, o próprio Novo Testamento desmente essa hipótese. Existem algumas passagens que fazem

referência a profecias primitivas, mas elas nunca se confundem com as palavras de Cristo. Em 1Coríntios 7, por

exemplo, Paulo distingue claramente a palavra que transmite do Senhor e a que procede do Jesus histórico. No

livro de Apocalipse, pode-se distinguir perfeitamente todas as vezes em que Jesus fala diretamente com o

profeta, o apóstolo João, conforme supõe a tradição, e as vezes em que João relata suas visões inspiradas. E, em

1Coríntios 14, quando Paulo discute os critérios da verdadeira profecia, ele fala da responsabilidade que tem a

igreja local de testar os profetas. Com base em seus antecedentes judaicos, sabemos que, entre os critérios da

verdadeira profecia de que fala o apóstolo, estava o seu cumprimento ou não,

além do fato de que ela deveria

estar de acordo com as palavras anteriormente reveladas pelo Senhor. O argumento mais forte, porém, é o que

não encontramos nos evangelhos. Depois da ascensão de Cristo, diversas controvérsias rondaram

ameaçadoramente a igreja primitiva: os crentes deveriam ou não ser circuncidados? Como disciplinar o falar

em línguas? Como conservar unidos judeus e gentios? Quais as funções mais adequadas às mulheres no

ministério? Os crentes podiam se divorciar de seus cônjuges não-cristãos? Essas questões poderiam ter sido

muito bem resolvidas se os cristãos primitivos simplesmente lessem nos evangelhos o que Jesus lhes havia dito

sobre o mundo. Isso, porém, nunca aconteceu. A persistência dessas controvérsias é sinal de que os cristãos

estavam interessados em distinguir o que acontecera durante a vida de Jesus e o que fora debatido

posteriormente nas igrejas.

2. O teste da capacidade

Mesmo que os escritores quisessem fazer um registro histórico, será que teriam condições de fazê-lo?

Como podemos ter certeza de que o material sobre a vida e os ensinamentos de Jesus ficou preservado durante

30 anos antes que fosse finalmente fixado por escrito nos evangelhos? Perguntei a Blomberg:

— O senhor não concorda que lapsos de memória, o desejo de as coisas serem de determinada maneira e

o desenvolvimento de material lendário poderiam ter contaminado de modo irreparável a tradição vinculada a

Jesus antes que os evangelhos fossem escritos?

Blomberg procurou primeiramente estabelecer o contexto.

— Temos de nos lembrar de que estamos em terra estrangeira, num tempo e lugar remotos, em uma

cultura que não havia inventado ainda o computador e nem mesmo a máquina impressora. Os livros — ou

melhor, os pergaminhos de papiro — eram relativamente raros. Portanto, a educação, o aprendizado, a adoração

e o ensino nas comunidades religiosas eram ministrados oralmente. Alguns rabinos ficaram famosos porque

sabiam de cor todo o Antigo Testamento. Logo, os discípulos seriam perfeitamente capazes de guardar na

memória — e passar adiante com precisão — muito mais do que aparece nos quatro evangelhos somados.

— Espere um pouco — objetei. — Esse tipo de memorização parece realmente incrível. Como isso é

possível?

— Sim, é difícil para nós hoje conseguirmos imaginar como isso podia ser possível — admitiu

Blomberg —, mas aquela cultura era oral e enfatizava muito a memorização. Lembre-se de que 80 a 90% das

palavras de Jesus estavam originaria-mente em forma poética. Isso não significa que havia rimas, mas havia

métrica, com versos harmônicos, paralelismos, e assim por diante — o que teria facilitado muito a

memorização. Outra coisa que precisa ser dita é que a definição de memorização era mais flexível naquele

tempo. Os estudos de culturas com tradição oral mostram que era possível introduzir variações em partes da

história conforme a ocasião — incluir ou excluir detalhes, parafrasear este ou aquele trecho, explicar esta ou

aquela parte, e assim por diante. De acordo com um estudo, cerca de 30 a 40% de toda tradição sagrada

transmitida oralmente no antigo Oriente Médio apresenta variações de uma ocasião para a outra. Todavia,

certos pontos nunca se alteravam, e a comunidade podia intervir para corrigir o narrador caso ele reproduzisse

erroneamente os aspectos importantes da história. É...

Blomberg fez uma pausa, buscando na mente a palavra mais adequada.

— É uma *coincidência* interessante: essa variação de 10 a 40% é praticamente a

mesma que

constatamos em qualquer passagem dos sinóticos.

Blomberg estava insinuando alguma coisa. Queria que ele fosse mais claro.

— O que o senhor está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que, provavelmente, muitas das semelhanças e das diferenças entre os sinóticos

podem ser atribuídas ao fato de que os discípulos e outros cristãos primitivos devem ter memorizado muito do

que Jesus disse e fez, mas sentiam-se à vontade para relatar aqueles episódios de diferentes maneiras, embora

preservassem sempre a importância dos ensinamentos e dos atos originais de Jesus.

Porém eu ainda não estava completamente convencido da capacidade de memorização fiel dos cristãos

primitivos. Lembrava-me muito bem de jogos e brincadeiras de minha infância em que as palavras eram

distorcidas em questão de minutos.

Brincando de telefone-sem-fio

Você provavelmente já brincou de telefone-sem-fio: alguém cochicha alguma coisa no seu ouvido —

por exemplo: "Você é o meu melhor amigo" —, depois, você cochicha a mesma coisa no ouvido do vizinho e

assim por diante até completar a volta por todo o círculo de participantes. No fim, a mensagem sai

completamente distorcida, por exemplo: "Você é o meu pior amigo".

— Simplificando bastante — eu disse a Blomberg —, essa não é uma boa analogia para o que

provavelmente aconteceu com a tradição oral sobre Jesus?

Blomberg discordou.

— Não, de maneira alguma — ele disse. — Eu explico por quê. Quem procura memorizar com atenção

alguma coisa e só resolve passá-la adiante depois de ter certeza que a sabe de cor faz algo bem diferente do que

a brincadeira do telefone-sem-fio propõe. Na brincadeira, boa parte da diversão se deve ao fato de que a pessoa

talvez não tenha entendido direito a mensagem que lhe cochicharam, e a regra não lhe permite pedir à pessoa

que repita a frase. Logo em seguida, a mensagem é passada adiante, sempre sussurrada, o que aumenta mais

ainda a possibilidade de distorções pelo caminho. No fim das contas, depois de passar por todo o círculo, o

resultado será engraçado, sem dúvida nenhuma.

— Por que então — perguntei a Blomberg — não podemos aplicar essa analogia à transmissão da

tradição oral?

Blomberg tomou primeiro um gole de café.

— Se fôssemos transportar a brincadeira para o contexto da comunidade do século I, teríamos de

submetê-la aos seus critérios. Isso significa que cada pessoa repetiria em alto e bom som o que ouvira do

vizinho e em seguida pediria ao primeiro que passara a informação que a

confirmasse: "Está correto o que eu

disse?". Se não estivesse, ele se corrigiria. A comunidade monitoraria constantemente a reprodução da

mensagem e interferiria sempre que fosse preciso fazer alguma correção. Isso preservaria a integridade da

mensagem. E o resultado seria muito diferente do da brincadeira infantil.

3. O teste do caráter

O objetivo desse teste consiste em saber se os autores em questão tinham o propósito de ser verdadeiros.

Será que havia algum indício de desonestidade ou de imoralidade que pudesse macular sua capacidade ou sua

disposição de transmitir com precisão a história?

Blomberg acenou negativamente com a cabeça.

— Simplesmente não existem provas de que aqueles homens não fossem pessoas de muito caráter —

disse ele. Observamos como narram as palavras e ações do homem que exigiu deles um nível de integridade tão

severo quanto o de qualquer outra religião de que se tem notícia. Aqueles homens estavam tão determinados a

viver sua fé que dez deles, do grupo de 11 apóstolos, tiveram mortes terríveis, o que demonstra sua grandeza de

caráter. Em termos de honestidade, verdade, virtude e moralidade, essas pessoas tinham uma bagagem de dar

inveja.

4. O teste da harmonia

Eis aqui um teste no qual, dizem os céticos, os evangelhos sempre são reprovados. Afinal, eles não se

contradizem? Não há discrepâncias inconciliáveis entre os vários relatos evangélicos? E, se há, como é que

podemos confiar no que dizem?

Blomberg concordou que os evangelhos parecem estar em contradição em inúmeros pontos.

— As incongruências vão de pequenas variações no fraseado até as contradições aparentes mais famosas

— disse ele. — Na minha opinião, se você admite os elementos que mencionei anteriormente, ou seja, a

paráfrase, a abreviação, os acréscimos explicativos, a seleção e a omissão, os evangelhos se mostram muito

harmoniosos entre si pelos padrões antigos, que são os únicos pelos quais devemos julgá-los.

— Ironicamente — ressaltei —, se os evangelhos fossem exatamente idênticos, palavra por palavra, os

críticos acusariam seus autores de estar mancomunados, para que suas histórias saíssem exatamente iguais, o

que os colocaria sob suspeita.

— Exatamente — concordou Blomberg. — Se os evangelhos fossem 100% harmoniosos, isso os

impossibilitaria de ser testemunhos independentes. As pessoas diriam então só haver um testemunho, os demais

seriam só imitação.

Lembrei-me instantaneamente das palavras de Simon Greenleaf, da Faculdade de Direito de Harvard,

uma das personagens mais importantes da história do direito e autor de um tratado muito influente sobre a

prova. Depois de estudar o nível de harmonia dos quatro evangelistas, ele deu seu parecer:

Existe um volume significativo de discrepância, o que aponta para o fato de os autores não poderem ter estabelecido nenhum

tipo de acordo entre si; por outro lado, há também uma harmonia de tal magnitude que demonstra sua condição de narradores

independentes de uma transação de grande importância.12

Para Hans Stier, estudioso alemão da escola historiográfica clássica, a harmonia dos dados básicos e a

divergência de detalhes são sinais de credibilidade, uma vez que as narrativas fabricadas costumam ser

integralmente consistentes e harmônicas. "Todo historiador", diz ele, "torna-se muito cético no momento em

que algo extraordinário só aparece relatado em narrativas completamente isentas de contradições".13

Apesar dessa verdade, eu não pretendia ignorar as dificuldades levantadas pelas discrepâncias explícitas

entre os evangelhos. Resolvi levar ainda mais adiante a questão, pressionando Blomberg em alguns pontos

evidentemente contraditórios que os céticos geralmente usam como exemplo de falta de confiabilidade dos

evangelhos.

Lidando com as contradições

Destaquei primeiramente a história de uma cura muito conhecida.

— Em Mateus, lemos que um centurião foi pessoalmente a Jesus e lhe pediu que curasse seu servo.

Lucas, porém, nos diz que o centurião mandou que os anciãos fossem até Jesus. Naturalmente trata-se de uma

contradição, não é verdade?

— Acho que não — respondeu Blomberg. — Pense da seguinte forma: no mundo atual, ouvimos no

noticiário "que o presidente declarou hoje...", quando na verdade o discurso foi redigido por alguém

encarregado de escrevê-lo e lido pelo secretário de imprensa — e, com um pouco de sorte, talvez o presidente

tivesse a oportunidade de vê-lo em um certo momento entre a primeira e a segunda etapa. Nem por isso

podemos dizer que a reportagem estava errada.

Da mesma forma, no mundo antigo, era perfeitamente compreensível e aceitável que se atribuíssem às

pessoas ações que, na verdade, foram praticadas por seus subordinados ou emissários — no presente caso, pelos

anciãos do povo judeu.

— Então, em outras palavras, o senhor está dizendo que tanto Mateus quanto Lucas têm razão?

— Exatamente — disse ele.

Parecia plausível. Citei em seguida um outro exemplo:

— E quanto à afirmação de Marcos e Lucas, segundo a qual Jesus enviara alguns demônios para uma

vara de porcos em Gerasa, enquanto Mateus refere-se a Gadara. As pessoas dizem que a contradição é óbvia

nesse caso e que não há como resolvê-la: trata-se de dois lugares diferentes. Caso encerrado.

12 Simon GREENLEAF, *The testimony of the evangelists,* Grand Rapids, Baker, 1984, p. VII.

13 Ap. Craig BLOMBERG, *Were do we start studying Jesus?,* in: Michael J. WILKINS & J. P. MORELAND, *orgs., Jesus under fire,* Grand

Rapids, Zondervan, 1995, p. 34.

— É melhor não dar o caso por encerrado tão cedo — disse Blomberg com um sorriso sutil. — Uma

possível solução para isso é que um dos lugares mencionados era uma cidade, e o outro, uma província.

A resposta de Blomberg me deu a impressão de uma solução muito fácil. Era como se ele estivesse

evitando as verdadeiras dificuldades colocadas pela questão.

— Acho que a coisa é um pouco mais complicada — eu disse. — A cidade de Gerasa nem sequer ficava

perto do mar da Galiléia. Mas foi exatamente para lá que os demônios se dirigiram depois de entrar nos porcos,

precipitando-os para a morte de cima de um penhasco.

— Muito bem, boa questão — disse Blomberg. — Mas existem ruínas de uma cidade cujo sítio de

escavação fica exatamente na margem oriental do mar da Galiléia. A forma que o nome da cidade geralmente

toma (em inglês) é "Khersa". No entanto, como toda palavra hebraica traduzida ou transliterada para o grego, é

provável que soasse bem próxima de "Gerasa". Portanto, o episódio pode ter ocorrido em Khersa (cuja grafia

em grego acabou dando "Gerasa"), na província de Gadara.

— Excelente — admiti sorrindo. — Ponto seu. Mas há um problema que não é nada fácil de resolver: as

discrepâncias entre as genealogias de Jesus em Mateus e Lucas? Os céticos normalmente as consideram

totalmente inconciliáveis.

— Trata-se de um outro caso de múltiplas opções — disse Blomberg.

— E que opções são essas?

— Segundo as duas mais comumente aceitas, Mateus refletiria a linhagem de José, já que a maior parte

do primeiro capítulo adota a perspectiva de José que, como pai adotivo, seria o antepassado legal por meio de

quem a linhagem real de Jesus seria traçada. São esses os temas que importam a Mateus. Lucas, por sua vez,

teria traçado a genealogia de Jesus com base na linhagem de Maria. E, já que ambos são descendentes de Davi,

basta recuar mais um pouco para ver que ambas as linhagens acabam convergindo. A outra opção postula que

ambas as genealogias refletem a linhagem de José, porque têm como objetivo o estabelecimento de rotinas

legais necessárias. Uma delas, porém, seria a linhagem humana de José (evangelho de Lucas), ao passo que a

outra seria a linhagem legal de José, sendo que ambas divergem nos pontos em que determinam antepassados

que não tiveram descendentes diretos. Estes eram obrigados a suscitar descendência por meio de várias práticas

previstas no Antigo Testamento. O problema torna-se maior porque alguns nomes são omitidos, o que era

perfeitamente aceitável pelos padrões do mundo antigo. Existem ainda variantes textuais: nomes que,

traduzidos de uma língua para outra, geralmente recebiam grafias diferentes e eram facilmente confundidos

com os de outros indivíduos.

Blomberg concluíra sua argumentação: existem ao menos algumas explicações racionais. Mesmo que

não sejam perfeitas, no mínimo harmonizam razoavelmente os relatos evangélicos.

Para que nossa conversa não se transformasse em uma espécie de tortura intelectual, resolvi seguir em

frente. Nesse ínterim, Blomberg e eu concluímos que seria melhor tratar cada questão individualmente e, assim,

procurar descobrir se existe um modo racional de resolver o aparente conflito entre os evangelhos. É claro que

não faltam livros em que o assunto é abordado exaustivamente e com competência, chegando a detalhes

excruciantes em sua tentativa de conciliar as diferenças.14

— E haverá momentos — disse Blomberg — em que talvez tenhamos de suspender nossa avaliação e

simplesmente acatar o fato de que, uma vez compreendida a maior parte dos textos e considerando-os

confiáveis, podemos dar-lhes então o benefício da dúvida toda vez que não tivermos certeza sobre um detalhe

ou outro.

5. O teste do preconceito

Esse teste consiste em saber se os autores dos evangelhos tinham algum preconceito capaz de

contaminar seu trabalho. Teriam eles algum interesse oculto em deformar seu material narrativo?

— Não podemos subestimar o fato de essas pessoas amarem Jesus — eu disse enfaticamente. — Não

eram observadores neutros; eram seguidores fiéis a Cristo. Será que isso não poderia levá-los a fazer certas

modificações para que Jesus parecesse bom?

— Admitamos que a situação possibilite isso — disse Blomberg. — Mas também as pessoas são

capazes de honrar e respeitar alguém a tal ponto que se sintam impelidas a registrar sua vida com a maior

integridade possível. Essa seria a forma de demonstrar seu amor por tal pessoa. E é o que eu acho que aconteceu

aqui. Além disso, esses discípulos nada tinham a ganhar exceto críticas, o ostracismo e o martírio. Com certeza

nada lucraram financeiramente. Na verdade, foram pressionados a ficar quietos, a negar a Jesus, a diminuí-lo, e

14 V, de Norman Geisler e Thomas Howe, *Manual popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia* (São Paulo, Mundo

Cristão, 1999).

até mesmo a esquecer que um dia o conheceram.

No entanto, por causa de sua integridade, proclamaram o que viram, ainda que

com isso tivessem de sofrer e

morrer.

6. O teste do acobertamento

Quando as pessoas testificam sobre eventos que presenciaram, sempre tentam proteger a si mesmas e

aos outros, esquecendo-se muito convenientemente de mencionar detalhes embaraçosos ou difíceis de explicar.

Conseqüentemente, isso suscita dúvidas sobre a veracidade de todo o seu testemunho.

Perguntei então a Blomberg:

— Os autores dos evangelhos registraram algum tipo de material que poderia ser fonte de embaraço ou

o acobertaram para que parecesse decente? Será que inseriram em seu relato alguma coisa incômoda ou de

difícil explicação?

— Há de fato muito o que dizer a esse respeito — ele respondeu. — Grande parte dos ensinamentos de

Jesus consiste em palavras duras. Alguns ensinamentos exigem muito no plano ético. Se eu tivesse de inventar

uma religião para satisfazer minha fantasia, provavelmente não cobraria de mim mesmo perfeição igual à do

meu Pai celestial, tampouco diria que a lascívia que sinto no coração já é, por si mesma, adultério.

— Porém — objetei —, outras religiões também fazem exigências muito duras.

— Sim, é verdade, por isso mesmo as exigências mais duras eram as que colocavam as maiores

dificuldades para o que a igreja se propunha a ensinar sobre Jesus.

Achei vaga a resposta.

— Dê-me alguns exemplos, por favor — pedi. Depois de pensar um pouco, ele disse:

— Por exemplo, em Marcos 6.5, lemos que Jesus não pôde fazer muitos milagres em Nazaré porque as

pessoas dali eram incrédulas, o que parecia limitar seu poder. Jesus disse em Marcos 13.32 que não sabia a hora

de seu retorno, o que parece limitar sua onisciência. Atualmente, essas declarações não são mais problema para

a teologia, porque Paulo, em Filipenses 2.5-8, nos diz que Deus, em Cristo, quis, de maneira espontânea e

consciente, limitar o exercício independente de seus atributos divinos. Mas, se pudesse passar pela história dos

evangelhos sem lhe dar muita atenção, seria muito mais conveniente deixar de fora todo esse material, o que me

pouparia o trabalho de ter de explicá-lo. O batismo de Jesus é outro exemplo. Existe uma explicação para que

Jesus, que não tinha pecados, se deixasse batizar, mas por que não facilitar as coisas e deixar esse episódio de

fora? Na cruz, Jesus gritou: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?". Teria sido muito melhor para

os evangelistas omitir essa passagem, já que ela dá margem a tantas perguntas.

— Também há muito material constrangedor sobre os discípulos — acrescentei.

— Sem dúvida — disse Blomberg. — Sempre que Marcos fala de Pedro, o tom é bem pouco elogioso. E

olhe que Pedro era o líder! Os discípulos quase sempre entendiam mal o que

Jesus queria dizer. Tiago e João

queriam os lugares à direita e à esquerda de Jesus, por isso Cristo lhes deu lições muito duras para mostrar-lhes

que o líder é quem deve servir primeiro. Eles se comportavam como um bando de egoístas, interesseiros e tolos

na maior parte das vezes.

— Já sabemos que os evangelistas eram seletivos; o evangelho de João termina dizendo, um tanto

quanto hiperbolicamente, que o mundo inteiro não seria capaz de conter tudo o que se poderia escrever sobre

Jesus. Portanto, se tivessem deixado de fora passagens desse tipo, isso não significaria necessariamente que

estivessem falsificando a história. Mas a questão é a seguinte: se os evangelistas não se sentiam à vontade para

deixar de fora esse tipo de material, quando na verdade teria sido conveniente e útil que o fizessem, será de fato

plausível acreditar que tenham acrescentado e produzido material sem nenhuma base histórica?

Blomberg deixou por alguns momentos a pergunta no ar antes de respondê-la, convicto:

— Eu diria que não.

7. O teste da corroboração

Logo no início deste teste, perguntei a Blomberg:

— Quando os evangelhos falam de pessoas, lugares e acontecimentos, é possível confirmar as

informações dos evangelistas por meio de fontes independentes? Normalmente,

esse tipo de corroboração é

inestimável sempre que se quer avaliar se um autor tem ou não comprometimento com a precisão.

— Sim, é possível, e quanto mais exploramos esse tópico, tanto mais os detalhes se confirmam —

respondeu Blomberg. — Nos últimos séculos, a arqueologia trouxe à luz, inúmeras vezes, descobertas que

confirmaram referências específicas dos evangelhos, principalmente de João — ironicamente, o que desperta

mais desconfianças!

— Claro que existem algumas questões que ainda não foram resolvidas; por vezes, a arqueologia surgiu

com novos problemas, mas que são pouquíssimos se comparados com o número de exemplos que corroboram

as informações dos evangelistas. Além disso, sabemos por meio de fontes não-cristãs muitos fatos sobre Jesus

que confirmam os principais ensinamentos e ocorrências de sua vida. E, se considerarmos que os historiadores

antigos lidavam, na maior parte das vezes, só com legisladores políticos, imperadores, reis, batalhas militares,

autoridades religiosas e movimentos filosóficos de grande importância, é notável o quanto podemos aprender

sobre Jesus e seus seguidores, ainda que não se encaixem em nenhuma dessas categorias na época em que os

historiadores escreveram seus livros.

Blomberg me dera uma resposta muito concisa e prática. Todavia, embora não

houvesse razão para eu

duvidar de sua opinião, achei que valia a pena aprofundar-me um pouco mais nesse tema. Peguei minha caneta

e rabisquei um lembrete à margem das minhas anotações: "Consultar especialistas em arqueologia e história".

8. O teste do testemunho adverso

Esse teste faz a seguinte pergunta: Haveria outras pessoas presentes que poderiam contradizer ou

corrigir os evangelhos, caso apresentassem alguma distorção ou erro? Em outras palavras, temos algum

exemplo de contemporâneos de Jesus que teriam se queixado dos relatos evangélicos por conterem erros?

— Muitas pessoas tinham motivos para querer desacreditar o movimento e, se tivessem mais

competência para escrever a história, certamente o fariam — disse Blomberg. — No entanto, veja o que

disseram seus adversários. Nos escritos judeus tardios, Jesus é chamado de o feiticeiro que desviou Israel, o

reconhecimento de que ele fez de fato obras maravilhosas, embora os autores coloquem em dúvida a fonte de

seu poder. Essa seria a oportunidade perfeita para dizer alguma

coisa do tipo: "Os cristãos vão lhe dizer que ele fez milagres, mas nós estamos de prova que ele não fez". Nunca

vemos, porém, seus opositores dizer esse tipo de coisa. Em vez disso, eles admitem implicitamente que é

verdade o que lemos nos evangelhos, ou seja, que Jesus fez milagres. Perguntei

então a Blomberg:

— Será que esse movimento cristão teria fincado raízes precisamente em Jerusalém, no lugar exato onde

Jesus passou a maior parte de seu ministério, foi crucificado, morreu e ressurgiu, se as pessoas que o

conheceram soubessem que os discípulos estavam exagerando ou distorcendo as coisas que ele fez?

— Creio que não — respondeu Blomberg. — Sabemos que o movimento foi inicialmente muito

vulnerável, frágil e perseguido. Os críticos poderiam ter-se aproveitado dessa situação para atacá-lo, acusando-o

de falsidades e distorções. Mas — concluiu Blomberg com ênfase — não é isso o que acontece.

Uma fé que se apóia em fatos

Confesso que Blomberg me impressionou. Informado e articulado, convincente e de formação erudita,

sua argumentação em defesa do evangelho era muito sólida. As provas que apresentou em favor da autoria

tradicional dos evangelhos, sua análise do conjunto de crenças fundamentais sobre Jesus já em um período

bastante remoto, sua defesa muito lógica da precisão da tradição oral, sua análise ponderada de aparentes

contradições — todo o seu testemunho me proporcionou um alicerce muito firme para seguir adiante com

minhas investigações.

Todavia, faltava muito ainda para eu saber se Jesus era ou não o Filho Unigênito

de Deus. Na verdade,

depois de conversar com Blomberg, vi com muita clareza qual seria minha próxima missão: descobrir se esses

evangelhos, cuja confiabilidade Blomberg tão bem demonstrara, haviam atravessado os séculos e chegado até

nós sem deturpações. Como podemos ter certeza de que os textos que lemos hoje são os mesmos que foram

escritos originalmente no século i ? Não teriam eles sofrido nenhuma modificação? Além disso, como saber ao

certo se a história de Jesus que lemos nos evangelhos está mesmo completa?

Olhei para o relógio. Se o trânsito não estivesse congestionado, pegaria o avião sem problemas de volta

a Chicago. Enquanto recolhia minhas anotações e desligava o gravador, olhei distraidamente para as pinturas

infantis nas paredes — e, de repente, não vi mais em Blomberg o erudito nem o autor, tampouco o professor,

mas o pai que se senta à beira da cama das filhas à noite e lhes diz o que realmente é importante na vida.

O que será que ele lhes diz sobre a Bíblia, pensei, sobre Deus? Sobre esse Jesus que faz afirmações tão

audaciosas sobre si mesmo?

Não pude me conter. Fiz a ele mais algumas perguntas.

— E quanto à sua fé pessoal?—perguntei-lhe. — De que modo as suas pesquisas afetaram as coisas em

que o senhor crê?

Mal terminara de perguntar e ele já me respondia:

— Elas a fortaleceram, sem dúvida nenhuma. Sei pelos meus estudos que são muitos os indícios que

apontam para a confiabilidade do relato evangélico.

Depois de breve pausa, Blomberg prosseguiu:

— Sabe, é irônico: a Bíblia louva a fé que dispensa as provas. Lembre-se da resposta de Jesus a Tome:

"Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram". Sei que as provas nunca podem compelir ou

coagir a fé. Não podemos tomar o lugar do Espírito Santo, o que é sempre uma preocupação dos cristãos

quando ouvem discussões desse tipo. Sabe, há muitas histórias de estudiosos especializados no Novo

Testamento que não eram cristãos, mas pelo estudo dessas mesmas questões chegaram a Cristo pela fé. Muitos

outros eruditos, que eram cristãos, tiveram sua fé fortalecida, mais solidificada e mais bem fundamentada por

causa das provas: é nessa categoria que eu me encaixo.

Quanto a mim, estava inicialmente na primeira categoria — não, eu não era nenhum erudito; eu era

cético, um iconoclasta, um repórter intransigente em busca da verdade sobre esse Jesus que disse: "Eu sou o

caminho, a verdade e a vida".

Fechei minha valise e me levantei para agradecer a Blomberg. Voltaria satisfeito para Chicago, sabendo

que minha busca espiritual tivera um excelente começo.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. De que maneira as respostas do professor Blomberg aos oito testes comprobatórios afetaram sua confiança na

veracidade dos evangelhos? Por quê?

2. Qual desses oito testes você considera mais persuasivo e por quê?

3. Quando pessoas da sua confiança dão detalhes ligeiramente diferentes do mesmo acontecimento, você

automaticamente duvida delas ou procura ver se há um meio de conciliar as suas versões? Até que ponto você

achou convincente a análise de Blomberg sobre as aparentes contradições que encontramos nos evangelhos?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

ARCHER, Gleason L. *Enciclopédia de temas bíblicos. 2. ed. São Paulo,*

Vida, 2002.

BLOMBERG, Craig. The historical reliability of the New Testament. In: LANE, William Craig, *Reasonable*

faith,193 231. Westchester, Crossway, 1994.

Where do we start studying Jesus? In: Michael J. WILKINS & J. P.

MORELAND, *Jesus under fire,* p.17-50. Grand Rapids, Zondervan, 1995.

DUNN, James, *The living word.* Philadelphia, Fortress, 1988.

GEISLER, Norman & HOWE Thomas, *Manual popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia.* São

Paulo, Mundo Cristão, 1999.

MARSHALL, I. Howard. *I believe in the historical Jesus.* Grand Rapids, Eerdmans, 1977.



A prova documental

As *biografias de Jesus foram preservadas*

de modo confiável?

Como repórter do *Chicago Tribune*, eu era um "rato de documentos" — passava incontáveis horas

remexendo os arquivos dos tribunais tentando farejar alguma notícia interessante. Era trabalhoso e levava

tempo, mas valia a pena. Freqüentemente eu passava à frente da concorrência com histórias de primeira página.

Por exemplo, certa vez, topei com algumas transcrições ultra-secretas do grande júri que foram

colocadas por engano no arquivo público. Os artigos que escrevi depois disso revelavam a existência de

inúmeras licitações fraudulentas nos bastidores dos maiores projetos de obras públicas de Chicago, incluindo-se

aí a construção de rodovias expressas importantíssimas.

Mas os documentos secretos mais espetaculares que já descobri foram os do memorável caso em que a

Ford era acusada de homicídio culposo pela morte violenta de três adolescentes em um pequeno carro modelo

Pinto. Era a primeira vez que uma montadora americana respondia criminalmente pela comercialização de um

produto supostamente perigoso.

Ao pesquisar os arquivos do tribunal na minúscula Winamac, em Indiana, descobri inúmeros

memorandos confidenciais da Ford em que a empresa admitia saber antecipadamente que o carro em questão

poderia explodir se abalroado por trás à velocidade de 32 quilômetros por hora. Os documentos mostravam que

o fabricante optara por economizar alguns dólares por veículo e, em vez de torná-lo mais seguro, preferira

aumentar o espaço disponível no porta-malas.

Um advogado da Ford que perambulava pelo prédio do tribunal viu que eu estava tirando fotocópias dos

documentos. Furioso, ele entrou com uma ordem judicial que procurava impedir o acesso do público aos

arquivos.

Mas era tarde demais. Minha história, "Memorandos secretos da Ford mostram que a empresa

negligenciou perigo de explosão em veículo", apareceu na primeira página do *Tribune* e foi comentada no país

todo.15

A autenticação dos documentos

Conseguir documentos secretos é uma coisa; provar a autenticidade deles é outra. Antes de um jornalista

publicar seu conteúdo ou de um promotor aceitá-los como prova, é preciso seguir alguns procedimentos para

que sua genuinidade seja comprovada.

No caso dos documentos referentes ao carro do exemplo anterior, seriam de fato autênticos os timbres

da Ford que se viam nos papéis ou eram forjados? Será que as assinaturas foram

falsificadas? Como eu poderia

ter certeza? E, já que os memorandos foram fotocopiados inúmeras vezes, como eu poderia afirmar que seu

conteúdo não fora adulterado? Em outras palavras, como poderia saber ao certo se todos os documentos

copiados eram idênticos aos originais, que eu não possuía?

Além disso, como eu poderia saber se aqueles memorandos continham a história toda? Afinal de contas,

eles representavam apenas uma pequena fração da correspondência interna da Ford. E se houvesse outros

memorandos, desconhecidos do público, capazes de lançar luz totalmente nova sobre o assunto se trazidos à

tona?

Essas perguntas são igualmente importantes quando se examina o Novo Testamento. Quando tomo a

Bíblia nas mãos, estou segurando, na verdade, cópias de registros históricos antigos. Os manuscritos originais

das biografias de Jesus — Mateus, Marcos, Lucas e João — e todos os demais livros do Antigo e do Novo

15 V. Lee Patrick STROBEL, *Reckless homicide:* Ford's Pinto trial, South Bend, Ind.: and Books, 1980, p. 75-92 e Lee STROBEL, *God's*

outrageous claims, Grand Rapids, Zondervan, 1997, p. 43-58. A Ford foi finalmente absolvida das acusações criminais, depois que o

juiz negou ao júri o acesso a documentos-chave, embora tenha havido a partir de então uma sucessão de processos civis contra a

empresa. As alegações sobre o caso Pinto apareceram primeiramente na revista

Mother Jones

Testamento há muito se desintegraram e viraram pó. Como posso ter certeza de que as versões modernas de que

dispomos hoje — produto final de incontáveis cópias feitas ao longo dos séculos — possuem alguma

semelhança com as palavras originais de seus autores?

Além disso, como posso saber se essas quatro biografias de Jesus não omitiram nada da história? E se a

igreja primitiva tiver censurado outras biografias porque não gostava do modo como mostravam Jesus? Como

posso saber se os políticos dentro da igreja não suprimiram algumas biografias de Jesus que eram tão precisas

quanto as quatro que foram incluídas no Novo Testamento e que poderiam dar uma contribuição nova e

importante às palavras e feitos desse controvertido carpinteiro de Nazaré?

Essas duas questões — a confiabilidade das biografias de Jesus que chegaram até nós e a existência de

outras também precisas que teriam sido reprimidas pela igreja — merecem uma consideração cuidadosa. Eu

tinha conhecimento de que havia um estudioso de autoridade universalmente reconhecida nesse tipo de questão.

Voei para Newark e fui para Princeton num carro alugado a fim de vê-lo o mais rápido possível.

Segunda entrevista: Bruce M. Metzger, Ph.D.

Encontrei-me com Bruce Metzger em um sábado à tarde, no seu refúgio predileto: a biblioteca do

Seminário Teológico de Princeton. Com um sorriso, ele diz que "gosta de tirar o pó dos livros".

Na verdade, ele é autor de alguns dos melhores livros que ali estão, principalmente quando o assunto é o

Novo Testamento. No total, Metzger escreveu ou editou 50 livros, dentre eles *The New Testament: its*

background, growth, and content [O Novo Testamento: seu cenário, desenvolvimento e conteúdo]; The text of

the New Testament [O texto do Novo Testamento]; The canon of the New Testament [O cânon do Novo

Testamento]; Manuscripts of the GreekBible [Manuscritos da Bíblia grega]; Textual commentary on the Greek

New Testament [Comentário textual sobre o Novo Testamento grego]; Introduction to the apocrypha

[Introdução aos apócrifos] e *The Oxford companion to the Bible [O guia bíblico Oxford]*. Muitos desses livros

foram traduzidos para o alemão, chinês, japonês, coreano, malaio e outras línguas. Ele é também co-editor da

The new Oxford annotated Bible with the apocrypha [A nova Bíblia Oxford anotada com os apócrifos] e editor

geral de mais de 25 volumes da série *New Testament tools and studies* [O *Novo Testamento: ferramentas e*

estudos].

Metzger é mestre pelo Seminário e pela Universidade de Princeton, onde fez também seu doutorado. É

doutor honorário por cinco faculdades e universidades, dentre elas a St. Andrews University, da Escócia, a

Universidade de Munster, na Alemanha, e a Potchefstroom, da África do Sul.

Em 1969, foi professor na Tyndale House, em Cambridge, Inglaterra. Também lecionou em Clare Hall,

Universidade de Cambridge, em 1974, e no Wolfson College, em Oxford, em 1979. Atualmente é professor

emérito do Seminário Teológico de Princeton, depois de uma carreira de 46 anos ensinando o Novo

Testamento.

Metzger é presidente do Comitê responsável pela *New revised standard version [Nova versão-padrão*

revisada] da Bíblia, colaborador da Academia Britânica e membro do *Kuratorium* do Instituto Vetus Latina, do

mosteiro de Beuron, na Alemanha. Foi presidente da Sociedade de Literatura Bíblica, da Sociedade

Internacional para Estudos do Novo Testamento e da Sociedade Patrística Norte-Americana.

Se olharmos as notas de rodapé de qualquer livro de prestígio sobre o Novo Testamento, é bem provável

que encontremos o nome de Metzger inúmeras vezes. Seus livros são leitura obrigatória nas universidades e nos

seminários do mundo todo. Ele é altamente respeitado por estudiosos de confissões teológicas bem amplas e

diversas.

Sob muitos aspectos, Metzger, nascido em 1914, representa um retrocesso se comparado à geração que

o precedeu. Ele chega em um Buick cinza, que chama de "carruagem à

gasolina", veste um terno cinza-escuro e

gravata azul estampada, que é o máximo da informalidade a que se permite durante suas visitas à biblioteca,

mesmo durante o fim de semana. Os cabelos brancos estão muito bem penteados; seus olhos, vivos e alertas,

são circundados por um par de óculos sem aro. Seu andar hoje é mais lento, mas ele não sente nenhuma

dificuldade em subir metodicamente as escadas até o segundo andar, onde faz suas pesquisas em um escritório

obscuro e austero.

Metzer também não perdeu o senso de humor. Ele me mostrou uma latinha que ganhou quando era

presidente do comitê da *Revised standard version [Versão-padrão revisada]*. Ele abriu a tampa para que eu

visse as cinzas de um exemplar da RSV queimada em 1952, durante um protesto de um pregador

fundamentalista.

— Parece que ele não gostou muito quando o comitê mudou o "companheiros" da *Versão do rei Tiago*

para "camaradas", em Hebreus 1.9 — Metzger me explicou com um leve sorriso. — Ele nos acusou de sermos

comunistas.

Embora, às vezes, haja uma certa hesitação na fala de Metzger, e ele costume responder com expressões

pitorescas do tipo "exato", ele continua na linha de frente da erudição neotestamentária. Quando lhe pedi

algumas estatísticas, ele não foi buscar os números constantes de seu livro de 1992 sobre o Novo Testamento.

Metzger tinha números recentes, que pesquisara para manter-se atualizado. Sua mente ágil não tem dificuldade

em se lembrar de detalhes referentes a pessoas e lugares; além disso, está a par de todos os debates atuais entre

os especialistas do Novo Testamento. Na verdade, eles continuam a procurá-lo em busca de discernimento e

sabedoria.

Seu escritório, do tamanho aproximado de uma cela de cadeia, não tem janelas e é todo cinza. Há duas

cadeiras de madeira; ele insistiu para que eu me sentasse na mais confortável. Faz parte do seu encanto. Ele é de

uma gentileza a toda prova, surpreendentemente modesto e discreto, de uma bondade de espírito que me fez

desejar envelhecer com o mesmo tipo de graça jovial.

Primeiramente, passamos algum tempo nos conhecendo; logo em seguida, passei para a primeira

questão que desejava discutir: como podemos ter certeza de que as biografias de Jesus chegaram até nós bem

preservadas?

Cópias de cópias de cópias

— Para ser sincero com o senhor — eu disse a Metzger —, quando soube que não havia nenhum

exemplar original do Novo Testamento, fiquei muito cético. Se tudo que temos são cópias de cópias, pensei,

como ter certeza de que o Novo Testamento que temos hoje é, no mínimo, semelhante aos escritos originais?

Como o senhor responderia a isso?

— Não é só a Bíblia que está nessa situação, outros documentos antigos que chegaram até nós também

estão — replicou ele. — A vantagem do Novo Testamento, principalmente quando comparado com outros

escritos antigos, é que muitas cópias sobreviveram.

— Qual a importância disso? — perguntei.

— Bem, quanto maior o número de cópias em harmonia umas com as outras, sobretudo se provêm de

áreas geográficas diferentes, tanto maior a possibilidade de confrontá-las, o que nos permite visualizar como

seriam os documentos originais. A única forma possível de harmonizá-los seria pela ascendência de todos eles à

mesma árvore genealógica que representaria a descendência dos manuscritos.

— Muito bem — eu disse —, compreendi por que é importante que existam várias cópias. Mas e quanto

à idade dos documentos? Não há dúvida de que isso também é importante, não é verdade?

— Exatamente — respondeu Metzger —, mas esse elemento é outro dado que favorece o Novo

Testamento. Temos cópias que datam de algumas gerações posteriores ao escrito dos originais, ao passo que, no

caso de outros textos antigos, talvez cinco, oito ou dez séculos tenham se passado entre o original e as cópias

mais antigas que sobreviveram. Além dos manuscritos gregos, temos também a tradução dos evangelhos para

outras línguas numa época relativamente antiga: para o latim, o siríaco e o copta. Além disso, temos o que

podemos chamar de traduções secundárias feitas pouco depois, como a armênia e a gótica. Há várias outras

além dessas: a georgiana, a etíope e uma grande variedade.

— De que forma isso nos ajuda?

—Mesmo que não tivéssemos nenhum manuscrito grego hoje, se juntássemos as informações fornecidas

por essas traduções que remontam a um período muito antigo, seria possível reproduzir o conteúdo do Novo

Testamento. Além disso, mesmo que perdêssemos todos os manuscritos gregos e as traduções mais antigas,

ainda seria possível reproduzir o conteúdo do Novo Testamento com base na multiplicidade de citações e

comentários, sermões, cartas etc. dos antigos pais da igreja.

Embora fosse impressionante, era difícil julgar tal prova isoladamente. Eu precisava de algum contexto

para avaliar melhor a singularidade do Novo Testamento. De que maneira, eu me perguntava, podemos

compará-lo a outras obras bem conhecidas da Antigüidade?

Uma montanha de manuscritos

— Quando o senhor fala da multiplicidade de manuscritos — prossegui —, de que modo isso contrasta

com outros livros antigos normalmente reputados pelos eruditos por confiáveis? Por exemplo, fale-me de

escritos de autores da época de Jesus.

Metzger consultou algumas anotações à mão que tinha trazido, prevendo minha pergunta.

— Veja o caso de Tácito, o historiador romano que escreveu os *Anais* por volta de 116 d.C. —

começou. — Seus primeiros seis livros existem hoje em apenas um manuscrito, copiado mais ou menos em 850

d.C. Os livros 11 a 16 estão em outro manuscrito do século xi. Os livros 7 a 10 estão perdidos. Portanto, há um

intervalo muito longo entre o tempo em que Tácito colheu suas informações e as escreveu e as únicas cópias

existentes. Com relação a Josefo, historiador do século I, temos nove manuscritos gregos de sua obra *Guerra*

dos judeus, todos eles cópias feitas nos séculos X a XII. Existe uma tradução latina do século IV e textos russos

dos séculos XI ou XII.

Eram números impressionantes, sem dúvida. Existe apenas uma seqüência muito tênue de manuscritos

ligando essas obras antigas ao mundo moderno.

— Só para comparar — perguntei —, quantos manuscritos do Novo Testamento

grego existem ainda

hoje?

Metzger arregalou os olhos.

— Há mais de 5 mil catalogados — disse ele entusiasmado, erguendo a voz em uma oitava.

Isso equivalia a uma montanha de manuscritos, se comparado com os formigueiros de Tácito e Josefo!

— Isso é incomum no mundo antigo? Qual seria o segundo colocado? — perguntei.

— O volume de material do Novo Testamento é quase constrangedor em relação a outras obras da

Antigüidade — disse ele. — O que mais se aproxima é a *Ilíada* de Homero, que era a bíblia dos antigos gregos.

Há menos de 650 manuscritos hoje em dia. Alguns são muito fragmentários. Eles chegaram a nós a partir dos

séculos 11 e m d.C. Se levarmos em conta que Homero redigiu seu épico em aproximadamente 800 a.C,

veremos que o intervalo é bastante longo.

"Bastante longo" era eufemismo; estávamos falando em mil anos! De fato, não havia comparação: a

existência de manuscritos do Novo Testamento constituía uma prova surpreendente quando justaposta a outros

escritos respeitados da Antigüidade — obras que os estudiosos modernos não relutam de forma alguma em

considerar autênticas.

Minha curiosidade em relação aos manuscritos do Novo Testamento fora

despertada. Pedi a Metzger

que me descrevesse alguns deles.

— Os mais antigos são fragmentos de papiros, que era um tipo de material para escrita feito da planta do

papiro que crescia às margens do delta do Nilo, no Egito — disse Metzger. — Existem atualmente 99

fragmentos de papiros com uma ou mais passagens ou livros do Novo Testamento. Os mais importantes já

descobertos são os papiros Chester Beatty, achados por volta de 1930. Destes, o número 1 apresenta partes dos

quatro evangelhos e do livro de Atos, datando do século III d.C. O papiro número 2 contém grandes porções de

oito cartas de Paulo além de trechos de Hebreus, e a data gira em torno de 200 d.C. O papiro número 3

compreende uma seção enorme do livro de Apocalipse, com data do século III d.C. Um outro grupo de

manuscritos de papiros importantes foi comprado por um bibliófilo suíço, Martin Bodmer. O mais antigo deles,

de aproximadamente 200 d.C, contém cerca de dois terços do evangelho de João. Um outro papiro, com partes

dos evangelhos de Lucas e João, é do século III d.C.

A essa altura, o intervalo entre a escrita das biografias de Jesus e os manuscritos mais antigos revelava-

se extremamente pequeno. Mas qual é o manuscrito mais antigo? Será que é possível chegar aos manuscritos

originais, que os especialistas chamam de "autógrafos"?

O refugo que mudou a história

— De todo o Novo Testamento — eu disse —, qual é a parte mais antiga que temos hoje?

Metzger não precisou refletir para responder.

— Um fragmento do evangelho de João com parte do capítulo 18. Tem cinco versículos, três de um

lado, dois de outro e mede cerca de 6,5 por nove centímetros — disse Metzger.

— Como foi descoberto?

— Foi comprado no Egito em 1920, mas passou despercebido durante anos em meio a outros

fragmentos de papiros semelhantes. Em 1934, porém, C. H. Roberts, do Saint Johris College, de Oxford,

trabalhava na classificação de papiros na Biblioteca John Rylands, em Manchester, na Inglaterra, quando

percebeu imediatamente que havia deparado com um papiro em que se achava preservado um trecho do

evangelho de João. Pelo estilo da escrita, ele foi capaz de datá-lo.

— E a que conclusão ele chegou? — perguntei. — É muito antigo?

— Ele concluiu que o manuscrito era de cerca de 100 a 150 d.C. Muitos outros paleógrafos famosos,

como *sir* Frederic Kenyon, *sir* Harold Bell, Adolf Deissmann, W. H. P. Hatch, Ulrich Wilcken e outros,

concordam com sua avaliação. Deissmann estava convencido de que o manuscrito remontava pelo menos ao

reinado do imperador Adriano, nos anos *117 a* 138 d.C, ou até mesmo ao do imperador Trajano, entre os anos

98 e 117 d.C.

Era uma descoberta formidável, porque os teólogos alemães céticos do século passado haviam postulado

enfaticamente que o quarto evangelho não fora redigido pelo menos até o ano 160 — numa época já bem

distante dos eventos do tempo de Jesus para que pudesse ter alguma utilidade histórica. Com isso, influenciaram

gerações de estudiosos, que zombavam da confiabilidade desse evangelho.

— Isso sem dúvida põe fim à essa teoria — comentei.

— Realmente — disse Metzger. — Temos aqui um fragmento muito antigo do evangelho de João

proveniente de uma comunidade das margens do rio Nilo, no Egito, muito distante de Éfeso, na Ásia Menor,

onde o evangelho provavelmente foi escrito.

Essa descoberta fez com que as pontos de vista populares da história fossem revistos, colocando o

evangelho de João muito mais próximo dos dias em que Jesus caminhou pela terra. Tomei nota disso

mentalmente para perguntar depois a um arqueólogo se havia outras descobertas que pudessem respaldar nossa

confiança no quarto evangelho.

Uma abundância de provas

Embora os manuscritos de papiros constituam as cópias mais antigas do Novo Testamento, existem

também cópias antigas escritas em pergaminhos, feitos de pele de gado, ovelhas, cabras e antílopes.

— Temos os chamados manuscritos unciais, escritos inteiramente em letras gregas maiúsculas —

Metzger explicou. — Temos hoje 306 exemplares, muitos dos quais remontam ao início do século III. Os mais

importantes são o *Códice sinaítico*, que é o único com o Novo Testamento completo em letras unciais, e o

Códice Vaticano, bastante incompleto. Ambos são de cerca de 350 d.C. Um novo estilo de escritura, de

natureza mais cursiva, emergiu por volta de 800 d.C. É chamado de minúscula, e há cerca de 2 856 manuscritos

desse tipo. Há também os lecionários, que contêm as Escrituras do Novo Testamento na seqüência de leitura

prescrita pela igreja primitiva em determinadas épocas do ano. Um total de 2 403 desses manuscritos já foram

catalogados. Com isso, o total geral de manuscritos gregos chega a 5 664.

De acordo com Metzger, além dos documentos gregos existem milhares de outros manuscritos antigos

do Novo Testamento em outras línguas. Existem entre 8 e 10 mil manuscritos da *Vulgata* latina, mais um total

de 8 mil em etíope, eslavo antigo e armênio. No total, há cerca de 24 mil manuscritos.

— Qual a sua opinião diante disso? — perguntei-lhe, buscando confirmar claramente o que julgava ter

ouvido. — No que se refere à multiplicidade de manuscritos e ao intervalo de tempo entre os originais e nossos

primeiros exemplares, qual a situação do Novo Testamento perante outras obras bem conhecidas da

Antigüidade?

— Muito boa — respondeu ele. — Podemos confiar imensamente na fidelidade do material que chegou

até nós, principalmente se o compararmos a qualquer outra obra literária antiga.

Essa conclusão é compartilhada por estudiosos eminentes de todo o mundo. De acordo com o falecido F.

F. Bruce, autor de *Merece confiança o Novo Testamento?*, "no mundo não há qualquer corpo de literatura

antiga que, à semelhança do Novo Testamento, desfrute uma tão grande riqueza de confirmação textual".16

Metzger já mencionara o nome de *sir* Frederic Kenyon, ex-diretor do Museu Britânico e autor de *The*

paleography of Greek papyrí [A paleografia dos papiros gregos]. Segundo Kenyon, "em nenhum outro caso o

intervalo de tempo entre a composição do livro e a data dos manuscritos mais antigos são tão próximos como

no caso do Novo Testamento".17

Sua conclusão: "Não resta agora mais nenhuma dúvida de que as Escrituras chegaram até nós

praticamente com o mesmo conteúdo dos escritos originais".18

Mas, e as discrepâncias entre os vários manuscritos? No tempo em que não havia ainda as velozes

máquinas fotocopia-doras, os manuscritos eram laboriosamente copiados à mão por escribas, letra por letra,

palavra por palavra, linha por linha, num processo muito propício a erros. Queria muito saber agora se esses

erros dos copistas tinham introduzido imprecisões irremediáveis nas Bíblias de hoje.

Examinando os erros

16 F. F. BRUCE, *The books and the parchments,* Old Tappan, Revell, 1963, p. 178, ap. Josh MCDOWELL, *Evidência que exige um*

veredito, 2. ed., São Paulo, Candeia, p. 53.

17 Frederic KENYON, *Handbook to the textual criticism of the New Testament,* New York, Macmillan, 1912, p. 5,ap. Ross CLIFFORD,

The case for the empty tomb, Claremont, Albatross, 1991, p. 33.

18 Frederic KENYON, *The Bible And Archaeology,* New York, Harper, 1940, p. 288.

— Dada a semelhança de escrita das letras gregas — eu disse — e as condições primitivas nas quais

trabalhavam os escribas, era grande a possibilidade de que eles introduzissem erros nos textos.

— Exato — concordou Metzger.

— Então é provável que existam milhares de variações nos manuscritos antigos que possuímos, não é

mesmo?

— Exato.

— Isso significa então que não podemos confiar neles? — perguntei num tom mais de acusação que de

interrogação.

— Não, senhor, não significa que não podemos confiar neles — respondeu Metzger categoricamente. —

Em primeiro lugar, os óculos só foram inventados em 1373, em Veneza. Tenho certeza de que muitos dos

antigos escribas sofriam de astigmatismo. Acrescente-se a isso a dificuldade que era, independentemente das

circunstâncias, ler manuscritos já apagados, cuja tinta havia perdido a nitidez. Havia também outros perigos —

falta de atenção da parte dos escribas, por exemplo. Portanto, embora a maior parte dos escribas fosse

escrupulosamente cuidadosa, alguns erros acabavam passando.

Mas— Metzger estava pronto a acrescentar — há outros fatos que compensam isso. Por exemplo, às

vezes a memória do escriba pregava-lhe peças. Entre olhar o que tinha de copiar e, em seguida, escrever o que

lera, ele podia acabar mudando a ordem das palavras. Ele escrevia exatamente as palavras que lera, porém na

seqüência errada. Isso não deve ser motivo para se alarme, já que o grego, ao contrário de outras línguas, como

o inglês ou o português, é uma língua que admite flexões.

— Isso quer dizer que... — interrompi.

— Que faz uma enorme diferença em português se você disser: "O cachorro morde o homem" ou: "O

homem morde o cachorro". A ordem das palavras é importante em português, mas não no grego. Uma palavra

pode funcionar como sujeito da oração independentemente de onde esteja colocada. Conseqüentemente, o

significado da oração não fica truncado se as palavras não estiverem na ordem que consideramos correta.

Existe, portanto, uma certa variação entre um manuscrito e outro, mas, em geral,

são variações de somenos

importância. As diferenças de grafia seriam um outro exemplo.

Mesmo assim, o número de "variações" ou de "diferenças" entre os manuscritos era preocupante. Eu já

tinha visto algumas estimativas da ordem de 200 mil variações.19 Metzger, contudo, não deu muita importância

a essa quantidade.

— O número parece grande, mas engana um pouco pelo modo como as variações são computadas —

disse ele, explicando que, se uma única palavra for escrita incorretamente em 2 mil manuscritos, contabilizam-

se 2 mil variações.

Concentrei-me na questão mais importante.

— Quantas doutrinas da igreja estão em risco por causa das variações?

— Não sei de nenhuma doutrina que esteja em risco — respondeu ele com convicção.

— Nenhuma?

— Nenhuma — ele repetiu. — Os testemunhas-de-jeová batem à sua porta e lhe dizem: "Sua Bíblia está

errada em 1João 5.7,8, onde se lê: 'o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um' (NVI, nota de rodapé).

Eles dirão que não é assim que esse texto aparece nos manuscritos mais antigos. E é verdade mesmo. Acho que

essas palavras só aparecem em cerca de sete ou oito cópias, todas dos séculos XV ou XVI. Admito que esse

texto não faz parte do que o autor de 1João foi inspirado a escrever. Isso, porém, não invalida o testemunho

sólido da Bíblia acerca da Trindade. No batismo de Jesus, o Pai fala, seu Filho amado é batizado e o Espírito

Santo desce sobre ele. No final de 2Coríntios, Paulo diz: *"A* graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a

comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês". A Trindade aparece representada em muitos lugares.

— Então as variações, sempre que ocorrem, normalmente são de importância secundária, e não

primordial?

— Sim, sim, é isso mesmo. Os estudiosos trabalham muito cuidadosamente para tentar solucioná-las,

devolvendo-lhes o significado original. As variações mais significativas não solapam nenhuma doutrina da

igreja. Qualquer Bíblia que se preza vem com notas que indicam as variações de texto mais importantes. Mas,

como eu já disse, esses casos são raros.

São tão raros que estudiosos como Norman Geisler e William Nix chegaram à seguinte conclusão: "... o

Novo Testamento não só sobreviveu em um número maior de manuscrito, mais que qualquer outro livro da

Antigüidade, mas sobreviveu em forma muito mais pura (99,5% de pureza) que qualquer outra obra grandiosa,

19 Norman L. GEISLER & William E. Nix, *Introdução bíblica:* como a Bíblia chegou até nós, São Paulo, Vida, 1997, p. 172.

sagrada ou não".20

Todavia, mesmo que seja verdade que a transmissão do Novo Testamento ao longo da história tenha

sido sem precedentes em sua confiabilidade, como saber se temos de fato o material completo?

E quanto às alegações de que os concílios da igreja teriam eliminado documentos igualmente legítimos

porque não gostavam da imagem que eles pintavam de Jesus? Como saber se os 27 livros do Novo Testamento

representam o que há de melhor e mais confiável em termos de informação? Por que nossas Bíblias trazem os

evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, enquanto muitos outros evangelhos antigos — o *Evangelho de*

Filipe, dos Egípcios, da Verdade, da Natividade de Maria — foram excluídos?

Era hora de nos voltarmos para a questão do "cânon", uma palavra de origem grega que significa

"regra", "norma" ou "padrão" e que descreve os livros aceitos como oficiais pela igreja e incluídos no Novo

Testamento.21 Metzger é considerado a principal autoridade nessa área.

Critérios para a unanimidade

— Como foi que os primeiros líderes da igreja determinaram quais livros seriam autorizados e quais

deveriam ser excluídos? — perguntei. — Que critérios foram utilizados para saber que documentos deveriam

ser incluídos no Novo Testamento?

—A igreja primitiva tinha basicamente três critérios — disse ele. — Em

primeiro lugar, os livros tinham

de ter autoridade apostólica, quer dizer, tinham de ter sido escritos ou pelos próprios apóstolos, que foram

testemunhas oculares acerca do que escreveram, ou por seus seguidores. Portanto, no caso de Marcos e Lucas,

embora não pertencessem ao grupo dos 12, diz uma antiga tradição que Marcos foi ajudante de Pedro, e Lucas,

companheiro de Paulo.

Em segundo lugar, havia o critério de conformidade com o que era conhecido como regra de fé. Isto é, o

documento estava em harmonia com a tradição cristã básica que a igreja reconhecia normativa. E, em terceiro

lugar, procurava-se estabelecer se um documento em especial gozara de aceitação e uso contínuos por toda a

igreja.

— Eles simplesmente aplicavam esses critérios e pronto? — perguntei.

— Bem, não seria muito correto dizer que esses critérios eram simplesmente aplicados de modo

automático — respondeu Metzger. — É claro que havia diferentes opiniões sobre quais critérios deveriam pesar

mais. O que chama mais a atenção, porém, é que, apesar de a periferia do cânon ter permanecido instável

durante algum tempo, havia um alto grau de unanimidade no tocante à maior parte do Novo Testamento durante

os dois primeiros séculos. Foi o que aconteceu em diversas congregações espalhadas em uma área muito ampla.

— Então — eu disse — os quatro evangelhos que temos no Novo Testamento pautaram-se por esses

critérios, ao passo que os outros não?

— Sim — confirmou Metzger. — Foi, se é que se pode falar assim, como se fosse uma espécie de

"sobrevivência do mais apto". Quando se referia ao cânon, Arthur Darby Nock costumava dizer aos seus alunos

em Harvard: "As estradas de maior trânsito da Europa são as melhores; por isso o trânsito é tão intenso". É uma

boa analogia. O comentarista britânico William Barclay formulou o pensamento da seguinte maneira: 'A

verdade pura e simples é que os livros do Novo Testamento entraram para o cânon porque não havia como

impedi-los de entrar". Podemos estar certos de que nenhum outro livro antigo pode se comparar ao Novo

Testamento em termos de importância para a história ou a doutrina cristãs. Quando estudamos a história

primitiva do cânon, saímos convencidos de que é no Novo Testamento que encontramos as fontes mais

fidedignas para a história de Jesus. Os que fixaram os limites do cânon tinham uma perspectiva clara e

equilibrada do evangelho de Cristo. Leia os outros documentos e veja por si mesmo. Eles foram escritos depois

dos quatro evangelhos, nos séculos II a VI, muito tempo depois de Jesus, e, em geral, são muito banais. Seus

nomes, como *o Evangelho de Pedro* e o *de Maria,* não correspondem aos autores verdadeiros. Por outro lado,

os quatro evangelhos do Novo Testamento foram prontamente aceitos com notável unanimidade como

portadores de conteúdo autêntico.

Mas eu sabia que alguns estudiosos liberais, principalmente os pertencentes ao propalado Seminário

Jesus, advogavam a inclusão do *Evangelho de Tome* em pé de igualdade com os outros quatro evangelhos

tradicionais. Será que esse evangelho misterioso fora vítima de guerras políticas dentro da igreja, tendo sido

finalmente excluído por causa de suas doutrinas pouco populares? Achei que tinha de testar Metzger nesse

20 Ibid., p. 176.

21 PATZIA, *The making of the New Testament*, p. 158.

ponto.

As "palavras secretas" de Jesus

— Dr. Metzger, *o Evangelho de Tome,* encontrado em meio aos documentos de Nag Hammadi,

descobertos no Egito em 1945, alega conter "as sentenças ocultas que o Jesus vivo pronunciou e Judas Tome, o

Gêmeo, registrou".22 Por que esse evangelho não foi aceito pela igreja?

Metzger conhecia muito bem o evangelho em questão.

— O *Evangelho de Tome* veio à luz no século V, em uma cópia em copta, que eu traduzi para o inglês

— disse ele. — Contém 114 sentenças atribuídas a Jesus, mas nenhuma narrativa do que Jesus fez. Parece ter

sido escrito em grego, na Síria, por volta de 140 d.C. Em alguns casos, creio que esse evangelho relata

corretamente as palavras de Jesus, com pequenas modificações.

Era uma afirmação estranha.

— Por favor, explique melhor — eu disse.

— Por exemplo, no evangelho de Tome (sent. 32), Jesus diz: "Uma cidade construída sobre alta

montanha e fortificada não pode cair, nem pode estar oculta".23 Aqui, foi acrescentado o adjetivo "alto," mas o

restante está em conformidade com o evangelho de Mateus. Ou quando Jesus diz: "Dêem a César as coisas que

são de César e dêem a Deus as coisas que são de Deus, e me dêem o que é meu".24 Nesse caso, a última frase

foi acrescentada. Todavia, existem coisas em Tome que são totalmente estranhas aos evangelhos canônicos.

Jesus diz: "Cortem a madeira, ali estou. Ergam uma pedra, e me acharão ali". Isso é panteísmo, a idéia segundo

a qual Jesus é coextensivo à substância deste mundo. Isso se opõe a tudo o que encontramos nos evangelhos

canônicos. O evangelho de Tome termina com uma nota onde se lê: "Simão Pedro disse a eles: 'Maria deveria

deixar-nos, pois as mulheres não são dignas da vida'. Jesus disse: 'Eu a guiarei para fazer dela homem, de modo

que também ela possa tornar-se um espírito vivo semelhante a vocês homens. Pois toda mulher que se tornar

homem entrará no reino do céu".25

Metzger ergueu as sobrancelhas como se estivesse surpreso com o que ele mesmo dissera.

— Ora, esse *não* é o Jesus que conhecemos dos quatro evangelhos canônicos — concluiu enfaticamente.

— E quanto à acusação de que Tomé teria sido excluído propositadamente dos concílios da igreja por

algum tipo de conspiração para silenciá-lo? — perguntei.

— Não há base histórica para isso — disse Metzger. — O que os sínodos e concílios fizeram no século

v e nos seguintes foi ratificar o que já tinha sido acatado pelos cristãos em toda parte. Não é certo dizer que o

Evangelho de Tome teria sido excluído por algum decreto do concilio. O certo é que o *Evangelho de Tome*

excluiu a si mesmo! Ele não estava de acordo com os outros testemunhos sobre Jesus que os cristãos primitivos

consideravam dignos de confiança.

— Então o senhor discordaria de quem quer que tentasse elevar Tome ao mesmo *status* dos quatro

evangelhos? — perguntei-lhe.

— Sim, discordaria enfaticamente. Creio que a igreja primitiva agiu de modo sensato ao descartá-lo.

Aceitá-lo agora, parece-me, seria aceitar algo de valor inferior aos outros evangelhos — replicou Metzger. —

Mas não me entenda mal. Acho que o *Evangelho de Tome* é um documento interessante, embora contenha

idéias panteístas e preconceituosas que sem dúvida o tornam indigno da

companhia dos demais. É preciso

entender que o cânon não resultou de uma série de disputas envolvendo políticas da igreja. O cânon, na

verdade, é uma separação decorrente da visão intuitiva dos cristãos. Eles ouviam a voz do Bom Pastor no

evangelho de João; mas, em Tome, ela soava obscura e distorcida em meio a uma porção de outras coisas.

Quando o cânon foi oficialmente fixado, ele simplesmente ratificou o que a percepção generalizada da igreja já

havia determinado. Como se vê, o cânon é uma lista de livros autorizados mais do que uma lista autorizada de

livros. Esses documentos não têm autoridade pelo fato de terem sido escolhidos; cada um deles já tinha

autoridade antes de serem

postos todos juntos. A igreja primitiva simplesmente foi sensível e percebeu que os relatos tinham autoridade.

Se alguém disser que o cânon foi fixado só depois que os concílios e as igrejas fizeram seu pronunciamento, é

como se dissesse: "Vamos pedir a várias academias de músicos para que digam que a música de Bach e

Beethoven é maravilhosa". Eu diria: "Obrigado por nada! Sabíamos disso antes mesmo que o pronunciamento

22 Marvin MEYER, *O evangelho de Tomé,* Rio de Janeiro, Imago, 1993, p. 33.

23 Ibid., p. 47.

24 Ibid., p. 71.

25 Ibid., p. 75.

fosse feito". Sabemos disso porque temos a percepção do que é boa música e do que não é. O mesmo vale para

o cânon.

Mesmo assim, ressaltei que alguns livros do Novo Testamento, principalmente Tiago, Hebreus e

Apocalipse, demoraram mais para ser aceitos do que os demais.

— Isso seria motivo para que suspeitássemos deles? — perguntei-lhe.

— Na minha opinião, isso demonstra apenas como a igreja primitiva era cautelosa — foi a resposta. —

Eles não se deixavam fascinar por qualquer documento novo com alguma referência sobre Jesus. Isso é prova

de deliberação e de análise cuidadosa. E claro que, ainda hoje, setores da igreja síria recusam-se a aceitar o livro

de Apocalipse, mas os fiéis daquela igreja são cristãos. Para mim, o livro de Apocalipse é uma parte

maravilhosa das Escrituras.

Metzger balançou a cabeça.

— Acho que eles ficam mais pobres com essa recusa.

O Novo Testamento é incomparável

Metzger fora persuasivo. Não havia nenhuma dúvida que pudesse pôr sob suspeita o fato de que o texto

do Novo Testamento havia chegado até nós com seu conteúdo preservado. Um dos predecessores ilustres de

Metzger no Seminário Teológico de Princeton foi Benjamin Warfield, detentor de quatro doutorados e

professor de teologia sistemática até sua morte em 1921. Ele dizia o seguinte:

Se comparamos o presente estado do texto do Novo Testamento com o de qualquer outra obra antiga, não há como não

considerá-lo maravilhosamente correto. Foi grande o cuidado com que o Novo Testamento foi copiado — um cuidado que, sem

dúvida, foi fruto de uma reverência genuína por suas palavras sagradas [...] O Novo Testamento não tem paralelo com nenhum escrito

antigo no que se refere ao grau de pureza com que seu texto foi efetivamente transmitido e é usado.26

Com relação aos documentos que foram acolhidos pelo Novo Testamento, não há, de modo geral,

nenhuma polêmica séria acerca da natureza da autoridade de 20 dos 27 livros que o compõem — de Mateus a

Filemom, e mais 1 Pedro e 1João. Incluem-se aí também, é claro, os quatro evangelhos, que representam as

biografias de Jesus.27 Os sete livros restantes "... foram aceitos plena e definitivamente...", de acordo com

Geisler e Nix.28

No tocante às pseudepígrafes, a proliferação de evangelhos, epístolas e apocalipses nos primeiros

séculos depois de Cristo, entre os quais o evangelho de Nicodemos, Barnabé, Bartolomeu, André, a epístola de

Paulo aos Laodicenses, o apocalipse de Estevão e outros, "praticamente nenhum pai da igreja, cânon ou concilio

declarou que um desses livros seria canônico. [...] O conteúdo deles resume-se em ensinos heréticos, eivados de

erros".29 De fato, aceitei o desafio de Metzger e li vários deles.

Comparados à qualidade do testemunho ocular de Mateus, Marcos, Lucas e João, com seu cuidado,

sobriedade e precisão, aqueles livros realmente merecem as palavras que lhes dedicou Eusébio, o historiador da

igreja primitiva: "totalmente absurdos e ímpios".30

Eles estavam distantes demais do ministério de Jesus para dar alguma contribuição realmente

significativa à minha investigação, já que foram escritos tardiamente, nos séculos V e VI. Além do quê, seu

caráter freqüentemente mítico os desqualifica como documentos históricos confiáveis.

Concluída essa etapa, chegara o momento de seguir adiante com minha investigação. Tinha muita

curiosidade em saber o quanto havia de evidências *fora* dos evangelhos acerca da existência desse carpinteiro

fazedor de milagres do século I. Será que os historiadores confirmam ou contradizem as declarações do Novo

Testamento sobre sua vida, ensinamentos e milagres? Sabia que isso me levaria a Ohio, para me encontrar com

um dos mais destacados estudiosos do assunto do país.

Ao nos levantarmos, agradeci ao dr. Metzger pelo tempo que gastara comigo, bem como por seus

esclarecimentos. Ele sorriu calorosamente e se ofereceu para me acompanhar até o andar inferior. Não queria

mais tomar tempo algum de sua tarde de sábado, mas minha curiosidade não me

permitiria sair de Princeton

26 Benjamin B. WARFIELD, *Introduction to textual criticism of the New Testament*, London, Hodder & Stoughton, 1907, p. 12-3.

27 GEISLER & Nix, *Introdução bíblica*, p. 111. Eles observam que alguns incluem Filemom, 1Pedro e 1João entre os livros discutíveis,

"no entanto é melhor dizer que foram omitidos, não questionados".

28 Ibid., p. 118.

29 Ibid., p. 112. Isso não inclui os apócrifos, os quais foram aceitos por algumas igrejas por determinado período e hoje são

considerados livros de valor, embora não canônicos. Exemplos: *O pastor,* de Hermas, *Epístola aos coríntios, Epístola de Pseudo-*

Barnabé, Didaquê, Apocalipse de Pedro, Os atos de Paulo e Tecla e *Homília antiga* ou *Segunda epístola de Clemente.*

30 Ibid., p. 111.

sem que eu satisfizesse uma última curiosidade.

— Todos esse anos de estudos, de erudição, escrevendo livros e se aprofundando nas minúcias do texto

do Novo Testamento: que efeito teve tudo isso sobre sua fé pessoal? — perguntei-lhe.

— Oh — disse ele —, fico feliz por ter a oportunidade de falar sobre o assunto. Quando vejo a coerência

de todo esse material que chegou até nós em uma multiplicidade de cópias, algumas delas antiqüíssimas, a base

de minha fé pessoal só pode crescer.

— Então — eu disse — a erudição não apagou sua fé... Metzger me interrompeu antes que eu pudesse

concluir a

frase.

— Pelo contrário: ressaltou. Ela ajudou a edificá-la. Sempre me questionei, aprofundei-me nos textos,

estudei-os do começo ao fim, e hoje digo com certeza que minha fé em Jesus repousa sobre uma base muito

sólida.

Ele fez uma pausa enquanto seus olhos me sondavam o rosto. Em seguida, acrescentou enfaticamente:

— *Muito* sólida.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Depois de ler a entrevista com o dr. Metzger, como você avalia o processo pelo qual o Novo Testamento nos

foi transmitido? Por que motivos você considera esse processo confiável ou não?

2. Examine uma versão qualquer do Novo Testamento e procure identificar algumas passagens que admitem

variação, observando as notas marginais. Anote algumas das variações encontradas. De que modo a existência

de variações influencia sua compreensão dessas passagens?

3. Você acha sensatos os critérios de admissão de um documento ao conjunto do Novo Testamento? Por que

sim ou por que não? Existem outros critérios que deveriam ser levados em conta? Que desvantagens levam os

estudiosos que procuram pressupor as decisões da igreja primitiva quanto à

inclusão ou não de um documento

na Bíblia?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

BRUCE, F. E *The canon of Scripture.* Downers Grove, InterVarsity, 1988.

GEISLER, Norman L. & William E. Nix. *Introdução bíblica:* como a Bíblia chegou até nós. São Paulo, Vida,

1997.

METZGER, Bruce M. *The canon of the New Testament.* Oxford, Clarendon, 1987.

The text of the New Testament. New York, Oxford Univ., 1992.

PATZIA, Arthur G. *The making ofthe New Testament.* Downers Grove, InterVarsity, 1995.



A prova corroborativa

Existem evidências confiáveis a favor de Jesus

além de suas biografias?

Harry Aleman virou-se para mim de dedo em riste.

— *Você!* — balbuciou, cheio de ódio. — Por que não pára de escrever sobre mim?

Depois, deu meia-volta e desapareceu pelas escadas dos fundos para escapar dos repórteres que o perseguiam

pelo prédio do tribunal.

Era realmente difícil ser repórter policial em Chicago na década de 70 e *não* escrever sobre Harry

Aleman. Afinal de contas, ele era o pistoleiro predileto do mundo do crime. E a população de Chicago, em uma

atitude mórbida, adorava notícias sobre criminosos.

Os promotores queriam pôr Aleman atrás das grades a todo custo por causa de uma suspeita de

execução a sangue-frio que ele teria cometido a pedido de seus chefes fora-da-lei. O problema, é claro, era a

dificuldade em achar alguém que se dispusesse a depor contra um assassino com a reputação de Aleman.

Surgiu então a grande oportunidade que os promotores esperavam. Um dos antigos comparsas de

Aleman, Louis Almeida, tinha sido preso quando se preparava para matar um funcionário de sindicato. Preso

sob a acusação de uso ilegal de armas e sentenciado a dez anos de prisão,

Almeida concordou em testemunhar

contra Aleman em Chicago — se os promotores concordassem em demonstrar clemência para com ele.

Isso significava que Almeida tinha motivos para cooperar, o que sem dúvida nenhuma poderia

comprometer um pouco a credibilidade de seu testemunho. Os promotores chegaram à conclusão de que seria

preciso respaldar o testemunho dele para garantir a condenação de Aleman, por isso saíram em busca de alguém

que pudesse confirmar o testemunho de Almeida.

O dicionário dá a seguinte definição para *corroborar:* "Dar força a; confirmar, comprovar". Assim, por

exemplo, podemos dizer: "Ele corroborou meu relato do acidente". A prova corroborativa fortalece outro

testemunho; ela afirma ou dá respaldo aos elementos essenciais do testemunho ocular. Pode ser uma informação

de arquivo público, uma fotografia, um testemunho extra de uma segunda ou terceira pessoa. A prova

corroborativa confirma todo o testemunho de uma pessoa ou pelo menos as partes fundamentais dele.

Na verdade, a prova corroborativa atua como as cordas metálicas que prendem as altas antenas,

mantendo-as firmes e na posição correta. Quanto mais provas corroborativas houver, tanto mais fortalecido e

confiável permanece o testemunho.

Mas onde é que os promotores iriam achar provas corroborativas para o

depoimento de Almeida? A

resposta veio de uma fonte surpreendente: um cidadão pacífico e obediente às leis chamado Bobby Lowe disse

aos investigadores que estava passeando com seu cachorro quando viu Aleman assassinar o administrador de

um sindicato. Apesar da terrível má fama de Aleman, Lowe concordou em respaldar a história de Almeida e

testemunhar contra o criminoso.

O poder da corroboração

No julgamento de Aleman, Lowe e Almeida fascinaram os jurados com suas histórias. O relato de

Almeida, que fora o motorista do carro de fuga, coincidia com a descrição objetiva do homicídio que Lowe

presenciara em plena calçada pública, quando viu Aleman assassinar sua vítima, na noite de 27 de setembro de

1972.

Os promotores achavam que tinham cercado o caso do temido pistoleiro por todos os lados, mas, no

decorrer do julgamento, sentiram que havia algumas peças soltas. Sua desconfiança veio à tona logo que

Aleman optou por uma audiência perante o juiz.

No final do julgamento, as suspeitas dos promotores de que algo de muito ruim estava acontecendo se

confirmaram: apesar do testemunho convincente de Lowe e Almeida, o juiz acabou declarando Aleman

inocente e o libertou.

O que acontecera? Lembre-se de que esse fato aconteceu em Cook County, no Estado de Illinois, onde a

corrupção medra em silêncio. Anos depois, veio a público que o juiz fora subornado com dez mil dólares em

troca da absolvição de Aleman. Quando um agente do FBI revelou o que se passara, o juiz, já então aposentado,

suicidou-se. A promotoria entrou novamente com a acusação de assassinato contra Aleman.

Na época em que o segundo julgamento foi instaurado, a lei tinha sido alterada, de modo que a

promotoria pôde submeter o caso ao júri. E foi o que fizeram. Finalmente, passados 25 anos desde a ocorrência

do crime, Aleman foi considerado culpado e condenado a 130 anos de cadeia.31

Apesar da demora, o caso Aleman mostra a importância da prova corroborativa. O mesmo vale quando

lidamos com questões históricas. Já sabemos, por meio do depoimento do dr. Craig Blomberg, que nos

evangelhos há prova ocular de excelente qualidade sobre a vida, os ensinamentos, a morte e a ressurreição de

Jesus Cristo. Mas será que existe alguma outra prova que possa corroborar isso? Existem escritos fora dos

evangelhos que afirmam ou respaldam algumas das informações fundamentais sobre Jesus ou o cristianismo

primitivo?

Isto é, há alguma documentação extra que possa ajudar-nos a fechar o "caso Cristo", assim como o

testemunho de Bobby Lowe encerrou o caso Harry Aleman? A resposta, de acordo com nossa próxima

testemunha, é positiva. E é bem provável que o volume e a qualidade das provas nos deixem muito surpresos.

Terceira entrevista: Edwin M. Yamauchi, Ph.D.

Quando entrei no imponente edifício de alvenaria da Universidade de Miami, onde está localizado o

escritório de Edwin Yamauchi, na pitoresca Oxford, Ohio, passei sob um arco de pedra onde se lia a seguinte

inscrição: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Como um dos principais especialistas do país

em história antiga, Yamauchi passou boa parte de sua vida em busca da verdade histórica.

Nascido no Havaí, em 1937, filho de imigrantes de Okinawa, Yamauchi é de origem humilde. Seu pai

morreu logo depois do ataque dos japoneses a Pearl Harbor, obrigando sua mãe a ganhar o sustento com a parca

remuneração que recebia das famílias abastadas. Embora não tivesse educação formal, ela incentivou o filho a

ler e a estudar, presenteando-o com livros cheios de belas ilustrações, o que acabou instilando nele um amor

duradouro pelo conhecimento.

Não há dúvida de que suas conquistas acadêmicas são impressionantes. Depois de se formar em

hebraico e estudos helenísticos, Yamauchi fez mestrado e doutorado em estudos mediterrâneos na Brandeis

University.

Yamauchi é membro de oito instituições, dentre elas a Rutgers Research Council, a National Endowment for

the Humanities, a American Philosophical Society e outras. Ele estudou 22 línguas, entre as quais árabe, chinês,

egípcio, russo, siríaco, ugarítico e até comanche.

No total, já apresentou 71 monografias perante sociedades de pesquisa; ensinou em mais de cem

seminários, universidades e faculdades, como Yale, Princeton e Cornell; foi dirigente e depois presidente do

Instituto de Pesquisas Bíblicas e presidente da Conferência sobre Fé e História; publicou 80 artigos em 37

periódicos acadêmicos.

Em 1968, participou das primeiras escavações no templo de Herodes, em Jerusalém. Encontraram-se ali

provas da destruição do templo em 70 d.C. A arqueologia também é tema de vários de seus livros, como, por

exemplo, *The stones and the Scriptures [As pedras e as Escrituras], The Scriptures and Archeology [As*

Escrituras e a arqueologia] e *The world of the first Christians [O mundo dos primeiros cristãos].*

Embora nascido em um lar budista, Yamauchi segue a Cristo desde 1952, o ano em que nasci. Eu estava

bastante curioso para saber se seu compromisso com Cristo, já tão antigo, não teria afetado sua avaliação da

prova histórica. Será que ele permaneceria fiel aos fatos ou será que se sentiria

tentado a tirar conclusões além

das que as provas permitiam?

Percebi que Yamauchi portava-se de maneira gentil e despretensiosa. Apesar de seu jeito macio de falar,

nota-se que é uma pessoa muito atenta. Suas respostas são completas e detalhadas, sempre interrompendo suas

explicações para acrescentar cópias de artigos acadêmicos que escreveu sobre o assunto. Um bom especialista

sabe que, quanto mais dados, melhor.

Sentamo-nos no interior de seu escritório abarrotado de livros, no coração de um campus cheio de

árvores tingidas com o brilho das cores do outono, para conversar sobre um tema que ainda faz seus olhos

brilharem, mesmo depois de tantos anos de pesquisa e ensino.

31 MAURICE POSSLEY, Mob hit man Aleman gets one hundred to three hundred years, *Chicago Tribune*, 26 Oct. 1997.

Confirmando os evangelhos

Não queria dar a entender — por causa de minha entrevista com Blomberg — que tínhamos de ir além

dos evangelhos para buscar uma prova confiável sobre Jesus. Portanto, comecei fazendo a Yamauchi a seguinte

pergunta:

— Como historiador, de que modo o senhor avalia a confiabilidade histórica dos evangelhos?

— De modo geral, os evangelhos são fontes de excelente qualidade — disse ele. — Na verdade, eles são

as fontes mais confiáveis, completas e fidedignas sobre Jesus. As fontes incidentais realmente não apresentam

informações muito detalhadas; todavia, são valiosas enquanto provas corroborativas.

— Muito bem — eu disse —, é isto o que quero discutir: a prova corroborativa. Sejamos francos:

algumas pessoas zombam dizendo que esse tipo de prova é muito rara. Em 1979, por exemplo, Charles

Templeton escreveu um romance intitulado *Acts of God [Atos de Deus]*, em que um arqueólogo fictício fazia

uma afirmação que reflete o que muita gente pensa.

Peguei o livro e li o parágrafo em questão:

A igreja [cristã] faz suas declarações com base, principalmente, nos ensinos de um judeu jovem e obscuro com pretensões

messiânicas e que, a bem da verdade, não causou uma impressão muito

significativa durante a vida. Não há uma palavra sequer a seu

respeito na história secular. Nenhuma. Os romanos não o mencionam. Josefo apenas o cita, nada mais.32

— Então — eu disse incisivamente — isso não parece oferecer muita corroboração à vida de Jesus fora

da Bíblia.

Yamauchi sorriu e balançou a cabeça.

— O arqueólogo de Templeton está simplesmente enganado — disse ele, fazendo pouco daquelas

palavras — porque temos muitíssimas referências importantes sobre Jesus em Josefo e Tácito. Os próprios

evangelhos dizem que muitos dos que o ouviram, até mesmo membros de sua família, não creram nele

enquanto ele viveu; porém, a impressão que causou foi tanta que hoje Jesus é lembrado por toda parte, ao passo

que Herodes, o Grande, Pilatos e outros legisladores antigos não são tão conhecidos assim. Portanto, ele

certamente causou forte impressão naqueles que o conheceram.

Yamauchi fez uma pausa e depois acrescentou:

— Os que não acreditaram nele, logicamente, não ficaram impressionados.

O testemunho de um traidor

Templeton e Yamauchi haviam mencionado Josefo, um historiador do século I bastante conhecido entre

os acadêmicos, mas cujo nome não é familiar a muita gente hoje em dia.

— Diga-me algo a respeito dele — eu disse — e me explique de que modo o seu testemunho traz

corroboração concernente a Jesus.

— Sim, é claro — respondeu Yamauchi enquanto cruzava as pernas e se acomodava melhor em sua

cadeira. — Josefo era um historiador judeu muito importante do século I. Ele nasceu em 37 d.C. e escreveu a

maior parte de suas quatro obras por volta do final do século I. Em sua autobiografia, defendeu seu

posicionamento na guerra entre judeus e romanos, de 66 a 74 d.C. O fato é que Josefo rendera-se ao general

romano Vespasiano durante o cerco de Jotapata, enquanto muitos de seus colegas preferiram o suicídio à

rendição.

O professor deu um leve sorriso e prosseguiu.

— Josefo achava que não era o desejo de Deus que ele se suicidasse, por isso tornou-se defensor dos

romanos.

Josefo me pareceu uma personagem interessante; queria mais detalhes a seu respeito para que pudesse

compreender suas motivações e preconceitos.

— Gostaria que o senhor traçasse para mim o perfil de Josefo — eu disse.

— Ele era um sacerdote e um fariseu bastante egoísta. Sua obra mais ambiciosa recebeu o nome de

Antigüidades, e nela ele contava a história do povo judeu, da criação até os seus dias. É provável que a tenha

terminado em torno de 93 d.C. Por seu colaboracionismo com os romanos, Josefo era muito odiado por seus

compatriotas judeus. Tornou-se, porém, bastante popular entre os cristãos, porque em seus escritos refere-se a

Tiago, o irmão de Jesus, e ao próprio de Jesus.

Esse seria o nosso primeiro exemplo a corroborar a vida de Jesus fora dos evangelhos.

— Fale-me sobre essas menções — eu disse.

32 Charles TEMPLETON, *Act of God*, New York, Bantam, 1979, p. 152.

— Nas *Antigüidades* — continuou Yamauchi —, ele descreve como um alto sacerdote de nome Ananias

aproveitou-se da morte de Festo, governador romano, que também é mencionado no Novo Testamento, para

mandar matar Tiago.

Yamauchi inclinou-se em direção à estante, puxou um volume grosso e o folheou em busca de uma

passagem que parecia saber perfeitamente onde estava.

— Ah, aqui está — disse ele. — "Convocou então uma reunião do Sinédrio e trouxe perante ele um

homem chamado Tiago, o irmão de Jesus, chamado o Cristo, e alguns outros. Ele os acusou de transgredir a lei

e condenou-os ao apedrejamento".33 Não conheço nenhum estudioso — disse Yamauchi categoricamente —

que tenham conseguido colocar em dúvida essa passagem. L. H. Feldman observou que, se esse fosse um

acréscimo cristão posterior ao texto, muito provavelmente teria um tom mais elogioso à conduta de Tiago.

Temos aqui, portanto, uma referência ao irmão de Jesus, que, ao que parece, teria se convertido ao ver Cristo

ressuscitado, bastando comparar João 7.5 e 1Coríntios 15.7, que corrobora o fato de que, para algumas pessoas,

Jesus era o Cristo, que significa "Ungido" ou "Messias".

"Viveu Jesus..."

Eu sabia que Josefo havia escrito um texto maior ainda sobre Jesus, o *Testimonium flavianum.* Sabia

também que essa passagem era das mais polêmicas na literatura antiga porque, ao que parece, confirmava

totalmente a existência de Jesus, seus milagres, morte e ressurreição. Porém, seria um documento autêntico? Ou

teria sido adulterado ao longo dos anos em benefício das pessoas favoráveis a Cristo?

Pedi a Yamauchi sua opinião, e logo ficou claro que tinha tocado em um tema que o interessava

profundamente. Ele descruzou as pernas e endireitou-se na cadeira.

— Essa é uma passagem fascinante — disse ele entusiasmado, inclinando-se para a frente com o livro

nas mãos. — É verdade, é um texto controvertido.

Em seguida, leu-o para mim:

Nesse mesmo tempo apareceu Jesus, que era um homem sábio, se todavia devemos considerá-lo simplesmente como um

homem, tanto suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente

por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios. Era o Cristo. Os mais ilustres da nossa nação acusaram-no perante Pilatos e ele fê-

lo crucificar. Os que o haviam amado durante a vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no

terceiro dia, como os santos profetas o tinham predito e que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, que vemos ainda

hoje, tiraram seu nome.34

A riqueza do material que confirma os fatos referentes a Cristo era facilmente perceptível.

— O senhor concorda em que o texto é controvertido. Qual foi a conclusão dos estudiosos sobre essa

passagem? — perguntei-lhe.

— Os estudos a respeito desse material atravessaram três fases diferentes — respondeu Yamauchi. —

Por motivos óbvios, os primeiros cristãos interpretaram-no como uma comprovação 100% autêntica sobre Jesus

e sua ressurreição. Eles reverenciavam esse material. Depois, a passagem inteira foi posta em dúvida por alguns

eruditos na época do iluminismo. Hoje em dia, porém, há um consenso notável tanto entre os estudiosos judeus

quanto entre os cristãos de que essa passagem é totalmente autêntica, embora

possa haver algumas

interpolações.

Ergui as sobrancelhas, chocado.

— Interpolações? O senhor poderia explicar o que significa isso?

— Isso significa que os primeiros copistas cristãos inseriram algumas frases que um escritor judeu como

Josefo jamais escreveria — disse Yamauchi.

— Por exemplo — prosseguiu, destacando uma frase do livro —, a primeira linha diz que "nesse mesmo

tempo apareceu Jesus, que era um homem sábio". Essa frase não costumava ser usada pelos cristãos em

referência a Jesus, portanto deve ser de fato da autoria de Josefo. A frase seguinte, porém, diz: "... se todavia

devemos considerá-lo simplesmente como um homem". Isso implica que Jesus seria mais do que humano, o

que deve ser uma interpolação.

Balancei afirmativamente a cabeça, para que Yamauchi soubesse que eu estava seguindo sua linha de

raciocínio.

33 Flávio JOSEFO, *História dos hebreus,* Rio de Janeiro, CPAD, 1991, 2, p. 203. V. tb. Edwin YAMAUCHI, Josephus and the Scriptures,

Fides et historia 13, 1980, p. 42-63.

34 JOSEF0, p. 156.

— Depois, lemos: "... suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos

na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios". Essa frase parece

estar plenamente de acordo com o vocabulário que Josefo utiliza em outras passagens, e costuma ser

considerada autêntica. Mas vem em seguida uma declaração ambígua: "Era o Cristo", o que parece ser uma

interpolação.

— Isso porque — eu o interrompi — Josefo diz em sua referência a Tiago que Jesus "era *chamado*

Cristo".

— Exato — disse Yamauchi. — É improvável que Josefo dissesse tão categoricamente aqui que Jesus

era o Messias, enquanto em outras passagens ele diz simplesmente que Jesus era *considerado* o Messias por

seus seguidores. O trecho seguinte da passagem, em que são mencionados o julgamento e a crucificação de

Jesus e o fato de que seus seguidores ainda o amavam, não é incomum e é considerado genuíno. Em seguida,

vem a frase: "No terceiro dia, ele apareceu diante deles com a vida restituída". Estamos novamente diante de

uma declaração explícita de fé na ressurreição, portanto é pouco provável que Josefo seja de fato seu autor.

Esses três elementos, ao que tudo indica, parecem ser interpolações.

— E a que conclusão chegamos? — perguntei-lhe.

— Que esse trecho de Josefo, a princípio, dizia respeito a Jesus, mas sem esses três pontos que

mencionei. Apesar disso, Josefo confirma informações importantes sobre Jesus: que ele foi o líder matirizado

da igreja de Jerusalém e que foi um mestre sábio, tendo deixado vários discípulos, embora tenha sido

crucificado por ordem de Pilatos, instigado por alguns dos líderes judeus.

A importância de Josefo

Embora essas referências fossem de fato provas independentes e importantes sobre a existência de Jesus,

eu não conseguia entender por que um historiador como Josefo não teria procurado mais informações sobre

uma figura de tal importância do século 1. Eu sabia que alguns céticos, como Michael Martin, filósofo da

Universidade de Boston, fizeram a mesma crítica.

Quis saber de Yamauchi o que ele achava da afirmação de Martin, para quem Jesus Cristo nunca existiu:

"Se Jesus tivesse existido, era de esperar que Josefo [...] tivesse dito algo mais a respeito dele [...] É

surpreendente que Josefo o mencione de passagem [...] enquanto cita outras figuras messiânicas e João Batista

dando vários detalhes a respeito deles".35

Yamauchi respondeu-me de modo enérgico pouco usual.

— De tempos em tempos, aparece alguém que tenta negar a existência de Jesus, mas isso é pura perda

de tempo — disse em um tom exasperado. — Existem provas irrefutáveis de que Jesus existiu, portanto esses

questionamentos hipotéticos são muito vazios e falaciosos. Eu, porém,

responderia do seguinte modo: Josefo

estava interessado em questões políticas e na luta contra Roma; assim sendo, João Batista era mais importante,

porque ele parecia representar uma ameaça política maior que Jesus.

— Espere um instante. Não é verdade que alguns estudiosos retrataram Jesus como zelote, ou pelo

menos como simpatizante deles? — interrompi, referindo-me a um grupo revolucionário do século i que se

opunha politicamente a Roma.

Yamauchi descartou a objeção com um aceno de mão.

— Os próprios evangelhos não dão respaldo a essa suposição. Lembre-se de que Jesus não se opunha ao

pagamento de impostos aos romanos. Portanto, como Jesus e seus seguidores não representavam nenhuma

ameaça política, compreende-se perfeitamente que Josefo não se interesse por aquela seita — embora,

retrospectivamente, suas observações tenham sido muitíssimo importantes.

— Então, na sua opinião, qual a importância dessas duas referências de Josefo?

— São altamente significativas — respondeu Yamauchi — principalmente depois que se comprovou a

precisão de seus relatos sobre a guerra dos judeus. Eles foram corroborados, por exemplo, pelas escavações

arqueológicas em Massada, bem como por historiadores como Tácito. Josefo é considerado um historiador

bastante confiável; além disso, a menção que faz do nome de Jesus é tida por extremamente importante.

A "superstição perniciosa"

Yamauchi acabara de mencionar o historiador romano mais importante do século I. Eu queria saber o

35 Michael MARTIN, *The case against Christianity,* Philadelphia, Temple Univ. Press, 1991, p. 49.

que Tácito tinha a dizer sobre Jesus e o cristianismo.

— O senhor poderia dar mais detalhes sobre essa corrobo-ração? — pedi-lhe.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tácito deixou registrada o que é provavelmente a referência mais importante sobre Jesus fora do

Novo Testamento — disse ele. — No ano 115 d.C, ele afirma explicitamente que Nero perseguiu os cristãos e

fez deles bodes expiatórios para desviar as suspeitas de ter sido ele o culpado pelo incêndio que devastou Roma

em 64 d.C.

Yamauchi levantou-se e foi até a estante, examinando-a em busca de um livro.

— Ah, sim, aqui está — disse ele, pegando um volume bem grosso e folheando-o até encontrar a

passagem que queria. Depois, leu-a para mim:

... para acabar com os rumores, [Nero] acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãs, que eram odiadas por

suas atrocidades, e as puniu com as mais terríveis torturas. Christus, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à morte por

Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não

apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também por toda a cidade de Roma.36

Eu já conhecia essa passagem, e estava ansioso para saber o que Yamauchi diria sobre a observação de

um estudioso muito influente, J. N. D. Anderson.

— Anderson acha que Tácito, ao se referir a essa "superstição perniciosa" que Pilatos "reprimia, por

algum tempo", mas que "irrompeu [...] novamente", referia-se, inconscientemente, à crença dos primeiros

cristãos de Jesus ter sido crucificado, mas que se levantara da sepultura. O senhor concorda com ele? —

perguntei-lhe.

Yamauchi refletiu durante alguns segundos.

— Essa é sem dúvida a interpretação de alguns estudiosos — disse ele como se, aparentemente, evitasse

me dar sua opinião. Em seguida, porém, fez uma observação de fundamental importância. —

Independentemente de a passagem se referir de maneira específica a isso ou não, ela nos mostra algo notável:

não havia sina pior para alguém que a crucificação, e o fato de haver um movimento que se baseava em um

homem crucificado precisava de explicação. Como o senhor explica que uma religião baseada na adoração de

um homem que padeceu a morte mais ignominiosa possível tenha se difundido tanto? E claro que os cristãos

vão dizer que foi por causa da ressurreição. Os que não crêem nela terão de

formular uma teoria diferente. Em

minha opinião, porém, nenhuma das duas alternativas é muito persuasiva.

Pedi-lhe que definisse melhor o peso dos escritos de Tácito com relação a Jesus.

— Trata-se de um depoimento importante da parte de uma testemunha que não simpatiza com o sucesso

e com a difusão do cristianismo, baseado em uma personagem histórica, Jesus, crucificado por ordem de Pôncio

Pilatos — respondeu ele. — É significativo o fato de que Tácito se refira à "multidão imensa" apegada de tal

forma às suas crenças que preferia morrer a abjurá-la.

"Tratando-o como Deus"

Sabia que outro romano, Plínio, o Jovem, também havia se referido ao cristianismo em seus escritos.

— Ele corroborou alguns pontos importantes também, não é mesmo? — perguntei-lhe.

— Correto. Ele era sobrinho de Plínio, o Velho, o famoso enciclopedista que morreu na erupção do

Vesúvio, em 79 d.C. Plínio, o Jovem, tornou-se governador da Bitínia, no Noroeste da Turquia. Grande parte de

sua correspondência com seu amigo, o imperador Trajano, foi preservada até os dias de hoje.

Yamauchi pegou uma fotocópia de uma página de livro.

— No livro 10 de suas cartas — disse o professor —, ele se refere especificamente aos cristãos que

prendeu.

Eles afirmaram [...] que sua única culpa, seu único erro, era terem o costume de se reunirem antes do amanhecer num certo

dia determinado, quando então cantavam responsivamente os versos de um hino a Cristo, tratando-o como Deus, e prometiam

solenemente uns aos outros não cometerem maldade alguma, não deflaudarem, não roubarem, não adulterarem, nunca mentirem, e

não negar a fé quando fossem instados a fazê-lo.37

— Qual a importância dessa referência?

— Ela é muito importante. Foi escrita provavelmente em cerca de 111 d.C. e mostra como o

cristianismo se espalhou rapidamente, tanto na cidade quanto no campo, em meio a todas as classes sociais,

36 TÁCITO, *Anais* 15.44, ap. *Evidência...*, p. 104.

37 PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas* 10.96, ap. Josh MCDOWELL, *Evidência...*, p. 106.

sejam elas compostas por mulheres escravas, sejam por cidadãos romanos, uma vez que ele menciona o fato de

mandar para Roma os cristãos romanos para julgamento. Fala também da adoração a Jesus como Deus, que os

cristãos mantinham padrões éticos elevados e que não se deixavam abalar facilmente em sua fé.

O dia em que a terra escureceu

Para mim, uma das referências mais problemáticas do Novo Testamento é a declaração dos evangelistas

de que a terra ficou em trevas durante parte do tempo em que Jesus esteve pendurado na cruz. Não seria esse

um mero recurso literário para enfatizar o significado da crucificação e, de forma alguma, uma ocorrência

histórica verdadeira? Afinal de contas, se a terra tivesse se recoberto de trevas, não haveria ao menos uma

menção desse fato extraordinário fora da Bíblia?

O dr. Gary Habermas, contudo, menciona um historiador chamado Talo que, em 52 d.C, escreveu uma

história do mundo mediterrâneo desde a Guerra de Tróia. Embora o trabalho de Talo tenha se perdido, foi

citado por Júlio Africano por volta de 221 d.C. e, ali, há menção das trevas de que falam os evangelhos! **38**

— Será possível — perguntei — que temos aí uma corrobo-ração extrabíblica para o que declaram as

Escrituras?

— Nessa passagem — Yamauchi explicou —, Júlio Africano diz que "Talo, no terceiro livro de

histórias, explica o fato como um eclipse solar, embora, a mim, não me pareça uma explicação razoável".

Portanto, ao que tudo indica, Talo confirma a ocorrência das trevas no momento da crucificação e atribui sua

causa provável a um eclipse solar. Júlio Africano diz então que não era possível que fosse um eclipse o evento

ocorrido na hora da crucificação.

Yamauchi aproximou-se mais da escrivaninha e pegou um pedaço de papel.

— Escute o que diz o estudioso Paul Maier sobre as trevas em uma nota de rodapé em seu livro *Pontius*

Pilate [Pôncio Pilatos], de 1968:

Esse fenômeno, evidentemente, foi visível em Roma, Atenas e outras cidades do mediterrâneo. Segundo Tertuliano [...] foi

um evento "cósmico" ou "mundial". Phlegon, um autor grego da Caria, escreveu uma cronologia pouco depois de 137 d.C. em que

narra como no quarto ano das Olimpíadas de 202 (ou seja, 33 d.C), houve um grande "eclipse solar", e que "anoiteceu na sexta hora

do dia [isto é, ao meio-dia], de tal forma que até as estrelas apareceram no céu. Houve um grande terremoto na Bitínia, e muitas coisas

saíram fora de lugar em Nicéia". **39**

Um retrato de Pilatos

A menção de Yamauchi a Pilatos me fez lembrar como alguns críticos puseram em dúvida a precisão

dos evangelhos pelo modo como retratam esse líder romano. Enquanto no Novo Testamento ele é uma figura

vacilante e disposta a se render às pressões da turba judia que pedia a crucificação de Jesus, outros relatos

históricos o descrevem como um indivíduo obstinado e inflexível.

— Não haveria aí uma contradição entre a Bíblia e os historiadores seculares? — perguntei-lhe.

— A bem da verdade, não — disse Yamauchi. — O estudo de Maier sobre Pilatos mostra que seu

protetor ou patrono era Sejanus e que Sejanus foi destituído do poder em 31 d.C, porque conspirava contra o

imperador.

Fiquei atônito.

— Mas que relação tem uma coisa com a outra? — perguntei-lhe.

— Bem, com a destituição de Sejanus, a posição de Pilatos em 33 d.C, provável data da crucificação de

Jesus, era de muita fragilidade — explicou Yamauchi. — Portanto, seria perfeitamente compreensível que

Pilatos se mostrasse relutante em ofender os judeus naquele momento, entrando, em decorrência disso, em

maiores conflitos com o imperador.

Isso significa que o relato bíblico conta com uma alta probabilidade de acerto a

seu favor.40

Outros relatos judaicos

Depois de discutir basicamente a corroboração dos fatos sobre Jesus do ponto de vista dos romanos,

38 Gary Habermas, *The historical Jesus*, Joplin, p. 196-7

39 Paul L. MAIER, *Pontius Pilate,* p. 366, citando um texto de Flegão, *Olympiades he chronika* 13, org. Otto Keller, *Rerum naturalium*

scriptores graeci minores, 1, Leipzig, Teurber, 1877, p. 101. Tradução de Maier.

40 V. P. MAIER, Sejanus, Pilate, and the date of the crucifixion, *Church history 37*, 1968, p. 1-11.

procurei saber se outros relatos judaicos, com exceção dos de Josefo, apresentavam também alguma outra

confirmação. Perguntei a Yamauchi se havia referências a Jesus no *Talmude*, importante obra do judaísmo

concluída em torno de 500 d.C. e que incorpora a *Mishná*, compilada por volta de 200 d.C

— De modo geral, os judeus não costumam entrar em detalhes sobre hereges — disse ele. — Poucas

passagens do *Talmude* falam de Jesus. Ele é considerado um falso messias que praticava artes mágicas e foi

justamente condenado à morte. Repetem também os rumores de que Jesus era filho de um soldado romano e de

Maria, insinuando com isso que havia algo de incomum em seu nascimento.

— Então — eu disse — mesmo do ponto de vista negativo essas referências judaicas confirmam

algumas coisas sobre Jesus.

— Isso mesmo — disse Yamauchi. — O professor Wilcox faz a seguinte observação em um artigo

publicado em uma obra de referência acadêmica:

A literatura judaica tradicional, embora mencione Jesus só muito raramente (e, seja como for, tem de ser usada

com muita cautela), respalda a alegação do evangelho de que ele curava e fazia milagres, embora atribua tais atividades à

magia. Além disso, ela preserva a lembrança de Jesus como professor, diz que ele tinha discípulos (cinco) e que, ao

menos no período rabínico primitivo, nem todos os sábios haviam concluído se ele era "herege" ou "enganador". **41**

Provas fora da Bíblia

Embora estivéssemos encontrando muitas referências a Jesus fora dos evangelhos, intrigava-me o fato

de não acharmos muitas outras mais. Eu sabia que poucos documentos do século i haviam sido preservados,

mesmo assim perguntei a Yamauchi:

— De modo geral, não devíamos encontrar mais referências sobre Jesus em escritos antigos fora da

Bíblia?

— Quando as pessoas começam um movimento religioso, só depois de muitas gerações é que os

registros escritos de suas atividades começam a aparecer — disse Yamauchi. — O fato é que temos uma

documentação histórica de melhor qualidade sobre Jesus do que sobre o fundador de qualquer outra religião.

Essa observação me pegou desprevenido.

— É mesmo? — eu disse. — O senhor poderia dar mais detalhes?

— Por exemplo, embora as *Gathas* de Zoroastro, que datam de 1000 a.C, sejam consideradas autênticas,

a maior parte das escrituras do zoroastrismo só foram postas por escrito no século III d.C. A biografia pársi

mais popular de Zoroastro foi escrita em 1278 d.C. Os escritos de Buda, que viveu no século VI a.C, só foram

registrados depois da era cristã. A primeira biografia de Buda foi escrita no século I d.C. Embora as palavras de

Maomé (570-632) estejam registradas no Alcorão, sua biografia só foi escrita em 767, mais de um século

depois de sua morte. Portanto, o caso de Jesus não tem paralelo, e é impressionante o quanto podemos aprender

sobre ele fora do Novo Testamento.

Resolvi me dedicar ao tema para resumir o que havíamos aprendido sobre Jesus até o momento com

base em fontes extrabíblicas.

— Suponhamos que não tivéssemos nenhum dos escritos do Novo Testamento e nenhum outro livro

cristão — eu disse. — Na ausência deles, a que conclusão poderíamos chegar sobre Jesus com base em fontes

não-cristãs da Antigüidade, como, por exemplo, Josefo, o *Talmude,* Tácito, Plínio, o Jovem, e outros?

Yamauchi sorriu.

— Ainda assim teríamos um volume considerável de provas históricas; na

verdade, esses documentos

nos dariam um tipo de esboço da vida de Jesus.

Depois prosseguiu, levantando um dedo para dar ênfase a cada observação que fazia.

— Saberíamos, em primeiro lugar, que Jesus era um professor judeu; segundo, muitas pessoas

acreditavam que ele curava e fazia exorcismos; terceiro, alguns acreditavam que ele era o Messias; quarto, ele

foi rejeitado pelos líderes judeus; quinto, foi crucificado por ordem de Pôncio Pilatos durante o remado de

Tibério; sexto, apesar de sua morte infame, seus seguidores, que ainda acreditavam que ele estivesse vivo,

deixaram a Palestina e se espalharam, assim é que havia muitos deles em Roma por volta de 64 d.C; sétimo,

todo tipo de gente, da cidade e do campo, homens e mulheres, escravos e livres, o adoravam como Deus. Sem

dúvida a quantidade de provas corroborativas extrabíblicas é muito grande. Com elas, podemos não somente

reconstruir a vida de Jesus sem termos de recorrer à Bíblia como também ter acesso a informações sobre Cristo

por meio de um material mais antigo do que os próprios evangelhos.

41 M. WILCOX, Jesus in the light of his Jewish environment, *Aufstieg und Niedergang der rõmischen Welt* 2, n. 25.1, 1982, p. 133.

A corroboração de detalhes dos primeiros tempos

O apóstolo Paulo não conheceu a Cristo em vida, mas afirma ter encontrado o Cristo ressurreto e,

posteriormente, ter conversado com algumas das testemunhas oculares para se certificar de que estava pregando

a mesma mensagem que eles. Uma vez que o apóstolo começou a escrever suas cartas antes que os evangelhos

fossem escritos, encontramos nelas relatos extremamente antigos sobre Jesus — tão antigos que ninguém pode

alegar que tenham sido seriamente distorcidos por acréscimos lendários.

— Luke Timothy Johnson, um estudioso da Universidade Emory, declara que as cartas de Paulo são

"uma garantia externa preciosa" da "antigüidade e ubiqüidade" das tradições relativas a Jesus" 42 — eu disse a

Yamauchi. — O senhor concorda com ele?

Já fazia algum tempo que estávamos conversando. Yamauchi levantou-se um pouco para esticar as

pernas e depois sentou-se novamente.

— Não há dúvida de que os escritos de Paulo são os mais antigos do Novo Testamento — afirmou — e

eles, de fato, fazem referências muito significativas à vida de Jesus.

— O senhor poderia detalhá-las? — perguntei-lhe.

— Bem, ele se refere ao fato de Jesus ser descendente de Davi, que ele era o Messias, que foi traído,

tentado, crucificado por nossos pecados e sepultado; que ressuscitou ao terceiro dia e que muitas pessoas o

viram, inclusive Tiago, o irmão de Jesus que não crera nele antes da crucificação. É interessante também o fato

de que Paulo não menciona algumas coisas muito importantes que aparecem nos

evangelhos, por exemplo, as

parábolas e os milagres de Jesus, concentrando-se na morte expiatória e na ressurreição de Cristo. Paulo achava

que esses eram os fatos mais relevantes sobre Jesus, e, de fato, eles transformaram Paulo de perseguidor de

cristãos no mais famoso missionário cristão, disposto a enfrentar todo tipo de aflição e privação por causa da fé.

Paulo também confirma alguns aspectos importantes do caráter de Jesus: sua humildade, sua obediência, seu

amor pelos pecadores, e assim por diante. Ele convoca os cristãos a ter a mente de Cristo, no segundo capítulo

da carta aos Filipenses.

Essa é a famosa passagem em que Paulo provavelmente cita um antigo hino cristão que falava sobre o

esvaziamento de Cristo, o qual, embora igual a Deus, tomou a forma de um homem, de um escravo, e sofreu o

maior dos castigos: a crucificação. Portanto, as cartas de Paulo são um testemunho importante da divindade de

Cristo. Ele se refere a Jesus como "o Filho de Deus" e "a imagem de Deus".

— O fato de Paulo —interrompi —, oriundo de uma cultura judaica monoteísta, adorar a Jesus como

Deus é muito significativo, certo?

— Sim — disse ele —, e põe por terra uma teoria popular de que a divindade de Cristo teria sido

incorporada posteriormente ao cristianismo por influência de crenças pagas. Não foi nada disso. Até mesmo

Paulo, já naqueles primeiros tempos, adorava a Jesus como Deus. A confirmação de Paulo, é preciso que se

diga, é de extrema importância. Temos ainda outras cartas de testemunhas oculares, Tiago e Pedro. Tiago, por

exemplo, recorda-se de trechos do Sermão do Monte.

Verdadeiramente ressurreto dentre os mortos

Temos também vários volumes de escritos dos "pais apostólicos", autores dos primeiros livros cristãos

posteriores ao Novo Testamento. São deles a epístola de Clemente de Roma, as epístolas de Inácio, de

Policarpo, de Barnabé, e outros. Em muitas passagens, esses documentos confirmam os fatos básicos acerca de

Cristo, principalmente seus ensinamentos, a crucificação, a ressurreição e a natureza divina de Cristo.

— Qual desses escritos o senhor considera mais importante? Yamauchi pensou um pouco antes de

responder. Embora

não dissesse o nome do documento que considerava o mais importante, citou as sete cartas de Inácio como parte

dos escritos mais importantes dos pais apostólicos. Inácio, bispo de Antioquia da Síria, foi martirizado durante

o reinado de Trajano, antes de 117 d.C.

— O que torna Inácio importante — disse Yamauchi — é que ele enfatizou tanto a divindade de Jesus

quanto sua humanidade, em oposição à heresia docética, que negava a realidade humana de Jesus. Ressaltou

também os fundamentos históricos do cristianismo. Em uma de suas cartas, quando estava a caminho da

execução, escreveu que Jesus foi de fato perseguido por Pilatos, foi verdadeiramente crucificado e

verdadeiramente ressuscitado dos mortos e que os que acreditassem nele também seriam ressuscitados.43

42 Luke Timothy JOHNSON, *The real Jesus,* San Francisco, Harper, 1996, p. 120.

43 INÁCIO, AOS *tralianos* 9.2.

Se juntarmos todos esses eventos — Josefo, os historiadores e as autoridades romanas, os escritos

judaicos, as cartas de Paulo e dos pais apostólicos — teremos provas convincentes que corroboram em essência

o que encontramos nas biografias de Jesus. Mesmo que jogássemos fora o último exemplar disponível dos

evangelhos, ainda teríamos uma descrição de Jesus extremamente persuasiva — na verdade, teríamos um

retrato do Filho unigênito de Deus.

Levantei-me e agradeci a Yamauchi por compartilhar comigo seu tempo e seu conhecimento.

— Sei que há muitas outras coisas sobre as quais poderíamos conversar, uma vez que já se escreveram

livros inteiros sobre esse assunto — eu disse. — Antes, porém, de concluir-mos, gostaria de lhe fazer a última

pergunta. E uma pergunta pessoal, se o senhor me permite.

O professor se levantou.

— Muito bem — disse ele —, vá em frente.

Olhei em torno de seu escritório modesto, repleto até o alto das paredes de livros e manuscritos,

arquivos e periódicos, disquetes de computador e papéis, todos eles produto de

uma vida inteira dedicada à

pesquisa acadêmica sobre um mundo tão distante no tempo.

— O senhor passou 40 anos estudando história antiga e arqueologia — eu disse. — Quais foram as

conseqüências disso para sua vida espiritual? Seus estudos fortaleceram ou fragilizaram sua fé em Jesus Cristo?

Yamauchi olhou momentaneamente para o chão, depois levantou a cabeça e me olhou diretamente nos

olhos. Disse-me, então, com uma voz firme, porém sincera:

— Não há dúvida, meus estudos fortaleceram tremendamente minha vida espiritual e a enriqueceram.

Graças a eles, entendo melhor a cultura e o contexto histórico dos acontecimentos. Isso não significa que eu não

saiba que há algumas questões que ainda não foram totalmente respondidas; mas nunca saberemos de tudo nesta

vida. Essas pendências nem sequer chegam a ameaçar minha fé na genuinidade do que há de fundamental nos

evangelhos e no restante do Novo Testamento. Creio que as outras explicações, que procuram dar conta da

disseminação do cristianismo por razões sociológicas ou psicológicas, são muito frágeis. — Ele sacudiu a

cabeça. — Realmente muito frágeis.

Em seguida, acrescentou:

— Para mim, a prova histórica reforçou meu compromisso com Jesus Cristo como Filho de Deus, que

nos ama e que morreu por nós, ressuscitando depois dentre os mortos. É muito

simples.

A verdade que nos liberta

Ao sair do prédio de Yamauchi, mergulhei em um mar de alunos da faculdade que corriam de uma aula

para a outra. Pensei em como havia sido satisfatória minha ida à pequena Oxford, em Ohio. Vim em busca de

confirmação sobre Jesus e partia com uma rica bagagem de material que confirmava cada aspecto principal da

vida de Cristo: seus milagres, sua divindade e sua vitória sobre a morte.

Sabia que nossa breve conversa tinha apenas arranhado a superfície do assunto. Eu levava debaixo do

braço *The verdict of history [O veredicto da história]*, que relera enquanto preparava a entrevista. Nesse livro, o

historiador Gary Habermas lista um total de 39 fontes antigas que documentam a vida de Jesus. Dentre elas,

Habermas enumera mais de cem com fatos relativos à vida de Jesus, seus ensinamentos, a crucificação e a

ressurreição.44

Além disso, 24 das fontes citadas por Habermas, inclusive sete fontes seculares e diversos dos credos

mais antigos da igreja, tratam especificamente da natureza divina de Jesus. "Esses credos mostram que a igreja

não esperou de forma alguma a passagem de algumas décadas para só então falar da divindade de Jesus, como

se costuma dizer com tanta freqüência na teologia contemporânea, uma vez que essa doutrina já se encontrava

definitivamente presente na igreja primitiva", escreve Habermas. Sua conclusão: 'A melhor explicação para a

existência desses credos é que eles representam, com muita propriedade, os ensinamentos de Jesus".45

Essa é uma corroboração surpreendente da afirmação mais importante feita pelo indivíduo mais

influente que já viveu.

Fechei minha valise enquanto me dirigia para o carro. Olhei para trás mais uma vez e vi o sol de outubro

iluminando a inscrição gravada na pedra que eu observara pela primeira vez em que entrei no campus dessa

universidade totalmente secular: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

44 V. Gary HABERMAS, *The verdict of history,* Nashville, Nelson, 1988.

45 Ibid. p. 169.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Alguma vez na vida você duvidou da história de alguém até que lhe foi apresentada uma prova

corroborativa? De que maneira essa prova pode ser comparada ao tipo de prova corroborativa apresentada pelo

professor Yamauchi?

2. Qual das provas corroborativas apresentadas por Yamauchi você considera mais convincente? Por quê?

3. Segundo fontes antigas, os cristãos primitivos apegavam-se às suas crenças em vez de negá-las quando

ameaçados de tortura. Na sua opinião, por que as convicções daqueles crentes eram tão sólidas?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

BRUCE, F. F. J *esus and Christian origins outside the New Testament.*

Grand Rapids, Eerdmans, 1974.

HABERMAS, Gary. *The historical Jesus.* Joplin, College Press, 1996.
MACDOWELL, Josh & Bill WILSON. *He*

walked

among

us.

Nashville,

Nelson,

1994.



5

A prova científica

A *arqueologia confirma ou contradiz*

as biografias de Jesus?

Havia algo de surrealista em meu almoço com o dr. Jeffrey MacDonald. Ele comia descontraidamente

seu sanduíche de atum e batatas fritas em uma sala de conferências do tribunal da Carolina do Norte, tecendo

comentários otimistas e desfrutando daquele momento. Numa sala ali perto, 12 jurados faziam uma pausa

depois de terem ouvido a apresentação de provas terríveis de que MacDonald havia assassinado brutalmente a

esposa e duas filhas pequenas.

Quando terminávamos nossa refeição, não pude deixar de fazer a MacDonald algumas perguntas óbvias:

— Como é que você pode agir como se nada tivesse acontecido? — perguntei-lhe em um tom de voz em

que se misturavam o espanto e a indignação. — Não o preocupa nem um pouco o fato de os jurados o

considerarem culpado?

MacDonald acenou displicente com o sanduíche pela metade na direção da sala do júri.

— Eles? — disse com um sorriso desdenhoso. — Jamais me condenarão!

Depois, como que se dando conta do cinismo de suas palavras, acrescentou rapidamente:

— Sabe, eu sou inocente.

Foi a última vez que o vi sorrir. Poucos dias depois, o ex-boina verde e médico de pronto-socorro foi

considerado culpado por haver esfaqueado até a morte sua mulher, Colette, e suas filhas, Kimberly, de cinco

anos, e Kristen, de dois. MacDonald foi imediatamente sentenciado à prisão perpétua e saiu algemado da sala

do tribunal.

MacDonald, cuja história foi magistralmente recontada por Joe McGinniss em seu *best-seller* e no filme

homônimo de TV, *Fatal vision [Visão fatal],* era arrogante ao ponto de achar que seu álibi o ajudaria a se livrar

da acusação de homicídio.

Ele dissera aos investigadores que estava dormindo quando *hippies* drogados o acordaram no meio da

noite. Disse que lutou com eles, foi esfaqueado e caiu inconsciente depois de atingido. Quando voltou a si, viu

que sua família fora chacinada.

Desde o início os detetives desconfiaram. Na sala de estar, os sinais de uma luta de vida ou morte eram

poucos. Os ferimentos de MacDonald eram superficiais. Embora não enxergasse bem, conseguiu não se sabe

como dar descrições detalhadas de seus agressores, mesmo sem óculos.

Todavia, não basta o ceticismo para que alguém seja preso; era necessário que houvesse provas muito

boas. Na casa de MacDonald, os detetives encarregados do caso utilizaram

provas científicas para desfazer o

emaranhado de mentiras e prendê-lo sob a acusação de assassinato.

Existem vários tipos de provas científicas normalmente utilizadas nos julgamentos, desde o exame de

DNA, passando pela antropologia forense até a toxicologia. No caso de MacDonald, foram a serologia (prova

sangüínea) e as provas de vestígios que o mandaram para a prisão.

Por uma coincidência extraordinária — e para os promotores, fortuita —, todos os membros da família

MacDonald tinham tipos de sangue diferentes. Pela análise dos locais onde foram encontradas as manchas de

sangue, os investigadores puderam reconstruir a seqüência de eventos daquela noite fatídica — que contradizia

a versão de MacDonald.

O estudo científico dos minúsculos fios azuis de um pijama, encontrados em várias partes da casa,

também refutavam seu álibi. A análise microscópica mostrou que os furos do pijama de MacDonald não

podiam ter sido feitos, como ele alegava, por um furador de gelo empunhado pelos intrusos. Em suma, foram os

técnicos do FBI, vestidos com seus guarda-pós brancos de laboratório, os verdadeiros responsáveis pela

condenação de MacDonald.46

A prova científica também pode contribuir de várias maneiras importantes para a determinação do grau

46 Para ter a história completa, v. Joe MCGINNISS, *Fatal vision I*, New York,

New American Library, 1989. Para uma descrição da

evidência científica, v. Colin EVANS, *The casebook of forensic detection I*, New York, John Wiley & Sons, 1996, p. 277-80.

de precisão dos relatos do Novo Testamento sobre Jesus. Embora a serologia e a toxicologia não possam

elucidar de forma alguma a questão, uma outra categoria de prova científica — a disciplina da arqueologia — é

de grande importância para a confiabilidade dos evangelhos.

Chamada às vezes de estudo do lixo durável, a arqueologia compreende a descoberta de objetos,

arquitetura, arte, moedas, monumentos e outros vestígios de culturas antigas. Os especialistas estudam essas

relíquias pára saber como era a vida na época em que Jesus caminhava pelas estradas poeirentas da Palestina

antiga.

Já foram desenterradas centenas de descobertas arqueológicas do século I. Uma coisa me intrigava: será

que elas respaldavam ou punham por terra os relatos de testemunhas ocu-lares da vida de Cristo? Ao mesmo

tempo, minha curiosidade era dosada com ceticismo. Já tinha ouvido muitos cristãos fazendo declarações

exorbitantes sobre a arqueologia, exagerando no que ela era capaz de provar. Não me interessava esse tipo de

argumento.

Fui então consultar uma autoridade no assunto, que estivera pessoalmente escavando as ruínas no

Oriente Médio.

Com um conhecimento enciclopédico sobre descobertas antigas e dotado de um comedimento científico

que lhe permite reconhecer os limites da arqueologia, ele poderia me explicar de que modo a arqueologia é

capaz de elucidar a vida no século I.

Quarta entrevista: John McRay, Ph.D.

Quando estudiosos e estudantes se debruçam sobre a arqueologia, muitos se voltam para o livro de

McRay, uma obra didática completa de 432 páginas intitulada *Archaeology and the New Testament*

[Arqueologia e o Novo Testamento]. Para certificar-se da precisão de seu programa *Mysteries of the Bible*

[Mistérios da Bíblia], a Arts and Entertainment Television Network chamou McRay. E quando a *National*

Geographic precisou de um cientista que pudesse explicar as complexidades do mundo bíblico, uma vez mais o

telefone tocou no escritório de McRay, na respeitada Wheaton College, em um subúrbio de Chicago.

Tendo estudado na Universidade Hebraica, na École Biblique et Archéologique Française, em

Jerusalém, na Vanderbilt University Divinity School e na Universidade de Chicago (onde fez seu doutorado em

1967), McRay é professor de Novo Testamento e de arqueologia em Wheaton há mais de 15 anos. Seus artigos

já foram publicados em 17 enciclopédias e dicionários; sua pesquisa já apareceu

no *Bulletin of the Near East*

Archaeology Society e em outros periódicos acadêmicos, tendo apresentado 29 monografias especializadas em

sociedades profissionais.

McRay é também ex-pesquisador adjunto e curador do Instituto de Pesquisas Arqueológicas F. Albright,

de Jerusalém; ex-curador da American Schools of Oriental Research; atual curador da Near East Archaeological

Society; e membro da diretoria editorial da *Archaeology in the Biblical World* e do *Bulletin for Biblical*

Research, publicado pelo Institute for Biblical Research.

Da mesma forma como sente prazer em lecionar sobre o mundo antigo, McRay se entusiasma com as

oportunidades de explorar pessoalmente as escavações arqueológicas. Ele supervisionou o trabalho das equipes

de escavações em Cesaréia, Séforis e Heródio, todas em Israel, durante oito anos. Estudou pessoalmente sítios

arqueológicos romanos na Inglaterra e no País de Gales, analisou escavações na Grécia e reconstituiu grande

parte das viagens do apóstolo Paulo.

Aos 66 anos, de cabelos grisalhos e óculos de lentes cada vez mais grossas, McRay passa ainda um ar de

aventura. Acima da escrivaninha, em seu escritório — e também em casa, acima da cama —, há uma fotografia

horizontal de Jerusalém muito rica em detalhes.

— Vivo à sua sombra — observou com uma nota de saudade na voz, enquanto

apontava os locais

específicos das escavações e as principais descobertas.

McRay tem no escritório aquele tipo de sofá aconchegante que se vê nas varandas das casas de campo.

Sentei-me, enquanto ele, de camisa de colarinho aberto e jaqueta esporte aparentemente muito confortável,

recostava-se em sua cadeira.

Queria saber se ele exageraria a influência da arqueologia, por isso decidi começar a entrevista

perguntando-lhe o que tinha a dizer em relação à confiabilidade do Novo Testamento. Afinal de contas,

conforme ele ressaltava em seu livro, mesmo que a arqueologia conseguisse provar que as cidades de Medina e

Meca existiram na Arábia ocidental durante os séculos VI e VII, isso não provaria que Maomé viveu ali ou que

o *Alcorão* seja verdadeiro.

— A arqueologia trouxe algumas contribuições importantes — disse ele inicialmente, com um sotaque

meio arrastado que adquiriu no Sul de Oklahoma — mas com certeza não é capaz de provar que o Novo

Testamento é a Palavra de Deus. Se em nossas escavações em Israel encontrarmos sítios antigos cuja

localização comprove o registro bíblico, isso significa que a informação histórica e geográfica contida na Bíblia

está correta. Todavia, não prova que as palavras de Jesus Cristo sejam verdadeiras. As verdades espirituais não

podem ser provadas ou rejeitadas pelas descobertas arqueológicas.

Como exemplo, McRay contou-me a história de Heinrich Schliemann, cuja procura pela cidade de Tróia tinha

como objetivo comprovar a precisão histórica da *Ilíada* de Homero.

— Ele encontrou Tróia — McRay disse com um leve sorriso —, mas isso não era prova de que a *Ilíada*

fosse verdadeira. Mostrava apenas a precisão de uma referência geográfica específica.

Fixados alguns limites para o alcance da arqueologia, eu estava ansioso para começar a explorar o que

ela tinha a nos dizer sobre o Novo Testamento. Resolvi dar início a esse tópico com uma observação que colhi

na minha experiência de jornalista investigativo na área legal.

À procura da verdade

Para saber se determinada testemunha estava dizendo a verdade, o jornalista ou o advogado tem de

testar todos os dados do depoimento. Se a investigação mostrar que a pessoa forneceu dados imprecisos, a

veracidade da sua história fica totalmente obscurecida. No entanto, se detalhes mínimos ficarem comprovados,

temos a indicação — não conclusiva; só um indício — de que talvez a testemunha, em linhas gerais, prestou um

depoimento confiável.

Por exemplo, se um homem dissesse que havia feito uma viagem de St. Louis a Chicago e mencionasse

que parará em Springfield, Illinois, para ver *Titanic* no Cine Odeon, e que

comprara uma barra grande de

chocolate no barzinho do cinema, os investigadores verificariam se existe mesmo um Cine Odeon em

Springfield, se o filme em exibição era aquele de fato e se havia no barzinho do cinema um chocolate da marca

e do tamanho mencionados na época em que o homem disse ter passado por lá. Se os dados apurados estiverem

em contradição com o depoimento, sua credibilidade fica seriamente comprometida. Se os detalhes forem

confirmados, isso não prova que a história toda seja verdadeira, mas contribui muito para o fortalecimento do

seu grau de precisão.

Em certo sentido, esse é o papel da arqueologia. Se os detalhes eventuais de um historiador antigo se

mostram sempre corretos, isso faz com que tenhamos maior confiança em outros escritos desse mesmo

historiador, embora não possam ser prontamente averiguados. Essa é a premissa.

Perguntei então a McRay o que pensava a respeito disso como arqueólogo profissional.

— A arqueologia confirma ou contraria o Novo Testamento quando confrontada com os detalhes de

seus relatos?

McRay respondeu prontamente.

— Não há dúvida de que a credibilidade do Novo Testamento sai fortalecida — disse ele —, assim

como a credibilidade de qualquer documento antigo sai fortalecida sempre que

as escavações mostram a

exatidão com que o autor descreveu determinado lugar ou evento.

Como exemplo, McRay citou suas escavações em Cesaréia, na costa de Israel, onde ele e outros

trabalharam no porto de Herodes, o Grande.

— Durante muito tempo, as pessoas questionaram a validade de uma afirmação de Josefo, o historiador

do século i, de que esse porto era tão grande quanto o de Pireu, um dos principais portos de Atenas. As pessoas

achavam que Josefo havia se enganado, porque, quando vemos as pedras acima da superfície da água no porto

atual, ele não nos parece tão grande assim. Quando, porém, começamos as escavações submarinas, descobrimos

que havia uma parte muito extensa do porto desmoronada debaixo da água e que suas dimensões totais eram de

fato comparáveis ao do porto de Pireu. Portanto, Josefo tinha razão. Era mais uma prova de que Josefo sabia do

que falava.

E quanto aos autores do Novo Testamento? Será que sabiam de fato sobre o que falavam? Queria pôr

essa questão à prova com minhas próximas perguntas.

A precisão de Lucas como historiador

O médico e historiador Lucas é o autor do evangelho que leva seu nome e também do livro de Atos, que

juntos formam um quarto do Novo Testamento. Conseqüentemente, é de extrema importância saber se Lucas

era um historiador confiável.

— Quando os arqueólogos examinaram detalhadamente o que ele escreveu — eu disse — constataram

que ele era cuidadoso ou pouco preciso?

— O consenso geral, tanto entre os estudiosos liberais quanto entre os conservadores, é de que o

historiador Lucas é muito preciso — respondeu McRay. — Ele é erudito, eloqüente, seu grego é próximo do

clássico, escreve como um homem estudado. As descobertas arqueológicas demonstraram reiteradas vezes que

Lucas apresenta com exatidão o que tem a dizer.

Na verdade, acrescentou McRay, são diversos os casos, a exemplo da história do porto, em que os

estudiosos inicialmente pensaram que Lucas tivesse se enganado em determinada referência. Descobertas

posteriores, entretanto, confirmaram a correção do seu texto.

Em Lucas 3.1, por exemplo, o evangelista refere-se a Lisânias como tetrarca de Abilene por volta de 27

d.C. Durante anos, os especialistas citavam essa passagem como prova de que Lucas não sabia do que estava

falando, uma vez que todo mundo sabia que Lisânias não fora tetrarca, e sim governador de Caleis cerca de

meio século antes. Se Lucas não era capaz de acertar em um detalhe tão elementar quanto este, diziam, não se

pode confiar em mais nada do que escreveu.

É aí que entra a arqueologia.

— Mais tarde, descobriu-se uma inscrição da época de Tibério, de 14 a 37 d.C, em que Lisânias aparece

como tetrarca de Abila, perto de Damasco, exatamente como Lucas informara — explicou McRay. —Acontece

que havia dois governadores chamados Lisânias! Mais uma vez Lucas provou ter razão.

Outro exemplo é a referência que Lucas faz, em Atos 17.6, a "politarcas", que a NVI traduz como

"oficiais" da cidade de Tessalônica.

— Durante muito tempo, as pessoas achavam que Lucas havia se enganado, porque não havia provas de

que o termo "politarcas" fora encontrado em algum documento romano da Antigüidade — disse McRay.

Todavia, foi descoberta anos mais tarde uma inscrição em uma urna do século i que começava assim: "No

tempo dos politarcas...". Se você for ao Museu Britânico poderá vê-la com os próprios olhos. Desde então, os

arqueólogos já descobriram mais de 35 inscrições que falam dos politarcas, várias delas em Tessalônica e da

mesma época a que Lucas se referia. Mais uma vez, os críticos estavam errados e Lucas tinha razão.

Entretanto, uma objeção logo me veio à mente.

— Sim, mas, em seu evangelho, Lucas diz que Jesus estava *entrando* em Jerico quando curou o cego

Bartimeu, ao passo que Marcos diz que ele estava *saindo.* 47 Essa contradição não seria suficiente para lançar

dúvidas sobre a confiabilidade do Novo Testamento?

McRay não se mostrou incomodado com a objetividade da pergunta.

— De forma alguma — foi a resposta. — Isso só parece contraditório quando raciocinamos em termos

contemporâneos, em que as cidades são construídas em um determinado lugar e ali permanecem. Não era esse

necessariamente o caso no passado. Naquela época, Jerico consistia em pelo menos quatro agrupamentos

distintos separados por cerca de 400 metros um do outro.

A cidade foi destruída e reerguida perto de uma outra fonte de água, ou de uma estrada nova, ou

próximo de uma montanha, ou em um outro lugar qualquer. A questão é que se podia sair de um local onde

Jerico fora construída e entrar em outro, como se saíssemos de um bairro de Chicago e fôssemos para outro.

— Então, o que o senhor está dizendo é que tanto Lucas quanto Marcos podiam estar com a razão?

— Exato. Jesus podia estar saindo de uma área de Jerico e entrando em outra ao mesmo tempo.

Uma vez mais, a arqueologia havia respondido a outra objeção a Lucas. Considerando-se o trecho

extenso do Novo Testamento escrito por ele, é extremamente significativo que ele seja reconhecido por

historiador escrupuloso e preciso, mesmo nos menores detalhes. Um arqueólogo de renome analisou as

referências que Lucas faz a 32 países, 54 cidades e 9 ilhas, e não achou um erro

sequer.48

A conclusão, portanto, é a seguinte: "Se Lucas esmerou-se tanto para que seu relato histórico fosse

preciso", dizia um livro sobre o assunto, "qual seria a base lógica para supormos que ele fosse ingênuo ou

impreciso quando falava de coisas muito mais importantes, não somente para ele, mas também para os

outros?".49

Coisas, por exemplo, como a ressurreição de Jesus, a prova mais importante de sua divindade, que,

segundo Lucas, fora firmemente estabelecida com "muitas provas indiscutíveis" (At 1.3).

A confiabilidade de João e de Marcos

A arqueologia diz que Lucas é confiável, mas ele não é o único autor do Novo Testamento.

47 Lucas 18.35; Marcos 10.46.

48 GEISLER & HOWE, *Manual popular,* p. 393.

49 John ANKERBERG & John WELDON, *Ready with an answer,* Eugene, Harvest House, 1997, p. 272.

Não sei o que os cientistas diriam sobre João, cujo evangelho foi por vezes considerado suspeito pelos

lugares que menciona e que não puderam ser identificados.

Para alguns estudiosos, se o evangelista não foi capaz de relatar com exatidão detalhes tão básicos, talvez

também não tenha estado presente aos acontecimentos mais íntimos da vida de Jesus.

Essa conclusão, entretanto, passou por uma grande reviravolta em anos recentes.

— Várias descobertas mostraram que João é bastante preciso em seu relato — ressaltou McRay. — Por

exemplo, João 5.1-15 narra a cura de um inválido por Jesus no tanque de Betesda. João diz que o tanque tinha

cinco pórticos. Durante muito tempo, as pessoas usaram essa passagem como prova da falta de precisão do

evangelista, já que tal lugar nunca fora encontrado. Há pouco tempo, foram feitas escavações no tanque de

Betesda — que está cerca de 12 metros abaixo da terra — e foram de fato encontrados cinco pórticos, ou seja,

cinco pavilhões ou passagens com colunas, exatamente como descrito por João. E há outras descobertas: o

tanque de Betesda de Siloé, citado em João 9.7, o poço de Jacó, de João 4.12, a provável localização do

pavimento de pedra perto do portão de Jafa, onde Jesus esteve diante de Pilatos, conforme João 19.13, e a

própria identidade de Pilatos, tudo isso deu ao evangelho de João credibilidade histórica.

— Isso coloca em xeque, portanto, a alegação de que o evangelho de João foi escrito muito tempo

depois de Jesus e, por isso, seria inexato — concluí.

— Definitivamente — assegurou o arqueólogo.

Na verdade, McRay reiterava o que o dr. Bruce Metzger me havia dito sobre a descoberta arqueológica de um

fragmento de um exemplar do capítulo 18 de João cuja data foi fixada pelos

especialistas em papiros em 125

d.C. Ao demonstrar a existência de exemplares de João nessa época tão remota e num local tão distante quanto

o Egito, a arqueologia punha definitivamente por terra a especulação de que João fora composto já num período

bem adiantado do século 11, muito tempo depois de Jesus para que fosse confiável.

Outros estudiosos atacaram o evangelho de Marcos, geralmente considerado o primeiro relato escrito

sobre a vida de Jesus. O ateu Michael Martin acusa Marcos de não conhecer a geografia da Palestina, o que,

segundo ele, é prova de que o evangelista não poderia ter vivido na região na mesma época de Jesus. Ele cita

especificamente Marcos 7.31: "A seguir, Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o mar da

Galiléia e a região de Decápolis".

— Como já foi salientado — disse Martin —, esse trajeto faria com que Jesus caminhasse no sentido

contrário ao do mar da Galiléia.50

Depois que expus a crítica de Martin a McRay, ele franziu o cenho e, mais do que depressa, pegou uma

versão grega do evangelho de Marcos e livros de referência na estante, abrindo um mapa da Palestina antiga

sobre a escrivaninha.

— Ao que parece, esses críticos supõem que Jesus entrou em um carro e saiu a toda velocidade por uma

rodovia interestadual, mas não foi obviamente o que ele fez — disse ele.

Lendo o texto original e levando em consideração o terreno montanhoso e as prováveis estradas da

região, além do modo impreciso com que se usava o termo Decápolis para descrever uma confederação de dez

cidades que sempre mudavam com o tempo, McRay traçou uma rota lógica no mapa que correspondia

exatamente à descrição de Marcos.

— Quando pomos as coisas em seu contexto apropriado — concluiu ele —, não há por que contestar o

relato de Marcos.

Novamente, graças à percepção da arqueologia, foi possível explicar o que parecia ser, no início, uma objeção

ao Novo Testamento.

Quis saber de McRay um pouco mais a esse respeito: alguma vez ele deparara com uma descoberta

arqueológica que contradizia uma referência neotestamentária?

Ele fez que não com a cabeça.

— A arqueologia nunca trouxe nada à tona que pudesse contradizer inequivocamente a Bíblia —

garantiu, confiante.

— Pelo contrário, como vimos, muitas das opiniões de estudiosos céticos que durante anos foram tidas

por "fatos" foram desacreditadas pela arqueologia.

Apesar disso, eu tinha ainda algumas dúvidas que precisava esclarecer. Consultei

minhas anotações e

me preparei para desafiar McRay com três enigmas muito antigos que eu achava que a arqueologia teria muita

dificuldade em explicar.

Enigma 1: O censo

50 Michael MARTIN, *The case against Christianity,* Philadelphia, Temple Univ. Press, 1991, p. 69 (grifo do autor).

Segundo as narrativas do nascimento de Jesus, Maria e José tiveram de voltar à cidade natal de José,

Belém, por exigência do censo.

— Vou diretamente ao ponto: isso me parece um absurdo

— eu disse. — Como é que o governo poderia obrigar todos os cidadãos a voltar à sua terra de origem? Existe

alguma prova arqueológica de que esse censo ocorreu de fato?

McRay pegou calmamente um exemplar de seu livro.

— Na verdade, a descoberta de antigos formulários de re-censeamento lançou muita luz sobre essa

prática — explicou ele à medida que folheava o livro. Ao encontrar a referência que procurava, citou uma

ordem oficial do governo de 104 d.C:

Gaio Víbio Máximo, prefeito do Egito (declara): Tendo chegado o momento de realizar o censo de casa em casa, é necessário

que se requeira a todos os que, por algum motivo, residam fora de suas províncias, *que retornem às suas casas,* para que cumpram o

que requer integralmente a ordem do censo, e possam também atender

diligentemente ao cultivo da parte que lhes cabe.51

— Como se vê — disse, fechando o livro —, este documento confirma a prática, muito embora essa

maneira específica de recenseamento possa lhe parecer estranha. Um outro papiro, de 48 d.C, dá a entender que

o censo era algo que envolvia a família toda.

Isso, entretanto, não resolvia completamente a questão. Segundo Lucas, o censo que levara José e Maria

a Belém fora ordenado quando Quirino governava a Síria, durante o reinado de Herodes, o Grande.

— Existe uma questão muito séria aí — ressaltei — porque Herodes morreu em 4 a.C, e Quirino só

começou a governar a Síria em 6 d.C, realizando pouco depois disso o censo. Temos uma grande lacuna aqui.

De que modo o senhor lida com uma discrepância de datas tão gritante?

McRay sabia que eu estava lhe propondo uma questão com a qual os arqueólogos vinham se debatendo

havia séculos.

— Um eminente arqueólogo — respondeu ele —, Jerry Vardaman, trabalhou muito nisso. Ele descobriu

uma moeda com o nome de Quirino em letras bem pequenas, que chamamos de letras "micrográficas". Isso faz

dele procônsul da Síria e da Cilícia de 11 a.C. até depois da morte de Herodes.

Fiquei confuso.

— O que isso significa? — perguntei.

— Significa que, aparentemente, havia dois Quirinos — respondeu ele. — Não é difícil encontrar várias

pessoas com o mesmo nome romano, portanto, não há por que duvidar da existência de duas pessoas chamadas

Quirino. O censo teria ocorrido durante o reinado do primeiro Quirino. Considerando que o censo era feito a

cada 14 anos, a explicação é bastante satisfatória.

Achei um pouco especulativa essa explicação, mas, em vez de insistir nela, decidi arquivá-la

mentalmente para usá-la mais tarde.

Depois de pesquisar um pouco mais, descobri que *sir* William Ramsay, o falecido professor e

arqueólogo das Universidades de Oxford e Cambridge, na Inglaterra, havia proposto uma teoria semelhante. Ele

concluiu, com base em várias inscrições, que, embora houvesse apenas um Quirino, ele havia governado a Síria

em duas ocasiões distintas, o que abrangeria o período do censo anterior.52

Outros estudiosos salientaram que o texto de Lucas pode ser também traduzido da seguinte maneira:

"Este censo aconteceu *antes* de Quirino se tornar governador da Síria", o que também resolveria o problema.53

A questão não ficou esclarecida do jeito que eu queria. Todavia, eu tinha de admitir que McRay e os

outros tinham apresentado algumas explicações plausíveis. Só pude concluir com certeza que os censos haviam

sido feitos no período que compreende o nascimento de Jesus e que havia

indicações de que as pessoas tiveram

de fato de voltar à sua terra natal — o que eu achava muito esquisito!

Enigma 2: A existência de Nazaré

Muitos cristãos não sabem que há muito tempo os céticos dizem que Nazaré jamais existiu durante a

época em que o Novo Testamento diz que Jesus passou a infância ali.

Em um artigo intitulado "Onde Jesus nunca esteve", o ateu Frank Zindler observa que Nazaré não é

mencionada no Antigo Testamento, nem pelo apóstolo Paulo, nem pelo *Talmude* (embora outras 63 cidades

sejam mencionadas), nem por Josefo (que cita 45 cidades e aldeias da Galiléia, inclusive Jafa, que ficava apenas

a pouco mais de um quilômetro da Nazaré atual). Nenhum historiador ou geógrafo da Antigüidade menciona

51 John MCRAY, *Archaeology and the New Testament,* Grand Rapids, Baker, 1991, p. 155, (grifo do autor).

52 Robert BOYD, *Tells, tombs, and treasure,* Grand Rapids, Baker, 1969, p. 175, ap. HABERMAS, *The historical Jesus,* p. 172.

53 GEISLER & HOWE, *Manual popular,* p. 392.

Nazaré antes do início do século IV. 54 O nome aparece pela primeira vez na literatura judaica em um poema

escrito por volta do século VII d.C. **55**

A falta de provas dá margem a um quadro muito suspeito. Por isso, apresentei sem rodeios o problema a

McRay:

— Existe alguma confirmação arqueológica de que Nazaré tenha existido durante o século I?

Essa questão não era novidade para McRay.

— O dr. James Strange, da Universidade do Sul da Flórida, é especialista nessa área. Ele descreve

Nazaré como um lugar muito pequeno, de cerca de 60 acres, com uma população de, no máximo, 480 pessoas

no início do século I — disse McRay.

Essa, entretanto, era a conclusão; eu queria a prova.

— Como ele sabe disso? — perguntei.

— Bem, Strange observa que, no ano 70 d.C, data da queda de Jerusalém, não havia mais necessidade

de sacerdotes no templo porque ele havia sido destruído; por isso, eles foram enviados para diversos lugares,

inclusive para a Galiléia. Os arqueólogos encontraram uma lista em aramaico onde aparecem 24 "séries", ou

famílias de sacerdotes remanejados, sendo que um deles consta como enviado a Nazaré. Isso mostra que aquela

pequena aldeia já existia naquela época.

Além disso, McRay disse que algumas escavações arqueológicas trouxeram à luz sepulturas do século I

nas vizinhanças de Nazaré, o que definiria os limites da aldeia, uma vez que, de acordo com as leis judaicas, os

sepultamentos tinham de se dar fora do perímetro das cidades. As tumbas continham objetos tais como

lâmpadas de cerâmica, vasos de vidro e jarras que seriam dos séculos I, III ou IV.

McRay pegou o exemplar de um livro do renomado arqueólogo Jack Finegan, publicado pela Princeton

University Press. Folheou-o, depois leu a análise de Finegan: "Conclui-se, pelas sepulturas [...] que Nazaré era

um povoado claramente estabelecido no período romano". 56 McRay olhou para mim.

— Há muita discussão acerca da localização de alguns lugares do século I, tal como o local exato da

sepultura de Jesus, mas os arqueólogos jamais duvidaram da localização de Nazaré. O ônus da prova cabe aos

que duvidam de sua existência.

Fazia sentido. Até Ian Wilson, normalmente muito cético, reconheceu, ao citar vestígios pré-cristãos

encontrados em 1955 sob a Igreja da Anunciação, na Nazaré atual, que "tais descobertas eram sinal de que

Nazaré deveria existir na época de Jesus, mas sem dúvida devia tratar-se de um lugar muito pequeno e

insignificante".57

Tão insignificante que o comentário de Natanael em João 1.46 faz mais sentido agora: "Nazaré? Pode

vir alguma coisa boa de lá?".

Enigma 3: Massacre em Belém

O evangelho de Mateus descreve uma cena pavorosa: Herodes, o Grande, rei da Judéia, sentindo-se

ameaçado pelo nascimento de um bebê que ele temia, porque poderia acabar tirando-lhe o trono, enviou suas

tropas e ordenou que matassem todas as crianças de Belém com menos de dois anos. Advertido, porém, em

sonhos por um anjo, José foge do Egito com Maria e Jesus. Só depois da morte de Herodes é que eles voltam a

morar em Nazaré. Esse episódio seria o cumprimento de três profecias antigas sobre o Messias. (V. Mt 2.13-

23.)

O problema é que não há nenhuma confirmação fora da Bíblia de que esse massacre tenha de fato

ocorrido. Não existe nada nos escritos de Josefo ou de outros historiadores a esse respeito. Não há respaldo

arqueológico, nem registros ou documentos.

— Certamente um evento desse porte teria sido notado por outra pessoa além de Mateus — insisti. —

Na ausência absoluta de qualquer corroboração histórica ou arqueológica, não seria lógico deduzir que esse

massacre jamais aconteceu?

— Entendo por que você diz isso — respondeu McRay —, uma vez que um episódio dessa magnitude

apareceria com destaque na CNN e nos outros canais de mídia noticiosa.

Concordei. Na verdade, entre 1997 e 1998, houvera um fluxo constante de novos relatos sobre ataques-

surpresa de extremistas muçulmanos na Argélia durante os quais foram assassinadas praticamente aldeias

inteiras, inclusive mulheres e crianças. O mundo inteiro ficou sabendo.

54 Frank ZINDLER, Where Jesus never walked, *American Atheist*, Winter 1996-

1997, p. 34.

55 Ian WILSON, *Jesus:* the evidence, 1984; reimpressão, San Francisco, HarperSanFrancisco, 1988, p. 67.

56 Jack FINEGAN, *The Archaeology of the New Testament,* Princeton, Princeton Univ. Press, 1992, p. 46.

57 WILSON, *Jesus:* the evidence, p. 67.

— Mas — acrescentou McRay — é preciso que você volte no tempo até o século I e tenha algumas

coisas em mente. Em primeiro lugar, Belém não deveria ser muito maior que Nazaré; portanto, quantos bebês

com menos de dois anos existiriam em uma aldeia com uma população de cerca de 500 ou 600 pessoas?

Milhares? Centenas? Provavelmente muito poucos. Em segundo lugar, Herodes, o Grande, era um rei

sanguinário: ele matou gente da própria família; executou inúmeras pessoas que julgava capazes de desafiá-lo.

Portanto, o fato de ter matado algumas crianças em Belém não despertaria maior atenção no mundo romano.

Em terceiro lugar, não havia televisão, rádio nem jornais. Demoraria muito tempo até que a notícia se

espalhasse, principalmente partindo de uma pequena aldeia perdida além das montanhas. Os historiadores

tinham coisas mais importantes com que se preocupar.

Como jornalista, eu não conseguia imaginar uma coisa dessas.

— Não lhe parece uma história incrível? — perguntei meio incrédulo.

— Não acho que seja, pelo menos não naquela época — disse ele. — Um louco

mandando matar todos

os que considerava uma ameaça em potencial para ele: isso não era novidade para Herodes. Mais tarde, é claro,

à medida que o cristianismo foi se desenvolvendo, esse incidente ganhou importância, mas eu ficaria surpreso

se um episódio desses fizesse muito estardalhaço na época.

Talvez, mas era difícil para um jornalista, acostumado a farejar notícias em uma era de alta tecnologia e

de rápida comunicação mundial, imaginar tal coisa. Ao mesmo tempo, eu tinha de admitir, com base no que

sabia acerca da história sangrenta da Palestina antiga, que a explicação de McRay era plausível.

Isso me levou a outra questão que eu desejava esclarecer. Para mim, era a mais fascinante de todas.

O enigma dos manuscritos do mar Morto

Sem dúvida, a arqueologia fascina. Sepulturas antigas, inscrições crípticas gravadas em pedra ou escritas

em papiros, cacos de cerâmica, moedas desgastadas — são pistas tentadoras para qualquer investigador

inveterado. Poucos vestígios do passado, porém, geraram mais intriga que os manuscritos do mar Morto, uma

coleção de centenas de manuscritos que remontam ao período de 250 a.C. a 68 d.C, encontrados em cavernas

cerca de 32 quilômetros a leste de Jerusalém, em 1947. Ao que tudo indica, foram escondidos por uma seita

rigorosa de judeus, os essênios, antes que os romanos destruíssem seu povoado.

Os manuscritos dão margem a algumas alegações muito estranhas, inclusive uma, que se encontra no

livro de John Marco Allegro, segundo a qual o cristianismo teria emergido de. uma seita que pregava a

fertilidade e cujos adeptos alimentavam-se de um cogumelo alucinógeno! 58 Em uma declaração muito

polêmica, porém mais legítima, o especialista em papiros José O'Callaghan afirmou que os fragmentos do mar

Morto são parte de um manuscrito mais antigo encontrado no evangelho de Marcos que data de cerca de 20

anos depois da crucificação de Jesus. Todavia, muitos estudiosos continuam a duvidar dessa interpretação.59

Seja como for, nenhuma investigação arqueológica do século I que se preze poderia deixar de lado os

manuscritos do mar Morto.

— Será que eles nos informam objetivamente alguma coisa sobre Jesus? — perguntei a McRay.

— Bem, não, Jesus não é mencionado especificamente em nenhum dos manuscritos — respondeu ele.

— Basicamente, esses documentos nos dão alguns *esclarecimentos* sobre a vida e os costumes dos judeus.

Em seguida, McRay pegou alguns jornais e mostrou-me um artigo publicado em 1997.

— Muito embora — acrescentou ele — haja um desenvolvimento muito interessante em um manuscrito

chamado 4Q521. Ele poderia nos dizer algo sobre quem Jesus afirmava ser.

Aquilo aguçou minha curiosidade.

— Diga-me do que se trata — eu disse com um tom de urgência na voz.

McRay desvendou o mistério. O evangelho de Mateus descreve como João Batista, quando estava preso

e lutava com dúvidas sobre a identidade de Jesus que teimavam em assaltá-lo, mandou que seus seguidores

fizessem a Jesus uma pergunta de monumental importância: "És tu aquele que haveria de vir ou devemos

esperar algum outro?" (Mt 11.3). Ele queria saber, sem sombra de dúvida, se Jesus era mesmo o Messias tão

aguardado.

Ao longo dos séculos, os cristãos sempre refletiram muito sobre a resposta enigmática que Jesus deu a

essa pergunta. Em vez de dizer objetivamente sim ou não, Jesus disse: "Voltem e anunciem a João o que vocês

estão ouvindo e vendo: os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os

mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres" (Mt 11.4,5).

A resposta de Jesus era uma alusão a Isaías 61. Mas, por alguma razão, Jesus acrescentou a frase "os

58 WILKINS & MORELAND, *Jesus underfire*, p. 209.

59 Ibid., p. 211

mortos são ressuscitados", que claramente não faz parte do texto do Antigo Testamento.

É aí que entra o 4Q521. Esse manuscrito extrabíblico, pertencente à coleção dos manuscritos do mar

Morto, escrito em hebraico, remonta a 30 anos do nascimento de Jesus. Ele contém uma versão de Isaías 61 em

que consta a frase "os mortos são ressuscitados".

— Craig Evans, especialista nos manuscritos, ressaltou que essa frase do 4Q521 pertence sem dúvida

nenhuma ao contexto messiânico — disse McRay. — Ela se refere às maravilhas que o Messias fará quando

vier e quando o céu e a terra lhe obedecerem. Portanto, quando Jesus respondeu a João, ele não estava sendo

nem um pouco ambíguo. João teria reconhecido imediatamente suas palavras como uma afirmação objetiva de

que ele era o Messias.

McRay passou-me o artigo em que as palavras de Evans eram citadas: "O 4Q521 deixa claro que a

referência de Jesus a Isaías 61 é verdadeiramente messiânica. Basicamente, Jesus está dizendo a João, por meio

de seus mensageiros, que coisas messiânicas estão ocorrendo. Isso, portanto, responde à pergunta de João: *Sim,*

ele é o que haveria de vir". **60**

Recostei-me na cadeira. Para mim, a descoberta de Evans confirmava de modo extraordinário a

identidade de Jesus. Fiquei atônito ao ver como a arqueologia moderna era capaz de, finalmente, desvendar o

significado de uma declaração em que Jesus afirmava ousadamente, há aproximadamente mil anos, que ele era,

de fato, o Ungido de Deus.

"Um livro de referência de extraordinária precisão"

A arqueologia já confirmou repetidas vezes a exatidão do Novo Testamento, corroborando sobremaneira

sua confiabilidade. Já o mormonismo não resistiu à investigação arqueológica, que se mostrou devastadora.

Embora Joseph Smith, o fundador da igreja mórmon, afirmasse que sua obra *O livro de Mórmon* era "o

livro mais preciso de todos sobre a face da terra", 61 a arqueologia sempre derrubou suas reivindicações de

veracidade em relação a eventos que teriam ocorrido há muito tempo nas Américas.

Lembro-me de ter escrito ao Instituto Smithsoniano para saber deles se havia alguma prova que

respaldasse as alegações do mormonismo. Disseram-me, em termos inequívocos, que os arqueólogos não viam

"nenhuma ligação direta entre a arqueologia do Novo Mundo e o assunto tratado pelo livro em questão".

Conforme concluíram autores como John Ankerberg e John Weldon em um livro sobre o assunto, "em

outras palavras, nenhuma das cidades citadas pelo *O livro de Mórmon* jamais foi localizada; nenhuma pessoa,

nenhum lugar, nenhuma nação ou nome jamais foi localizado; tampouco quaisquer objetos mencionados no

livro citado, nenhuma escritura do *O livro de Mórmon*, nenhuma inscrição... nada *jamais* foi encontrado que

demonstre que *O livro de Mórmon* não passa de um mito ou de invenção".62

Todavia, a história muda completamente de figura quando se menciona o Novo Testamento. As

conclusões de McRay encontram eco em muitos outros cientistas, inclusive no proeminente arqueólogo

australiano Clifford Wilson, segundo o qual "os que conhecem os fatos reconhecem agora que o Novo

Testamento deve ser acolhido como um livro de referência de extraordinária precisão".63

Craig Blomberg mostrara que os documentos que compõem o Novo Testamento são intrinsecamente

confiáveis; Bruce Metzger provara que sua transmissão ao longo da história não os corrompeu; Edwin

Yamauchi estabelecera que historiadores da Antigüidade, além de outros, os confirmam amplamente; e agora

John McRay havia demonstrado que a arqueologia comprova sua veracidade. Eu tinha de concordar com

Wilson, A defesa de Cristo, embora longe de estar completa, estava sendo erguida em alicerce sólido.

Ao mesmo tempo, eu sabia que havia alguns professores muito conceituados que discordariam da minha

avaliação. Eles são muito citados pela *Newsweek* e entrevistados em noticiários noturnos expondo sua

reavaliação radical sobre Jesus. Chegara a hora de eu confrontar suas críticas antes de prosseguir com minha

investigação. Isso me obrigaria a uma viagem a Minnesota para entrevistar um estudioso formado em Yale,

muito beligerante, o dr. Gregory Boyd.

Ponderações

60 Kevin D. MILLER, The war of the scrolls, *Chrístianity Today,* 6 Oct. 1997, p. 44, (grifo do autor).

61 Joseph SMITH, *History of the church,* 8 v., Salt Lake City, Deseret, 1978, p. 4461, ap. Donald S. TINGLE, *Mormonism,* Downers

Grove, InterVarsity Press, 1981, p. 17.

62 John ANKERBERG & John WELDON, *The facts on the mórmon church,* Eugene, Harvest House, 1991, p. 30 (grifo do autor).

63 Clifford WILSON, *Rocks, relics and biblicalreliability,* Grand Rapids, Zondervan, 1977, p. 120, ap. ANKERBERG & WELDON, *Ready*

with an answer, p. 272.

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Quais são as limitações e os benefícios da arqueologia para a corroboração do Novo testamento?

2. O fato de Lucas e outros autores do Novo Testamento relatarem com exatidão detalhes incidentais faz com

que você creia que tenham também relatado com precisão eventos mais importantes? Sim ou não? Explique.

3. De modo geral, você acha plausível ou não a análise de McRay sobre os enigmas relativos ao censo, à

existência de Nazaré e ao massacre de Belém?

2. Depois de examinar as provas oculares, documentais, corroborativas e científicas referentes à defesa de

Cristo, pare e medite sobre suas conclusões até este momento. Em uma escala de zero a dez, sendo o zero "falta

de confiança" na confiabilidade dos evangelhos e dez "confiança total", que nota

você daria para si mesmo até

agora? Por quê?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

FINEGAN, Jack. *The Archaeology of the NewTestament.* Princeton, Princeton Univ. Press, 1992.

MCRAY, John. *Archaeology and the New Testament.* Grand Rapids, Baker, 1991.

THOMPSON, J. A. *The Bible and Archaeology.* Grand Rapids,

Eerdmans, 1975.

YAMAUCHI, Edwin.

The stones and the Scriptures. New

York, J. B.

Lippencott, 1972.



6

A prova da contestação

O *Jesus da história é o mesmo*

Jesus da fé?

Sempre acontece nas reprises de *Perry Mason* e nos livros policiais, mas quase nunca nos casos legais

da vida real. Quando uma testemunha ocular, num julgamento por homicídio, se recusou a apontar o réu como o

assassino, assumindo a culpa e confessando ser o autor do crime, e não o acusado, todo o tribunal ficou

surpreso. Foi essa história surpreendente que publiquei no *Chicago Tribune.*

Richard Moss fora acusado de matar a tiros um jovem de Chicago em frente a um bar da zona noroeste

da cidade. Ed Passeri, amigo de longa data de Moss, fora chamado ao banco das testemunhas para descrever a

discussão que terminara em morte.

Passeri descreveu a cena ocorrida do lado de fora do Rusty Nail Pub. O advogado de defesa perguntou-

lhe o que acontecera à vítima.

Sem vacilar, Passeri disse que, depois de ser atacado pela vítima com um par de tesouras, atirara nela.

O transcritor ficou boquiaberto. Os promotores ergueram as mãos. O juiz interrompeu imediatamente a

sessão para lembrar a Passeri que a lei lhe dava garantias contra a auto-incriminação. Em seguida, o acusado

levantou-se para confirmar que fora de fato Passeri quem cometera o crime.

— O que Passeri fez (ao confessar) foi uma demonstração de coragem — disse entusiasmado o

advogado de defesa.

Mas os promotores não se deixaram convencer.

— Coragem o quê! — exclamou um deles. — Passeri sabe que não está sendo processado, porque a

única prova que o Estado tem aponta para Richard Moss!

Convictos, porém, da culpa de Moss, os promotores sabiam ter de apresentar um testemunho muito

convincente para derrubar a afirmação de Passeri. Em terminologia legal, eles precisavam de uma "prova de

refutação", isto é, qualquer prova que pudesse ser apresentada e que "explicasse, contrariasse ou desacreditasse"

o depoimento de uma testemunha.64

No dia seguinte, os promotores interrogaram outras três testemunhas oculares segundo as quais não

havia dúvida de que Moss havia cometido o crime. Assim, com base nessa prova e em outras, os jurados

decidiram que Moss era culpado.65

Os promotores fizeram a coisa certa. No momento em que a força incontestável das provas deixou clara

a culpa do réu, eles agiram com sabedoria, mostrando-se céticos em face de uma alegação sem respaldo feita

por alguém interessado em ajudar dissimuladamente um amigo.

É possível refutar o Seminário Jesus?

De que maneira esse conceito legal de prova de refutação se enquadrava em minha investigação sobre

Jesus?

Munido agora de provas muito convincentes e bem fundamentadas que me foram passadas pelos

estudiosos que interrogara para escrever este livro, eu tinha de me dedicar às opiniões totalmente opostas, de

um pequeno grupo de acadêmicos ao qual a mídia dá muita atenção.

Tenho certeza de que vocês já viram seus artigos. De alguns anos para cá, a mídia noticiosa vem

apresentando uma enxurrada de reportagens nada críticas sobre o Seminário Jesus, um grupo que representa

uma porcentagem minúscula de estudiosos do Novo Testamento, cujas idéias repercutem de maneira

tremendamente desproporcional à influência do grupo.

Os participantes do Seminário, muito dados à publicidade, atraíram a atenção da imprensa ao

64 Henry Campbell BLACK, *Black's law dictionary,* 5.ed., St. Paul, West, 1979, p. 1139.

65 Lee STROBEL, His "I shot him" stuns courtroom, *Chicago Tribune*, 20 June 1975, e Pal's confession fails; defendant raled guilty,

Chicago Tribune, 21 June 1975.

determinarem, por meio de uma marcação em cor vermelha, o que achavam que Jesus teria dito realmente nos

evangelhos. O vermelho significava que Jesus dissera exatamente aquelas

palavras, ou algo próximo daquilo;

um ponto azul indicava que ele teria dito mais ou menos o que consta da passagem; um ponto cinza indicava

que ele nunca dissera aquilo, embora as idéias sejam semelhantes às dele; e um ponto negro era sinal de que ele

jamais pronunciara aquelas palavras.

Em última análise, esses acadêmicos chegaram à conclusão de que Jesus jamais disse 82% do que os

evangelhos atribuem a ele. A maior parte dos 18% restantes foram considerados duvidosos, sobrando apenas

2% de dizeres incontestavel-mente autênticos. 66 Animados pela controvérsia e sem competência para investigar

a metodologia utilizada pelo Seminário, os jornalistas gastaram rios de tinta na história.

Foi então que o Seminário Jesus publicou *The five gospels [Os cinco evangelhos],* contendo os quatro

evangelhos tradicionais e mais o *Evangelho de Tome,* de autenticidade duvidosa, em que as palavras de Jesus

apareciam destacadas pelo código de cores citadas anteriormente, de acordo com as descobertas do grupo. Basta

folhear o livro para encontrarmos uma porção de pontos negros e pouquíssimos dos valiosos pontos vermelhos.

Por exemplo, as únicas palavras da Oração do Senhor que o Seminário tem certeza de que Jesus pronunciou

são: "Pai nosso".

Mas eu queria ir além das manchetes e desenterrar, como gosta de dizer o

comentarista Paul Harvey, "o

resto da história". Precisava saber se havia uma prova de contestação digna de crédito que pudesse refutar essas

opiniões preocupantes e amplamente divulgadas. Será que as descobertas do Seminário Jesus baseavam-se em

pesquisa acadêmica imparcial ou será que eram como o testemunho malfadado de Passeri: bem-intencionado,

porém sem nenhum fundamento?

Para obter essa resposta, fiz uma viagem de seis horas até St. Paul, Minnesota, para consultar o dr.

Gregory Boyd, professor universitário muito respeitado cujos livros e artigos divergem frontalmente das

conclusões do Seminário Jesus.

Quinta entrevista: Gregory A. Boyd, Ph.D.

A primeira vez que Boyd se defrontou com o Seminário Jesus foi em 1996, quando escreveu uma crítica

devastadora a respeito das perspectivas liberais sobre Jesus intitulada *Cynic sage or son of God? Recovering the*

real Jesus in an age of revisionist replies [Um sábio cínico ou filho de Deus? Resgatando o Jesus verdadeiro

em uma época de réplicas revisionistas]. O livro, de 416 páginas e com inúmeras notas de rodapé, foi eleito um

dos melhores do ano pelos leitores da revista *Christianity Today.* Seu livro, *Jesus under siege [Jesus sob cerco],*

em brochura, fez muito sucesso e prossegue na mesma linha, porém em um nível mais didático.

Boyd escreveu também o premiado *Letters from a skeptic [Cartas de um cético],* em que ele e seu pai,

na época ainda não convertido, debatem as questões mais controvertidas do cristianismo (no fim, seu pai torna-

se cristão), e *God at war: the Bible and spiritual conflict [Deus em guerra: a Bíblia e conflito espiritual]*. Além

disso, fez parte do grupo de estudiosos que elaborou a *Bíblia de estudo Vida,* que se propõe responder às

indagações sobre a fé cristã.

Depois de se formar em filosofia pela Universidade de Minnesota, Boyd fez mestrado em teologia,

graduando-se com louvor na Yale University Divinity School. Doutorou-se com louvor também pelo Seminário

Teológico de Princeton.

Ele não é, contudo, aquele estereótipo de intelectual que se enclausura em sua torre de marfim. De

cabelos negros ondulados, magro e de sorriso contido, Boyd parece o equivalente acadêmico do comediante

Howie Mandell. E, a exemplo de Mandell, ele é pura energia cinética.

As palavras jorram de sua boca como água de um cano furado. Tece idéias sofisticadas e conceitos

teológicos a uma velocidade estonteante. Boyd não sossega, ele gesticula e se mexe na cadeira. Não tem tempo

para arregaçar as mangas, arquivar a papelada espalhada sobre a escrivaninha do escritório ou pôr de volta na

estante as pilhas desordenadas de livros amontoadas no chão. Boyd passa muito

tempo pensando, debatendo,

imaginando, sonhando, contemplando, inventando — sempre envolvido com um ou outro projeto.

Na verdade, uma especialização só é pouco para ele. Além de professor de teologia da Bethel College, é

também pastor da Woodland Hills Church, onde o fervor de sua pregação elevou o número de membros de 42,

em 1992, para 2 500 atualmente. Esse envolvimento com o mundo real ajuda-o a se fixar na realidade da vida

cotidiana.

Ele gosta de discutir com ateus só por esporte. Debateu com o falecido Gordon Stein sobre o tema

"Deus existe?". Com Dan Barker, ex-pastor que acabou abraçando o ceticismo, ele polemizou em torno da

66 Gregory A. BOYD, *Jesus under siege*, Wheaton, Victor, 1995, p. 88.

questão "Jesus ressurgiu dos mortos?". E em um programa patrocinado pelo Centro Islâmico de Minnesota

desafiou um muçulmano com o tema "Deus é uma trindade?". Sua mente ágil, sua presença de espírito, a

empatia com o povo e seu vasto conhecimento filosófico e bíblico fazem dele um inimigo formidável.

Além disso, Boyd combina a cultura popular com a erudição séria de modo incomparável. Ele domina

tanto as notas de rodapé quanto as regras do futebol. É capaz de começar uma frase com uma observação de

improviso sobre um novo filme e terminá-la com uma referência estonteante a

um profundo enigma filosófico.

Não vê nenhuma dificuldade em ler *Dilbert* ou assistir a *Seinfeld* enquanto redige um livro impressionante:

Trinity and process: a critical evaluation and reconstruction of Hartshorne's di-polar theism towards a

trinitarían metaphysics [Trindade e processo: uma avaliação e reconstrução crítica do teísmo bipolar de

Hartsthorne concernente à metafísica trinitária].

Seu estilo informal e coloquial (qual outro estudioso da Bíblia é capaz de sair com termos como "é um

barato" e "o cara é uma figura"?) fizeram-me sentir imediatamente à vontade no aperto de sua sala no segundo

andar. Logo percebi que ele estava ansioso e pronto para começar nossa conversa.

Escritos da periferia radical

Decidi começar pela perspectiva do consumidor médio de notícias.

— As pessoas pegam uma revista ou um jornal, lêem as conclusões do Seminário Jesus e acham que

elas representam a corrente principal da erudição neotestamentária — eu disse. — Mas será que é isso mesmo?

— Não — disse ele, como se tivesse acabado de morder alguma coisa amarga. — Não, não, *não* é bem

assim. Mas você tem razão, as pessoas têm essa impressão.

Boyd acomodou-se na cadeira e começou a contar uma história.

— Quando a revista *Time* publicou pela primeira vez um artigo de destaque sobre o Seminário Jesus —

disse ele —, eu vinha justamente falando do cristianismo a um sujeito com quem tentava construir um

relacionamento. Ele era muito cético por natureza e andava fascinado pelas idéias da Nova Era. Tínhamos um

amigo comum hospitalizado. Quando fui visitá-lo, esse sujeito de quem falei estava lá lendo a *Time.* Assim que

entrei no quarto, ele me disse: "Veja só, Greg, parece que os acadêmicos discordam de você", e atirou a revista

na minha direção!

Boyd sacudiu a cabeça triste e desconsolado.

— Aquele artigo lhe deu motivos para não me levar a sério. Apesar de saber que eu era um acadêmico

também, ele interpretou o artigo como se a maioria dos estudiosos — ao menos

os que não são fundamentalistas

de carteirinha — fossem dessa opinião.

Consegui assimilar bem a história de Boyd, porque já ouvira muita gente identificar o Seminário Jesus

com a opinião de todos os eruditos.

— O senhor acha que essa impressão foi acidental? — perguntei-lhe.

— Bem, o Seminário procura passar essa imagem — respondeu Boyd. — Na verdade, essa é uma de

suas facetas mais irritantes, não apenas para os evangélicos, como também para outros estudiosos. Se você der

uma olhada no livro *The five gospels [Os cinco evangelhos],* publicado pelo Seminário, verá que eles

apresentam "sete pilares de sabedoria acadêmica", como se fôssemos obrigados a seguir a metodologia deles se

quisermos ser eruditos de verdade. Todavia, inúmeros estudiosos, de procedências as mais diversas, teriam

sérias restrições a pelo menos um, se não a todos esses pilares. O Seminário intitula sua tradução da Bíblia

"Versão acadêmica". Bem, e o que isso significa? Que as outras versões não são acadêmicas?

Boyd fez uma breve pausa, depois tocou no cerne da questão.

— A verdade é a seguinte — disse ele. — O Seminário Jesus representa um número extremamente

reduzido de radicais das regiões mais remotas do espectro acadêmico que se colocam bem à esquerda do

pensamento teológico sobre o Novo Testamento. Eles não representam a

principal corrente de estudiosos. E,

ironicamente, eles têm um tipo particular de fundamentalismo. Dizem que sabem o jeito certo de fazer as

coisas, e ponto final.

Boyd sorriu.

— Em nome da diversidade — acrescentou com um sorriso irônico — acabam se tornando muito

limitados.

A descoberta do Jesus "real"

— Pelo menos — eu disse — os participantes do Seminário Jesus não escondem nem um pouco seus

objetivos, não é mesmo?

— É verdade. Eles dizem claramente que querem resgatar a Bíblia dos fundamentalistas e libertar os

americanos da crença "ingênua" de que o Jesus da Bíblia é o Jesus "real". Dizem que querem um Jesus que

tenha algo a dizer à nossa situação hoje. Um deles disse que o Jesus tradicional não falou nada sobre a crise

ecológica, o problema nuclear e a questão do feminismo, portanto precisamos de um novo retrato de Jesus.

Como disse outro membro do Seminário, precisamos de uma "nova ficção". Uma das deformações do

Seminário consiste no fato de se dirigirem diretamente às massas, e não a outros estudiosos. Querem tirar suas

descobertas da torre de marfim e expô-las em praça pública para influenciar a opinião do povo. O que o

Seminário tem em mente é uma forma totalmente nova de cristianismo.

A idéia de um novo Jesus, uma nova fé e um novo cristianismo era intrigante.

— Fale-me então sobre esse Jesus que os membros do Seminário Jesus descobriram — eu disse. —

Como ele é?

— Basicamente, eles descobriram o que queriam descobrir. Alguns acham que Jesus foi um

revolucionário político; outros, um fanático religioso; outros ainda o vêem como um fazedor de milagres; ele

seria feminista, igualitário, subversivo, conforme outros. A diversidade não tem fim — disse Boyd.

A seguir, tocou no ponto principal.

— Há, porém, um ângulo de Jesus sobre o qual todos estão de acordo: Jesus tem de ser, em primeiro

lugar, um Jesus desprovido da natureza divina. Seja o que for que se diga a seu respeito, o fato é que ele era um

homem como eu e você. Talvez tenha sido um homem extraordinário, talvez tenha tocado em nosso potencial

interior como ninguém mais foi capaz de fazê-lo, mas ele não era sobrenatural. Eles dizem, portanto, que Jesus

não se via como Deus e Messias; tampouco seus primeiros seguidores viam algum significado especial em sua

morte. Sua crucificação foi uma infelicidade que aconteceu na hora errada. As histórias sobre sua ressurreição

apareceram mais tarde na tentativa de lidar com essa triste realidade.

As provas merecem exame

Levantei-me e comecei a percorrer a estante de Boyd enquanto formulava minha próxima pergunta.

— Muito bem, mas o senhor crê pessoalmente que Jesus ressurgiu, e talvez sua fé influencie muito seu

ponto de vista por causa disso — comentei. — O Seminário Jesus se apresenta como instância que procura de

modo imparcial a verdade, em oposição às pessoas devotadamente religiosas, como você, movidas pela

orientação teológica.

Boyd virou-se na cadeira e me olhou de frente.

— Ah, mas não é isso o que de fato acontece — ele insistiu. — Os membros do Seminário são tão

parciais quanto os evangélicos, e eu diria que em maior grau ainda. Eles pretendem apresentar um conjunto de

premissas para sua erudição, o que, na verdade, todos procuramos fazer em certa medida. Sua premissa

principal, que, incidentalmente, não é produto de pesquisa acadêmica imparcial, é que os evangelhos não são

confiáveis como conjunto. Essa foi a conclusão a que chegaram no início porque há coisas nos evangelhos que

parecem historicamente improváveis, como os milagres: o caminhar sobre as águas, a ressurreição dos mortos.

Essas coisas, dizem, simplesmente não acontecem. Isso é naturalismo, segundo o qual para cada efeito da

natureza ou do mundo físico há uma causa natural.

— Sei, mas não é isso o que normalmente ocorre em nossas vidas? — perguntei-lhe. — O senhor está

dizendo que deveríamos acreditar que há uma explicação sobrenatural para tudo o que acontece?

— Acho que ninguém vai apelar para uma explicação sobrenatural se não for preciso — disse Boyd. —

Esses estudiosos, no entanto, vão além e dizem que nunca temos de fazê-lo. Eles raciocinam com base no

pressuposto de que tudo o que aconteceu na história se deu em conformidade com suas experiências e, já que

nunca viram o sobrenatural, concluem que jamais aconteceram milagres na história. Eles eliminam toda e

qualquer possibilidade do sobrenatural logo de início, depois dizem: "Provem agora o que vocês dizem que

Jesus fez". Não é de espantar que sempre obtenham os resultados esperados!

Eu queria mudar um pouco o rumo da conversa.

— Muito bem, como é que o senhor trataria dessa questão? — perguntei-lhe.

— Eu diria que não se deve apelar para o sobrenatural a menos que não haja outra saída. Isso mesmo.

Procure, em primeiro lugar uma explicação natural. É o que faço em minha vida. Uma árvore cai: tudo bem,

talvez estivesse com cupins. Mas será possível que um anjo a tivesse derrubado? Bem, eu não chegaria a essa

conclusão, a menos que houvesse provas convincentes o bastante para isso. Portanto, essa é a concessão que

faço ao sobrenatural. O que não posso admitir é a tremenda presunção de que sabemos o suficiente sobre o

universo para dizer que Deus, se é que há um Deus, jamais poderia irromper em nosso mundo de um modo

sobrenatural. É o tipo da premissa arrogante. Não é uma premissa com base histórica; agora já estamos no

campo da metafísica. Creio que deveria haver uma certa dose de humildade na investigação histórica para

comportar um raciocínio do tipo: "Sabe de uma coisa? É possível que Jesus Cristo tenha ressurgido dos mortos.

E possível que seus discípulos tenham visto de fato o que os evangelhos dizem que viram". E, se não houver

nenhum outro meio que possa satisfazer adequadamente as provas apresentadas, devemos investigar a

possibilidade. Esse, na minha opinião, é o único meio de honrar as provas que temos.

A crítica dos critérios

Para chegar à conclusão de que Jesus nunca disse a maioria das palavras atribuídas a ele nos evangelhos,

os membros do

Seminário utilizaram pressupostos e critérios que eles mesmos fixaram. Mas será que esses padrões são

sensatos e adequados? Ou será que desde o início já eram distorcidos, assim como dados adulterados, que,

quando jogados, apresentam os números que alguém programou?

— Existem inúmeros problemas no que se refere aos pressupostos e critérios que

eles utilizam —-

principiou Boyd, analisando a abordagem do grupo. — Por exemplo, eles supõem que a igreja posterior tenha

posto esses dizeres na boca de Jesus, a menos que tenham alguma prova que os convença do contrário. Esse

pressuposto está alicerçado em sua desconfiança em relação aos evangelhos, porque, para eles, não há eventos

sobrenaturais. Os historiadores normalmente procedem sob o peso do ônus da prova, cabendo-lhes provar se os

dados de que dispõem são falsos ou suspeitos, uma vez que as pessoas não costumam mentir compulsivamente.

Se não fosse por isso, saberíamos muito pouco sobre história antiga. O Seminário Jesus vira isso de cabeça para

baixo e diz que é preciso provar claramente que determinadas palavras foram ditas por Jesus. Em seguida,

apresentam critérios questionáveis para fazê-lo. Nada impede que os estudiosos utilizem critérios apropriados

para saber se Jesus disse ou não determinadas palavras. Não concordo, porém, com a idéia de que, se Jesus não

satisfaz esses critérios, é porque não disse o que consta dos evangelhos. Esse tipo de conclusão negativa pode

ser um problema.

Toda essa questão teórica estava servindo mais para confundir do que para esclarecer. Eu precisava de

exemplos concretos para que pudesse acompanhar o raciocínio de Boyd.

— Dê um exemplo de critérios específicos utilizados pelos membros do

Seminário — eu disse.

— Há um critério chamado "dupla dessemelhança" — respondeu ele. — Isso significa que eles

acreditarão que Jesus pronunciou determinadas palavras se elas não soarem como algo que teria sido dito por

um rabino ou pela igreja posterior. Caso contrário, teriam entrado para o evangelho a partir de uma fonte

judaica ou cristã. O problema, naturalmente, é que Jesus era judeu e fundou a igreja cristã, por isso, ninguém

deve se espantar se suas palavras lembrarem o judaísmo ou o cristianismo! Mas esse foi o critério que eles

usaram para chegar à conclusão negativa de que Jesus jamais disse uma porção de coisas.

Após breve pausa, ele continuou.

— Em seguida, há o critério da "comprovação múltipla", ou seja, só podemos saber com certeza se Jesus

disse ou não determinadas palavras se as encontrarmos em mais de uma fonte. Esse pode ser um bom teste para

confirmar a veracidade de algumas palavras. Todavia, por que desprezar o outro critério, segundo o qual não

será válida a descoberta se ela estiver em apenas uma fonte? Na verdade, a maior parte da história antiga baseia-

se em fontes únicas. Geralmente, se uma fonte é considerada confiável, e eu diria que há inúmeras razões para

acreditar que os evangelhos são confiáveis, ela merece crédito, ainda que não se possa confirmá-la por meio de

outras fontes. Mesmo quando as palavras de Jesus aparecem em dois ou três evangelhos, eles não consideram

esse dado suficiente quanto ao critério de "comprovação múltipla". Se algumas palavras de Cristo são

encontradas em Mateus, Marcos e Lucas, eles as consideram provenientes de uma única fonte, porque

pressupõem que Mateus e Lucas basearam-se em Marcos quando redigiram os seus evangelhos. Não se dão

conta de que um número cada vez maior de estudiosos se mostra cada vez mais cauteloso em relação a essa

teoria. Percebe-se, por essa linha de pensamento, por que é extremamente difícil passar pelo teste da

comprovação múltipla.

Boyd fez menção de continuar, mas eu lhe disse que já havia entendido o que queria dizer: critérios

distorcidos, assim como dados viciados, produzem resultados já esperados desde o início.

Jesus, o fazedor de milagres

Uma das estratégias utilizadas pelos estudiosos naturalistas consiste na busca de paralelos entre Jesus e

outros da Antigüidade, procurando com isso demonstrar que suas declarações e façanhas não foram únicas.

Pretendem com isso mostrar que Jesus não era diferente dos demais.

— O que o senhor acha disso? — perguntei a Boyd. — Por exemplo, houve rabinos no passado que

faziam exorcismos, que oravam pedindo chuva, e chovia. Portanto, para alguns

acadêmicos, Jesus foi mais um

judeu fazedor de milagres. Deve-se acreditar nisso?

Eu estava prestes a ver Boyd, o polemista, entrar em ação, com respostas detalhadas para uma questão

complexa sem a ajuda de notas de rodapé. Fiquei contente por estar gravando nossa conversa; se estivesse

simplesmente anotando, jamais conseguiria acompanhar seu discurso veloz.

— Na verdade, os paralelos desmoronam rapidamente depois de um exame mais minucioso — começou

ele, aumentando cada vez mais o ritmo da resposta. — Em primeiro lugar, a centralidade do sobrenatural na

vida de Jesus não tem paralelo algum na história judaica. Em segundo lugar, a natureza radical de seus milagres

distinguem-no dos demais. Não foi só uma chuva que caiu quando ele orou; estamos falando de gente que foi

curada de cegueira, surdez, lepra e escoliose, de tempestades que foram reprimidas, de peixes e pães que foram

multiplicados, de filhos e filhas ressurretos dos mortos. Essas coisas não têm paralelo. Em terceiro lugar, o que

mais distingue Jesus é a forma como realizou milagres pela sua autoridade. É ele quem diz: "Mas se é pelo dedo

de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus", referindo-se a si mesmo. E mais:

"Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos". Ele dá a Deus o crédito pelo que faz, mas nunca pede a

Deus Pai que faça o que quer que seja: ele age pelo poder de Deus Pai. É algo

sem paralelo. Isso só reforça a

maneira diferente como Jesus falava sobre si mesmo: "Foi-me dada toda a autoridade"; "... para que todos

honrem o Filho como honram o Pai"; "Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão". Em

nenhum lugar você encontra rabinos com esse tipo de discurso.

Depois de ouvir essa rápida explosão de argumentos, eu disse sorrindo:

— Mas aonde o senhor quer chegar? Boyd riu.

— Qualquer paralelo com rabinos fazedores de milagres — arrematou ele — é um exagero muito

grande.

Jesus e o fabuloso Apolônio

Eu não pretendia deixar que o talento de Boyd para a controvérsia me intimidasse. Resolvi levantar uma

questão mais complicada ainda: os paralelos aparentemente mais fortes entre Jesus e uma personagem histórica:

Apolônio de Tiana.

— O senhor conhece as provas tão bem quanto eu — disse a Boyd. — Eis aí um homem do século I que

teria curado pessoas e exorcizado demônios; que teria ressuscitado uma jovem dentre os mortos; e que teria

aparecido a alguns de seus seguidores depois de ter morrido. As pessoas trazem o fato à tona e dizem: "Aha! Se

você disser que a história de Apolônio não passa de lenda, por que não dizer o mesmo sobre Jesus?".

Boyd acenava com a cabeça dando a entender que estava acompanhando meu raciocínio.

— Admito que, a princípio, parece impressionante — concordou ele. — Quando ouvi falar de Apolônio

pela primeira vez, ainda estava na faculdade. Fiquei chocado. Todavia, se nos dispusermos a analisar a situação

com mais calma e objetividade, veremos que os pretensos paralelos não se sustentam.

Queria detalhes, e não informações genéricas.

— Prossiga — disse eu. — Dê o melhor de si para desmontar essa história toda.

— Muito bem. Em primeiro lugar, o biógrafo da personagem em questão, Filostrato, redigiu seu relato

mais de um século e meio depois da morte de Apolônio, ao passo que os evangelhos foram escritos por pessoas

contemporâneas de Jesus. Quanto mais próximos estivermos dos acontecimentos, tanto menor a possibilidade

de introdução de material lendário, de erros ou de lapsos de memória. Outro detalhe é que temos quatro

evangelhos corroborados por Paulo que podem ser cotejados, em certa medida, por autores alheios à Bíblia,

como Josefo e outros. No caso de Apolônio, estamos lidando com uma fonte apenas. Além disso, os evangelhos

foram aprovados pelos testes de confiabilidade histórica a que foram submetidos, o que já não se pode dizer da

história de Apolônio. Como se isso não bastasse, Filostrato foi incumbido pela imperatriz de escrever uma

biografia, para dedicar um templo a Apolônio. Ela era seguidora de Apolônio, portanto Filostrato teria um

motivo financeiro para embelezar a história e dar à imperatriz o que ela queria. Por outro lado, os autores do

evangelho nada tinham a ganhar, e muito a perder, ao escrever a história de Jesus; também não tinham nenhum

outro motivo, como dinheiro, por exemplo. Também a forma como Filostrato escreve é muito diferente da dos

evangelhos. Os evangelhos dão uma perspectiva ocular muito confiável, como se houvesse uma câmera no

local. Filostrato, por sua vez, faz incontáveis declarações que inspiram pouca confiabilidade, por exemplo:

"Consta que..." ou "Segundo dizem alguns, a jovem teria morrido; outros dizem que ela estaria apenas doente".

Ele tem o mérito de tratar com cautela as histórias, não pretendendo que sejam mais que isso. Entretanto, o que

mais chama a atenção é o fato de que Filostrato escreveu em princípios do século III, na Capadócia, onde o

cristianismo se fixara havia algum tempo. Portanto, se algum empréstimo houve, foi da parte de Filostrato, e

não dos cristãos. É bem provável que os seguidores de Apolônio encarassem os cristãos como rivais: "Ah, é?

Bem, Apolônio fez as mesmas coisas que Jesus fez". Mais ou menos como uma criança que diz à outra: "Meu

pai é mais forte que o seu!". Apenas para encerrar, estou disposto a admitir que Apolônio tenha realizado alguns

feitos assombrosos, ou pelo menos conseguiu que as pessoas acreditassem que

fosse capaz de fazê-los. Isso,

porém, não compromete de forma alguma as provas a favor de Jesus. Mesmo que admitamos as proezas de

Apolônio, restam as provas a favor de Cristo, com as quais devemos lidar.

Jesus e as "religiões de mistérios"

Muito bem, pensei, vamos fazer mais uma tentativa. Muitos universitários aprendem que vários dos

temas vistos na vida de Cristo não passam de ecos de antigas "religiões de mistérios", nas quais encontramos

histórias de deuses que morrem e ressuscitam, rituais de batismo e de comunhão.

— O que o senhor diz sobre esses paralelos? — perguntei-lhe.

— Esse foi um argumento muito popular no início do século, mas acabou perdendo a força porque ficou

desacreditado. Em primeiro lugar, dada a época em que os eventos ocorreram, se for levantado o argumento do

empréstimo, deve-se fazê-lo tomando como ponto de partida o cristianismo, e não as religiões de mistério.

Além disso, as religiões de mistério ficavam um pouco ao gosto do freguês, tomando emprestadas idéias de

vários lugares. Os judeus, contudo, sempre preservaram suas crenças de influências externas. Viam-se como um

povo separado e resistiam resolutamente às idéias e aos rituais pagãos.

Para mim, os paralelos de potencial mais interessante eram as narrativas mitológicas sobre deuses que

morriam e ressuscitavam.

— Essas histórias não seriam similares às crenças cristãs? — perguntei.

— Embora seja verdade que certas religiões de mistério apresentam narrativas de deuses morrendo e

ressuscitando, elas sempre giravam em torno do ciclo natural da vida, da morte e do renascimento — disse

Boyd. — As lavouras fenecem no outono e tornam à vida na primavera. As pessoas expressam a maravilha

desse fenômeno contínuo por meio de histórias mitológicas de deuses que morrem e ressuscitam. São narrativas

que sempre se apresentam sob a forma de lenda. Tratam de eventos que aconteceram na época do "era uma

vez". Compare isso com a descrição de Jesus Cristo nos evangelhos. Eles falam de alguém que viveu de

verdade muitas décadas atrás. Citam nomes: crucificado sob Pôncio Pilatos, sendo Caifás o sumo sacerdote; o

pai de Alexandre e Rufo carregou sua cruz, por exemplo. Trata-se de material histórico concreto. Nada tem a

ver com histórias de coisas que aconteceram na época do "era uma vez". O cristianismo não tem relação com

ciclos de vida ou colheitas. Seu tema é um assunto tipicamente judeu — que não aparece nas religiões de

mistério — sobre a ressurreição dos mortos, vida eterna e reconciliação com Deus. Quanto à sugestão de que as

doutrinas neotestamentárias do batismo ou da comunhão tenham origem nas religiões de mistério, isso é pura

bobagem. Em primeiro lugar, a prova desses supostos paralelos só aparece depois do século II, portanto

qualquer empréstimo teria sido feito pelas religiões de mistério, e não pelo cristianismo. Se fizermos uma

retrospectiva cuidadosa, veremos que as semelhanças desaparecem. Por exemplo, para atingir um alto nível no

culto de Mitra, os seguidores tinham de se sentar sob um touro sacrificado, para que pudessem ser banhados por

seu sangue e suas entranhas. Depois, reuniam-se aos demais e comiam o animal. Pois bem, dizer que os judeus

viam algo de atraente nessa prática bárbara a ponto de tomá-la como modelo para o batismo e a comunhão é um

absurdo sem tamanho, o que explica o fato de muitos estudiosos não aceitarem tal idéia.

Evangelhos secretos e cruzes falantes

O escritório de Boyd era confuso e desorganizado; sua mente, porém, era perspicaz e sistemática. Sua

análise desses paralelos tão alardeados deixava pouca margem para dúvidas. Decidi então passar para outra área

da qual a mídia se ocupa com freqüência: as "novas descobertas", que sempre são tema de livros dos

participantes do Seminário Jesus.

— A imprensa popular tem publicado muita coisa sobre o *Evangelho de Tomé, o Marcos secreto,* o

Evangelho da cruz e Q — eu disse. — É verdade que foram feitas novas descobertas que mudam nosso modo de

entender Jesus?

Boyd suspirou exasperado.

— Não, não existem novas descobertas com novos fatos sobre Jesus. O *Evangelho de Tome* foi

descoberto há muito tempo, mas só agora começaram a usá-lo para criar outro Jesus. Algumas teorias a respeito

do *Evangelho do Tomé* talvez sejam novas, mas o evangelho não é. Com relação a Q, não se trata de uma

descoberta, e sim de uma teoria que vem sendo discutida há uns 150 anos, que visa estudar o material que Lucas

e Mateus teriam em comum. A novidade é a forma bastante questionável como os acadêmicos de esquerda

utilizam suas pressuposições para fragmentar o Q hipotético em várias camadas

de desenvolvimento legendário,

a fim de dar respaldo às suas teorias preconcebidas.

Eu sabia que John Dominic Crossan, talvez o estudioso mais influente do Seminário Jesus, fizera

declarações fortíssimas a respeito de um evangelho chamado de *Marcos secreto.* Na verdade, ele afirma que o

Marcos secreto talvez seja uma versão sem censura do evangelho de Marcos cujo conteúdo confidencial era

destinado aos iniciados espirituais.67 Alguns o utilizam para dizer que Jesus era de fato um mágico, ou que

vários dos primeiros cristãos praticavam o homossexualismo. Este cenário conspiratório atraiu a atenção da

mídia.

— Que prova existe para isso? — perguntei a Boyd. Sua resposta foi rápida.

— Nenhuma — disse ele.

Embora ele não visse por que se estender sobre o assunto, pedi que me explicasse o que queria dizer.

— A questão é que o *Marcos secreto* não existe — disse ele. — O que temos é um acadêmico que

encontrou uma citação em Clemente de Alexandria de fins do século II que, supostamente, seria procedente

desse evangelho. E agora, misteriosamente, até essa citação se perdeu, desapareceu. Não temos o tal evangelho

nem a citação a seu respeito e, mesmo que tivéssemos a citação, não há motivo para achar que ela pudesse nos

dar alguma informação válida sobre o Jesus histórico ou sobre o que pensavam a

seu respeito os primeiros

cristãos. Além do mais, já sabemos que Clemente costumava aceitar muito ingenuamente escritos de autoria

duvidosa. Portanto, o *Marcos secreto* é uma obra inexistente citada em um texto agora inexistente por um autor

do século II com reputação de ingênuo em relação a esse tipo de coisa. A maior parte dos estudiosos não dá o

mínimo crédito a esse evangelho. Infelizmente, isso não tem a menor repercussão, porque a mídia gosta é de

sensacionalismo.

Crossan também acredita no que chama de *Evangelho da cruz.*

— Este se sai melhor que o outro? — perguntei.

— Não, a maioria dos estudiosos não lhe dá crédito por causa da grande quantidade de material lendário

de fora. Jesus, por exemplo, sai da sepultura com uma estatura gigantesca, que vai além do céu, enquanto a cruz

sai da sepultura e começa a falar! Obviamente, os evangelhos, muito mais sóbrios, são mais confiáveis que

qualquer coisa que deparamos nesse relato. Ele está mais de acordo com os escritos apócrifos que surgiriam

posteriormente. Na verdade, ele depende de material bíblico, portanto deve ser de um período posterior.

Contrariamente à grande maioria dos especialistas bíblicos, o Seminário Jesus conferiu um *status*

extremamente alto ao *Evangelho de Tome,* elevando-o a uma posição paralela à dos quatro evangelhos

tradicionais. No capítulo 3, o dr. Bruce Metzger criticou asperamente essa postura, classificando-a de

injustificada.

Perguntei a Boyd qual era sua opinião.

— Por que não dar a Tomé o mesmo crédito?

— Todo mundo sabe que esse evangelho foi muito influenciado pelo gnosticismo, um movimento

religioso dos séculos II, III e IV, que alegava ter acesso a percepções, conhecimento ou revelações secretas que

permitiriam às pessoas conhecer a chave do universo. A salvação dependia desse conhecimento *(gnosis*, em

grego, significa "saber") disse ele. Portanto, a maior parte dos acadêmicos diz que o *Evangelho de Tomé* foi

escrito em meados do século n aproximadamente, em cujo meio cultural ele se encaixa muito bem. Por

exemplo, nele Jesus diz: "Toda mulher que se tornar homem entrará no reino dos céus". Isso contradiz a atitude

que Jesus tinha em relação às mulheres, como bem sabemos, mas se encaixa perfeitamente na mentalidade

gnóstica. Todavia, o Seminário Jesus apegou-se arbitrariamente a certas passagens do *Evangelho de Tome* e

começou a dizer que essas passagens representavam uma camada anterior de tradição sobre Jesus, sendo

anterior inclusive aos evangelhos canônicos. Uma vez que em nenhuma dessas passagens Jesus aparece fazendo

declarações exaltadas a seu respeito ou operando façanhas sobrenaturais, eles

dizem que a mais antiga visão de

Jesus o considera apenas um grande mestre. Mas todo esse raciocínio é circular. A única razão que nos leva a

pensar que essas passagens de Tome são antigas é o fato de que contêm uma visão sobre Jesus que esses

estudiosos pressupõem ser a do Jesus original. Na verdade, não há nenhum motivo mais sólido para dar ao

Evangelho de Tomé maior importância do que aos evangelhos neotestamentários do século I.

História e fé

O Jesus da história e o Jesus da fé: o Seminário Jesus acredita que existe um grande abismo entre os

dois. Seus acadêmicos acham que o Jesus histórico foi um homem brilhante, espirituoso e revolucionário que

67 John Dominic CROSSAN, *The historical Jesus,* San Francisco, HarperSanFrancisco, 1991, p. 329.

jamais pretendeu ser o Filho de Deus; ao passo que o Jesus da fé é um amontoado de idéias reconfortantes que

ajudam as pessoas a viver bem, mas que, em última análise, não passam de pensamentos positivos.

— Não existe abismo entre o Jesus da história e o Jesus da fé — disse Boyd depois que toquei no

assunto. — Se ignorarmos todos os textos que afirmam a divindade de Jesus e que ele nos reconcilia com Deus,

aí teremos uma contradição entre ambos. De modo geral, o Seminário define o Jesus da fé da seguinte maneira:

existem símbolos religiosos que significam muito para as pessoas: o simbolismo da divindade de Jesus, da cruz,

do amor sacrificial, da ressurreição. Embora as pessoas não creiam realmente que essas coisas aconteceram,

mesmo assim são capazes de inspirá-las a viver uma vida correta, a vencer a angústia existencial, conquistar

novas potencialidades e fazer com que a esperança renasça em meio ao desespero etc.

Boyd deu de ombros e continuou:

— Perdoe-me. Já ouvi tanto esse tipo de coisa que estou saturado! Assim, esses liberais dizem que a

pesquisa histórica nunca será capaz de descobrir o Jesus da fé, porque o Jesus da fé não tem raízes na história.

Ele é simplesmente um símbolo. A questão é que Jesus não pode ser símbolo de coisa alguma a não ser que

esteja alicerçado na história. O Credo Niceno não diz: "Esperamos que tais coisas sejam verdadeiras". Ele diz:

"[Jesus Cristo] foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos [...] e ao terceiro dia ressuscitou", e prossegue daí por

diante. A verdade teológica baseia-se na verdade histórica. E assim que fala o Novo Testamento. Veja o sermão

de Pedro no segundo capítulo de Atos. Ele se levanta e diz: "Irmãos, posso dizer-lhes com franqueza que o

patriarca Davi morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está entre nós até o dia de hoje. Mas Deus ressuscitou este

Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato". Se acabarmos com os milagres, acabamos também com a

ressurreição, e nada nos resta a proclamar. Paulo diz que, se Jesus não ressuscitou dos mortos, nossa fé é vã,

inútil e vazia.

Boyd fez uma pequena pausa e mudou o tom de voz, passando do tom de pregador a uma intensa

expressão de convicção pessoal.

— Não quero basear minha vida em um símbolo — disse ele, resoluto. — Quero realidade, e a fé cristã

sempre esteve alicerçada na realidade. O que não está alicerçado na realidade é a fé dos acadêmicos liberais.

Eles é que estão atrás de um sonho irreal, mas o cristianismo nada tem a ver com isso.

A combinação de fé e história

Passamos muito tempo falando sobre o Jesus do Seminário Jesus — um Jesus simbólico, porém,

impotente, que só é capaz de oferecer ao mundo uma esperança ilusória. Antes de ir embora, porém, queria

ouvir a respeito do Jesus de Gregory Boyd. Eu queria saber se o Jesus sobre quem ele pesquisa e escreve livros

cheios de erudição como professor de teologia é o mesmo Jesus sobre quem prega na igreja no domingo de

manhã.

— Deixe-me entender bem — eu disse. — O seu Jesus, o Jesus com quem o senhor se relaciona, é o

Jesus da história e da fé ao mesmo tempo.

Boyd cerrou os punhos para reforçar sua opinião, como se tivesse acabado de

marcar um gol.

— Sim, exato, Lee! — exclamou. Acomodando-se na cadeira, declarou exatamente o tipo de convicção

a que seus estudos — e seu coração — o levaram.

— É mais ou menos o seguinte: se você ama alguém, seu amor vai além dos fatos que cercam essa

pessoa, embora esteja alicerçado nesses fatos. Por exemplo, você ama sua esposa porque ela é maravilhosa,

linda, doce, gentil. Tudo isso são fatos que dizem respeito a ela, portanto você a ama. Mas o seu amor vai além

disso. Você pode saber todas essas coisas a respeito de sua esposa e ainda assim não amá-la e não confiar nela,

mas você confia. Portanto, a decisão vai além da prova, porém também está calcada nela. A mesma coisa

acontece quando amamos a Jesus. Ter um relacionamento com Jesus Cristo é mais do que saber os fatos

históricos a seu respeito, embora nosso amor por ele também esteja alicerçado nesses

fatos. Minha fé em Jesus Cristo está alicerçada na comprovação histórica, mas vai além de provas. Tenho de

depositar minha confiança nele e com ele caminhar diariamente. Interrompi-o.

— Mas o senhor não concorda que o cristianismo faz algumas declarações sobre Jesus que são difíceis

de acreditar?

— Sim, claro que concordo — disse ele. — Por isso me alegro que haja tantas provas tão sólidas sobre a

veracidade delas. Para mim — ele acrescentou — tudo se resume ao fato de que não existe concorrência. A

prova de que Jesus era quem os discípulos diziam ser, pelos milagres que fez, sua ressurreição dos mortos, as

declarações que fez sobre si mesmo, está a anos-luz de distância de meus motivos para achar que os acadêmicos

de esquerda do Seminário Jesus estão com a razão. O que eles têm? Bem, há uma breve alusão a um evangelho

"secreto" em uma carta de fins do século II que, infelizmente, só foi vista por uma pessoa e que agora se

encontra perdida. Há um relato do século m sobre a crucificação e a ressurreição em que figura uma cruz que

fala e que alguns poucos estudiosos acreditam ser anterior aos evangelhos. Há um documento gnóstico do

século II que alguns eruditos querem agora fazer retroceder no tempo para dar respaldo às suas idéias

preconcebidas. Existe também um documento hipotético baseado em pressupostos não muito sólidos que vai

ficando cada vez mais rarefeito em decorrência da utilização de um raciocínio circular.

Boyd recostou-se na cadeira.

— Não, sinto muito — ele disse, balançando a cabeça. — Não posso aceitar. É muito mais sensato pôr

minha confiança nos evangelhos, que passam com louvor pelo teste do escrutínio histórico, do que acreditar no

que diz o Seminário Jesus.

Um coro de críticos

Quando voltei ao hotel, repassei na mente minha entrevista com Boyd. Sentia o mesmo que ele: se o

Jesus da fé não é o mesmo Jesus da história, não há nenhum poder e nenhum significado nele. A menos que

esteja alicerçado na realidade e sua divindade seja comprovada pela ressurreição dos mortos, ele não passa de

um símbolo tão simpático quanto Papai Noel.

Mas há boas provas de que ele seja mais do que isso. Eu já ouvira testemunhos oculares e vira

documentos muito bem fundamentados que corroboravam, por meio de provas científicas, a declaração do

Novo Testamento de que Jesus é o Deus encarnado. Portanto, eu já estava pronto par retomar minha jornada em

busca de mais material histórico sobre seu caráter e suas ressurreição.

Entretanto, Greg Boyd não é a única voz a contestar o Seminário Jesus. Ele pertence a um grupo de

críticos cada vez maior, não só da parte de ilustres cristãos evangélicos tradicionais, mas também da de outros

estudiosos respeitados procedentes de diversos espectros teológicos.

Deparei com um exemplo disso no hotel onde estava. Peguei para ler um livro intitulado *The real Jesus*

[O Jesus real], que comprara havia pouco tempo. Seu autor é o dr. Luke Timothy Johnson, professor muito

respeitado de Novo Testamento e origens cristãs na Candler School of Theology da Emory University. Johnson

é católico e foi monge beneditino antes de se tornar estudioso da Bíblia e escrever vários livros de grande

influência.

Ele critica freqüentemente o Seminário Jesus, dizendo que "de modo algum ele representa o que há de

mais refinado nos estudos neotestamentários", que seu processo de análise "distorce a autenticidade das

tradições evangélicas" e apresenta resultados "já de antemão esperados". 68 E conclui: "Trata-se de erudição

irresponsável e acrítica; é um embuste muito cômodo".69

Ele prossegue citando vários acadêmicos de destaque de opiniões semelhantes às suas, inclusive o dr.

Howard Clark Kee, que chamou o Seminário de "abominação acadêmica", e Richard Hayes, da Duke

University, que afirmava, na resenha de *The five gospels*, que "o caso posto em julgamento por este livro não se

sustentaria em tribunal algum".70

Fechei o livro e apaguei a luz. Retomaria no dia seguinte a busca por provas dignas de um tribunal.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Você já leu algo na imprensa sobre as conclusões do Seminário Jesus? De que modo você reagiu às notícias?

As reportagens sobre o Seminário lhe deram a impressão de que suas descobertas representam a opinião da

maioria dos estudiosos? Que perigos você vê em dar crédito ao que a imprensa

diz em casos como o do

Seminário Jesus?

2. Em suas pesquisas sobre Jesus, você elimina logo de início a possibilidade de ocorrências sobrenaturais ou

está disposto a considerar as provas históricas, mesmo que elas apontem para um evento miraculoso? Por quê?

3. Boyd disse: "Não quero que minha vida esteja alicerçada em um símbolo. Quero a realidade...". Você

concorda ou discorda? Por quê? Basta que Jesus seja um símbolo de esperança, ou é importante para você saber

que sua vida, seus ensinamentos e sua ressurreição estão enraizados na história? Por quê?

68 JOHNSON, *The real Jesus*, p. 3, 5 e 8.

69 Ibid., p. 26

70 Ibid.

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

BOYD, Gregory A. *Cynic sage or son oj God?* Recovering the real Jesus in an age of revisionist replies.

Wheaton, BridgePoint, 1995.

Jesus under siege. Wheaton, Victor, 1995.

JOHNSON, Luke Timothy. *The real Jesus.* San Francisco, HarperSanFrancisco, 1996.

WILKINS, Michael J. & J. P. MORELAND, orgs. *Jesus under fire*. Grand Rapids, Zondervan, 1995.



***parte* dois**

Analisando Jesus



7

A prova da identidade

Jesus estava realmente convicto de que

era o Filho de Deus?

John Douglas possui a estranha habilidade de perscrutar a mente de pessoas que nunca viu.

Como responsável pela elaboração do perfil psicológico de criminosos para o FBI, Douglas colhia

informações no local do crime e depois as usava para delinear a personalidade do agressor ainda à solta.

Por exemplo, Douglas disse que o "matador da trilha", um assassino em série que vagou durante os anos

de 1979 a 1981 pelas regiões arborizadas de São Francisco, era alguém com problemas de fala e dado a

crueldades animalescas, inconti-nência urinaria durante o sono e piromaníaco. E de fato, a pessoa que foi

finalmente presa e condenada nesse caso encaixava-se perfeitamente na descrição.71

Com doutorado em psicologia, anos de experiência como detetive e um talento natural para a

compreensão do comportamento humano, Douglas ficou famoso por suas proezas na elaboração de perfis

psicológicos.

Ele

é

co-autor

de

vários

best-sellers

sobre

o

assunto.

Quando Jodie Foster ganhou o Oscar por sua atuação em *O silêncio dos inocentes,* ela agradeceu

publicamente ao dr. Douglas, em quem se inspirou na vida real para fazer sua personagem do FBI.

De que maneira Douglas consegue entender a linha de raciocínio de indivíduos com quem nunca falou

antes? "O comportamento reflete a personalidade", Douglas declarou a *Biography Magazine.72*

Em outras palavras, ele examina detalhadamente as provas deixadas no local do crime e, quando

possível, entrevista as vítimas para descobrir exatamente o que o criminoso disse e fez. Com base nessas provas

— que são vestígios comporta-mentais que ficam para trás — ele deduz a configuração psicológica do

indivíduo.

Vejamos agora com relação a Jesus: se não podemos dialogar com ele, de que modo poderemos penetrar

em sua mente e saber quais eram suas motivações e intenções e de que maneira

ele compreendia a si mesmo?

Pelo seu comportamento, Douglas é capaz de dizê-lo. Se quisermos saber se Jesus se considerava o

Messias ou o Filho de Deus — ou se se considerava simplesmente um rabino ou profeta — temos de prestar

atenção ao que fez, ao que disse e de que maneira se relacionava com outras pessoas.

Saber o que Jesus pensava sobre si mesmo é uma questão de suma importância. Segundo alguns

estudiosos, o mito da divindade de Cristo foi sobreposto à tradição de Jesus por correligionários ultrazelosos

anos depois de sua morte. O Jesus verdadeiro, de acordo com esses estudiosos, rolaria dentro da sepultura se

soubesse que as pessoas o estão adorando. Se removermos o material lendário e voltarmos ao que há de mais

antigo a seu respeito, de acordo com esses especialistas, vamos descobrir que Jesus nunca pensou em ser nada

mais que um professor itinerante e agitador de multidões.

Mas será que as provas históricas comprovam o que dizem esses estudiosos? Para descobrir isso, fui

para Lexington, no estado do Kentucky, percorri estradas sinuosas e passei por uma série de fazendas de criação

de cavalos bem pitorescas para chegar até o erudito cujo tão elogiado livro *The chrístology of Jesus [A*

cristologia de Jesus] trata exatamente desse assunto.

Sexta entrevista: Ben Witherington m, Ph.D.

Não há muita coisa de interessante na pequena Wilmore, no Estado de Kentucky, com exceção do

Seminário Teológico de Asbury. O escritório de Ben Witherington fica no quarto andar de um prédio em estilo

colonial distante da rua principal daquela rústica comunidade. Com a graciosa hospitalidade de um cavaleiro

sulista, Witherington, natural da Carolina do Norte, ofereceu-me uma cadeira confortável e café, enquanto nos

71 Marjorie ROSEN, Getting inside the mind of a serial killer, *Biography,* Oct. 1997, p. 62-5.v

72 Ibid., p. 64

sentávamos para discutir quem Jesus de Nazaré era de fato.

O tema é familiar a Witherington, que publicou, entre outros, *Jesus the sage [Jesus, o sábio], The many*

faces of Christ [As várias faces de Cristo], The Jesus quest [A busca por Jesus]; Jesus, Paul, and the end of the

world [Jesus, Paulo e o fim do mundo] e *Women in the ministry of Jesus [As mulheres no ministério de Jesus]*.

Seus artigos sobre Jesus constam de dicionários especializados e de periódicos acadêmicos.

Formado pelo Seminário Teológico Gordon-Conwell (onde concluiu seu mestrado em teologia com

louvor) e pela Universidade de Durham, na Inglaterra (onde fez seu doutorado em teologia com ênfase no Novo

Testamento), Witherington lecionou no Seminário de Asbury, no Seminário Teológico de Ashland, na Divinity

School da Duke University e no Gordon-Conwell. Ele é membro da Sociedade para o Estudo do Novo

Testamento, da Sociedade de Literatura Bíblica e do Instituto de Pesquisas Bíblicas.

De fala clara e ponderada, pesando cuidadosamente as palavras, Witherington lembra bem o tipo

erudito, embora seu tom de voz revele uma admiração oculta inconfundível — e até mesmo um certo fascínio

— pelo seu tema. Isso ficou ainda mais evidente quando ele me mostrou o seu estúdio *high-tech*, onde estava

mixando imagens de Jesus com canções cujas letras apontam para a compaixão, o sacrifício, a humanidade e a

majestade da vida e do ministério de Cristo.

Para um estudioso que escreve livros carregados de notas de rodapé, de prosa cautelosamente matizada e

acadêmicamente precisa quando se trata de questões técnicas envolvendo Jesus, esse casamento artístico do

vídeo com a música é uma válvula de escape poética que explora um lado de Jesus que só as artes criativas são

capazes de apreender em parte.

Ao voltarmos ao escritório de Witherington, resolvi começar o exame da questão do que Jesus pensava

sobre si mesmo com uma pergunta que sempre vem à mente das pessoas que lêem pela primeira vez os

evangelhos.

— Não é verdade que Jesus fazia um certo mistério em relação à sua identidade?

— perguntei a

Witherington no momento em que ele puxava uma cadeira para sentar-se à minha frente. — Ele evitava, de

modo geral, proclamar abertamente sua condição de Messias ou de Filho de Deus. Será que é porque ele não

achava que fosse nem uma coisa nem outra ou seria por outros motivos?

— Não, não é porque não se considerasse nem uma coisa nem outra — respondeu Witherington,

acomodando-se em sua cadeira e cruzando as pernas. — Se ele tivesse dito simplesmente: "Oi, gente, sou

Deus", as pessoas entenderiam que ele estava dizendo: "Sou IAVÉ", porque os judeus daquela época não tinham

o conceito da Trindade. Eles só conheciam o Deus Pai — a quem chamavam IAVÉ, mas não sabiam da

existência do Deus Filho nem do Deus Espírito Santo. Portanto, se alguém dissesse que era Deus, isso não faria

o menor sentido para eles, que interpretariam a declaração como blasfêmia absoluta. Além do mais, isso em

nada ajudaria Jesus em seus esforços para que as pessoas ouvissem sua mensagem. Fora isso, havia muita

expectativa em relação à aparência que o Messias teria, e não era intenção de Jesus ser enquadrado em uma

categoria qualquer. Conseqüentemente, suas declarações públicas eram sempre muito cautelosas. Em particular,

junto com os discípulos, a história era diferente, mas os evangelhos narram principalmente seus atos públicos.

Explorando as primeiras tradições

Em 1977, um livro da autoria do teólogo inglês John Hick, em parceria com vários outros colegas de

mesma opinião, provocou uma polêmica acalorada ao afirmar que Jesus nunca pensou que fosse Deus

encarnado ou o Messias. Esses conceitos, disseram, desenvolveram-se mais tarde e foram incorporados aos

evangelhos, de modo que Jesus parece tê-los dito.

Para investigar essa alegação, Witherington retrocedeu ao tempo das mais antigas tradições sobre Jesus

— ao material mais primitivo, inquestionavelmente à prova da influência de lendas — e descobriu provas

convincentes sobre como Jesus via a si mesmo.

Eu queria me aprofundar nessa pesquisa começando pela pergunta:

— Que pistas temos sobre o conceito que Jesus tinha de si mesmo com base na maneira como ele se

relacionava com as outras pessoas?

Witherington pensou um pouco e depois respondeu:

— Observe como ele se relacionava com os discípulos. Jesus tinha 12 discípulos, mas não era um deles.

Embora isso possa parecer um detalhe sem maior importância, Witherington disse que se trata de algo

muito significativo.

— Se os 12 representavam um Israel renovado, onde é que Jesus se encaixava aí? — indagou ele. — Ele

não é apenas parte de Israel, não é parte somente do grupo dos redimidos, mas está formando o grupo, assim

como Deus no Antigo Testamento formou seu povo e estabeleceu as 12 tribos de Israel. Isso nos diz alguma

coisa sobre o modo como Jesus via a si mesmo.

Em seguida, Witherington passou a descrever uma pista que pode ser encontrada no relacionamento de

Jesus com João Batista.

— Jesus diz: "Entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista". Tendo dito

isso, ele vai mais além em seu ministério do que João Batista no dele: faz milagres, por exemplo. O que isso nos

diz sobre o conceito que Jesus tinha sobre si mesmo?

Após uma pausa, continuou:

— Seu relacionamento com os líderes religiosos talvez seja o que melhor ilustra isso. Jesus faz uma

afirmação verdadeiramente radical ao dizer que não é o que entra em uma pessoa que a corrompe, e sim o que

sai de seu coração. Com isso, ele pôs de lado grande parte do livro de Levítico e todas as meticulosas regras

referentes à pureza. Os fariseus, é claro, não gostaram dessa mensagem. Eles queriam que as coisas

continuassem do mesmo jeito. Mas Jesus disse: "Não. Deus tem outros planos. Ele está fazendo uma coisa

nova". Teríamos de perguntar: que espécie de pessoa se julga imbuída de autoridade para desprezar as

Escrituras judaicas divinamente inspiradas, substituindo-as por seu próprio ensino?

Witherington passou então a seu último exemplo.

— E que dizer de seu relacionamento — se é que podemos chamá-lo assim — com as autoridades

romanas? Por que elas o crucificaram? Se ele fosse apenas um sábio inofensivo que gostava de contar pequenas

parábolas, como foi que terminou na cruz, principalmente na festa da Páscoa, quando nenhum judeu admite que

outro judeu seja executado? Havia um motivo para aquela inscrição acima de sua cabeça: "Este é o rei dos

judeus".

Witherington deixou pairando no ar este último comentário antes de passar à explicação dele:

— Ou Jesus declarou verbalmente isso — disse ele — ou com certeza alguém achou que ele o fez.

Pelo dedo de Deus

— Se, por um lado, os relacionamentos de Jesus nos permitem observar como ele via a si mesmo, os

seus atos —, disse Witherington — principalmente os seus milagres, nos proporcionam, por sua vez, outro tipo

de visão.

Nesse momento, porém, ergui a mão para interrompê-lo.

— É claro que não podemos dizer que os milagres de Jesus o conscientizaram de que era Deus — eu

disse —, já que os próprios discípulos, posteriormente, fizeram as mesmas coisas, e não consta que tivessem

reivindicado nenhuma divindade para si.

— Não, não é o fato de que Jesus realizou milagres que ilumina a consciência que ele tinha de si mesmo

— respondeu Witherington. — O que importa é como ele interpreta seus milagres.

— Como assim? — perguntei.

— Jesus diz: "Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de

Deus". Ele não é como milagreiros que fazem coisas maravilhosas e depois a vida prossegue como se nada

tivesse acontecido. Não. Para Jesus, seus milagres eram um sinal que indicavam a iminência do Reino de Deus.

Eles são como que o aperitivo desse Reino que virá. Isso é o que diferencia de Jesus.

Eu o interrompi novamente:

— Por favor, dê mais alguns detalhes — pedi. — De que forma isso o diferencia?

— Jesus vê em seus milagres a realização de algo inédito: a vinda do Reino de Deus — respondeu

Witherington. — Jesus não se vê simplesmente como um fazedor de milagres; ele se vê como aquele em quem

e por meio de quem as promessas de Deus se realizam. Isso é bem mais do que uma declaração frágil e velada

de transcendência.

Assenti com a cabeça, entendendo finalmente o que ele quis dizer. Em seguida, voltei às palavras de

Jesus em busca de mais pistas sobre o que ele pensava de si mesmo.

— Ele era chamado *raboni,* ou "rabino", por seus seguidores — eu disse. — Isso não significa que ele

simplesmente fazia preleções como outros rabinos do seu tempo?

Witherington sorriu.

— Na verdade — disse ele —, Jesus ensinava de uma maneira radicalmente nova. Ele começava seus

ensinamentos com a frase "Amém, amém, eu lhes digo", o que significa: "Juro, desde já, que é verdade o que

vou dizer". Isso era completamente revolucionário.

— Como assim? — perguntei. Witherington respondeu:

— No judaísmo, era preciso o testemunho de duas pessoas, de forma que a testemunha A comprovava o

depoimento da testemunha B e vice-versa. Jesus, porém, era a testemunha da verdade de suas declarações. Em

vez de basear seu ensinamento na autoridade alheia, ele o fazia com base na própria autoridade. Temos aqui

então alguém que se acha dotado de uma autoridade superior e mais abrangente que os profetas do Antigo

Testamento. Ele se achava imbuído não apenas de inspiração divina, como o rei Davi, mas também de

autoridade divina e do poder da comunicação direta da palavra descer divina.

Além da expressão enfática sobre a verdade com que iniciava seus ensinamentos, Jesus utilizava o termo

'Abba" ao se relacionar com Deus.

— De que maneira isso nos revela o que ele pensava sobre si próprio? — perguntei.

— 'Abba" tem uma conotação de intimidade no relacionamento de um filho com seu pai — disse

Witherington. — Curiosamente, é também o termo que os discípulos usavam quando se referiam a um professor

querido no judaísmo primitivo. Jesus, porém, o utilizou para se referir a Deus, e, pelo que me consta, só Jesus e

seus seguidores oravam a Deus dessa maneira.

Quando pedi a Witherington que discorresse um pouco mais sobre a importância disso, ele falou:

— No contexto em que Jesus atuava, era comum que os judeus dissessem o nome de Deus. Seu nome

era a palavra mais santa que podiam pronunciar, a tal ponto que tinham medo de

pronunciá-la erradamente.

Sempre que tinham de se dirigir a Deus, diziam algo como "O Santo, bendito seja", mas nunca usavam seu

nome pessoal.

— "Abba" seria um termo pessoal — eu disse.

— Muito pessoal — ele respondeu. — E um termo afetuoso que uma criança empregaria ao se dirigir a

seu pai: "Paizinho, o que você tem para mim?".

Notei, porém, uma certa inconsistência no que ele me dizia.

— Espere um pouco — objetei. — Quando Jesus diz 'Abba" em suas orações, isso não implica que ele

se julgue Deus, já que ensinou os discípulos a usar a mesma palavra quando orassem, e eles não são Deus.

— Na verdade — respondeu Witherington —, o significado de 'Abba" é que Jesus é o iniciador de um

relacionamento íntimo que anteriormente não era possível. A questão é: que tipo de pessoa é capaz de mudar os

termos do relacionamento com Deus? Que tipo de pessoa pode iniciar uma nova aliança com Deus?

A diferença estabelecida por Witherington fazia sentido para mim.

— Em que medida o senhor considera importante o uso que Jesus fazia da expressão 'Abba"? —

perguntei.

— É muito importante — respondeu ele. — Isso implica que Jesus tinha um grau de intimidade com

Deus muito diferente do que prevalecia no judaísmo daquele tempo. O mais surpreendente, porém, é que Jesus

está dizendo o seguinte: somente por meio de um relacionamento com ele é possível ter com Deus um

relacionamento do tipo "Abba". Isso diz muito sobre o que ele pensava a respeito de si mesmo.

Witherington acrescentou outro indício importante — as várias vezes em que Jesus referiu-s a si mesmo

como o Filho do Homem —, mas eu lhe disse que um outro estudioso, Craig Blomberg, já havia explicado que

a expressão era uma referência a Daniel 7. A expressão, também no parecer de Witherington, é de extrema

importância por revelar a consciência messiânica ou transcendental de Jesus.

Nesse momento, fiz uma pausa para avaliar o que Witherington tinha acabado de dizer. Juntei todos os

indícios relativos aos relacionamentos de Jesus, seus milagres e suas palavras. Com isso, a percepção que ele

tinha de sua identidade ficou muito nítida.

Parecia haver pouca dúvida, com base nas provas mais antigas, de que Jesus se considerava mais que

simplesmente um operador de atos grandiosos, mais que um professor, mais que outro profeta dentre muitos.

Havia provas abundantes de que ele via a si mesmo em um grau único e elevado. Mas qual seria exatamente a

abrangência dessa autocompreensão?

Jesus segundo João

Na abertura de seu evangelho, João emprega uma linguagem majestosa e inequívoca para afirmar

corajosamente a divindade de Jesus.

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas

foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito [...] Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre

nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1.1-3,14).

Lembro-me de ter deparado com essa magnífica introdução quando li pela primeira vez o evangelho de

João. Recordo-me de ter perguntado a mim mesmo: como será que Jesus reagiria se lesse essa passagem de

João? Será que ele daria seu aval a ela ou será que diria: "Ei, João não entendeu nada do que eu disse! Ele me

enfeitou e me cobriu de mitos a tal ponto que eu nem mesmo me reconheço!". Ou será que ele diria: "Sim, sou

tudo isso e muito mais"?

Posteriormente, lendo o que Raymond Brown, outro estudioso, escrevera, vi que ele havia chegado a

uma conclusão semelhante: "Não tenho nenhuma dificuldade em respaldar a tese de que se Jesus [...] tivesse

lido o que João escreveu, teria achado seu evangelho uma expressão adequada de sua identidade".73

Agora eu teria a oportunidade de ouvir do próprio Witherington, que passara a vida inteira analisando os

por-menores acadêmicos relativos à percepção que Jesus tinha de si mesmo, se ele concordava com a avaliação

de Brown.

Não houve nenhuma hesitação e nenhum sinal de possível equívoco.

— Sim, concordo — ele disse. — Para mim, isso não representa nenhum problema. Quando lemos o

evangelho de João, temos à nossa frente a imagem de Jesus que é fruto de uma interpretação, mas creio também

que se trata da conclusão lógica do que estava implícito no Jesus histórico. E eu acrescentaria: mesmo que

eliminássemos o evangelho de João, ainda assim não ficaríamos com um Jesus destituído de seu caráter

messiânico, porque esse tipo de material consta dos outros três evangelhos.

Lembrei-me imediatamente da famosa passagem, registrada em Mateus, em que Jesus pergunta a seus

discípulos em uma reunião secreta: "E vocês?... Quem vocês dizem que eu sou?". Pedro respondeu sem

nenhuma ambigüidade: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Em vez de mudar de assunto, Jesus ratificou a

afirmação de Pedro: "Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue,

mas por meu Pai que está nos céus". (Cf. Mt 16.15-17.)

Apesar disso, algumas representações populares de Jesus, como no filme *A última tentação de Cristo,*

mostram-no em dúvida quanto à sua identidade e missão. Ele aparece sobrecarregado de ambigüidade e

angústia.

— Existe algum indício — perguntei a Witherington — de que Jesus tenha tido alguma crise de

identidade?

— Uma crise de identidade não, embora eu acredite que ele tenha tido pontos de confirmação de sua

identidade — respondeu o professor. — No seu batismo, na tentação, na transfiguração, no jardim do

Getsêmani, são todos momentos de crise em que Deus confirmou-lhe quem ele era e qual era sua missão. Por

exemplo, não creio que tenha sido acidental o fato de que seu ministério só comece realmente depois de seu

batismo, quando ouve uma voz que lhe diz: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado".

— No entender de Jesus, qual seria sua missão?

— Ele se via como o libertador do povo de Deus, portanto sua missão era dirigida a Israel.

— Especificamente a Israel — enfatizei.

— Correto — confirmou Witherington. — Há poucos indícios de que ele tenha se preocupado com os

gentios durante seu ministério: esta seria a missão da igreja. Como se vê, as promessas dos profetas eram para

Israel, portanto era para Israel que ele tinha de vir.

"Eu e o Pai somos um"

Em seu livro *Reasonable faith,* William Lane Craig apresenta grande quantidade de provas de que, em

um período de 20 anos depois da crucificação, havia uma cristologia muito desenvolvida que proclamava Jesus

como Deus encarnado.

Jaroslav Pelikan, historiador da igreja, ressaltou que o sermão cristão mais antigo, o mais antigo relato

sobre um mártir cristão, a mais antiga narrativa paga sobre a igreja e a oração litúrgica mais antiga (lCo 16.22)

são todas passagens que se referem a Jesus como Senhor e Deus. Segundo Pelikan: "Sem dúvida, era essa a

mensagem em que a igreja acreditava e que ensinava: que 'Deus' era um nome adequado para Jesus Cristo".74

Em vista disso, perguntei a Witherington:

— O senhor acha que isso aconteceria, principalmente de forma tão abrupta, se Jesus não tivesse feito

nenhuma afirmação transcendente ou messiânica sobre si mesmo?

Witherington foi categórico.

— Não, a menos que você queira sustentar que os discípulos esqueceram completamente como Jesus era

e que eles nada tiveram a ver com as tradições que foram surgindo 20 anos após a sua morte — disse ele. —

Francamente, como historiador, isso não faz o mínimo sentido.

Conforme o raciocínio de meu entrevistado, quando o assunto é história tudo é possível, mas nem todas

as coisas possíveis são igualmente prováveis.

— Será provável — ele perguntou — que tudo isso tenha sido tirado do nada 20 anos depois da morte

73 R. E. BROWN, Did Jesus know he was God?, *Biblical Theology Bulletin* 15 (1985), 78, ap. WITHERINGTON 111, *The christology of*

Jesus, Minneapolis, Fortress, 1990, p. 277.

74 Jaroslav PELIKAN, *The Christian tradition:* a history of the development of doctrine, v. 1, *The emergence of the Catholic tradition*

(100-600), Chicago, Univ. of Chicago Press, 1971, p. 173, ap. William Lane CRAIG, *Reasonable faith,* Westchester, Crossway, 1994,

p. 243.

de Jesus, quando ainda viviam pessoas que estiveram diante do Jesus histórico e sabiam como ele era? Para

mim, essa hipótese histórica é tão improvável quanto qualquer outra que você possa imaginar. O que importa

realmente é saber o que aconteceu depois da crucificação de Jesus que mudou a mente dos discípulos, que

anteriormente haviam negado, desobedecido e abandonado a Jesus. Alguma coisa simplesmente lhes aconteceu,

algo semelhante ao que Jesus experimentou no batismo — eles receberam a confirmação de que Jesus era de

fato quem esperavam que fosse.

E o que era ele exatamente? Como eu já estava terminando meu encontro com Witherington, queria que

ele sintetizasse a questão para mim. Levando em conta toda a sua pesquisa, a que conclusão ele chegava sobre o

que Jesus pensava de si mesmo? Fiz a pergunta, recostei-me na cadeira e deixei que ele falasse; foi o que ele

fez, com eloqüência e convicção.

— Jesus se julgava a pessoa divinamente escolhida para realizar o ato salvífico máximo de Deus na

história humana. Ele acreditava ser o agente de Deus incumbido de executar tal plano; para isso fora autorizado

por Deus, revestido de poder por ele, era seu porta-voz e era por ele dirigido na concretização dessa tarefa.

Portanto, as palavras de Jesus são as mesmas palavras de Deus. O que Jesus fez foi obra de Deus. Pelo conceito

judaico de intermediação, "o agente de um homem é como ele mesmo". Lembra-se de como Jesus enviou os

apóstolos e lhes disse: "Tudo o que fizerem a vocês é a mim que o fazem"? Havia uma ligação muito forte entre

o homem e o agente a quem incumbia representá-lo.

Após uma pausa, prosseguiu:

— Bem, Jesus acreditava ter uma missão divina, que era redimir o povo de Deus. A implicação disso é

que o povo de Deus estava perdido e que Deus tinha de fazer alguma coisa, como sempre fez, para intervir e

recolocá-lo nos trilhos certos. Desta vez, porém, havia uma diferença: seria a última vez; era a última chance.

Jesus acreditava ser o Filho de Deus, o Ungido de Deus? A resposta é sim. Ele se via como Filho de Deus? A

resposta é sim. Ele se julgava o Messias derradeiro? Sim, era assim mesmo que ele se via. Ele acreditava que

alguém mais, além de Deus, poderia salvar o mundo? Não, não creio que acreditasse. E é aí que o paradoxo se

torna o mais irônico possível: Deus vai salvar o mundo por meio da morte de seu Filho. O mais humano de

todos os atos humanos: a morte. Bem, Deus, devido a sua natureza divina, não morre. De que modo então Deus

poderia fazê-lo? Como é que Deus poderia se tornar o Salvador da raça humana? Ele teria de vir como ser

humano para realizar essa missão. Jesus acreditava ser aquele que a realizaria. Jesus disse, em Marcos 10.45:

"Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por

muitos". Ou essa é a mais alta forma de megalomania, ou é o exemplo de alguém que acredita realmente na

frase que disse: "Eu e o Pai somos um". Em outras palavras: "Tenho autoridade para falar pelo Pai; tenho o

poder para agir pelo Pai; se vocês me rejeitarem, estarão rejeitando o Pai". Mesmo que eliminássemos o quarto

evangelho e ficássemos apenas com os sinóticos, essa seria a conclusão a que acabaríamos chegando. E é a essa

conclusão que Jesus nos faria chegar se tivéssemos um estudo bíblico com ele e lhe fizéssemos essa pergunta.

Por que será que nenhum outro judeu do século i tem milhões de seguidores hoje em dia? Por que não há um

movimento de adeptos de João Batista? Por que, entre todos os personagens do século i, dentre eles os

imperadores romanos, só Jesus é adorado hoje, ao passo que os outros foram tragados pelo pó da história? É

porque Jesus, o Jesus histórico, também é o Senhor vivo. Eis a razão. É porque

ele ainda está conosco, enquanto

os outros já se foram há muito tempo.

Precisamente no lugar de Deus

A exemplo de Witherington, muitos outros estudiosos colheram com afinco as mais antigas provas

relativas a Jesus e chegaram às mesmas conclusões.

Craig escreveu: "Eis aqui um homem que se julgava Filho de Deus em um sentido bem específico, que

afirmava agir e falar com autoridade divina, que se considerava operador de milagres e que acreditava que o

destino eterno das pessoas dependia de acreditarem ou não nele".75

Em seguida, acrescentou uma observação bastante surpreendente: "Há indicações suficientes de uma

alta consciência cristológica em Jesus, mesmo nos parcos 20% de declarações reconhecidas por legítimas pelo

Seminário Jesus".76

Os indícios de que Jesus pretendia ocupar o mesmo lugar de Deus são "totalmente convincentes",

concorda o teólogo Royce Gordon Gruenler.77

Essa declaração sobre Jesus é de tal maneira extraordinária, disse Craig, que, inevitavelmente, a questão

75 CRAIG, *Reasonable faith,* p. 252.

76 Ibid., p. 244

77 Royce Gordon GRUENLER, *New approaches to Jesus and the Gospels*, Grand Rapids, Baker, 1982, p. 74.

de sua sanidade tinha de vir à tona. Ele observa que após James Dunn ter concluído seu estudo épico sobre o

assunto, não pôde deixar de dizer: "Não se pode ignorar uma última questão: *será que Jesus era louco?* **78**

No aeroporto de Lexington, enquanto aguardava meu vôo de volta para Chicago, liguei de um telefone

público para marcar uma entrevista com um dos principais estudiosos de psicologia do país.

Eu tinha de descobrir.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Quais seriam, em sua opinião, algumas das razões para que Jesus se mostrasse evasivo quanto à sua

identidade sempre que se encontrava em algum lugar público? De que maneira você acha que a proclamação

precoce de sua divindade poderia prejudicar sua missão?

2. Que dificuldades enfrentamos quando procuramos determinar o que pensavam sobre si mesmas algumas

figuras históricas? Que indícios você consideraria mais úteis na tentativa de esclarecer essa questão? Os

indícios apresentados por Witherington são bons o suficiente para convencê-lo a aceitar a idéia de que Jesus se

considerava Deus e Messias? Por que sim ou por que não?

3. Jesus ensinou seus discípulos a usar o termo "Abba", ou "Paizinho", ao se dirigirem a Deus. O que isso lhe

diz sobre o relacionamento de Jesus com o Pai? Esse tipo de relacionamento lhe parece atraente? Por que sim

ou por que não?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

CRAIG, William Lane. The self-understanding of Jesus. In: *Reasonable faith,* p. 233-54, Westchester, Crossway,

1994.

MARSHALL, I. Howard. *The origins of New Testament Christology.* Downers Grove, InterVarsity, 1976.

MOULE, C. F. D. *The origins of Christology.* Cambridgem, Cambridge Univ. Press, 1977.

WITHERINGTON,

Ben,

III.

The

Christology

of

Jesus.

Minneapolis,

Fortress,

1990.

78 James D. G. DUNN, *Jesus and the Spirit*, London, SCM Press, 1975, p. 60, ap. CRAIG, *Reasonable faith,* p. 252 (grifo do autor).



8

A prova psicológica

Jesus estava louco quando afirmou

ser o Filho de Deus?

Sempre que um psicólogo testemunhar, deverá usar um chapéu em forma de cone de tamanho não inferior a 60 centímetros.

O chapéu deverá estar estampado com estrelas e raios. Além disso, será obrigatório o uso de uma barba branca de tamanho não

inferior a 45 centímetros de comprimento. Quando enfatizar os pontos cruciais de seu testemunho, deverá espetar o ar com uma

varinha. Sempre que um psicólogo ou psiquiatra estiver no banco das testemunhas, o meirinho atenuará a luz da sala do tribunal e fará

soar por duas vezes um gongo chinês.

Com essa sugestão de emenda aos estatutos estaduais em 1997, Duncan Scott, senador pelo Estado do

Novo México, procurou deixar bem clara sua posição diante dos especialistas que defendem a condição de

insanidade dos réus, tornando-os, portanto, inocentes de seus crimes perante a lei. Aparentemente, o cinismo de

Scott foi aprovado pela maioria dos seus colegas, que votaram a favor da aprovação de sua proposta irônica! A

piada chegou até a Câmara dos Deputados, que acabou vetando o projeto de lei. 79

Há, sem dúvida, uma corrente subliminar de ceticismo nos tribunais em relação a psiquiatras e

psicólogos, que testemunham sobre o estado mental dos réus, sobre sua capacidade de cooperar com os

advogados na preparação da defesa e, inclusive, se já eram legalmente desequilibrados na época em que

cometeram o crime. Mesmo assim, a maior parte dos advogados admitem que os profissionais da saúde mental

contribuem com *insights* importantes para o sistema de justiça criminal.

Lembro-me de um caso em que uma esposa dócil fora acusada de assassinar seu marido. À primeira

vista, ela não parecia muito diferente das demais mães: bem vestida, agradável, gentil, era como se tivesse

acabado de assar biscoitinhos de chocolate para a garotada da vizinhança. Eu ri quando um psicólogo

testemunhou dizendo que ela não tinha condições mentais de ir a julgamento.

Em seguida, seu advogado a colocou no banco das testemunhas. Inicialmente, seu testemunho foi claro,

racional e lúcido. Todavia, pouco a pouco foi se tornando cada vez mais bizarro à medida que ela descrevia,

calmamente e com muita seriedade, como ela havia sido atacada por uma sucessão de indivíduos famosos,

como Dwight Eisenhower e o espírito de Napoleão. Quando ela terminou de testemunhar, não houve no tribunal

quem não tivesse certeza de que ela estava totalmente fora da realidade. O juiz a encaminhou para uma

instituição de desequilibrados mentais, onde deveria aguardar até que estivesse em condições de enfrentar as

acusações de que era alvo.

As aparências enganam. Cabe ao psicólogo desvendar o que o réu aparenta superficialmente e tirar daí

suas conclusões com relação à saúde mental dele. Não é uma ciência exata, portanto pode haver erros e abusos,

porém, o testemunho psicológico proporciona salvaguardas importantes para os réus.

Qual é a relação de tudo isso com Jesus? No capítulo anterior, o dr. Ben Witherington III apresentou

provas convincentes de que mesmo nos materiais mais antigos sobre Jesus ele já aparecia afirmando ser Deus

encarnado. Isso, naturalmente, nos leva a questionar se Jesus estava em juízo perfeito quando fazia tais

afirmações.

Para conseguir a avaliação de um especialista sobre a saúde mental de Jesus, fui até um escritório nos

subúrbios de Chicago com o objetivo de entrevistar uma das maiores autoridades do país em assuntos

psicológicos.

Sétima entrevista: Gary R. Collins, Ph.D.

Com mestrado em psicologia pela Universidade de Toronto e doutorado em psicologia clínica pela

Purdue University, há 35 anos Collins estuda, leciona e escreve sobre o comportamento humano. Foi professor

79 Leland H. GREGORY III, Top ten government bloopers, *George*, Nov. 1997, p. 78.

de psicologia da Trinity Evangelical Divinity School durante 20 anos, e durante boa parte desse tempo ocupou o

cargo de presidente da divisão de psicologia.

Sempre muito dinâmico e dotado de energia e entusiasmo inesgotáveis, Collins é um autor prolífico. Ele

é autor de aproximadamente 150 artigos para periódicos e outras publicações. Atualmente é editor do *Christian*

Counseling Today e contribui com artigos para *o Journal of Psychology and Theology.*

Escreveu também a fantástica quantidade de 45 livros sobre tópicos relacionados à psicologia, dentre eles *The*

magnificent mind [A mente magnífica]; Family shock [Conflito familiar]; Can you trust Psychology? [Você

pode confiar na psicologia?]; e o já clássico *Chrístian counseling: a comprehensive guide [Aconselhamento*

cristão: um manual abrangente]. Além disso, foi editor geral dos 30 volumes de *Resources for Chrístian*

counseling [Recursos para aconselhamento cristão], uma série de livros voltados para os profissionais da saúde

mental.

Collins me aguardava em seu escritório claro e bem ventilado na American Association of Christian

Counselors, uma sociedade com 1 500 membros da qual ele é presidente. Collins, de cabelos grisalhos e óculos

de aros prateados, trajava um suéter marrom muito elegante, jaqueta esportiva e calças cinza (lamento, mas

nada de chapéu pontudo e barba esvoaçante).

Comecei a entrevista apontando para a janela, onde se via a neve caindo sobre as árvores verdejantes.

— Há poucos quilômetros, naquela direção, há uma instituição de saúde mental do Estado — eu disse.

— Se fôssemos lá, tenho certeza de que encontraríamos gente lá dentro que afirma ser Deus. Diríamos que são

pessoas desequilibradas. Jesus disse que era Deus: será que ele também era louco?

— Se você quer uma resposta bem curta — disse Collins com um sorriso —, não.

Mas eu insisti, afirmando tratar-se de um tópico digno de uma análise mais aprofundada. Segundo os

especialistas, as pessoas que sofrem de psicose e têm ilusões podem parecer racionais na maior parte do tempo,

embora possam ser acometidas de crenças mirabolantes que as fazem sentir-se como seres superlativos. Alguns

são capazes até mesmo de atrair seguidores que os consideram gênios. Talvez fosse isso o que aconteceu com

Jesus, eu disse.

— Bem, é verdade que pessoas com dificuldades psicológicas sempre vão dizer que são alguém que na

verdade não são — afirmou Collins, apoiando a parte de trás da cabeça com as duas mãos. — Às vezes, elas

dizem ser Jesus ou o presidente dos Estados Unidos ou alguma outra pessoa famosa, como Lee Strobel, por

exemplo — disse ele, brincando.

— Todavia — disse ele —, os psicólogos não prestam atenção apenas ao que as pessoas dizem. Eles vão

bem mais fundo do que isso. Observam as emoções das pessoas, uma vez que os indivíduos perturbados

freqüentemente exibem um quadro depressivo inadequado, ou se tornam extremamente coléricos, ou talvez se

deixem abater pela angústia. Mas veja o que ocorre com Jesus: ele nunca demonstrou emoções inadequadas. Ele

chorou, por exemplo, quando soube da morte de seu amigo Lázaro, o que é natural em um indivíduo

emocionalmente saudável.

— Houve ocasiões em que ele certamente ficou irado — eu disse.

— Sim, ficou, mas foi um tipo de ira saudável diante de pessoas que tiravam vantagem dos oprimidos

ganhando dinheiro às custas deles no templo. Ele não ficou irracionalmente alterado porque alguém o

incomodava. Foi uma reação justa contra a injustiça e os maus-tratos evidentes de que o povo era vítima. As

pessoas perturbadas psicologicamente têm problemas de percepção. Acham que estão sendo observadas ou

perseguidas, quando, na verdade, nada disso acontece. Elas perderam o contato com a realidade. Interpretam

erroneamente os atos das pessoas e as acusam de fazer coisas que não tiveram a intenção de fazer. Não vemos

nada disso em Jesus. Obviamente ele não perdeu contato com a realidade. Ele

não era paranóico, muito embora

soubesse que havia diversos perigos reais à sua volta. As pessoas com dificuldades psicológicas também podem

ser vítimas de transtornos mentais — são incapazes de manter uma conversação lógica, precipitando-se em

conclusões erradas e agindo irracionalmente. Não é o que vemos em Jesus. Ele falou claramente, com poder e

eloqüência. Era brilhante e dotado de percepções admiráveis sobre a natureza humana. Outro indicador de

perturbação mental é a manifestação de comportamento inadequado, tal como o uso de roupas estranhas e a

incapacidade de se relacionar socialmente com outras pessoas. O comportamento de Jesus estava perfeitamente

de acordo com o esperado; além do mais, ele tinha relacionamentos profundos e duradouros com várias pessoas

de diferentes classes sociais.

Collins fez uma pausa, embora eu sentisse que ele não tinha concluído totalmente seu raciocínio. Decidi

então fazer-lhe uma pergunta para incentivá-lo a prosseguir:

— Que outras observações o senhor poderia fazer a respeito de Cristo?

Collins espiou pela janela a bela e tranqüila paisagem coberta de neve. Ao retomar suas explicações, era

como se a lembrança de um velho amigo lhe tivesse vindo à mente.

— Ele era compassivo, mas nunca deixou que a compaixão o imobilizasse; não tinha um ego inflado,

muito embora fosse constantemente rodeado por uma multidão de adoradores;

conservou o equilíbrio, a

despeito de um estilo de vida que lhe impunha severas obrigações; sempre sabia o que estava fazendo e para

onde ia; preocupava-se profundamente com as pessoas, inclusive com as mulheres e as crianças, que na época

não eram consideradas importantes; acolhia as pessoas, embora não fizesse vista grossa para seus pecados;

conversava com as pessoas onde quer que estivessem e sempre levava em conta suas necessidades.

— Então, doutor, qual é seu diagnóstico? — perguntei-lhe.

— De modo geral, não vejo indicações de que Jesus padecesse de alguma doença mental conhecida —

concluiu, acrescentando com um sorriso: — Ele era mais saudável que muita gente que conheço, inclusive eu

mesmo!

Terrivelmente louco

Portanto, quando examinamos a história, não notamos nenhum sinal de desequilíbrio em Jesus. Mas e

quanto às pessoas que interagiam diretamente com ele? O que viam elas do seu ponto de vista muito mais

vantajoso?

— Certas pessoas presentes aos eventos do século i discordariam veementemente do senhor — eu disse

a Collins. — Elas chegaram à conclusão de que Jesus era louco. Em João 10.20, lemos que muitos judeus

diziam: "Ele está endemoninhado e enlouqueceu". Essas palavras são muito fortes!

— Sim, mas não podemos dizer que seja um diagnóstico dado por um profissional de saúde mental —

Collins redargüiu. — Observe o que motivou essas palavras, o ensinamento tocante e profundo em que ele se

apresenta como o Bom Pastor. As pessoas tiveram aquela reação porque as coisas que ele dizia a respeito de si

mesmo iam muito além daquilo que as pessoas entendiam como normal, não porque Jesus fosse

verdadeiramente um desequilibrado mental. Observe que seus comentários foram imediatamente contestados

por outros, conforme o versículo 21: "Essas palavras não são de endemoninhado. Pode um demônio abrir os

olhos aos cegos?".

— Por que isso é importante? — perguntei.

— Porque Jesus não estava fazendo apenas afirmações escandalosas a seu respeito. Ele as respaldava

com atos miraculosos de compaixão, como a cura de um cego. Se eu digo que sou o presidente dos Estados

Unidos, isso seria loucura. Bastaria você olhar para mim para ver que eu não tenho nada que lembre o cargo de

presidente. Eu não me pareço com o presidente. As pessoas não aceitariam minha autoridade presidencial. Não

haveria nenhum agente do serviço secreto me protegendo. Porém, se o verdadeiro presidente dissesse ser o

presidente, não haveria nisso loucura nenhuma, porque ele é de fato o presidente, e não faltariam provas que

ratificassem isso. De modo semelhante, Jesus não dizia simplesmente que era Deus, ele comprovava o que dizia

por meio de curas, demonstrações estupendas de poder sobre a natureza, por ensinamentos transcendentes e

inéditos, por discernimentos divinos sobre as pessoas e, finalmente, pela própria ressurreição dos mortos, que

ninguém mais foi capaz de reproduzir. Portanto, quando Jesus dizia ser Deus, não era loucura nenhuma. Era a

verdade.

Todavia, ao recorrer aos milagres de Jesus, Collins abriu a porta a outras objeções.

— Algumas pessoas tentaram desacreditar esses milagres que, supostamente, ajudariam a legitimar a

declaração de Jesus ser o Filho de Deus — eu disse, enquanto retirava um livro de minha valise. Li para ele as

palavras de Charles Templeton, um cético:

Muitas doenças, tanto naquele tempo quanto agora, eram psicossomáticas e podiam ser "curadas" se a percepção da vítima

fosse alterada. Da mesma forma como hoje fazemos, em que um médico prescreve um placebo a um paciente cuja fé poderá levar a

uma cura aparente, também naquela época a fé em quem curava poderia dar fim aos sintomas adversos. A cada sucesso, a reputação

daquele que curava crescia e seus poderes, conseqüentemente, cresciam com eficácia. 80

— Será que isso explica — perguntei — todos os milagres que, supostamente, respaldariam as

afirmações de Jesus de que era o Filho de Deus?

A reação de Collins me surpreendeu.

— Eu não discordaria muito do que Templeton disse — respondeu.

— Não discordaria?

— Não. Será que Jesus curou baseado em sugestão? Não vejo por que não. Às vezes, as pessoas podem

ser acometidas de uma doença induzida psicologicamente e, se adquirem um novo sentido para a vida, uma

nova meta, a doença se torna desnecessária. É o efeito placebo. Se você acha que vai melhorar, geralmente

melhora mesmo. Trata-se de um fato médico bem estabelecido. Quando as pessoas se aproximavam de Jesus,

80 Charles TEMPLETON, *Farewell to God*, Toronto, McClelland & Stewart,

1996, p. 112.

acreditavam que podiam ser curadas por ele, então ele as curava. Mas isso em nada muda o fato de que, a

despeito de como o fazia, Jesus as curava realmente. É claro que — ele acrescentou rapidamente — isso não

explica todas as curas realizadas por Jesus. Muitas vezes, a cura de uma doença psicossomática leva tempo; as

curas de Jesus foram instantâneas. Muitas vezes as pessoas que experimentam a cura psicológica voltam a sentir

os mesmos sintomas alguns dias depois, mas não temos nenhum indício disso. Jesus curou pessoas que durante

toda a vida padeceram de cegueira e de lepra, e, nesses casos, a explicação psicossomática é de pouca valia.

Finalmente, ele ressuscitou pessoas, e a morte não é um estado que possa ser induzido psicologicamente! Sem

falar em todos os milagres da natureza: a pacificação das águas do mar, a transformação da água em vinho. Eles

desafiam as respostas naturalistas.

Bem... talvez. A referência de Collins ao milagre da transformação da água em vinho trazia à tona uma

outra explicação possível para os atos maravilhosos de Jesus.

Jesus, o hipnotizador

Você já viu um hipnotizador de palco dar água a uma pessoa que pôs em transe e depois dizer a ela que

está bebendo vinho? Elas estalam os lábios, ficam tontas e se sentem intoxicadas, como se tivessem provado um

Bordeaux barato.

Ian Wilson, autor britânico, pergunta se não teria sido desse modo que Jesus convenceu os convivas das

bodas de Cana de que havia transformado os odres de água na mais fina libação fermentada.

Na verdade, Ian Wilson discute a possibilidade de que Jesus tenha sido um mestre do hipnotismo, o que

explicaria os aspectos supostamente sobrenaturais de sua vida. A hipnose, por exemplo, poderia explicar os seus

exorcismos; a transfiguração, durante a qual três de seus seguidores viram sua face reluzir e suas roupas

brilharem tão alvas quanto a luz; até mesmo as curas que realizou seriam explicadas pela hipnose. Como prova,

Wilson cita o caso contemporâneo do jovem de 16 anos cujos graves transtornos dermatológicos foram

inexplicavelmente curados por sugestão hipnótica.

Talvez Lázaro não tenha sido realmente trazido dos mortos. Ele poderia muito bem estar em um transe

semelhante à morte induzido pela hipnose. Quanto à ressurreição, Jesus "poderia ter condicionado eficazmente

[os discípulos] para que tivessem ilusões de seu aparecimento em momentos predeterminados (o partilhar do

pão?) durante um tempo especialmente previsto para isso depois de sua morte", especula Wilson.81

Isso explicaria também a referência enigmática nos evangelhos à incapacidade de Jesus em realizar

muitos milagres em Nazaré, sua cidade natal. Diz Wilson:

Jesus fracassou exatamente onde, *na condição de hipnotizador,* previa-se com toda a certeza que deveria fracassar: entre os

que o conheciam melhor, que o viram crescer como uma criança qualquer. Grande parte do sucesso de um hipnotizador depende do

espanto e do mistério que o rodeiam. Tais fatores essenciais estavam completamente ausentes da cidade natal de Jesus. **82**

— O senhor tem de admitir — eu disse a Collins — que esse é um modo bastante interessante de tentar

explicar os milagres de Jesus.

Collins estampou no rosto um ar de incredulidade.

— Esse sujeito tem muito mais fé na hipnose do que eu! — ele exclamou. — Embora seja um argumento

interessante, não resiste à análise. Está cheio de furos.

Um a um, Collins passou a enumerá-los.

— Em primeiro lugar, há o problema de hipnotizar uma grande multidão. Nem todas as pessoas são

igualmente suscetíveis. Os hipnotizadores de palco adotam um tom de voz macio e observam, na platéia,

aquelas pessoas aparentemente mais sugestionáveis. São estas que ele escolhe como voluntárias, pela pronta

resposta à hipnose. Em grupos grandes, muitas pessoas apresentam maior resistência. Quando Jesus multiplicou

os pães e os peixes, havia 5 mil testemunhas presentes. De que maneira ele poderia ter hipnotizado a todas? Em

segundo lugar, a hipnose não costuma funcionar com céticos e gente que duvida.

Como, então, Jesus hipnotizou

seu irmão Tiago, que duvidava dele, mas que mais tarde viu o Cristo ressuscitado?

Como foi que ele hipnotizou Saulo de Tarso, o inimigo do cristianismo que nem mesmo havia se

encontrado com Jesus e só o viu depois de ressurreto? Como pôde hipnotizar Tome, cético o bastante para não

acreditar na ressurreição até que pôs os dedos nas marcas dos cravos nas mãos de Jesus? Em terceiro lugar, no

que diz respeito à ressurreição, a hipnose não é capaz de explicar o túmulo vazio.

— Suponho — disse eu, interrompendo-o — que alguém poderia dizer que os discípulos foram

hipnotizados, e por isso nada viram dentro da sepultura.

81 WILSON, *Jesus:* the evidence, p. 141.

82 Ibid., p. 109 (grifo do autor).

— Mesmo que isso fosse possível — Collins respondeu —, Jesus certamente não poderia ter

hipnotizado os fariseus e as autoridades romanas, e certamente eles teriam exibido com muito prazer o corpo de

Jesus, se ele tivesse ficado na sepultura. Como não o fizeram, é sinal de que o túmulo estava vazio de fato. Em

quarto lugar, atente para o milagre da transformação da água em vinho. Jesus jamais se dirigiu aos convivas.

Nem mesmo disse aos servos que a água tinha se transformado em vinho: simplesmente disse a eles que

levassem mais água ao mestre do banquete. Foi ele quem provou e disse que era

vinho, sem que ninguém lhe

dissesse nada. Em quinto lugar, a cura de pele de que Wilson fala não foi instantânea, não é mesmo?

Na verdade, eu disse, segundo o *British Medical Journal*, foram necessários cinco dias após a hipnose

para que a pele de réptil, conhecida como ictiose, caísse do braço do adolescente, e muitos outros dias para que

outra normal surgisse. A taxa de sucesso da hipnose no tratamento de outras partes do seu corpo ao longo de

várias semanas foi de 50 a 95%. **83**

— Compare isso — disse Collins — com os 10 leprosos que Jesus curou em Lucas 17. Eles ficaram

100% curados instantaneamente. Isso não se explica simplesmente pela hipnose. Tampouco a cura de um

homem de mão atrofiada em Marcos 3.

Mesmo que as pessoas estivessem em transe e achassem que a mão dele havia sido curada, elas

acabariam, por fim, descobrindo a verdade. A hipnose não tem efeito muito prolongado. Finalmente, os

evangelhos registram todo tipo de detalhes sobre o que Jesus disse e fez, mas nunca o mostram dizendo ou

fazendo qualquer coisa que possa indicar o uso de hipnotismo nas pessoas. Eu poderia continuar falando muito

ainda sobre o assunto.

— Eu lhe disse que era uma explicação interessante; não disse que era convincente! — comentei rindo.

— Apesar disso, muitos livros são publicados com o objetivo de divulgar essas idéias.

— Fico surpreso por ver como as pessoas aceitam qualquer coisa que tente desacreditar os milagres de

Jesus — concluiu Collins.

Jesus, o exorcista

Antes de terminar nossa entrevista, decidi testar os conhecimentos psicológicos de Collins em mais uma

área que os céticos consideram incômoda.

— Jesus era exorcista — eu disse. — Ele conversava com demônios e os expulsava de pessoas

supostamente possuídas. Mas será que é racional acreditar que espíritos malignos sejam responsáveis por

algumas doenças e por comportamentos estranhos?

Collins não se mostrou perturbado pela pergunta.

— Professo uma teologia que crê na existência dos demônios — ele respondeu. — Vivemos em uma

sociedade em que muitas pessoas acreditam em anjos. Elas sabem da existência de forças espirituais neste

mundo, por isso não é muito difícil concluir que algumas devem ser do mal. Quando vemos Deus operando,

essas forças se mostram às vezes mais ativas, e era isso provavelmente o que estava acontecendo na época

Jesus.

Notei que Collins referiu-se às suas crenças teológicas, e não à sua experiência clínica.

— O senhor já teve, como psicólogo, alguma prova incontestável do demoníaco? — perguntei-lhe.

— Pessoalmente, não, mas o fato é que não passei toda a minha carreira em ambientes clínicos — ele

disse. — Meus amigos, que militam no trabalho clínico, disseram-me que algumas vezes presenciaram o

demoníaco, e não se trata aqui de pessoas inclinadas a ver o demônio atrás de cada problema. Eles costumam

ser céticos. O psiquiatra M. Scott Peck escreveu muita coisa sobre esse tipo de assunto em seu livro *People*

ofthe lie. 84

Salientei que Ian Wilson, ao sugerir que Jesus talvez tenha usado a hipnose para curar pessoas que se

achavam possuídas pelo demônio, dissera pejorativamente que nenhum "indivíduo realista" explicaria a

possessão como "trabalho de demônios reais". **85**

— De certa forma, você sempre encontra o que procura disse Collins. — As pessoas que negam a

existência do sobrenatural vão encontrar um modo, não importa o quão inverossímil seja, que explique

determinada situação sem apelar para a hipótese demoníaca. Eles continuarão a medicar o indivíduo, vão drogá-

lo, mas de nada vai adiantar. Existem casos que não se resolvem por meio da medicação normal ou do

tratamento psiquiátrico.

83 A case of congenital ichthyosiform erythrodermia of brocq treated by

hypnosis, *British Medical Journal* 2 (1952), 996, ap. WILSON,

Jesus: the evidence, p. 103.

84 M. Scott PECK, *People of the lie,* New York, Touchstone, 1997.

85 WILSON, *Jesus:* the evidence, p. 107.

— Será que os exorcismos de Jesus foram na verdade curas psicossomáticas? — perguntei.

— Sim, em alguns casos, mas é preciso não se esquecer de observar o contexto. E quanto ao homem que

estava possesso, quando Jesus mandou que os demônios entrassem nos porcos e eles despencaram colina

abaixo? O que será que houve, se a cura foi meramente psicossomática? Creio que Jesus realmente expulsou os

demônios, e acredito que haja pessoas hoje que façam o mesmo.

Por outro lado, não devemos nos precipitar e concluir pela operação demoníaca quando confrontados

com um problema semelhante. Conforme disse C. S. Lewis, existem dois erros, iguais e opostos, em que caímos

quando tratamos dessa questão: "Um é não acreditar em sua existência. O outro é acreditar e nutrir um interesse

excessivo e doentio por eles. Os próprios diabos ficam igualmente satisfeitos com ambos os erros...". **86**

— Sabe, Gary, talvez a Associação Americana de Conselheiros Cristãos acredite nisso, mas será

que os psicólogos seculares acham racional a crença no demoníaco? — perguntei-lhe.

Achei que Collins talvez ficasse ofendido com a pergunta, que acabei

formulando de maneira

mais condescendente do que pretendia. Mas não foi o que aconteceu.

— É interessante como as coisas estão mudando — disse ele pensativo. — Nossa sociedade

hoje está imersa em "espiritualidade". É um termo que pode significar praticamente qualquer coisa,

mas existe o reconhecimento do sobrenatural. É muito interessante observar as crenças dos psicólogos

atuais. Alguns estão envolvidos com o misticismo oriental; outros falam do poder dos xamãs para

influenciar a vida das pessoas. Há 25 anos, a sugestão de possessão demoníaca teria sido descartada

imediatamente, ao passo que hoje muitos psicólogos estão começando a reconhecer que talvez existam

mais coisas entre o céu e a terra do que possam supor nossas filosofias.

"Imaginação absurda!"

Collins e eu havíamo-nos desviado um pouco do foco original de nossa entrevista. Enquanto

meditava sobre o que tínhamos conversado, no caminho de volta para casa, retornei à questão central

que havia me levado a ele: Jesus afirmava ser Deus. Ninguém está sugerindo que ele quis passar

propositadamente adiante uma mentira. E agora Collins chegava à conclusão de que, com base em 35

anos de experiência no campo da psicologia, Jesus não era mentalmente incapaz.

Todavia, isto me deixava com uma última pergunta: Jesus possuía os atributos de

Deus? Afinal

de contas, uma coisa é se dizer divino; outra bem diferente é incorporar as características que fazem

Deus ser Deus.

À luz de um abajur, tirei um caderno de minha valise e rabisquei uma nota para mim mesmo:

"Falar com o dr. D. A. Carson". Sabia que teria de conversar com um dos principais teólogos do país

sobre meu próximo tópico.

Enquanto isso, minha conversa com Gary Collins me incentivara a passar aquela noite relendo

com bastante cuidado os discursos de Jesus. Não percebi nenhum sinal de demência, ilusões ou

paranóia. Pelo contrário, fiquei tocado por sua visão profunda, seus discernimentos incomuns, sua

eloqüência poética e sua profunda compaixão. O historiador Philip Schaff sintetizou esse sentimento

melhor do que eu.

Será que uma mente como essa — límpida como o céu, estimulante como o ar da montanha, afiada e penetrante como uma

espada, plenamente saudável e cheia de vigor, sempre disposta e sempre com o domínio de si — é capaz de se enganar de modo

radical e tão sério a respeito de seu próprio caráter e missão? Que idéia mais rídicula! **87**

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Que diferenças existem entre o paciente de um hospital para doentes mentais que afirma ser Deus e Jesus,

que diz a mesma coisa em relação a si mesmo?

2. Leia as bem-aventuranças em Mateus 5.1-12. Com base nessa passagem, que observações faria sobre o

intelecto, a eloqüência, a capacidade de ensinar coisas profundas e principalmente a saúde psicológica de Jesus?

86 C. S. LEWIS, *Cartas do diabo ao seu aprendiz*, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 9.

87 Philip SCHAFF, *The person of Christ*, New York, American Tract Society, 1918, p. 97, ap. MCDOWELL, *Evidência...*, p. 136.

3. Depois de ler a resposta de Collins à teoria de que a hipnose seria capaz de explicar os milagres de Jesus,

você acha que essa seria uma hipótese viável? Por que sim ou por que não?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

COLLINS, Gary R. *Can you trust Psychology?* Downers Grove, InterVarsity, 1988.

_____ *;Christian counseling:* a comprehensive guide. Waco, Word, 1988.

_____; *The soul search.* Nashville, Nelson, 1998.

LEWIS, C. S. *Cartas do diabo ao seu aprendiz.* Petrópolis, Vozes, 1996.



9

A prova do perfil

Jesus *apresentou os atributos de Deus?*

Pouco depois que oito enfermeiras foram assassinadas em um apartamento de Chicago, a única

sobrevivente, trêmula, descrevia em particular ao desenhista da polícia o assassino, que ela pudera observar em

detalhes de seu privilegiado esconderijo debaixo da cama.

Rapidamente o desenho foi espalhado pela cidade — entre a polícia, nos hospitais, nos terminais de

baldeação, no aeroporto. Não demorou muito, e logo um médico que atendia em um pronto-socorro ligou para

os detetives e disse que estava tratando de um homem suspeito que se parecia com o fugitivo de olhar

empedernido retratado no desenho.

Foi desse modo que a polícia prendeu um andarilho chamado Richard Speck, que foi imediatamente condenado

por seu crime brutal e acabou morrendo na prisão 30 anos depois. 88

Desde o primeiro retrato falado de um suspeito de assassinato feito por um desenhista da Scotland Yard,

em 1889, com base na lembrança de uma testemunha, os artistas forenses desempenham um papel importante

no cumprimento da lei. Hoje, mais de 300 retratistas trabalham nas centrais de polícia americanas, e cada vez

mais departamentos recorrem ao sistema computadorizado chamado EFIT (em

inglês, Técnica de Identificação

Facial Eletrônica).

Essa nova tecnologia foi usada com sucesso para solucionar um caso de seqüestro ocorrido em 1997 em

um *shopping center* a poucos quilômetros de minha casa, nos subúrbios de Chicago. A vítima descreveu ao

técnico a aparência do seqüestrador. Com o auxílio de um computador, o técnico criou uma imagem semelhante

do agressor selecionando diferentes tipos de narizes, bocas, penteados e assim por diante.

Momentos depois de o desenho ser enviado às centrais de polícia da região, um investigador de outro

bairro reconheceu no retrato o mesmo rosto de um criminoso que ele encontrara anteriormente. Felizmente, isso

possibilitou que o suspeito de seqüestro fosse preso sem demora.89

Por mais estranho que possa parecer, o conceito expresso pelo desenho de um artista pode nos servir de

analogia, ainda que rudimentar, para a busca da verdade sobre Jesus. Eis como: o Antigo Testamento nos dá

inúmeros detalhes sobre Deus, o que nos permite esboçá-lo muito detalhadamente. Por exemplo, Deus é

descrito como onipresente, o que significa que ele está em toda parte do universo; onisciente, ou seja, sabe tudo

o que há para saber por toda a eternidade; onipotente, isto é, todo-poderoso; eterno, o que significa que ele não

está condicionado pelo tempo e, ao mesmo tempo, é a fonte dele; imutável, ou

seja, seus atributos são sempre

os mesmos. Ele é amoroso, santo, justo, sábio e reto.

Bem, Jesus afirma ser Deus. Mas será que ele preenche essas características da divindade? Em outras

palavras, se examinarmos Jesus cuidadosamente, será que sua semelhança chega bem perto do esboço de Deus

que encontramos em várias partes da Bíblia? Caso contrário, podemos concluir que sua reivindicação de

divindade é falsa.

Essa questão é extremamente complexa e delicada. Por exemplo, quando Jesus pregou o Sermão do

Monte fora de Cafarnaum, ele não estava ao mesmo tempo na principal rua de Jerico, portanto, em que sentido

poderíamos dizer que ele é onipresente? Como podemos dizer que ele é onisciente, se em Marcos 13.32 ele

admite sem hesitar que nada sabe do futuro? Se é eterno, por que em Colossenses 1.15 ele é chamado de "o

primogênito de toda a criação"?

À primeira vista, tais questões parecem indicar que Jesus não se parece com nosso esboço de Deus. Não

obstante, aprendi com o passar dos anos que a primeira impressão pode ser enganosa. Por isso fiquei satisfeito

em poder discutir essas questões com o dr. D. A. Carson, um teólogo que nos últimos anos vem se sobressaindo

como um dos mais renornados pensadores do cristianismo.

88 Marla DONATO, That guilty look, *Chicago Tribune,* 1 Apr. 1994.

89 Denny JOHNSON, Police add electronic "sketch artist" to their bag of tricks, *Chicago Tribune,* 22 June 1997.

Oitava entrevista: Donald A. Carson, Ph.D.

D. A. Carson, professor e pesquisador do Novo Testamento da Trinity Evangelical Divinity School, já

escreveu e editou mais de 40 livros, dentre eles *The Sermon on the Mount [O Sermão do Monte], Exegetical*

fallacies [Falácias exegéticas] e The gospel according to John [O evangelho segundo João].

Fluente em vários idiomas (seu domínio do francês vem da infância passada em Quebec), Carson é

membro da Tyndale Fellowship for Biblical Research, da Sociedade de Literatura Bíblica e do Instituto de

Pesquisas Bíblicas. Suas áreas de especialização abrangem o Jesus histórico, o pós-modernismo, a gramática

grega e as teologias dos apóstolos Paulo e João.

Carson começou seus estudos superiores na área de química (formou-se pela Universidade McGill); em

seguida, fez mestrado em teologia antes de ir para a Inglaterra, onde doutorou-se em Novo Testamento pela

prestigiosa Universidade de Cambridge. Lecionou em três outras faculdades e seminários antes de ir para a

Trinity, em 1978.

Meu primeiro encontro com Carson foi no campus da Trinity em Deerfield, Illinois, ocasião em que o

entrevistei. Para ser franco, eu esperava encontrar um acadêmico cheio de

formalismos. Embora ele fosse de

fato o erudito que eu imaginava, fiquei surpreso com seu tom caloroso, sincero e pastoral à medida que

respondia às minhas perguntas — muitas vezes cáusticas.

Nossa conversa desenrolou-se em um salão deserto da faculdade durante o feriado do Natal. Carson

usava um blusão branco por sobre uma camisa de colarinho, calças jeans e tênis Adidas. Depois de trocar

algumas impressões informais sobre a Inglaterra (Carson morou na Inglaterra em diversas ocasiões e sua

esposa, Joy, é inglesa), tirei meu caderno de anotações e fiz-lhe uma pergunta de fundo que me ajudaria a saber

com certeza se Jesus tinha o "material certo" para ser Deus.

Vivendo e perdoando como Deus

Minha pergunta inicial tinha como objetivo descobrir por que Carson achava que Jesus era Deus.

— O que ele disse ou fez — perguntei — que levou o senhor a se convencer de que ele era Deus?

Não sabia ao certo de que modo ele responderia à minha pergunta, embora já pudesse prever que ele se

ocuparia dos atos sobrenaturais de Cristo. Enganei-me.

— Há quem diga que a prova está nos milagres — disse Carson, recostando-se confortavelmente em sua

poltrona estofada, —, mas ocorre que outras pessoas também fizeram milagres; portanto, embora eles sejam

sugestivos, não são decisivos. E claro que a ressurreição é a prova máxima de sua identidade. No entanto, de

todas as coisas que ele fez, a que mais me surpreende é o perdão de pecados.

— É mesmo? — disse, ajeitando-me na poltrona perpendicular à dele para encará-lo mais diretamente.

— Como assim?

— Se você faz alguma coisa contra mim, tenho o direito de perdoá-lo. Todavia, se você faz algo contra

mim e aí vem uma pessoa e diz: "Eu lhe perdôo", que ousadia é essa? A única pessoa capaz de pronunciar

genuinamente essas palavras é Jesus, porque o pecado, mesmo se cometido contra outras pessoas, é, antes de

tudo e principalmente, um desafio a Deus e às suas leis. Quando Davi cometeu o

pecado do adultério e planejou

a morte do marido da mulher com quem adulterara, ele diz finalmente a Deus em Salmos 51.4: "Contra ti, só

contra ti, pequei e fiz o que tu reprovas". Ele reconheceu que, embora tivesse prejudicado outras pessoas, no

fim das contas era contra Deus, que o fizera à sua imagem, que tinha pecado, e Deus precisava perdoá-lo.

Aparece então Jesus e diz aos pecadores: "Os seus pecados estão perdoados". Os judeus imediatamente viram

nisso uma blasfêmia. Eles reagiram dizendo: "Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?". Para

mim, essa é uma das coisas mais extraordinárias que Jesus fez.

— Jesus não apenas perdoava pecados — observei — como também afirmava que não tinha pecados.

Certamente a ausência de pecados é um atributo da divindade.

— Sim — concordou ele. — Ao longo da história ocidental, as pessoas consideradas mais santas

também eram as mais conscientes de suas falhas e pecados. São pessoas cientes de suas imperfeições,

concupiscências e ressentimentos, contra os quais lutam honestamente, pela graça de Deus. Na verdade, travam

uma batalha tão aguerrida que outras pessoas percebem e dizem: "Ali vai um homem santo". Mas aí aparece

Jesus e diz com uma fisionomia imperturbável: "Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?". Se eu

dissesse isso, minha esposa, meus filhos e todas as pessoas que me conhecem

teriam muito prazer em se

levantar e dar seu testemunho, ao passo que ninguém foi capaz de testemunhar contra Cristo.

Embora a perfeição moral e o perdão dos pecados sejam indubitavelmente características da divindade,

existem diversos outros atributos que Jesus precisa ter para se encaixar no perfil divino. Chegara o momento de

pô-los à prova. Depois de atirar a Carson algumas bolas fáceis, eu estava pronto para mandar algumas com

efeito.

O mistério da encarnação

Com base em algumas notas que havia trazido comigo, disparei contra Carson uma rápida sucessão de

alguns dos maiores obstáculos à alegação de divindade reivindicada por Cristo.

— Dr. Carson, de que modo Jesus poderia ser onipresente, se não podia estar em dois lugares ao mesmo

tempo? — perguntei-lhe. — Como podia ser onisciente se disse: "Quanto ao dia e à hora ninguém sabe [...] nem

o Filho, senão somente o Pai"? Como poderia ser onipotente se os evangelhos narram com muita clareza que ele

não foi capaz de fazer milagres em sua cidade natal?

Apontei então enfaticamente minha caneta em direção a ele e concluí:

— Admitamos: a própria Bíblia parece depor contra a divindade de Jesus.

Embora não demonstrasse nenhuma hesitação, Carson concordou que minhas perguntas não tinham

respostas fáceis. Afinal de contas, elas tocam no âmago da encarnação: Deus se faz homem, o espírito se

reveste de carne, o infinito torna-se finito, o eterno fica limitado pelo tempo. Essa doutrina mantém ocupados os

teólogos há séculos. Foi por aí que Carson principiou sua resposta, retrocedendo ao modo como os estudiosos

tentaram responder a essas indagações ao longo dos anos.

— Houve, no decorrer da história, duas ou três tentativas de lidar com essas questões — começou ele,

como se estivesse de certa forma dando início a uma preleção. — Por exemplo, no final do século passado, o

grande teólogo Benjamin Warfield vasculhou os evangelhos e atribuiu várias passagens à humanidade de Cristo

ou à sua divindade. Quando Jesus faz algo que reflete seu caráter divino, atribui-se o fato à divindade de Cristo.

Quando algo reflete suas limitações, finitude ou humanidade (por exemplo, suas lágrimas: será que Deus

chora?), atribui-se o fato à sua humanidade.

Esse tipo de explicação me pareceu muito inconsistente. — Será que com isso não acabamos tendo um

Jesus esquizofrênico? — perguntei-lhe.

— É fácil cair inadvertidamente nesse tipo de raciocínio — disse ele. — Todas as confissões de fé

insistem em que a humanidade de Jesus e a sua divindade são condições distintas, embora estejam unidas em

uma única pessoa. Procura-se então uma solução em que existam, de modo

essencial, duas mentes: algo como

um Jesus de mente humana e um Jesus de mente celestial. Essa é uma solução possível, e talvez não seja de

todo inadequada. O outro tipo de solução seria na forma de *kenosis,* que significa "esvaziamento". É o que se

conclui com base no que está registrado em Filipenses 2, onde o apóstolo nos diz que Jesus "sendo Deus, não

considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se". Ou, numa tradução mais exata, "não achou

que ser igual a Deus fosse algo que devesse explorar", antes "esvaziou-se a si mesmo". Ele se tornou um

ninguém.

Isso me pareceu um tanto ambíguo.

— O senhor poderia ser mais explícito? — perguntei. — De que exatamente ele se esvaziou?

Pelo visto, eu havia tocado o cerne da questão.

— Ah, boa pergunta — Carson respondeu com um aceno. — Através dos séculos, as pessoas deram

diferentes respostas a essa indagação. Por exemplo, teria ele se esvaziado de sua divindade? Bem, se assim

fosse, ele deixaria de ser Deus. Ele teria se esvaziado de seus atributos divinos? É uma suposição que também

me parece difícil, porque é complicado separar os atributos da realidade. Se você tem um animal que se parece

com um cavalo, com todos os atributos de um cavalo, então é um cavalo o que você tem. Portanto, não

compreendo como Deus pode esvaziar-se de todos os seus atributos e ainda continuar a ser Deus. Para algumas

pessoas, ele não teria se esvaziado de seus atributos; esvaziou-se, isto sim, do uso deles, em uma atitude de

autolimitação. É uma boa hipótese, embora não fosse isso o que fazia quando, por vezes, perdoava pecados

como só Deus pode fazer, o que é um atributo da divindade. Outros vão mais longe e dizem que ele se esvaziou

do uso independente de seus atributos. Isto ó, comportava-se como Deus quando seu Pai celestial autorizava-o

explicitamente a fazê-lo. Essa hipótese é melhor ainda que a anterior. O problema é que não podemos abrir mão

da idéia de que há um sentido em que o Filho eterno sempre agiu em conformidade com os mandamentos do

Pai, mesmo no passado eterno. Mas chegamos bem perto.

Senti que estávamos bem próximos do alvo, mas não sabia ao certo se seríamos capazes de atingi-lo.

Notei que Carson também tinha o mesmo pressentimento.

— Rigorosamente falando — disse ele —, Filipenses 2 não nos diz com exatidão de que o Filho eterno

se esvaziou. Ele se esvaziou. Tornou-se um ninguém. Temos aí um tipo de esvaziamento, mas, para ser sincero,

o que está em debate aqui é a encarnação, um dos principais mistérios da fé cristã. Estamos lidando com um

Espírito sem forma, sem corpo, onisciente, onipresente, onipotente e com criaturas finitas, corpóreas, que

podem ser tocadas e que são limitadas pelo tempo. A transformação de um no outro nos envolve

necessariamente em muitos mistérios. Portanto, há uma parte da teologia cristã que não está preocupada com

"explicações cabais". Seu propósito é trazer à tona a evidência bíblica e preservá-la imparcialmente por inteiro,

descobrindo meios de sintetizá-la de modo racional e coerente, mesmo que não seja possível explicá-la

totalmente.

Esse foi um jeito sofisticado de dizer que os teólogos são capazes de elaborar explicações que parecem

sensatas, embora não possam explicar todas as nuanças relativas à encarnação. De certo modo, parece lógico

que seja assim. Se a encarnação de fato aconteceu, não é de espantar que mentes finitas não sejam capazes de

compreendê-la totalmente.

Pareceu-me razoável aceitar um tipo de "esvaziamento" em que Jesus abria mão do uso independente de

seus atributos e, por isso, não demonstrava seu caráter "oni" — onisciência, onipotência e onipresença — em

sua existência terrena, muito embora o Novo Testamento afirme claramente que ele possuía todas essas

qualidades.

Isso, porém, era só parte do problema. Folheei meu caderno de anotações e comecei a fazer outro tipo de

questionamento referente a passagens bíblicas específicas que pareciam

contradizer frontalmente a afirmação de

Jesus de que era Deus.

Criador ou criatura?

Outro perfil ao qual Jesus tinha de se adequar diz respeito ao fato de que Deus é um ser não-criado, cuja

existência vem desde toda a eternidade. Em Isaías 57.15, Deus é descrito como o que "vive para sempre".

Todavia, eu disse a Carson, há muitos versículos que parecem indicar enfaticamente que Jesus era um ser

criado.

— Por exemplo — eu disse —, em João 3.16 lemos que Jesus é o Filho "Unigênito" de Deus e, em

Colossenses 1.15, ele é chamado de "primogênito de toda a criação". Será que esses versículos não implicam

claramente que Jesus foi criado, em vez de ser Criador?

Uma das áreas de especialização de Carson é a gramática grega, à qual ele recorreu para responder meu

questionamento.

— Vamos analisar João 3.16 — disse ele. — É a *Versão do rei Tiago* que traduz o grego como "Filho

primogênito". Os que consideram essa versão correta normalmente a associam à encarnação — ou seja, ao parto

da Virgem Maria. Na verdade, porém, não é isso o que a palavra grega significa. O significado é

"incomparável". No século 1, usava-se a expressão "incomparável e amado". Portanto, João 3.16 está

simplesmente dizendo que Jesus é o Filho incomparável e amado, ou, conforme a NVI, o "Filho Único" (na nota

de rodapé), em vez de classificá-lo como ontologicamente nascido no tempo.

— Isso explica apenas essa passagem específica — enfatizei.

— Muito bem, vamos examinar o versículo de Colossenses, onde aparece a palavra "primogênito". A

grande maioria dos estudiosos, liberais ou conservadores, reconhecem que no Novo Testamento o primogênito,

em virtude das leis da sucessão, normalmente recebia a maior parte dos bens e, no caso das famílias reais,

tornava-se rei. O primogênito, portanto, era o que detinha, em última análise, todos os direitos do pai. Por volta

do século II a.C, havia lugares onde a palavra não comportava mais a idéia literal de geração ou nascimento. Ela

adquirira então o sentido de autoridade que decorre da posição de herdeiro legítimo. É com esse sentido que se

aplica a Jesus, como reconhecem praticamente todos os estudiosos. Diante disso, a expressão "primogênito" dá

margem a certas confusões.

— Qual seria a melhor tradução?

— Creio que "herdeiro supremo" seria mais adequado — disse ele.

Embora isso explicasse a passagem de Colossenses, Carson foi mais adiante ainda, tocando num último

ponto.

— Quando citamos Colossenses 1.15, temos de contextua-lizá-lo com Colossenses 2.9, onde o mesmo

autor afirma: "Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade". O autor não iria se

contradizer. Portanto, o termo "primogênito" não pode excluir a eternidade de Jesus, uma vez que isso é parte

do que significa possuir a plenitude da divindade.

Para mim, a questão estava encerrada. Mas havia outras passagens difíceis. Por exemplo, em Marcos 10,

alguém se dirige a Jesus como "bom mestre", ao que ele responde: "Por que você me chama bom? Ninguém é

bom, a não ser um, que é Deus".

— Com isso, Jesus não estaria negando sua divindade? — perguntei.

— Não, creio que ele estava tentando fazer com que aquela pessoa parasse e pensasse no que estava

dizendo — disse Carson. — A passagem paralela em Mateus dá mais detalhes, e Jesus não aparece fazendo

pouco de sua divindade. Creio que o que ele está dizendo é o seguinte: "Espere um pouco, por que vocês estão

me chamando 'bom'? Só por educação, como se estivessem dizendo: 'Bom dia'? O que vocês querem dizer com

bom? Quando vocês me chamam 'bom mestre', o que pretendem com isso é bajular? Bem, no sentido mais

profundo da palavra, só existe um que é bom, que é Deus, mas com isso Jesus não está dizendo implicitamente:

"Portanto, não me chamem 'bom'". O que ele está dizendo é: "Será que vocês entendem realmente o que dizem

quando me chamam de bom? Vocês estão querendo de fato atribuir a mim o que

deve ser atribuído unicamente

a Deus?". Eram questões provocativas, que na verdade significavam: "Sou de fato quem vocês dizem que sou;

há mais verdade nas suas palavras do que vocês imaginam"; ou ainda: "Não ousem me chamar assim; da

próxima vez, refiram-se a mim como 'o pecador Jesus', como o fazem as demais pessoas". Se atentarmos para

tudo o que Jesus diz e faz em outras passagens, com qual opção ficaremos?

São tantos os versículos que se referem a Jesus "sem pecado", "santo", "justo", "inocente", "sem

mácula" e "separado dos pecadores" que a resposta parece bem óbvia.

Será que Jesus era um deus inferior?

Se Jesus era Deus, que tipo de deus era ele? Seria igual ao Pai, ou talvez uma espécie de deus menor,

possuidor dos mesmos atributos da divindade e, ainda assim, incapaz de se encaixar no perfil que o Antigo

Testamento apresenta sobre a divindade?

A pergunta tem origem em outra passagem que mencionei a Carson.

— Jesus disse em João 14.28: "O Pai é maior do que eu". Muita gente conclui dessa passagem que Jesus

teria sido uma espécie de Deus inferior. Será que elas estão corretas? — perguntei-lhe.

Carson suspirou.

— Meu pai era pregador — disse ele —, e eu, desde a minha infância, sempre ouvi o seguinte dentro de

casa: "Um texto sem contexto torna-se pretexto para texto de rodapé". É importantíssimo analisar essa

passagem dentro do seu contexto. Os discípulos suspiravam porque Jesus lhes havia dito que iria partir. Ele

disse: "Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu". Em

outras palavras, Jesus está retornando à glória que lhe pertence, portanto, se eles soubessem realmente quem ele

era e o amassem de verdade, do jeito certo, ficariam contentes por vê-lo regressar ao Reino onde ele é de fato

maior. Jesus diz em João 17.5: "Glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo

existisse" — ou seja, "o Pai é maior do que eu". Quando usamos uma categoria como "maior", o termo não se

refere obrigatoriamente ao que é ontologicamente maior. Se eu disser, por exemplo, que o presidente dos

Estados Unidos é maior do que eu, não estou querendo dizer com isso que, ontologicamente, ele é um ser

superior. Ele é maior em sua capacidade militar, em sua intrepidez política e em reconhecimento público, mas

isso não faz dele mais homem do que eu. Ele é um ser humano, e eu também sou um ser humano. Após uma

pausa, prosseguiu:

— Portanto, quando Jesus diz: "O Pai é maior do que eu", é preciso analisar o contexto e verificar se

Jesus está dizendo: "O Pai é maior do que eu porque ele é Deus, e eu não". Francamente, seria muita tolice dizer

uma coisa dessas. Suponha que eu suba ao púlpito e diga: "Declaro solenemente que Deus é maior do que eu".

Seria uma observação realmente inútil, não é verdade? A comparação só faz sentido se ambos estiverem no

mesmo plano e se houver algum tipo de limitação em curso. Jesus está limitado pela encarnação — ele vai para

a cruz, vai morrer —, mas voltará em breve para o Pai e para a glória que tinha com o Pai antes que o mundo

existisse.

— Ele está dizendo: "Gente, vocês estão se lamentando pelo que vai acontecer comigo, mas deviam

estar alegres, porque vou para casa". É nesse sentido que "o Pai é maior do que eu".

— Portanto — eu disse — isso não seria uma negação explícita de sua divindade.

— Não — concluiu Carson —, na verdade, não. O contexto deixa isso claro.

Embora eu estivesse disposto a aceitar o fato de que Jesus não era um deus inferior, havia uma questão mais

delicada que eu queria esclarecer: como é que Jesus podia ser um deus misericordioso e ainda assim

compactuar com a idéia de sofrimento eterno daqueles que o rejeitassem?

A incômoda questão do inferno

A Bíblia diz que o Pai é amoroso. O Novo Testamento afirma o mesmo sobre Jesus. Mas será que eles

são realmente amorosos se, ao mesmo tempo, mandam as pessoas para o inferno? Afinal de contas, Jesus ensina

mais sobre o inferno que qualquer outra pessoa na Bíblia toda. Isso não contradiz seu caráter supostamente

gentil e compassivo?

Ao fazer essa pergunta a Carson, citei as palavras contundentes do agnóstico Charles Templeton: "Como

é que um Pai celestial amoroso é capaz de criar um inferno sem fim e, ao longo dos séculos, enviar milhões de

pessoas para lá porque não aceitam, não podem aceitar ou recusam-se a aceitar certas crenças religiosas?". 90

Essa pergunta, que eu formulei de modo a causar impacto, não deixou Carson irado.

— Em primeiro lugar — disse ele —, não creio que Deus simplesmente jogue as pessoas no inferno

porque elas se recusam a aceitar algumas crenças específicas.

Carson fez uma pausa, depois retomou o assunto de forma mais detalhada, discutindo um tópico que

muitas pessoas hoje consideram um anacronismo: o pecado.

— Imagine Deus no início da criação com um homem e uma mulher feitos à sua imagem — disse

Carson. — Eles se levantam pela manhã e pensam em Deus. Eles o amam de verdade. Têm prazer em satisfazê-

lo, e para eles não há prazer maior. Seu relacionamento com Deus é perfeito, e ambos se dão muito bem.

Depois, com a entrada do pecado e da rebelião no mundo, o casal, que era a imagem de Deus, começou a achar

que era o centro do universo. Não literalmente, mas era o que achavam. E é

assim que nós pensamos também.

Tudo o que chamamos "patologias sociais", a guerra, o estupro, a amargura, o sentimento de inveja que

alimentamos dentro de nós, os ciúmes ocultos, o orgulho, os complexos de inferioridade, estão todos

vinculados, antes de tudo, ao fato de que nosso relacionamento com Deus não é como deveria ser.

Conseqüentemente, as pessoas se sentem feridas. Da perspectiva divina, isso é terrivelmente repugnante. O que

Deus devia fazer a respeito? Se ele disser: "Bem, não me importo", estará dizendo que não se importa com o

mal. E mais ou menos como se disséssemos: "Tudo bem, já ouvi falar do holocausto, mas e daí?". Você não

ficaria chocado só de pensar na possibilidade de Deus achar que isso não tem nenhuma importância moral?

Mas, em princípio, se ele é o tipo de Deus que atribui importância moral a esse tipo de coisa, tem

necessariamente de se importar com todos os que, criados à sua imagem, desafiam-no com o punho em riste e

cantam, como Frank Sinatra: "I did it my way" ("Agi como quis"). Essa é a verdadeira natureza do pecado. Dito

isso, o inferno não é um lugar para onde são mandadas as pessoas simplesmente porque foram estúpidas o

bastante para não acreditar no que deviam crer. Elas foram para lá, principalmente, porque desafiaram seu

Criador e quiseram ser o centro do universo. O inferno não está cheio de pessoas agora arrependidas que Deus

não deixa sair porque sua bondade não chega a tanto. Ele está cheio de pessoas que, por toda a eternidade,

sempre quiseram ser o centro do universo e insistem em desafiar a Deus. O que Deus deveria fazer? Se disser

que não se importa com isso, não será mais um Deus digno de admiração. Ou é um ser amoral ou um monstro.

Se agisse de outro modo diante de uma insubordinação tão evidente, ele não seria o Deus que é, seria menos.

— Entendo — interrompi —, mas o que mais parece incomodar as pessoas é o fato de que Deus vai

atormentar essas pessoas por toda a eternidade. Isso não lhe parece cruel?

— Em primeiro lugar — disse Carson —, a Bíblia diz que existem diferentes graus de castigo, portanto,

não creio que o grau de intensidade será o mesmo para todos. Em segundo lugar, se Deus retirasse suas mãos

deste mundo decaído, de modo que não houvesse mais nenhuma restrição para a impiedade humana, estaríamos

vivendo no inferno. Assim, se você permitir que uma multidão de pecadores viva em um lugar confinado onde

não possam prejudicar ninguém, exceto a si mesmos, não seria isso o inferno? Em certo sentido, é o que

acontece: eles estão prejudicando a si mesmos. É isso o que querem, porque não se arrependeram.

Achei que Carson tivesse concluído sua resposta, porque percebi que hesitou um pouco. Todavia, ele

tinha ainda uma observação crucial por fazer.

— Uma das coisas na qual a Bíblia insiste é que, no fim, não apenas se fará justiça, mas será possível

ver a justiça sendo feita, de modo que toda boca se cale.

Suas últimas palavras me chamaram a atenção.

— Em outras palavras — eu disse —, quando chegar o dia do julgamento final, ninguém vai poder se

queixar dizendo que Deus não lhe deu um tratamento justo. Todos vão reconhecer a justiça genuína pela forma

como Deus irá julgá-los, e também ao mundo.

— Correto — afirmou Carson resoluto. — Nem sempre se faz justiça no mundo; é o que vemos

diariamente. No dia do juízo final, porém, todos poderão vê-la. Ninguém vai poder se queixar dizendo: "Isto

não é justo".

Jesus e a escravidão

Havia outra questão que eu queria discutir com Carson. Olhei para o relógio.

— O senhor tem mais alguns minutos? — perguntei-lhe. Ele disse que sim. Fiz-lhe então mais uma

pergunta sobre um assunto polêmico.

Para ser Deus, Jesus tinha de ser eticamente perfeito. Todavia, alguns críticos do cristianismo acusam-

90 TEMPLETON, *Farewell to God*, p. 230.

no de não o ser porque, segundo eles, Jesus teria compactuado com a prática moralmente abominável da

escravidão. Conforme escreveu Morton Smith:

O imperador e o Estado romano tinham inúmeros escravos; o templo de Jerusalém possuía escravos; o sumo sacerdote tinha

escravos (um deles perdeu uma orelha quando Jesus foi preso); todos os ricos e praticamente toda a classe média tinham escravos. Até

onde sabemos, Jesus nunca atacou essa prática. [...] Parece que houve uma revolta de escravos na Palestina e na Jordânia na mocidade

de Jesus; uma pessoa que liderasse essa revolta e fosse ao mesmo tempo um operador de milagres teria atraído muita gente. Se Jesus

tivesse denunciado a escravidão ou prometido a libertação dos escravos, não há dúvida de que teríamos ficado sabendo. Mas não há

registro de que isso tenha ocorrido, portanto, pela lógica, tudo indica que ele não disse nada a esse respeito.91

Como é que se pode equacionar o fato de que Jesus não se empenhou pela libertação dos escravos com o

amor de Deus por todas as pessoas?

— Por que ele não se levantou e disse em alto e bom som: 'A escravidão é errada"? — perguntei. —

Não teria Jesus falhado moralmente por não se empenhar pelo fim de uma instituição que humilhava as pessoas,

feitas à imagem de Deus?

Carson endireitou-se na cadeira.

— Creio que as pessoas que fazem esse tipo de objeção estão confusas — disse ele. — Se você me

permite, vou primeiro contextualizar a escravidão, antiga e moderna, porque em nossa cultura ela naturalmente

apresenta certas características que não tinha no mundo antigo.

Acenei para que prosseguisse.

Derrotando a opressão

— Em seu livro *Race and culture*, 92 *o* estudioso afro-americano Thomas Sowell ressalta que em todas as

grandes culturas mundiais, até a Idade Moderna, sem exceção, houve escravidão — Carson explicou. —

Embora fosse muitas vezes o resultado de conquistas militares, a escravidão servia geralmente a propósitos

econômicos. Não havia leis de falência naquela época, portanto, quando alguém ficava muito endividado,

vendia-se a si mesmo e/ ou a família ao regime de escravidão. A escravidão servia não somente como

pagamento de dívida como também proporcionava trabalho. Não era necessariamente uma coisa tão ruim; era,

pelo menos, uma opção de sobrevivência. Por favor, entenda-me: não estou tentando de forma alguma dar à

escravidão um ar romântico.

Todavia, no tempo dos romanos, havia trabalhadores subalternos que executavam tarefas próprias de

escravos, mas havia outros também em funções equivalentes às de doutores, que ensinavam as famílias. A

escravidão não estava associada a nenhuma raça em particular. Na escravidão americana, porém, todos os

negros, e só eles, eram escravos. Esse foi um dos horrores característicos dela, o que gerou a idéia injusta de

que os negros eram inferiores, contra o que muitos de nós lutamos ainda hoje.

Vamos agora ver o que diz a

Bíblia. Na sociedade judaica, a lei determinava que, no Jubileu, todos os escravos tinham de ser libertos. Em

outras palavras, a cada sete anos a escravidão era abolida. Se as coisas funcionavam de fato desse jeito já é

outra história, mas a ordem divina era essa, e foi nesse ambiente que Jesus cresceu. É preciso ter em mente a

missão de Jesus. Basicamente, ele não veio com o objetivo de derrubar o sistema econômico romano, do qual a

escravidão fazia parte. Ele veio para libertar homens e mulheres de seus pecados. E aí onde quero chegar: o que

sua mensagem faz é transformar as pessoas de modo que comecem a amar a Deus de todo o seu coração, alma,

mente e força, e comecem também a amar o seu próximo como a si mesmas. Naturalmente, isso tem um

impacto na idéia de escravidão.

Após uma pausa, prosseguiu:

— Veja o que diz o apóstolo Paulo em sua carta a Filemom a respeito de um escravo foragido chamado

Onésimo. Paulo não diz que a escravidão deve ser abolida, porque isso simplesmente culminaria com a

execução daquele escravo. Em vez disso, ele diz a Filemom que trate bem a Onésimo como um irmão em

Cristo, assim como trataria o próprio Paulo. Depois, para deixar bem clara a situação, Paulo enfatiza: "Lembre-

se, você deve sua vida a mim por causa do evangelho". A abolição da

escravidão, portanto, ocorre pela

transformação de homens e mulheres pelo evangelho, e não meramente pela mudança do sistema econômico.

Todos nós já vimos o que acontece quando simplesmente se extingue um sistema econômico e se impõe uma

nova ordem em seu lugar. O sonho comunista era ter um "homem revolucionário" seguido do "novo homem". O

problema é que os comunistas nunca encontraram esse "novo homem". Livraram-se dos opressores dos

camponeses, mas isso não lhes deu liberdade imediata; passaram apenas para um novo regime de trevas. No fim

das contas, se quisermos uma mudança que perdure, temos de transformar os corações dos seres humanos. E

91 Morton SMITH, Biblical arguments for slavery, *Free Inquiry*, Spring, 1987, p. 30.

92 Thomas SOWELL, *Race and culture*, New York, Basic, 1995.

essa era a missão de Jesus. Vale também a pena fazer a pergunta que Sowell faz: como foi que a escravidão

acabou? Ele destaca que o ímpeto propulsor da abolição da escravidão foi o despertamento evangélico da

Inglaterra. Os cristãos pressionaram pela abolição no Parlamento no início do século XIX e, por fim, usaram as

canhoneiras inglesas para deter o tráfico no Atlântico. Cerca de 11 milhões de africanos foram levados para a

América, e muitos não sobreviveram, ao passo que cerca de 13 milhões foram levados como escravos para o

mundo árabe. Uma vez mais, foram os ingleses, impulsionados por pessoas cujo coração havia sido

transformado por Cristo, que enviaram seus navios de guerra para o golfo Pérsico com o propósito de pôr um

fim a isso.

A resposta de Carson fazia sentido, não apenas historicamente, mas essa também tinha sido minha

própria experiência. Por exemplo, conheci anos atrás um executivo tremendamente racista que tinha uma

atitude superior e arrogante em relação a qualquer pessoa de outra cor. Ele raramente se esforçava para

esconder seu desprezo pelos afro-americanos, deixando que essa bile preconceituosa transbordasse em piadas

cruéis e observações cáusticas. Não havia argumento capaz de fazê-lo mudar suas opiniões repugnantes.

Foi então que se tornou seguidor de Jesus. Observei surpreendido como suas atitudes, perspectivas e

valores iam mudando com o passar do tempo, à medida que seu coração era renovado por Deus. Por fim, ele se

deu conta de que não poderia abrigar nenhuma indisposição em relação a quem quer que fosse, uma vez que a

Bíblia ensina que todas as pessoas foram feitas à imagem de Deus. Hoje posso dizer com toda a sinceridade que

ele é verdadeiramente solícito e aberto às pessoas, inclusive às que são diferentes dele.

Não foi a lei que o transformou. O raciocínio não o modificou. Apelos emocionais não o mudaram. Ele

conta a todos que Deus o transformou de dentro para fora, de um modo decisivo, completo e permanente. Esse é

apenas um exemplo dentre muitos. Eu vi o poder do evangelho sobre o qual Carson estava falando: o poder que

transforma corações rancorosos e vingativos em filantropos, egoístas empedernidos em doadores

misericordiosos, amantes do poder em servos generosos e gente que explora o próximo, por meio da escravidão

ou de outra forma de opressão, em gente de coração acolhedor.

Isso vai ao encontro do que o apóstolo Paulo diz em Galatas 3.28: "Não há judeu nem grego, escravo

nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus".

Adequando-se ao perfil de Deus

Carson e eu conversamos, por vezes com muita animação, durante duas horas, enchendo mais fitas do

que seria possível colocar neste capítulo. Achei suas respostas muito sensatas e teologicamente sadias. No final,

entretanto, o modo como a encarnação opera, de que maneira o Espírito se apossa da carne, continuava a ser

para mim um conceito difícil de entender.

Apesar disso, de acordo com a Bíblia, o fato de que isso ocorreu realmente não deixa margem à dúvida. Todo

atributo de Deus, diz o Novo Testamento, encontra-se também em Jesus Cristo:

• Onisciência? Em João 16.30, o apóstolo João afirma a

respeito de Jesus: 'Agora, podemos perceber que

sabes todas as coisas".

• Onipresença? Jesus disse em Mateus 28.20: "E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos"; e, em

Mateus 18:20: "Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou

no meio deles".

• Onipotência? "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra", disse Jesus em Mateus 28.18.

• Eternidade? Em João 1.1, lemos a respeito de Jesus: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com

Deus, e era Deus".

• Imutabilidade? Em Hebreus 13.8, lemos: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre".

Além disso, o Antigo Testamento traça um retrato de Deus usando títulos e descrições tais como Alfa e

Ômega, Senhor, Salvador, Rei, Juiz, Luz, Rocha, Redentor, Pastor, Criador, Doador da vida, aquele que perdoa

os pecados e fala com autoridade divina. É fascinante observar que, no Novo Testamento, todos eles, sem

exceção, são aplicados a Jesus.93

Jesus sumarizou assim em João 14.7: "Se realmente me conhecessem, conheceriam também o meu Pai".

Em uma tradução menos clássica, diríamos: "Quando vocês vêem o retrato de Deus que o Antigo Testamento

apresenta, é a minha semelhança que vocês vêem".

Ponderações

93 Josh MCDOWELL & Bart LARSON, *Jesus:* uma defesa bíblica de sua divindade, 2. ed., São Paulo, Candeia, 1994, p. 60-2.

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Leia Filipenses 2.5-8, que fala sobre como Jesus esvaziou-se a si mesmo e veio ao mundo em circunstâncias

humildes, tendo por destino a cruz. Que possíveis motivações teriam levado Jesus a agir dessa forma? Leia em

seguida os versículos 9 a 11. O que acontece como resultado da missão de Jesus? O que poderia fazer com que

as pessoas um dia chegassem à conclusão de que Jesus é Senhor?

2. Sua jornada espiritual tem sido prejudicada por causa da idéia do inferno? O que você acha da explicação de

Carson a esse respeito?

3. Carson analisou alguns versículos que, aparentemente, dão a entender que Jesus foi um ser criado ou era um

Deus inferior. Você achou convincente a explicação? Justifique. O que a análise de Carson lhe ensina sobre a

necessidade de ter uma boa bagagem de conhecimentos para interpretar as Escrituras?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

HARRIS, Murray J. *Jesus as God.* Grand Rapids, Baker, 1993.

MARTIN, W. J. *The deity of Chríst.* Chicago, Moody, 1964. MCDOWELL, Josh & Bart LARSON. *Jesus:* uma

defesa bíblica de sua divindade. 2. ed. São Paulo, Candeia, 1994.

STOTT, John. *Basic Christianity.* Grand Rapids, Eerdmans, 1986. ZODHIATES, SPIROS. *Was Chríst God?* Grand

Rapids, Eerdmans,

1966.



10

A prova das impressões digitais

Jesus — e só ele — enquadra-se

no perfil do Messias?

Era um sábado comum na casa dos Hiller, em Chicago. Clarence Hiller passara a tarde pintando os

remates das portas e janelas no lado externo do sobrado onde morava, na rua West, 104. Ele e a família foram

deitar-se cedo naquela noite. Todavia, o que aconteceu depois mudaria para sempre a lei penal na América.

Os Hiller acordaram na madrugada de 19 de setembro de 1910 com a suspeita de que a luz de gás

próxima do quarto de sua filha havia se apagado. Clarence decidiu investigar. Sua esposa ouviu uma rápida

sucessão de sons: um tumulto, dois homens rolando as escadas, dois disparos e o barulho da porta da frente

batendo. Quando ela saiu do quarto, encontrou Clarence morto aos pés da escada.

A polícia prendeu Thomas Jennings, um ladrão sentenciado, a menos de dois quilômetros de distância.

Havia sangue em sua roupa e seu braço esquerdo estava machucado, em decorrência da queda de um bonde,

segundo ele. Em seu bolso foi encontrado o mesmo tipo de arma que havia sido usado para alvejar Clarence

Hiller, mas não foi possível determinar se aquela era de fato a arma do crime.

Sabendo que precisavam de mais provas para condenar Jennings, os detetives vasculharam o interior da

casa de Hiller em busca de mais pistas. Uma coisa ficou logo clara: o assassino havia entrado por uma janela

nos fundos da cozinha. Os detetives foram para o lado de fora e ali, perto daquela janela, encontraram quatro

impressões digitais muito nítidas da mão esquerda de alguém. As marcas ficaram para sempre registradas na

tinta branca do parapeito que a vítima havia pintado com tanto esmero poucas horas antes de sua morte.

A análise das impressões digitais era um conceito novo na época, tendo sido apresentada há não muito

tempo em uma mostra internacional da polícia em St. Louis. Até então, as impressões digitais nunca tinham

sido usadas para condenar quem quer que fosse por assassinato nos Estados Unidos.

A despeito de renhidas objeções por parte dos advogados de defesa de que tal prova não era científica e,

portanto, inadmissível, quatro policiais testemunharam que as impressões deixadas na tinta combinavam

perfeitamente com as de Thomas Jennings, e com as de mais ninguém. O júri condenou Jennings, a Suprema

Corte de Illinois manteve sua condenação com uma sentença que entrou para a história e, posteriormente,

Jennings foi enforcado.94

A premissa sobre a qual as impressões digitais se baseiam é muito simples: as pessoas têm marcas

diferentes nas pontas dos dedos. Quando uma impressão encontrada em um objeto coincide com as marcas das

mãos de determinada pessoa, é possível aos investigadores concluir com precisão científica que um indivíduo

específico tocou o objeto em questão.

Em muitos casos de crimes, a identificação fornecida pelas impressões digitais é a prova por excelência.

Lembro-me de cobrir um julgamento em que uma única impressão digital de um polegar, encontrada no papel

celofane de um maço de cigarros, foi o fator determinante na condenação de um assaltante de 20 anos acusado

de matar um colega de escola.95

As impressões digitais, portanto, constituem um tipo de prova decisiva.

Muito bem, mas o que isso tem a ver com Jesus Cristo? É simples: existe um outro tipo de prova

análoga às impressões digitais e que determina, com alto grau de certeza, que Jesus é efetivamente o Messias de

Israel e do mundo.

Nas Escrituras hebraicas, que os cristãos chamam de Antigo Testamento, há inúmeras profecias sobre a

vinda do Messias, que seria enviado por Deus para redimir o seu povo. Na verdade, essas predições constituem

um tipo de impressão digital figurativa que somente o Ungido poderia ter. Assim, os israelitas eram capazes de

eliminar todos os impostores e validar as credenciais do Messias autêntico.

A palavra grega para "Messias" é *Cristo.* Mas será que Jesus era realmente o

Cristo? Será que ele

cumpriu miraculosamente as predições escritas centenas de anos antes do seu nascimento? E como podemos

94 EVANS, *The casebook of forensic detection,* p. 98-100.

95 Lee STROBEL, "Textbook" thumbprint aids conviction in coed's killing, *Chicago Tribune*, 29 June 1976.

saber se ele foi de fato o único indivíduo em toda a história que satisfez as impressões digitais proféticas?

Existem muitos estudiosos com uma lista longa de títulos antes de seus nomes a quem eu poderia ter

feito essas perguntas. Todavia, quis entrevistar alguém para quem isso fosse mais do que simplesmente um

exercício acadêmico abstrato, o que me levou a um cenário inusitado no Sul da Califórnia.

Nona entrevista: Louis S. Lapides, mestre em teologia

Normalmente, a igreja seria um lugar natural para questionar alguém a respeito de uma questão bíblica.

Mas quando me sentei na companhia do pastor Louis Lapides no santuário de sua congregação, logo após o

culto dominical matutino, senti que havia algo diferente ali. Aquele cenário, com bancos e vitrais, não era

exatamente o lugar onde normalmente encontraríamos um jovem judeu de Newark, Nova Jersey.

Mas era esse o seu histórico. Para alguém com uma herança dessas, saber se Jesus era o Messias tão

esperado vai muito além da teoria. É algo muito pessoal, por isso procurei

Lapides para ouvir a história de sua

investigação particular dessa questão crítica.

Lapides é formado em teologia pela Universidade Batista de Dallas e é mestre em teologia do Antigo

Testamento e em estudos semíticos pelo Seminário Teológico Talbot. Serviu durante dez anos nos Chosen

People Ministries, falando de Jesus a estudantes judeus. Lecionou no departamento de Bíblia da Biola

University e trabalhou durante sete anos como instrutor nos seminários da Walk Through the Bible. É também

ex-presidente de uma rede nacional de 15 congregações messiânicas.

Lapides é magro, usa óculos, tem a fala serena, mas sorri com facilidade. Foi com muita simpatia e

polidez que ele me conduziu a uma cadeira próximo da entrada da Beth Ariel Fellowship, em Sherman Oaks, na

Califórnia. Eu não queria começar logo de imediato a discutir nuanças bíblicas; em vez disso, pedi-lhe que me

narrasse a história de sua jornada espiritual.

Ele cruzou as mãos sobre o colo e fitou as paredes de madeira escura por um momento, enquanto

pensava por onde começar. Depois, passou a contar uma história extraordinária que nos levou de Newark para

Greenwich Village, do Vietnã a Los Angeles, do ceticismo à fé, do judaísmo ao cristianismo, de um Jesus sem

importância ao Jesus Messias.

— Como você sabe, vim de uma família judia — disse ele inicialmente. —

Freqüentei uma sinagoga

conservadora durante sete anos em preparação para o *bar mitzvah*. Embora considerássemos os estudos

preparatórios muito importantes, a religião de minha família não afetava muito nossa vida cotidiana. Não

deixávamos de trabalhar no sábado; nem sequer seguíamos a dieta *kasher*.

Ele sorriu.

— Porém, nos dias santos, íamos à sinagoga mais ortodoxa, porque meu pai achava que era ali que

tínhamos de ir se quiséssemos levar Deus realmente a sério!

Quando interrompi para perguntar o que seus pais haviam lhe ensinado sobre o Messias, Lapides foi

lacônico.

— Nunca tocaram no assunto — disse ele sem se alterar. Era inacreditável. Achei que não havia

entendido.

— O senhor quer dizer que o assunto nem sequer era discutido? — perguntei.

— Nunca — ele reiterou. — Não me lembro nem mesmo de estudar a questão na escola judaica.

Era surpreendente.

— E quanto a Jesus? — perguntei. — Falavam a respeito dele? Mencionavam seu nome?

— Só pejorativamente — respondeu Lapides. — Basicamente, nunca discutíamos sobre ele. Minhas

impressões sobre Jesus formaram-se pelo que eu via nas igrejas católicas: a cruz,

a coroa de espinhos, o lado

perfurado, o sangue escorrendo da testa. Não fazia sentido para mim. Por que adorar um homem crucificado

com pregos nas mãos e nos pés? Nunca achei que Jesus tivesse alguma relação com o povo judeu. Para mim,

ele era o deus dos gentios.

Eu suspeitava que as atitudes de Lapides em relação aos cristãos tinham ido além de mera confusão

sobre sua fé.

— O senhor achava que os cristãos estavam na raiz do anti-semitismo? — indaguei.

— Víamos os gentios como sinônimo de cristãos, e éramos instruídos a ser cautelosos, porque poderia

haver anti-semitismo entre os gentios — disse ele com um tom um tanto diplomático.

Procurei aprofundar um pouco mais a questão.

— O senhor diria que acabou desenvolvendo algumas atitudes negativas em relação aos cristãos?

Dessa vez, ele não pesou as palavras.

— Foi de fato o que aconteceu — disse ele. — Na verdade, quando o Novo Testamento me foi

apresentado pela primeira vez, mais tarde, achava que seria simplesmente um manual básico de anti-semitismo:

como odiar os judeus, como matá-los, como massacrá-los. Achava que o Partido Nazista Americano poderia

utilizá-lo tranqüilamente como manual.

Balancei a cabeça, triste em saber quantas crianças teriam crescido achando que os cristãos eram seus

inimigos.

Começa a busca espiritual

Lapides conta que vários incidentes minaram sua fidelidade ao judaísmo durante sua fase de

crescimento. Curioso acerca dos detalhes, pedi-lhe que se estendesse um pouco mais, e ele de imediato passou a

falar do que foi claramente o episódio mais doloroso de sua vida.

— Meus pais se divorciaram quando eu tinha 17 anos — disse ele, e, surpreendentemente, depois de

todos esses anos, dava ainda para perceber a mágoa em sua voz. — Foi como uma punhalada na fé que eu trazia

no coração, fosse ela do jeito que fosse. Pensei: "Onde é que Deus entra nisso? Por que não procuraram

aconselhamento com um rabino? Para que serve a religião se, na prática, é incapaz de ajudar as pessoas?" Era

óbvio que ela era incapaz de preservar o relacionamento dos meus pais. Quando se separaram, senti como se

tivesse perdido uma parte de mim. Além disso, no judaísmo, eu não sentia que tivesse uma relação pessoal com

Deus. Participei de inúmeras cerimônias e tradições muito bonitas, mas era o Deus distante e alienado do monte

Sinai que dizia: "Eis aqui a minha lei; viva por ela, e você se dará bem. Até mais tarde". Eu, então um

adolescente com os hormônios em ebulição, me perguntava: "De que modo Deus

participa das minhas

dificuldades? Será que ele me considera um indivíduo?" Eu achava que não.

O divórcio deu lugar a um tempo de rebelião. Seduzido pela música e influenciado pelos escritos de

Jack Kerouac e Timothy Leary, Lapides passou muito tempo nos barzinhos de Greenwich Village e não tinha

tempo para a escola, tornando-se refém da bebida. Em 1967, estava do outro lado do mundo, a bordo de um

navio cuja volatilidade da carga — munições, bombas, foguetes e outros explosivos — fazia dele um alvo

tentador para os vietcongues.

— Lembro-me de que fomos informados no Vietnã de que "20% de vocês provavelmente serão mortos,

e os outros 80% vão contrair alguma doença venérea ou ficarão viciados em bebidas alcoólicas ou drogas".

Minhas chances de voltar normal não chegavam a 1%. Foi um tempo terrível. Vi muito sofrimento. Vi

companheiros voltando para casa em caixões. Vi a devastação causada pela guerra. E encontrei anti-semitismo

entre alguns fuzileiros. Uns que eram do Sul até queimaram uma cruz, certa noite. É possível que eu quisesse

distanciar-me da minha identidade judaica, e talvez por isso comecei a envolver-me com religiões orientais.

Lapides lera livros sobre filosofias orientais e visitara templos budistas quando passou pelo Japão.

— Fiquei extremamente incomodado com o mal que vi e tentei descobrir como a

fé pode enfrentá-lo —

ele me disse. — Eu costumava dizer: "Se existe um Deus, não me importa se o encontro no monte Sinai ou no

monte Fuji. Vou ficar com ele de qualquer jeito".

Ele sobreviveu ao Vietnã, voltando para casa viciado em maconha e planos de se tornar sacerdote

budista. Tentou levar o estilo de vida ascético de autonegação, esforçando-se por se livrar do carma ruim das

más ações do passado, mas logo percebeu que nunca conseguiria compensar tudo o que fizera de errado.

Lapides ficou em silêncio por algum tempo.

— Fiquei deprimido — ele continuou. — Lembro-me de tomar o metrô e pensar: "Talvez atirar-me nos

trilhos seja a resposta. Eu podia ficar livre desse corpo e fundir-me com Deus". Estava muito confuso. Para

piorar as coisas, comecei a experimentar LSD.

À procura de um novo começo, ele decidiu mudar para a Califórnia, onde continuou sua busca

espiritual.

— Fui a encontros budistas, mas eles eram vazios — ele contou. — Os budistas chineses eram ateus, os

budistas japoneses adoravam estátuas de Buda, o zen-budismo era muito difuso. Fui a reuniões da cientologia,

mas eles eram muito manipuladores. Os hindus acreditavam que os deuses cultivavam todas essas orgias loucas

e em deuses que eram elefantes azuis. Nada disso fazia sentido; nada me

satisfez.

Ele chegou até a acompanhar amigos a reuniões com características satanistas.

— Eu olhava e pensava: "Tem algum poder em ação aí, e não é um poder bom". Mergulhado em meu

mundo alucinado por drogas, eu dizia aos meus amigos que acreditava que existe um poder maligno que é

maior que eu, que pode agir em mim, que existe como entidade. Tinha visto mal suficiente na vida para crer

nisso.

Olhou para mim com um sorriso irônico:

— Creio que aceitei a existência de Satanás antes de aceitar a de Deus.

"Não consigo crer em Jesus"

O ano era 1969. A curiosidade de Lapides levou-o a visitar Sunset Strip para ver um evangelista que se

acorrentara a uma cruz de dois metros e meio de altura, para protestar contra os donos de bares que tinham

conseguido proibi-lo de trabalhar nas ruas. Ali, na calçada, Lapides encontrou alguns cristãos que começaram

uma discussão sobre coisas espirituais com ele.

Com certa arrogância, começou a esbanjar filosofia oriental. — Não existe Deus lá em cima — ele dizia,

apontando para o céu. — Nós somos Deus. Eu sou Deus. Vocês são Deus. Vocês só precisam aceitar isso.

— Bem, se você é Deus, por que não cria uma pedra? — alguém lhe perguntou. — Faça alguma coisa

aparecer. É isso o que Deus faz.

Lapides, com a mente anuviada pelas drogas, imaginou que estava segurando uma pedra.

— Muito bem, então vejam, aqui está uma pedra — ele disse, estendendo a mão vazia.

O cristão zombou dele.

— Essa é a diferença entre você e o Deus verdadeiro — ele disse. — Quando Deus cria algo, todos

podem vê-lo. É objetivo, não subjetivo.

Isso calou fundo em Lapides. Depois de pensar no assunto por algum tempo, disse a si mesmo: "Quando

eu encontrar Deus, ele terá de ser objetivo. Estou cheio dessa filosofia oriental que diz que está tudo na minha

mente e que posso criar minha realidade. Deus deve ser uma realidade objetiva se quiser ter significado além da

minha imaginação".

Quando um dos cristãos mencionou o nome de Jesus, Lapides tentou se desvencilhar com sua resposta

padrão:

— Sou judeu. Não posso crer em Jesus. Nisso um pastor entrou na conversa.

— Você conhece as profecias sobre o Messias? — ele perguntou.

Lapides foi apanhado desprevenido.

— Profecias? Nunca ouvi falar delas.

O pastor deixou Lapides perplexo, citando algumas predi-ções do Antigo Testamento. "Um momento!",

pensou. "Ele está citando minhas Escrituras hebraicas! Como Jesus pode estar nelas?"

Quando o pastor lhe ofereceu uma Bíblia, Lapides se manteve cético.

— O Novo Testamento está aí dentro? — perguntou. O pastor fez que sim com a cabeça. — Está bem,

vou ler o Antigo Testamento, mas não vou nem abrir o Novo — disse.

Novamente ele ficou surpreso com a resposta do pastor.

— Está bem. Leia apenas o Antigo Testamento e peça ao Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus

de Israel, que lhe mostre se Jesus é o seu Messias. Porque eu *sei* que ele é. Ele veio primeiro para o povo judeu,

para depois se tornar o salvador do mundo.

Para Lapides, essas eram informações novas. Informações intrigantes. Informações surpreendentes. Ele

voltou ao seu apartamento, abriu o Antigo Testamento no primeiro livro, Gênesis, e se pôs a procurar Jesus

entre palavras que tinham sido escritas centenas de anos antes de o carpinteiro de Nazaré ter nascido.

"Transpassado por causa das nossas transgressões"

— Não demorou muito — Lapides relatou — e eu estava lendo o Antigo Testamento todos os dias e

encontrando uma profecia após outra. Por exemplo, Deuteronômio falava de um profeta maior que Moisés, que

viria e a quem deveríamos dar ouvidos. Pensei: "Quem pode ser maior que Moisés?". Tudo indicava que se

tratava de uma referência ao Messias; alguém tão grande e respeitado como

Moisés, mas um professor maior,

com autoridade maior. Agarrei-me nisso e continuei procurando por ele.

Lapides foi avançando pela Escritura, até ficar paralisado por Isaías 53. De modo claro e específico,

numa predição assombrosa envolta em bela poesia, aqui havia um quadro de um Messias que haveria de sofrer

e morrer pelos pecados de Israel e do mundo; tudo escrito mais de 700 anos antes de Jesus andar pela terra.

Foi desprezado e rejeitado pelos homens,

um homem de dores e experimentado no sofrimento.

Como alguém de quem os homens escondem o rosto,

foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

Certamente ele tomou sobre si

as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças;

contudo nós o consideramos castigado por Deus,

por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado

por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa

de nossas iniqüidades; o castigo que nos trouxe paz

estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos,

cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;

e o SENHOR fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós.

Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca;

como um cordeiro foi levado para o matadouro,

e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada,

ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado.

E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado

da terra dos viventes; por causa da transgressão

do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios,

e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido

nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira

em sua boca [...].

Pois ele levou o pecado de muitos,

e pelos transgressores intercedeu (Is 53.3-9,12).

Lapides reconheceu o quadro imediatamente: era Jesus de Nazaré! Agora ele estava começando a

entender as pinturas que vira nas igrejas católicas em que entrara quando criança: Jesus sofredor, Jesus

crucificado, Jesus que ele agora percebia que tinha sido "transpassado por causa das nossas transgressões", que

"levou o pecado de muitos".

Os judeus no Antigo Testamento procuravam pagar por seus pecados por meio de um sistema de

sacrifícios de animais, mas aqui estava Jesus, o supremo Cordeiro sacrificial de Deus, que pagou pelo pecado de

uma vez por todas. Aqui estava a personificação do plano de redenção de Deus.

Essa descoberta foi tão estupenda, que Lapides podia chegar apenas a uma conclusão: era uma fraude!

Ele concluiu que os cristãos tinham reescrito o Antigo Testamento e distorcido as palavras de Isaías para fazer

como se o profeta tivesse previsto a vinda de Jesus.

Lapides se propôs a desmascarar a fraude.

— Pedi à minha madrasta que me enviasse uma versão do Antigo Testamento em hebraico, para que eu

mesmo pudesse comprová-lo — ele me disse. — Ela enviou, e adivinhe! Descobri que lá dizia a mesma coisa!

Agora eu tinha mesmo de encarar o fato.

Jesus é judeu

Uma após outra Lapides encontrou profecias no Antigo Testamento; mais de 48 predições, no total.

Isaías indicou o modo do nascimento do Messias (de uma virgem); Miquéias mostrou o lugar do seu

nascimento (Belém); Gênesis e Jeremias especificaram sua ascendência (descendente de Abraão, Isaque e Jacó,

da tribo de Judá, da família de Davi); os Salmos predisseram a traição que sofreria, sua acusação por

testemunhas falsas, o modo da sua morte (transpassado nas mãos e nos pés, apesar de a crucificação ainda não

ter sido inventada) e sua ressurreição (ele não se decomporia, mas ascenderia ao céu), e assim por diante. 96

Cada uma dessas profecias retirou um pouco do ceticismo de Lapides, até

finalmente ele sentir-se disposto a dar

um passo drástico.

— Decidi abrir o Novo Testamento e ler apenas a primeira página — ele disse. — Com as mãos

tremendo, lentamente virei as páginas de Malaquias para Mateus, olhando para o céu, para ver se algum raio

iria me atingir!

As primeiras palavras de Mateus pareciam saltar da página: "Registro da genealogia de Jesus Cristo,

filho de Davi, filho de Abraão...".

Os olhos de Lapides se arregalaram quando lembrou a primeira vez em que leu essa frase.

— Pensei: "Incrível! Filho de Abraão, filho de Davi": estava tudo se encaixando! Passei para as

narrativas do nascimento e, veja só: Mateus está citando Isaías 7.14: "A virgem ficará grávida e dará à luz um

filho". Depois vi que ele citava o profeta Jeremias. Fiquei ali pensando: "Você sabe, todos estes são judeus.

Onde entram os gentios na história? O que está acontecendo aqui?" Não consegui mais parar de ler. Li os quatro

evangelhos e entendi que eles não eram o manual do Partido Nazista Americano; era a ação de Jesus no meio da

comunidade judaica. Passei para o livro de Atos e — incrível! — eles estavam discutindo como os judeus

96 Para detalhes básicos sobre profecias cumpridas, V.MCDOWELL, *Evidência...*, p. 181-226

podiam contar a história de Jesus aos gentios. Os papéis estavam invertidos!

As profecias cumpridas foram tão convincentes que Lapides começou a dizer aos seus conhecidos que

achava que Jesus era o Messias. Na época, isso era uma mera possibilidade intelectual para ele, mas as

implicações eram muito sérias.

— Entendi que, para aceitar a Jesus em minha vida, teria de haver algumas mudanças significativas na

maneira como eu estava vivendo — explicou. — Teria de encarar de modo diferente as drogas, o sexo etc. Eu

não tinha entendido que Deus me ajudaria a fazer essas mudanças; achava que eu mesmo tinha de limpar a

minha vida.

Epifania no deserto

Lapides e alguns amigos partiram para o deserto de Mojave. Espiritualmente ele se sentia em meio a um

conflito. Tivera pesadelos com cães atacando-o de várias direções ao mesmo tempo. Sentado entre os arbustos

do deserto, lembrou-se das palavras que alguém dissera em Sunset Strip: "Ou você está do lado de Deus ou do

lado de Satanás".

Ele cria na corporificação do mal; e não era desse lado que queria ficar. Assim, Lapides orou: "Deus,

tenho de chegar ao fim desta luta. Tenho de saber sem sombra de dúvida se Jesus é o Messias. Preciso saber se

tu, como Deus de,Israel, queres que eu creia nisso".

Enquanto me contava a história, Lapides hesitou, sem saber como pôr em palavras o que aconteceu em

seguida. Ficou em silêncio alguns momentos. Depois disse:

— O melhor que posso dizer daquela experiência é que Deus falou objetivamente ao meu coração. Ele

me convenceu, de modo experimental, de sua existência. E naquele instante, lá no deserto, eu disse em meu

coração: "Deus, eu aceito a Jesus em minha vida. Não entendo o que devo fazer com ele, mas eu o quero.

Consegui estragar a minha vida; preciso que o senhor me transforme".

E Deus começou a fazer isso, em um processo que continua até hoje. Ele explicou:

— Meus amigos sabiam que minha vida tinha mudado e não conseguiam entender como. Eles diziam:

"Alguma coisa aconteceu com você no deserto. Você não quer mais saber de drogas. Há algo diferente em

você". Então eu respondia: "Bem, não sei explicar o que aconteceu. Tudo o que sei é que há alguém na minha

vida, e é alguém santo, justo, que é fonte de pensamentos positivos sobre a vida, e eu me sinto muito bem".

Essa última frase parecia dizer tudo.

— Eu me sinto *inteiro,* novo, de um modo como nunca me senti antes — ele enfatizou para mim

Apesar das mudanças para melhor, ele estava receoso de dar a notícia aos seus pais. Quando finalmente

o fez, as reações foram mistas.

— No começo ficaram felizes porque viam que eu não era mais viciado em drogas e dava a impressão

de estar muito melhor emocionalmente — recordou. — Mas a reação foi contrária quando entenderam a causa

dessas mudanças. Eles se retraíram, como se dissessem: "Por que tem de ser Jesus? Não podia ser outra coisa?".

Não sabiam o que fazer com a notícia.

Com uma ponta de tristeza na voz, acrescentou:

— Acho que eles ainda não sabem o que fazer.

Por meio de uma seqüência memorável de circunstâncias, a oração de Lapides por uma esposa foi

respondida quando encontrou Débora, também judia, que seguia a Jesus. Ela o

levou à sua igreja — cujo pastor

era o mesmo que muitos meses antes, em Sunset Strip, desafiara Lapides a ler o Antigo Testamento.

Lapides riu.

— Foi incrível! Ele ficou de boca aberta quando me viu entrar na igreja!

Essa congregação estava cheia de ex-motoqueiros, ex-hippies e ex-viciados da Strip, junto com vários

sulistas transplantados. Para um jovem judeu de Newark que era tímido para se relacionar com pessoas

diferentes dele, por causa do anti-semitismo que temia encontrar, era confortador poder chamar essa multidão

multicor de "irmãos e irmãs".

Lapides casou-se com Débora um ano depois de se conhecerem. Desde então nasceram dois filhos. E do

trabalho deles nasceu Beth Ariel Fellowship, um lar para judeus e gentios que estão encontrando restauração em

Cristo.

Respostas a objeções

Lapides terminou sua história e recostou-se na cadeira. Não tive pressa em retomar a conversa. O

santuário transmitia paz; o sol da Califórnia reforçava as cores vermelha, amarela e azul dos vitrais. Fiquei

pensando na força da história de uma pessoa que encontrou a fé. Estava maravilhado com essa saga de guerra e

drogas, de Greenwich Village, Sunset Strip e um deserto isolado, que à primeira vista não tinham ligação com o

pastor atencioso de fala mansa sentado à minha frente.

Contudo, eu não queria ignorar as perguntas óbvias que sua história levantava. Com a permissão de

Lapides, comecei fazendo aquela que estava em primeiro lugar em minha mente:

— Se as profecias foram tão evidentes para você e apontavam de modo tão inquestionável para Jesus,

por que mais judeus não o aceitam por Messias?

Era uma pergunta que Lapides se fizera muitas vezes durante essas três décadas desde que fora

desafiado por um cristão a pesquisar as Escrituras hebraicas.

— No meu caso, tomei tempo para lê-las — ele replicou. — É surpreendente, mas, apesar de os judeus

serem conhecidos por seus estudos, nessa área há muita ignorância. Além disso, existem organizações

antimissionárias que realizam conferências nas sinagogas para tentar provar que as profecias messiânicas têm

outras interpretações. Os judeus as ouvem e usam como desculpa para não estudar as profecias pessoalmente.

Dizem: "O rabino me disse que não é nada disso". Eu lhes pergunto: "Você acha que o rabino levantou objeções

que os cristãos já não ouviram antes? Estou querendo dizer que os estudiosos trabalham nisso há centenas de

anos! Há muita literatura e respostas cristãs convincentes a esses desafios". Se alguém mostra interesse, eu o

ajudo a avançar.

Perguntei sobre o ostracismo que um judeu enfrenta quando se torna cristão.

— Isso realmente acontece — ele assentiu. — Algumas pessoas não se deixam conquistar pelas

profecias messiânicas porque têm medo das repercussões: a provável rejeição pela família e pela comunidade

judaica. Isso não é fácil de encarar. Pode acreditar, eu sei o que é isso!

Mesmo assim, alguns questionamentos das profecias soam bastante convincentes à primeira vista.

Portanto, coloquei uma por uma as objeções mais comuns a Lapides, para ver como ele responderia.

1. O argumento da coincidência

Comecei perguntando a Lapides se é possível que Jesus tenha cumprido as profecias por mero acaso.

Talvez ele seja apenas um entre muitos no transcurso da história que, por coincidência, se encaixaram na

previsão do profeta.

— Impossível — foi sua resposta. — As coincidências são tão completas que excluem essa

possibilidade. Alguém usou uma calculadora e descobriu que a probabilidade de apenas oito profecias se

cumprirem na mesma pessoa é de uma em cem trilhões. Esse número é milhões de vezes maior que o total de

habitantes que esta terra já teve! Esse matemático calculou que, se você separasse o mesmo número de moedas

de um dólar, daria para cobrir todo o Estado do Texas com mais de meio metro de altura. Imagine que você

colocasse uma marca em uma dessas moedas e depois vendasse os olhos de uma

pessoa e lhe pedisse para andar

pelo Estado todo até achar essa moeda, que chances ela teria de encontrar a moeda marcada?

Com isso ele respondeu à própria pergunta:

— As mesmas chances tem qualquer pessoa na história de cumprir pelo menos oito profecias.

Eu estudara essas projeções matemáticas, feitas por Peter W. Stoner, quando investigava as profecias

messiânicas por mim mesmo. Stoner também calculou que a probabilidade de se cumprirem as 48 profecias era

de uma em um trilhão elevado à décima quinta potência! 97

Nossa mente não consegue entender um número desse tamanho. É um número igual ao dos átomos de

um universo como o nosso multiplicado por um trilhão elevado à quinta potência!

— A estatística mostra que é impossível alguém cumprir todas as profecias do Antigo Testamento por

acaso — concluiu Lapides. — Mas Jesus, e apenas Jesus em toda a história, conseguiu isso.

As palavras do apóstolo Pedro pipocaram em minha mente: "Mas foi assim que Deus cumpriu o que

tinha predito por todos os profetas, dizendo que o seu Cristo haveria de sofrer" (At 3.18).

2. O argumento do evangelho alterado

Pintei outro quadro para Lapides, perguntando:

— Não poderia acontecer de os escritores dos evangelhos inventarem detalhes

para fazer parecer que

Jesus cumpriu as profecias? Por exemplo, as profecias dizem que os ossos do Messias não seriam quebrados.

Assim, João poderia ter inventado a história dos romanos que quebraram as pernas dos ladrões crucificados ao

97 PETER W. STONER, *SCIENCE SPEAKS*, CHICAGO, MOODY PRESS, 1969, P. 109.

lado de Jesus, e não as dele. E as profecias falam da traição em troca de 30 moedas de prata, por isso Mateus

jogou com os fatos e disse: "É verdade, Judas vendeu Jesus por esse valor".

Essa objeção, porém, não funcionou melhor que a anterior.

— Deus, em sua sabedoria, criou controles e formas de verificação dentro e fora da comunidade cristã

— explicou Lapides. — Quando os evangelhos começaram a circular, ainda viviam pessoas que tinham visto

essas coisas acontecer. Alguém teria dito a Mateus: "Você não sabe se as coisas aconteceram assim. Tentamos

viver de modo justo e verdadeiro, portanto não nos manche com uma mentira".

Além disso, ele acrescentou, por que Mateus teria inventado profecias cumpridas para depois se expor à morte

por seguir alguém que ele, no fundo, sabia não ser o Messias? Isso não faria sentido.

Mais que isso, a comunidade judaica teria se agarrado a qualquer oportunidade para desacreditar os

evangelhos, destacando suas falsidades.

— Eles teriam dito: "Eu estava lá, e os ossos de Jesus *foram* quebrados pelos

romanos depois da

crucificação" — Lapides acrescentou. — Mas, apesar de o *Talmude* referir-se a Jesus em termos pejorativos,

nem ao menos uma vez alega que o cumprimento de profecias foi falsificado.

3. O argumento do cumprimento intencional

Alguns céticos afirmam que Jesus simplesmente conduziu sua vida de modo a cumprir as profecias.

— Será que ele não poderia ter lido em Zacarias que o Messias entraria em Jerusalém montado em um

jumento e dada um jeito de fazer exatamente isso? — perguntei.

Lapides fez uma pequena concessão.

— Para algumas poucas profecias, certamente podemos imaginar isso. Mas há muitas outras para as

quais isso não teria sido possível — acrescentou. — Por exemplo, como poderia ele controlar o pagamento de

30 moedas de prata a Judas pelo Sinédrio, por traí-lo? Como poderia programar sua ascendência, o lugar do seu

nascimento, seu método de execução, os soldados jogando dados por suas roupas ou que suas pernas não

fossem quebradas na cruz? Como ele conseguiria fazer milagres diante de céticos? E planejar sua ressurreição?

Como poderia direcionar a época do seu nascimento?

Esse último comentário despertou minha curiosidade.

— O que o senhor quer dizer com a época do seu nascimento?

—Segundo podemos interpretar Daniel 9.24-26, o Messias surgiria certo número

de anos depois que o

rei Artaxerxes i promulgasse um decreto permitindo aos judeus da Pérsia retornar a Jerusalém para reconstruir

seus muros — Lapides replicou.

Ele curvou-se para frente para dar a dica:

— Isso situa a vinda do Messias no exato momento da história em que Cristo apareceu. Isso com certeza

não é algo que ele pudesse ter planejado.98

4. O argumento do contexto

Mais uma objeção precisava ser respondida: será que as passagens que os cristãos identificam como

profecias messiânicas realmente tinham o propósito de apontar para a vinda do Ungido, ou será que os cristãos

as tiraram do contexto e distorceram sua interpretação? Lapides suspirou e disse:

— Sabe, eu costumo dar uma olhada nos livros que são escritos para derrubar aquilo em que cremos.

Não é muito divertido, mas gasto o tempo necessário para estudar cada objeção separadamente e depois

pesquisar o contexto e as palavras na língua original. Em todas as ocasiões, as profecias resistiram ao ataque e

provaram ser verdadeiras.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

— Faço um desafio aos céticos: não se fiem nas minhas palavras, mas também não se fiem nas palavras

do seu rabino. Separem tempo para pesquisar por conta própria. Hoje em dia ninguém pode dizer: "Não há

informação". Há muitos livros que podem ajudar você. Mais uma coisa: peça sinceramente a Deus que lhe

mostre se Jesus é ou não o Messias. Foi isso que eu fiz e, sem ninguém me monitorando, ficou claro para mim

que ele se encaixa na descrição do Messias.

"Era necessário que se cumprisse tudo..."

98 Para um estudo da profecia de Daniel, v. Robert C. NEWMAN, Fulfilled

prophecy as miracle, in: R. Douglas GEIVETT & Gary R.

HABERMAS, orgs., *In defense of miracles,* Downers Grove, InterVarsity Press, 1997, p. 214-25.

Gostei da maneira como Lapides tinha respondido às obje-ções, mas, no fim das contas, foi a história da

sua peregrinação espiritual que ficou ecoando em minha mente quando voei de volta para Chicago, tarde da

noite. Refleti sobre quantas vezes eu tinha encontrado histórias semelhantes, especialmente entre judeus bem-

sucedidos e racionais, que tinham decidido refutar a reivindicação messiânica de Jesus.

Lembrei de Stan Telchin, o empresário da costa Leste que decidira desmascarar o cristianismo como

"seita" depois que sua filha partira para a faculdade e recebera *Y'shua* (Jesus) como seu Messias. Ele ficou

perplexo ao ver que sua investigação o levara — junto com sua esposa e a segunda filha — ao mesmo Messias.

Ele veio a tornar-se um ministro cristão, e o livro em que conta sua história, *Traído,* foi traduzido para mais de

20 idiomas.99

Pensei em Jack Sternberg, um médico oncologista famoso em Little Rock, no Arkansas, que ficou tão

alarmado com o que encontrou no Antigo Testamento que desafiou três rabinos a provar que Jesus não é o

Messias. Eles não conseguiram, e ele também afirma que encontrou nova vida em Cristo.100

Havia ainda Peter Greenspan, um ginecologista obstetra que trabalha na região de Kansas City e é

professor clínico assistente na Kansas City School of Medicine, da Universidade de Missouri. Como Lapides,

ele fora desafiado a procurar por Jesus no judaísmo. O que encontrou o incomodou, e então aprofundou-se na

Tora e no *Talmude,* procurando desacreditar as credenciais messiânicas de Jesus. Em vez disso, acabou por

concluir que Jesus cumpriu milagrosamente as profecias.

Quanto mais ele lia livros de autores que queriam minar as evidências de que Jesus era o Messias, mais

percebia as falhas nos argumentos deles. Ironicamente, concluiu Greenspan, "acho que na verdade vim a crer

em *Yeshua* lendo o que seus detratores escreveram". **101**

Greenspan descobriu, como também Lapides e outros, que as palavras de Jesus provaram ser

verdadeiras: "Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos

Profetas e nos Salmos" (Lc 24.44). Foi tudo cumprido, e apenas em Jesus — a única pessoa da história que se

encaixou no perfil do Ungido de Deus pintado pelos profetas.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Mesmo que você não seja judeu, será que há aspectos da peregrinação espiritual de Lapides semelhantes à

sua? Houve alguma lição que você aprendeu de Lapides sobre como proceder?

2. Lapides considerou sua herança judaica e seu estilo de vida antibíblico impedimentos para se tornar um

seguidor de Jesus. Há algo em sua vida que lhe dificultaria tornar-se cristão? Você consegue prever o custo que

seria para você tornar-se cristão? Como este se compara com os benefícios?

3. Lapides pensava que os cristãos eram anti-semitas. Em recente exercício de associação de palavras numa

universidade da costa Leste, a palavra mais vezes associada a *cristão* foi "intolerante". Você tem impressões

negativas dos cristãos? De onde será que elas vêm? Como isso poderia influenciar sua receptividade às

evidências sobre quem é Jesus?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

FRUCHTENBAUM, Arnold. *Jesus was a Jew.* Tustin, Ariel Ministries, 1981. FRYDLAND, Rachmiel. *What the*

rabbis knowabout the Messiah. Cincinnati, Messianic, 1993.

KAISER, Walter C, Jr. *The Messiah in the Old Testament.* Grand Rapids, Zondervan, 1995.

ROSEN, Moishe. *Y'shua, the Jewish way to say Jesus.* Chicago, Moody Press, 1982.

ROSEN, Ruth, org. *Jewish doctors meet the great physician.* San Francisco, Purple Pomegranate, 1997.

TELCHIN, Stan. *Traído.* Curitiba, Luz e Vida, s.d.

99 Stan TELCHIN, *Traído,* Curitiba, Luz e Vida, s.d.

100 Ruth ROSEN, org., *Jewish doctors meet the great physician,* San Francisco, Purple Pomegranate, 1997, p. 9-23.

101 Ibid., p. 34-5.



Parte três

Pesquisando a ressurreição



11

A prova médica

A *morte de Jesus foi uma fraude*

e sua ressurreição, um logro?

Parei para ler a placa pendurada na sala de espera de um consultório médico: "Que toda conversa cesse.

Que todo riso fuja. Neste lugar a morte tem prazer em ajudar os vivos".

Era evidente que não se tratava de um médico comum. Eu estava fazendo mais uma visita ao Dr. Robert

J. Stein, um dos patologistas forenses mais famosos do mundo, um detetive médico brilhante de voz rouca, que

ficava me divertindo com histórias de indícios inesperados que ele descobrira examinando cadáveres. Para ele,

pessoas mortas *contavam* histórias — de fato, histórias que com freqüência faziam justiça aos vivos.

Durante seu longo mandato como examinador médico de Cook County, em Illinois, Stein fez mais de 20

mil autópsias, procurando meticulosamente em todas elas dicas sobre as circunstâncias que envolviam a morte

da vítima. Repetidas vezes os olhos argutos para ver detalhes, o conhecimento enciclopédico da anatomia

humana e a intuição investigativa fantástica ajudaram esse detetive médico a reconstruir a partida violenta da

vítima.

Houve ocasiões em que pessoas foram inocentadas como resultado das suas

descobertas. Com mais

freqüência, porém, o trabalho de Stein era o último prego a fechar o caixão do acusado. Foi o que ocorreu com

John Wayne Gacy, que recebeu a pena máxima depois que Stein ajudou a condená-lo por 33 assassinatos

horripilantes.

Isso mostra como a prova ou evidência médica pode ser crucial. Ela pode determinar se uma criança

morreu por abuso ou por causa de uma queda acidental. Ela pode constatar se a pessoa sucumbiu a causas

naturais ou foi assassinada por alguém que temperou seu café com arsênico. Ela pode confirmar ou desmantelar

o álibi de um acusado estabelecendo a hora da morte da vítima pelo uso de um procedimento engenhoso que

mede a quantidade de potássio nos olhos do falecido.

E, igualmente, mesmo no caso de alguém que foi executado brutalmente em uma cruz romana dois

milênios atrás, a evidência médica ainda pode trazer uma contribuição vital: pode desmontar um dos

argumentos mais persistentes usados pelos que afirmam que a ressurreição de Jesus — a prova suprema da

divindade que ele afirmava ter — não passou de um embuste muito bem preparado.

Ressurreição ou ressuscitação?

A idéia de que Jesus na verdade não morreu na cruz pode ser encontrada no *Alcorão,*102 que foi escrito

no século VII — de fato, os muçulmanos ahmadis afirmam que Jesus na verdade fugiu para a índia. Até hoje há

um santuário que supostamente marca seu verdadeiro túmulo, em Srinagar, na Caxemira.103

Entre os séculos XVIII e XIX, Karl Bahrdt, Karl Venturini e outros tentaram demonstrar que a

ressurreição era falsa dizendo que Jesus apenas desmaiou de exaustão na cruz, ou que apenas lhe deram um

remédio que fez parecer que ele tinha morrido, e que o ar fresco e úmido do túmulo o fez reviver mais tarde.104

Os teóricos da conspiração deram sustentação a essa hipótese lembrando que tinha sido ministrado a

Jesus um líquido em uma esponja, enquanto ele estava na cruz (Mc 15.36), e que Pilatos parecera surpreso com

a rapidez com que ele sucumbira (Mc 15.44). Em conseqüência, dizem eles, o ressurgimento de Jesus não foi

uma ressurreição milagrosa, mas uma mera ressuscitação casual, e seu túmulo estava vazio porque ele

continuara vivo.

Estudiosos de renome repudiaram a chamada teoria do desmaio, mas ela continua aparecendo na

literatura popular. Em 1929, D. H. Lawrence desenvolveu esse tema numa história curta em que propõe que

102 Sura (As mulheres) v. 156-7.

103 WILSON, *Jesus:* the evidence, 140.

104 CRAIG, *Faith and reazon*

Jesus fugiu para o Egito, onde se apaixonou pela sacerdotisa Ísis.105

Em 1965, *The Passover plot, o best-seller* de Hugh Schonfield, alegou que foi apenas a perfuração

inesperada de Jesus pela lança de um soldado romano que frustrou seu plano sofisticado de sair da cruz vivo,

apesar de Schonfield admitir: "Em nenhum lugar estamos afirmando [...] que [o livro] apresenta o que

realmente aconteceu".106

A hipótese do desmaio apareceu de novo em 1972 no livro *The Jesus scroll,* de Donovan Joyce, que

"contém uma seqüência ainda mais incrível de improbabilidades do que o livro de Schonfield", segundo o

especialista em ressurreição Gary Habermas. 107 Em 1982, *Holyblood, holygrail* acrescentou a idéia distorcida

de que Pôncio Pilatos fora subornado para deixar que Jesus fosse tirado da cruz antes de estar morto. Mesmo

assim, os autores confessaram: "Não tivemos — nem temos — como provar a precisão da nossa teoria".108

Na data recente de 1992, uma estudiosa australiana pouco conhecida, Bárbara Thiering, causou agitação

retomando a teoria do desmaio em seu livro *Jesus and the riddle of the Dead Sea scrolls,* que foi divulgado com

muito alarde por um respeitado editor americano, mas em seguida descartado pelo estudioso Luke Timothy

Johnson, da Universidade Emory, como "a mais pura conversa fiada, produto de imaginação febril, e não de

estudo cuidadoso".109

Como um mito urbano, a teoria do desmaio continua a florescer. Ouço-a sempre ao discutir a

ressurreição com pessoas interessadas na vida espiritual. No entanto, o que as evidências determinam

realmente? O que aconteceu de fato na cru-cificação? Qual foi a causa da morte de Jesus? Existe alguma

possibilidade de ele ter sobrevivido a essa provação? Eram perguntas como essas que eu esperava que as

evidências médicas pudessem ajudar a resolver.

Por isso voei até o sul da Califórnia e bati à porta de um médico notável que tinha estudado a fundo os

dados históricos, arqueológicos e médicos concernentes à morte de Jesus de Nazaré — apesar de, por causa do

misterioso desaparecimento do corpo, não ter sido possível realizar uma autópsia.

Décima entrevista: Alexander Metherell, M.D., Ph.D.

Os sofás revestidos de pelúcia não combinavam nem um pouco com o assunto que estávamos

discutindo. Ali estávamos nós, sentados na sala de estar da confortável casa de Metherell na Califórnia, num

entardecer agradável de primavera, com a brisa morna vindo do mar, sussurrando nas janelas, enquanto

falávamos de um tema de brutalidade inimaginável: um açoitamento tão bárbaro que choca as consciências,

uma forma de pena capital tão depravada que permanece até hoje como

testemunho infame do tratamento

desumano que o homem consegue dispensar ao seu semelhante.

Eu tinha escolhido Metherell porque ouvira das suas credenciais médicas e científicas para explicar a

crucificação. Mas também tinha outra motivação: disseram-me que ele sabia falar sobre o assunto de modo

desapaixonado e acurado. Isso era importante para mim, porque eu queria que os fatos falassem por si mesmos,

sem os exageros ou a linguagem carregada que poderia manipular emoções.

Como se podia esperar de alguém com um diploma de médico (pela Universidade de Miami, na Flórida)

e de doutorado em engenharia (pela Universidade de Bristol, na Inglaterra), Metherell fala com precisão

científica. Ele é reconhecido como diagnosticador pelo American Board of Radiology e foi consultor do

National Heart, Lung, e do Blood Institute dos National Institutes of Health de Bethesda, em Maryland.

Metherell foi cientista pesquisador e professor na Universidade da Califórnia, é editor de cinco livros

científicos e escreve para publicações que vão desde *Aerospace Medicine* até *Scientific American.* Seus estudos

engenhosos das contrações musculares foram publicados em *The Physiologist* e *Biophysics Journal.* Sua

aparência também corresponde à de uma autoridade médica distinta: é uma figura imponente, com cabelos

grisalhos e uma postura cortês, apesar de formal.

Tenho de ser honesto: às vezes eu me perguntava o que passava pela cabeça de Metherell. Com reserva

científica, fala pausada e metódica, ele não dava nenhuma indicação de alteração emocional ao descrever os

detalhes horripilantes dos últimos momentos de Jesus. Com profissionalismo nascido de décadas de pesquisa

em laboratório, ele encobriu qualquer emoção que pudesse ter como cristão ao falar sobre o destino cruel que

Jesus enfrentara.

Ele simplesmente narrou os fatos. E, afinal de contas, fora para isso que eu atravessara metade do país.

105 D. H. LAWRENCE, *Love among the haystacks and other stories,* New York, Penguin, 1960 p. 125.

106 Hugh SCHONFIELD, *The Passover plot,* New York, Bantam, 1965, p. 165.

107 HABERMAS, *The verdict of history,* p. 56

108 Michael BAIGENT, Richard LEIGH & Henry LINCOLN, *Holy blood, holy grail,* New York, Delacorte, 1982, p. 372.

109 JOHNSON, *The real Jesus,* p. 30

A tortura anterior à cruz

Para começar, eu queria de Metherell uma descrição básica dos eventos que levaram à morte de Jesus.

Por isso, depois de um pouco de conversa social, pus de lado meu chá gelado e ajeitei a cadeira para poder olhá-

lo de frente.

— O senhor poderia traçar um quadro do que aconteceu com Jesus? — pedi.

Ele limpou a garganta.

— Tudo começou logo depois da última ceia — ele disse. — Jesus foi com seus discípulos para o monte

das Oliveiras, especificamente ao jardim de Getsêmani. Ali, você deve lembrar, ele orou a noite inteira. Nesse

processo, ele estava antevendo os eventos que ocorreriam no dia seguinte. Como sabia quanto sofrimento teria

de suportar, foi bastante natural que experimentasse muito estresse psicológico.

Levantei a mão para interrompê-lo.

— Espere. É aí que os céticos têm espaço aberto hoje em dia. Os evangelhos nos contam que ele

começou a suar sangue durante esse tempo. Diga-me, isso não é um mero produto da imaginação frutífera de

alguém? Isso não põe em xeque a exatidão dos escritores dos evangelhos?

Imperturbável, Metherell balançou a cabeça.

— De jeito nenhum — replicou. — Essa é uma condição médica conhecida, chamada hematidrose. Não

é comum, mas está ligada ao alto grau de estresse psicológico. O que acontece é que a ansiedade extrema

ocasiona a liberação de produtos químicos que rompem os vasos capilares nas glândulas sudoríparas. Em

conseqüência, essas glândulas sangram um pouco, e o suor brota misturado com sangue. Não estamos falando

de muito sangue, só uma quantidade bem pequena.

Já um tanto satisfeito, ampliei a pergunta.

— Isso tem algum outro efeito sobre o corpo?

— O efeito disso é que a pele fica muito frágil, de modo que, quando Jesus foi açoitado pelo soldado

romano no dia seguinte, sua pele devia estar muito, muito sensível.

Muito bem, pensei, lá vamos nós. Preparei-me para as imagens assustadoras que eu sabia que surgiriam

na minha mente. Eu tinha visto muitos corpos de pessoas mortas como jornalista: vítimas de acidentes de

trânsito, de crimes, de tiroteios entre gangues. Contudo, é especialmente horrível ouvir sobre alguém que foi

intencionalmente brutalizado por executores decididos a causar o máximo de sofrimento.

— Diga-me — retomei a conversa —, como foi esse açoitamento?

Metherell não tirou os olhos de mim enquanto falava.

— Os açoitamentos romanos eram famosos por serem terrivelmente brutais. O comum é que

consistissem em 39 chicotadas, mas com freqüência esse número era ultrapassado, dependendo do humor do

soldado que as aplicava. O soldado usava um chicote de tiras de couro trançadas, com bolinhas de metal

amarradas. Quando o açoite atingia a carne, essas bolinhas causavam hematomas ou contusões profundas, que

se abriam nas chicotadas seguintes. Havia também, presos ao açoite, pedaços afiados de ossos, que cortavam a

carne profundamente. As costas ficavam tão maltratadas que às vezes os cortes profundos chegavam a deixar a

espinha exposta. As chicotadas cobriam toda a extensão do dorso, desde a nuca até o traseiro e as pernas. Era

terrível.

Metherell fez uma pausa.

— Continue — eu o incentivei.

— Um médico que estudou os castigos infligidos pelos romanos disse: "À medida que o açoitamento

continuava, as lacerações atingiam os músculos inferiores que seguram o esqueleto, deixando penduradas tiras

de carne ensangüentada". Um historiador do século m de nome Eusébio descreveu um açoitamento nestes

termos: 'As veias do sofredor ficavam abertas, e os músculos, tendões e órgãos internos da vítima ficavam

expostos". Sabemos que algumas pessoas morriam desse tipo de suplício antes de chegar a ser crucificadas. No

mínimo, a vítima sofria dores terríveis e entrava em choque hipovolêmico.

Metherell usara um termo médico que eu não conhecia.

— O que quer dizer choque hipovolêmico? — perguntei.

— *Hipo* significa "baixo", *vol* refere-se a "volume" e *êmico* significa "sangue"; portanto, choque hipovolêmico quer dizer que a pessoa está sofrendo os efeitos de perder grande quantidade de sangue —

explicou o médico. — Isso ocasiona quatro coisas. Em primeiro lugar, o coração se esforça para bombear mais

sangue, mas não tem de onde; em segundo lugar, a pressão sangüínea cai, causando desmaio ou colapso; em

terceiro lugar, os rins param de produzir urina, para conservar o volume que

sobrou; e em quarto lugar a pessoa

fica com muita sede, pois o corpo pede por líquidos para repor o sangue que perdeu.

— O senhor vê evidências nos evangelhos de que isso ocorreu?

— Sim, certamente — ele respondeu. — Jesus estava em choque hipovolêmico quando se arrastou pela

rua que subia para o lugar de execução no Calvário, carregando a viga horizontal da cruz. Ele acabou caindo, e

o soldado romano ordenou a Simão que carregasse a cruz. Mais tarde lemos que Jesus disse: "Tenho sede", e

uma esponja com vinagre foi estendida a ele. Por causa dos efeitos terríveis do açoitamento, não há dúvida de

que Jesus já se encontrava em condição crítica mesmo antes de os pregos atravessarem suas mãos e pés.

A agonia da cruz

Por mais desagradável que fosse a descrição do açoitamento, eu sabia que um testemunho ainda mais

repugnante estava por vir. Os historiadores são unânimes em dizer que Jesus sobreviveu à flagelação daquele

dia e foi até a cruz — onde o processo era fatal.

Em nossos dias, quando criminosos são imobilizados e executados com injeções de veneno, ou por meio

de choque elétrico, ou com um tiro na nuca, as circunstâncias estão todas sob controle. A morte vem de modo

rápido e previsível. Médicos acompanham e certificam cuidadosamente a morte da vítima. Bem próximas,

testemunhas avaliam tudo do começo ao fim.

No entanto, que certeza se tinha da morte por essa forma cruel, lenta e bastante inexata de execução

chamada crucificação? Na verdade, a maioria das pessoas não sabe como a cruz mata suas vítimas. E sem um

médico preparado para atestar oficialmente que Jesus morrera, poderia ele ter passado pela experiência,

brutalizado e ensangüentado, mas ainda vivo?

Comecei a desembrulhar esses assuntos.

— O que aconteceu quando Jesus chegou no lugar da crucificação? — perguntei.

— Ele deve ter sido deitado de costas, para que suas mãos pudessem ser pregadas em posição estendida

na viga horizontal. Essa viga era chamada *patibulum*, até então separada da viga

vertical, que estava fixada no

chão de modo permanente.

Eu tinha dificuldades para visualizar isso; precisava de mais detalhes.

— Pregado com quê? — perguntei. — Pregado onde?

— Os romanos usavam pregos grandes, com cerca de 15 centímetros, bem afiados. Com eles,

atravessavam os pulsos — Metherell disse, indicando uns dois dedos abaixo do seu pulso.

— Espere aí — interrompi. — Eu pensava que os pregos haviam furado suas mãos. Isso é o que

mostram todas as pinturas. Na verdade, essa se tornou uma maneira padrão de representar a crucificação.

— Não, eles atravessavam os pulsos — Metherell repetiu. Essa era uma posição firme que prendia a

mão. Se os pregos furassem apenas a palma da mão, o peso do corpo a rasgaria e ele teria caído da cruz. Por

isso perfuravam os pulsos, que eram considerados parte da mão, na linguagem da época. E é importante

entender que o prego atravessava o lugar por onde passa o nervo central. Esse é o maior nervo que vai até a

mão, e era esmagado pelo prego.

Como eu só tenho um conhecimento rudimentar da anatomia humana, não tinha certeza se havia entendido.

— Que tipo de dor isso teria causado?

— Deixe-me dizê-lo da seguinte maneira. Você conhece o tipo de dor que sente quando bate o cotovelo

e leva um "choque"? Na verdade, você acertou um nervo, chamado ulna. A dor é muito grande quando você o

acerta em cheio. Bem, imagine este nervo sendo apertado e esmagado por um alicate — ele disse, enfatizando a

palavra *apertado* enquanto girava na mão um alicate imaginário. — A sensação seria semelhante à que Jesus

experimentou.

Estremeci diante da idéia e me encolhi na cadeira.

— A dor era totalmente insuportável — Metherell continuou. — Na verdade, ela está além da descrição

por palavras. Foi necessário inventar uma nova palavra: dor *excruciante.* Essa palavra significa literalmente "da

cruz". Veja só: foi necessário criar uma nova palavra, porque não havia nenhuma na língua que pudesse

descrever a angústia terrível provocada pela crucificação. Depois de ter as mãos pregadas na viga transversal,

Jesus foi erguido para que esta pudesse ser colocada sobre a viga vertical, e seus pés foram pregados nesta.

Também os nervos dos pés foram esmagados, e a dor era semelhante à das mãos.

Nervos esmagados e cortados certamente causavam dor suficiente, mas eu precisava saber que efeito o

fato de estar pendurado teria sobre Jesus.

— O que essa posição causa ao corpo? Metherell respondeu:

— Em primeiro lugar, os braços ficam imediatamente esticados, os ombros saem do lugar, as juntas se

distendem 15 centímetros. Dá para calcular isso com equações matemáticas

simples.

— Isso cumpriu a profecia do Antigo Testamento, Salmos no salmo 22, que predisse a crucificação de

Jesus séculos antes de ela ocorrer: "Todos os meus ossos estão desconjuntados".

A causa da morte

Metherell conseguira mostrar — quase visivelmente — o grande sofrimento suportado até o início do

processo de crucificação. Mas eu precisava saber o que tira a vida de uma vítima desse modo de execução,

porque essa é a questão crucial para determinar se uma morte pode ser encenada ou falsificada. Por isso

coloquei a questão da causa da morte de modo direto para Metherell.

— Uma vez que a pessoa está pendurada em posição vertical — esclareceu ele —, a crucificação é, em

essência, uma lenta agonia até a morte por asfixia. A razão para isso é que a tensão dos músculos e do

diafragma deixa o peito na posição de inalar. Para exalar, a pessoa tem de firmar-se sobre os pés, para aliviar

por um pouco a tensão dos músculos. Ao fazer isso, o prego rasga o pé, até se prender contra os ossos do tarso.

Depois de conseguir exalar, a pessoa pode relaxar e inalar novamente. Depois tem de empurrar-se novamente

para cima, para exalar, esfregando suas costas esfoladas contra a madeira áspera da cruz. Isso se repete até que a

exaustão total toma conta, e a pessoa não consegue mais se erguer para respirar. Ao diminuir a respiração, ela

entra no que é chamado acidose respiratória: o dióxido de carbono no sangue é dissolvido em ácido carbônico,

fazendo a acidez do sangue aumentar. Isso faz o coração bater de modo irregular. Quando seu coração começou

a bater irregularmente, Jesus deve ter entendido que estava chegando a hora da morte, e disse: "Pai, nas tuas

mãos entrego o meu espírito". Depois morreu de ataque cardíaco.

Essa foi a explanação mais clara que eu já ouvira da morte por crucificação; Metherell, porém, ainda

não tinha terminado.

— Um pouco antes de morrer, e isso também é importante, o choque hipovolêmico deve ter feito o

coração bater rapidamente por algum tempo, o que teria contribuído para fazê-lo falhar, resultando no acúmulo

de líquido na membrana em torno do coração, chamado efusão pericardial, bem como em torno dos pulmões,

chamado efusão pleural.

— Por que isso é importante? — eu quis saber.

— Por causa do que aconteceu quando o soldado romano se aproximou e, tendo quase certeza de que

Jesus estava morto, confirmou a morte enfiando uma lança em seu lado. Provavelmente foi o lado direito; não

temos certeza, mas pela descrição deve ter sido, entre as costelas. Ao que parece, a lança atravessou o pulmão

direito e o coração, e, quando foi tirada, saiu um líquido — a efusão que mencionei. Esse líquido tem aparência

transparente, como água, e é seguido de um grande volume de sangue, como João, testemunha ocular,

descreveu em seu evangelho.

João provavelmente não fazia nenhuma idéia da razão por que vira sangue e esse

líquido transparente

fluir. Certamente não era o que uma pessoa sem formação como ele poderia esperar. Mas sua descrição é

coerente com o que a medicina moderna esperaria que acontecesse. A princípio, isso parecia dar credibilidade a

João como testemunha ocular; todavia, podia haver uma grande fraude em tudo isso.

Abri minha Bíblia e virei as páginas até achar João 19.34.

— Espere um minuto, doutor — protestei. — Lendo com atenção o que João disse, vemos que ele viu

sair "sangue e água": ele pôs as palavras intencionalmente nessa ordem. Porém, segundo o que o senhor disse, o

líquido transparente teria saído primeiro. Portanto, temos uma discrepância importante aqui.

Metherell sorriu levemente.

— Não sou um estudioso do grego — ele respondeu —, porém, de acordo com pessoas que são, a ordem

das palavras no grego antigo não era determinada necessariamente pela seqüência dos fatos, mas por sua

importância. Isso quer dizer que, como houve bem mais sangue do que água, para João faria sentido mencionar

o sangue primeiro.

Tive de concordar, mas anotei mentalmente o lembrete de verificar isso mais tarde.

— A essa altura, qual deveria ser a condição de Jesus?

O olhar de Metherell cruzou com o meu. Ele respondeu com firmeza e

autoridade:

Não havia absolutamente dúvida de que Jesus estava morto.

Resposta aos céticos

A declaração do dr. Metherell pareceu-me bem comprovada pelas evidências. Mas havia mais alguns

detalhes dos quais eu queria falar — bem como de um ponto fraco no relato dele que poderia minar a

credibilidade da narrativa bíblica.

— O evangelho diz que os soldados quebraram as pernas dos dois criminosos que foram crucificados

com Jesus — eu disse. — Por que eles teriam feito isso?

— Se quisessem apressar a morte, e, com o sábado e a Páscoa se aproximando, os líderes judeus com

certeza queriam acabar com tudo antes do pôr-do-sol os romanos usariam o cabo de aço de uma lança romana

curta para partir os ossos inferiores das pernas das vítimas. Isso as impediria de empurrar-se para cima com as

pernas para respirar, e a morte por asfixia ocorreria em questão de minutos. É claro, o Novo Testamento nos diz

que as pernas de Jesus não foram quebradas, porque os soldados já tinham verificado que ele estava morto e

apenas usaram a lança para confirmá-lo. Isso cumpriu outra profecia do Antigo Testamento sobre o Messias, de

que seus ossos não seriam quebrados.

Interrompi mais uma vez.

— Algumas pessoas tentaram lançar dúvidas sobre os relatos dos evangelhos atacando a história da

crucificação. Por exemplo, um artigo do *Harvard Theological Review* concluiu muitos anos atrás que há

"surpreendentemente poucas evidências de que os pés de alguém que era crucificado fossem perfurados". Em

vez disso, dizia o artigo, as mãos e pés da vítima eram amarrados à cruz com cordas. 110 O senhor não concorda

que isso cria problemas de credibilidade para o relato do Novo Testamento?

O dr. Metherell veio para a frente até ficar sentado bem na ponta da poltrona.

— Não, não acho — ele replicou — porque a arqueologia agora comprovou que o uso de pregos era

comum naquela época apesar de admitir que às vezes se usavam cordas.

— O que foi descoberto? — continuei.

— Em 1968, os arqueólogos encontraram em Jerusalém os restos mortais de cerca de 36 judeus que

tinham morrido durante a revolta contra Roma por volta do ano 70 d.C. Uma das vítimas, cujo nome parece ter

sido Yohanan, fora crucificada. Veja que encontraram um prego de 17 centímetros ainda enfiado em seu pé,

com pedaços de madeira de oliveira da cruz ainda presos na ponta. Isso foi uma confirmação arqueológica

excelente de um detalhe-chave na descrição da crucificação dos evangelhos.

Um a zero, pensei.

— Ainda outro ponto de discussão gira em torno da capacidade dos romanos em determinar se Jesus

estava morto — acrescentei. —Era um tempo de conhecimentos médicos e anatômicos muito rudimentares;

como podemos estar certos de que eles não se enganaram ao declarar que Jesus não vivia mais?

— Posso lhe garantir que esses soldados não freqüentaram uma faculdade de medicina. Mas lembre-se

de que eles eram especialistas em matar pessoas — esse era o trabalho deles, e o faziam muito bem. Eles

sabiam sem sombra de dúvida quando alguém estava morto, e isso de fato não é tão difícil de determinar.

Além disso, se de algum modo um prisioneiro escapasse, o soldado responsável era morto no lugar dele,

o que lhe servia de grande incentivo para certificar-se com segurança de que cada vítima estava morta antes de

ser retirada da cruz.

O último argumento

Recorrendo à história e à medicina, à arqueologia e até às regras militares romanas, Metherell tinha

fechado todas as saídas: Jesus não poderia ter descido vivo da cruz. Contudo, eu o levei ainda um pouco mais

longe.

— Existe alguma mínima possibilidade, *uma mínima possibilidade,* de Jesus ter sobrevivido a isso?

Metherell balançou a cabeça e apontou o dedo para mim enfaticamente.

— De jeito nenhum — ele disse. — Lembre que ele já estava em choque hipovolêmico da grande perda

de sangue mesmo antes de a crucificação começar. Ele não poderia ter fraudado a morte, porque você não pode

representar que não está respirando por muito tempo. Além disso, a lança enfiada em seu coração teria

resolvido a questão de uma vez por todas. Os romanos também não estavam a fim de arriscar a própria vida

deixando Jesus sair vivo dali.

— Então — arrematei — quando alguém lhe diz que o que aconteceu com Jesus não passou de um

desmaio na cruz ...

— Eu lhe digo que isso é impossível. É uma teoria fantasiosa sem nenhuma base factual possível.

Eu ainda não estava pronto para encerrar a questão. Correndo o risco de deixar frustrado o doutor, disse:

— Vamos especular que o impossível tenha acontecido e que Jesus de algum jeito conseguiu sobreviver

à crucificação. Digamos que ele conseguiu livrar-se dos panos em que estava enrolado, empurrar a grande pedra

que foi colocada na entrada do seu túmulo e passar pelos soldados romanos que montavam guarda. Do ponto de

vista médico, em que condição ele estaria quando foi encontrar seus discípulos?

110 J. W. HEWITT, The use of nails in the crucifixion, *Harvard Theological Review* 25,1932, 29-45, ap. Josh MCDOWELL, *The*

resurrection factor San Bernardino, Here's Life, 1981, p. 45.

Metherell não estava muito disposto a entrar na brincadeira.

— Repito — enfatizou — que não há nenhuma possibilidade de ele ter

sobrevivido à cruz. Mas, se

tivesse, como poderia andar se seus pés foram perfurados daquele jeito? Como poderia aparecer na estrada para

Emaús, pouco depois, e andar uma longa distância? Como poderia usar seus braços depois que eles foram

distendidos e deslocados nas juntas? Lembre-se de que ele também tinha grandes ferimentos nas costas e o

peito furado pela lança.

Ele fez uma pausa. Algo estalou em sua mente, e agora ele estava pronto para fazer uma afirmação final

que cravaria uma estaca definitiva na teoria do desmaio. Era um argumento que ninguém conseguiu refutar,

desde que foi levantado pelo teólogo alemão David Strauss, em 1835.

— Ouça. Alguém de aparência tão destruída jamais teria inspirado seus discípulos a sair e proclamar

que ele é o Senhor da vida, que triunfou sobre o túmulo. Você entende o que estou dizendo? Depois de sofrer

maus-tratos tão terríveis, com a perda de sangue catastrófica e o trauma, sua aparência seria tão deplorável que

os discípulos jamais o teriam proclamado como o vencedor da morte; teriam ficado com pena dele e tentado

cuidar dele até que recuperasse a saúde. Por isso, é um despropósito pensar que, se Jesus lhes apareceu nesse

estado horrível, seus seguidores teriam se sentido motivados a começar um movimento mundial baseado na

esperança de que um dia teriam um corpo ressuscitado como o dele. Não há

hipótese.

Uma questão para o coração

De modo convincente e magistral, Metherell tinha defendido seu argumento sem deixar nenhuma dúvida

razoável. Ele o fizera concentrando-se unicamente na questão "como". Como Jesus fora crucificado de maneira

a garantir de forma absoluta sua morte? Mesmo assim, quando terminamos, senti que alguma coisa estava

faltando. Eu extraíra dele seu conhecimento, mas não tocara em seu coração. Por isso, quando levantamos para

apertar as mãos, senti-me levado a fazer a pergunta do "por quê", que se fazia necessária.

— Alex, antes que eu vá, deixe-me pedir sua opinião sobre algo. Não sua opinião de médico, não sua

avaliação científica, somente algo do seu coração.

Senti que ele baixou um pouco a guarda.

— Está bem — ele assentiu. — Vamos tentar.

— Jesus caminhou intencionalmente para os braços do seu traidor, não resistiu à prisão, não se defendeu

no seu julgamento; está claro que ele se submeteu voluntariamente ao que o senhor descreveu como uma forma

humilhante e excruciante de tortura. Eu gostaria de saber por quê. O que poderia ter motivado alguém a

concordar em padecer tal suplício?

Alexander Metherell, desta vez o homem, não o médico, procurou pelas palavras certas.

— Francamente, não creio que uma pessoa comum teria feito isso — ele finalmente disse. — Mas Jesus

sabia o que estava por vir, e se dispôs a passar por isso, porque essa era a única maneira de nos redimir:

servindo como nosso substituto e sofrendo a pena de morte que nós merecemos pela rebelião contra Deus. Esse

foi o motivo de sua missão ao vir à terra.

Mesmo ao dizer isso, eu ainda podia sentir que a mente sempre racional, lógica e organizada de

Metherell continuava a reduzir minha pergunta à mais básica e sólida resposta.

— Então, se você pergunta o que o motivou — ele concluiu, — bem... imagino que a resposta pode ser

resumida numa só palavra: *amor.*

Voltando para casa naquela noite, era essa resposta que voltava sempre à minha mente.

Somando tudo, minha viagem à Califórnia tinha sido muito proveitosa. Metherell determinara de modo

persuasivo que Jesus não poderia ter sobrevivido ao suplício da cruz, uma forma de crueldade tão vil que os

romanos isentavam dela seus cidadãos, exceto nos casos de alta traição.

As conclusões de Metherell concordavam com as descobertas de outros físicos que estudaram o caso a

fundo. Entre eles está o Dr. William D. Edwards, cujo artigo, de 1986, no *Journal of the American Medical*

Association concluiu: "Claramente, o peso das evidências históricas e médicas indica que Jesus estava morto

antes que fosse feito o ferimento em seu lado [...]. Por essa razão, inferências baseadas na pressuposição de que

Jesus não morreu na cruz estão em conflito com o conhecimento médico moderno".111

Aqueles que procuram dar outra explicação à ressurreição de Jesus afirmando que, de alguma forma, ele

escapou das garras da morte no Gólgota precisam apresentar uma teoria que corresponda de modo mais

plausível aos fatos.

E depois têm de ponderar sobre a pergunta inevitável que se levanta diante deles: o que poderia ter

111 William D. EDWARDS et al., On the physical death of Jesus Christ, *Journal of the American Medical Association,* 21 Mar. 1986, p.

1455- 63.

motivado Jesus a entregar-se voluntariamente a tanta degradação e violência?

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Depois de acompanhar o relato de Metherell, você ainda vê alguma validade na teoria do desmaio? Por que

sim ou por que não?

2. Por dois milênios a cruz é um símbolo para os cristãos. Agora que você leu o testemunho de Metherell, como

seu conceito do símbolo pode ser diferente daqui por diante?

3. Você estaria disposto a sofrer por alguma outra pessoa? Por quem e por quê? O que seria preciso para

motivá-lo a sofrer tortura em lugar de outra pessoa?

4. Como você reagiria aos soldados se estivessem maltratando, humilhando e torturando você como fizeram

com Jesus? O que poderia explicar a reação de Jesus, que exclamou em meio à agonia: "Pai, perdoa-lhes"?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

EDWARDS, William D. et al. On the physical death of Jesus Christ, *Journal of the American Medicai*

Association, 21 Mar. 1986,

p. 1455-63.

FOREMAN, Dale. *Crucify him.* Grand Rapids, Zondervan, 1990.

HENGEL, M. *Crucifixion in the ancient world.* Philadelphia, Fortress, 1977.

MCDOWELL, Josh. *The resurrection factor.* San Bernardino, Here's Life, 1981.



12

A prova do corpo desaparecido

O *corpo de Jesus realmente*

desapareceu do túmulo?

Helen Vorhees Brach, herdeira da Candy, voou até o aeroporto mais movimentado do mundo em uma

tarde fria de outono, misturou-se à multidão e desapareceu sem deixar vestígios. Durante mais de 20 anos o

mistério do que acontecera com essa filantropa ruiva que gostava de animais deixou perplexo tanto os policiais

quanto os jornalistas.

Os investigadores estão convencidos de que ela foi assassinada, mas não conseguem desvendar as

circunstâncias específicas, em grande parte porque nunca encontraram seu corpo. A polícia divulgou algumas

especulações, vazou possibilidades terríveis para a imprensa e até conseguiu um juiz que declarou que um ex-

presidiário era responsável pelo seu desaparecimento. Mas, sem corpo, o assassinato permaneceu oficialmente

não solucionado. Ninguém jamais foi acusado de matá-la.

O caso Brach é um dos enigmas mais frustrantes, que me manteve acordado, fazendo-me repassar

mentalmente as evidências esparsas para tentar desvendar o que aconteceu. No fundo, é um exercício frustrante;

quero *saber* o que aconteceu, e simplesmente não há fatos suficientes para desfazer as conjeturas.

Ocasionalmente corpos desaparecem em histórias de ficção e na vida real, mas raramente você encontra

um túmulo vazio. Diferentemente do caso de Helen Brach, o problema com Jesus não é que ninguém mais o

viu. O problema é que ele *foi* visto vivo; ele *foi* visto morto; *e foi* visto vivo mais uma vez. Ao crer nos relatos

dos evangelhos, a questão não é um corpo desaparecido. Não, a questão é que Jesus ainda está vivo, até hoje,

mesmo depois de sucumbir publicamente aos horrores da crucificação descrita de maneira tão detalhada no

capítulo anterior.

O túmulo vazio, símbolo permanente da ressurreição, é a maior prova apresentada por Jesus de que ele

era Deus. O apóstolo Paulo disse em 1Coríntios 15.17 que a ressurreição é o fundamento da fé cristã: "Se Cristo

não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados".

O teólogo Gerald O'Collins resumiu a questão nos seguintes termos: "Em sentido profundo, o

cristianismo sem ressurreição não é simplesmente cristianismo sem o último capítulo. Simplesmente não é

cristianismo".112

A ressurreição é a comprovação suprema da identidade divina de Jesus e de seu ensino inspirado. É a

prova do seu triunfo sobre o pecado e a morte. É a antecipação da ressurreição dos seus seguidores. É a base da

esperança cristã. É o maior de todos os milagres.

Mas isso se ela for verdadeira. Os céticos afirmam que o que aconteceu com o corpo de Jesus ainda é

um mistério, semelhante ao do desaparecimento de Helen Brach — não existem evidências suficientes, dizem

eles, para chegar a uma conclusão definitiva.

Outros, porém, afirmam que o caso está efetivamente encerrado, porque existem provas conclusivas de

que o túmulo estava vazio naquela primeira manhã de Páscoa. E se você quer ver alguém defender esse

argumento de modo convincente, o melhor a fazer é visitar William Lane Craig, considerado um dos maiores

especialistas do mundo na ressurreição.

Décima primeira entrevista: William Lane Craig, Ph.D., D.Th.

A primeira vez em que vi Bill Craig em ação foi de uma perspectiva incomum: eu estava sentado atrás

dele enquanto ele defendia o cristianismo perante uma multidão de aproximadamente oito mil pessoas, com

mais um número incontável de ouvintes acompanhando-o através de mais de cem estações de rádio que

transmitiam seu discurso.

Eu era o moderador de um debate entre Craig e um ateu escolhido pelo porta-voz nacional de American

Atheists, Inc., e fiquei maravilhado vendo Craig, de modo educado mas enérgico, argumentar em favor do

112 Gerald O'COLLINS, *The Easter Jesus,* London, Darton, Longman & Todd, 1973, p. 134, ap. em CRAIG, *The Son rises,* p. 136.

cristianismo e, ao mesmo tempo, desmantelar os argumentos em favor do ateísmo. De onde eu estava sentado,

podia observar os rostos das pessoas enquanto elas descobriam — muitas pela primeira vez — que o

cristianismo não sucumbe à análise racional e ao escrutínio rigoroso.

No fim, não houve embate. Entre os que entraram no auditório naquela noite como ateus, agnósticos ou

céticos jurados, a grande maioria de 82% saiu convencida de que o cristianismo tinha sido mais bem defendido

do que o ateísmo e 47% entraram como descrentes e saíram como cristãos — os argumentos de Craig em favor

da fé os tinha persuadido, especialmente na comparação com a pobreza de evidências em favor do ateísmo. E,

diga-se de passagem, ninguém se tornou ateu.113

Por isso, quando voei para Atlanta a fim de entrevistá-lo para este livro, eu estava ansioso para ver como

ele iria responder aos desafios relacionados com o túmulo vazio de Jesus.

Ele não mudara desde que eu o vira, havia alguns anos. Com sua barba negra cortada rente, rosto

anguloso e olhar firme, Craig tem a aparência típica de um professor.

Ele fala de modo convincente, sem jamais perder a linha de pensamento, sempre trabalhando

metodicamente uma resposta até o final, ponto por ponto, fato por fato.

Contudo, ele não é um teólogo árido. Craig tem um entusiasmo contagiante por seu trabalho. Seus olhos

de um azul-pálido acompanham as mãos enquanto ele gesticula para descrever

proposições e teorias, para

reforçar a compreensão e concordância. Sua voz se acelera quando ele discorre sobre algum tópico antigo da

teologia que acha fascinante e sussurra com sinceridade quando pondera por que alguns estudiosos resistem às

evidências que ele acha tão convincentes.

Em outras palavras, sua mente se concentra totalmente em cada assunto, mas também seu coração.

Quando ele fala sobre os céticos com quem debateu, não é em tom de arrogância ou satisfação. Ele se apressa

em mencionar as qualidades positivas deles — um, orador maravilhoso; outro, muito gentil ao jantar.

Em meio às sutilezas da nossa conversa, senti que ele não tem o propósito de derrotar os opositores com

seus argumentos; está sinceramente procurando ganhar pessoas com quem, ele sabe, Deus se importa. Fica

genuinamente perplexo com pessoas que não conseguem ou não querem reconhecer a realidade do túmulo

vazio.

Defendendo o túmulo vazio

Vestindo calças jeans, meias brancas e um pulôver azul-escuro de gola olímpica vermelha, Craig

espreguiçou-se em um sofá estampado com flores em sua sala de estar. Na parede por trás dele, havia um

grande quadro emoldurado de Munique.

Foi ali, logo depois de obter seu grau de mestre em artes da Trinity Evangelical

Divinity School e de

doutorado em filosofia da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, que Craig começou a estudar a

ressurreição, enquanto fazia outro doutorado, desta vez em teologia, na Universidade de Munique. Mais tarde

ensinou na Trinity Evangelical Divinity School e serviu como professor visitante no Higher Institute of

Philosophy, na Universidade de Louvain, perto de Bruxelas.

Entre seus livros estão *Reasonable faith [Fé racional], No easy answers [Sem respostas fáceis],*

Knowing the truth about the resurrection [Conhecendo a verdade sobre a ressurreição], The only wise God [O

único Deus sábio], The existence of God and the beginning of the universe [A existência de Deus e o princípio

do universo] e (com Quentin Smith) *Theism, atheism, and big bang cosmology [Teísmo, ateísmo e a*

cosmologia do Big bang], publicado pela Oxford University Press.

Também contribuiu com *The intellectuals speak out about God, Jesus underfire, In defense of miracles*

e *Does God exist?* Além disso, seus artigos como professor foram publicados em revistas como *New Testament*

Studies, Journal for the Study of the New Testament, Gospel Perspectives, Journal of the American Scientific

Affiliation e *Philosophy.* É membro de nove associações de professores, entre as quais a American Academy of

Religion e a American Philosophical Association.

Craig é conhecido no mundo todo por seus escritos sobre a relação entre ciência, filosofia e teologia,

mas não precisou de estímulo para falar do assunto que até hoje faz seu coração bater mais forte: a ressurreição

de Jesus.

Será que Jesus foi mesmo colocado no túmulo?

Antes de ver se o túmulo de Jesus estava mesmo vazio, eu precisava ter certeza de que seu corpo tinha

113 Para uma fita do debate, v.William Lane CRAIG & Frank ZINDLER, *Atheism vs. Christianity:* where does the evidence point?, Grand

Rapids, Zondervan, 1993, fita de vídeo.

sido colocado ali. A história nos conta que, via de regra, criminosos crucificados ficavam pendurados na cruz

para serem comidos por aves de rapina ou jogados em uma vala comum. Isso levou John Dominic Crossan, do

Seminário Jesus, a concluir que o corpo de Jesus provavelmente foi desenterrado dessa vala e devorado por cães

vadios.

— Baseado nesse costume de não dar um enterro digno aos crucificados — comecei nossa conversa —,

o senhor não admitiria que o mais provável é que foi isso que fizeram com Jesus?

— Se você pensa apenas no costume, tenho de concordar — foi sua resposta. — Mas isso significaria

ignorar as evidências específicas desse caso.

— Está bem, então vejamos as evidências específicas — continuei. Com isso,

levantei um problema

imediato: os evangelhos dizem que o corpo de Jesus foi entregue a José de Arimatéia, um membro do próprio

conselho que votara a morte de Jesus, o Sinédrio. — Isso é pouco plausível, não é? — indaguei num tom que

parecia mais enfático do que eu pretendia.

Craig se endireitou no sofá como se estivesse se preparando para saltar sobre a minha pergunta.

— Não se você olhar todas as evidências que cercam o se-pultamento. Vamos repassá-las. Primeiro,

vejamos lCoríntios 15.3-7, onde o sepultamento é mencionado pelo apóstolo ao transmitir um dos primeiros

credos da igreja.

Concordei com a cabeça, pois o Dr. Craig Blomberg já tinha detalhado esse credo em nossa entrevista

anterior. Craig concordava com a opinião de Blomberg de que o credo sem dúvida remonta a poucos anos após

a crucificação de Jesus, tendo sido passado para Paulo logo depois da sua conversão, em Damasco, ou em sua

visita subseqüente a Jerusalém, quando encontrou os apóstolos Tiago e Pedro.

Craig queria comentar o credo, por isso abri rapidamente a Bíblia em meu colo e repassei a passagem:

"O que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as

Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras...". Depois o credo relaciona várias

aparições do Jesus ressuscitado.

— Esse credo é incrivelmente antigo e por isso confiável — disse Craig. — Em sua essência, é

composto de quatro linhas. A primeira faz referência à crucificação, a segunda ao sepultamento, a terceira à

ressurreição e a quarta às aparições de Jesus. Como você vê, a segunda linha confirma o sepultamento de Jesus.

Isso era muito vago para mim.

— Espere um pouco — exclamei. — Ele pode ter sido sepultado, mas será que foi num túmulo? E será

que foi por mãos de José de Arimatéia, essa personagem misteriosa que sai do nada para reclamar o corpo?

Craig não perdeu a paciência.

— Esse credo na verdade é um sumário que corresponde linha por linha ao que os evangelhos ensinam

— ele explicou, — Quando passamos para os evangelhos, encontramos múltiplas confirmações independentes

dessa história de sepultamento, e José de Arimatéia é mencionado pelo nome nos quatro relatos. Além disso, a

história de Marcos é tão extremamente antiga que simplesmente não é possível ter sido vítima de corrupção

lendária.

— Com base em que o senhor pode afirmar que ela é antiga? — perguntei.

— Por dois motivos — ele respondeu. — O primeiro é que Marcos é, em termos gerais, considerado o

evangelho mais antigo. Em segundo lugar, seu evangelho consiste basicamente

em breves histórias sobre Jesus,

mais como pérolas em um fio do que uma fluente narrativa contínua. Mas quando se chega à última semana na

vida de Jesus, a chamada história da Paixão, tem-se uma narrativa contínua de eventos em seqüência. Essa

história parece ter sido tirada por Marcos de uma fonte ainda mais antiga — que incluía a história do

sepultamento de Jesus no túmulo.

Será que José de Arimatéia é uma personagem histórica?

Embora esses fossem bons argumentos, entrevi um problema com o relato de Marcos.

— Marcos diz que todo o Sinédrio votou para condenar a Jesus — eu disse. — Se isso é verdade,

significa que José de Arimatéia deu seu voto em favor da morte de Jesus. Não **é** bastante improvável que ele

depois viesse para dar a Jesus um sepultamento honroso?

Parece que minha observação me pôs em boa companhia.

— Lucas pode ter tido a mesma inquietação — Craig concordou —, o que explica por que ele

acrescentou um detalhe importante: que José de Arimatéia não estava presente quando da votação oficial. Isso

explicaria a situação. O detalhe importante sobre José de Arimatéia, porém, é que ele não era o tipo de pessoa

que teria sido inventado por lendas ou autores cristãos.

Eu precisava de mais do que uma mera conclusão sobre esse assunto. Queria um raciocínio sólido.

— Por que não? — perguntei.

— Considerando a raiva e o ressentimento que os primeiros cristãos tinham em relação aos líderes

judeus que haviam instigado o povo a pedir a crucificação de Jesus - Craig respondeu — é altamente

improvável que tenham inventado alguém que fez a coisa certa ao dar a Jesus um sepultamento honroso,

especialmente enquanto todos os seus discípulos o abandonaram! Além disso, não inventariam um membro

específico de um grupo específico, o que poderia ser conferido e investigado por qualquer pessoa. Portanto,

José é sem dúvida uma personagem histórica.

Antes de eu poder fazer mais uma pergunta sobre esse assunto, Craig continuou.

— Quero acrescentar que, se esse sepultamento por José foi uma lenda que surgiu mais tarde,

poderíamos esperar que surgissem outras tradições sobre o sepultamento ou o que aconteceu com o corpo de

Jesus. No entanto, não existe nenhuma outra versão. Conseqüentemente, a maioria dos estudiosos do Novo

Testamento hoje em dia concorda que o relato do sepultamento de Jesus é, basicamente, confiável. John A. T.

Robinson, o falecido professor de Novo Testamento da Universidade de Cambridge, disse que o sepultamento.

honroso de Jesus é um dos fatos mais antigos e mais bem confirmados que temos sobre o Jesus histórico.

As explicações de Craig de que o corpo de Jesus foi realmente colocado no

túmulo de José me

satisfizeram. No credo, entretanto, restava uma ambigüidade: seu corpo, depois da ressurreição, talvez tivesse

ficado dentro do túmulo.

— O credo diz que Jesus foi crucificado, sepultado e depois ressuscitou, mas não diz especificamente

que o túmulo estava vazio — ressaltei. — Será que isso não deixa espaço para a possibilidade de a ressurreição

ter sido apenas de natureza espiritual, e o corpo de Jesus teria permanecido no túmulo?

— O credo implica com certeza o túmulo vazio — Craig rebateu. — Veja, os judeus tinham uma idéia

física da ressurreição. Para eles, o principal objeto da ressurreição eram **os** ossos do falecido, não era nem

mesmo a carne, que era considerada perecível. Depois que a carne apodrecia, os judeus ajuntavam os ossos dos

seus mortos e os colocavam em caixas, para serem preservados até a ressurreição no fim dos tempos, quando

Deus levantaria os mortos justos de Israel e estariam todos juntos no Reino definitivo de Deus. À luz disso, teria

sido simplesmente uma contradição de termos para um judeu antigo dizer que alguém foi levantado da morte,

mas seu corpo continuou no túmulo. Por isso, quando esse credo cristão antigo diz que Jesus foi sepultado e

depois ressurgiu no terceiro dia, está deixando implícito, mas muito claro: um túmulo vazio foi o que ficou para

trás.

Até que ponto o túmulo era inviolável?

Depois dessas evidências convincentes de que Jesus esteve no túmulo, pareceu-me importante saber até

que ponto esse túmulo estava protegido de influências de fora. Quanto maior a segurança, menor a

probabilidade de que o corpo fosse manipulado.

— Quanto o túmulo de Jesus estava protegido? — perguntei.

Craig passou a descrever como esse tipo de túmulo era fechado, fazendo uso das melhores descobertas

dos arqueólogos em escavações de lugares do primeiro século.

— Havia um valo em declive que conduzia a uma entrada baixa, e uma grande pedra em forma de disco

era rolada por esse valo e encaixada em frente à passagem — ele descreveu, usando as mãos para ilustrar o que

estava dizendo. — Depois uma pedra menor era usada para firmar o disco. Embora fosse fácil rolar esse grande

disco pelo valo abaixo, seriam necessários vários homens para rolá-lo de volta para reabrir o túmulo. Nesse

sentido, ele era bem seguro.

E quanto à guarda do túmulo? Eu sabia que alguns céticos tentam lançar dúvidas sobre a noção popular

de que o túmulo de Jesus foi guardado com atenção, sem interrupção, por soldados romanos altamente

disciplinados, que tinham de contar com a morte se falhassem em sua tarefa.

— O senhor tem certeza de que havia esses guardas romanos? — perguntei.

— Somente Mateus relata que foram colocados guardas em torno do túmulo — Craig respondeu. —

Seja como for, não creio que a história dos guardas seja uma faceta importante das evidências em favor da

ressurreição. Por um lado, ela é muito questionada pelos estudiosos de hoje. Penso que é prudente basear meus

argumentos em evidências que são mais amplamente aceitas pela maioria dos estudiosos, por isso prefiro deixar

de lado a história dos guardas.

Fiquei surpreso com a posição dele.

— Mas isso não enfraquece a defesa do argumento? — indaguei.

Craig balançou a cabeça.

— Francamente, a história dos guardas pode ter sido importante no século XVIII, quando os críticos

diziam que os discípulos roubaram o corpo de Jesus, mas hoje em dia ninguém mais adota essa teoria — ele

esclareceu.

E continuou:

— Lendo o Novo Testamento, não restam dúvidas de que os discípulos creram com sinceridade na

verdade da ressurreição, a qual proclamaram mesmo enfrentando a morte. A idéia de que o túmulo vazio é

resultado de alguma mistificação, conspiração ou roubo é simplesmente rejeitada hoje em dia. Assim, a história

dos guardas tornou-se secundária.

Será que havia guardas presentes no túmulo?

Mesmo assim, eu estava interessado em saber se havia evidências que confirmassem a história dos

guardas em Mateus. Entendi as razões de Craig para colocar o assunto de lado, mas insisti perguntando se havia

indicações confiáveis de que a história é verídica.

— Há, com certeza — disse ele. — É só lembrar as declarações e negações sobre a ressurreição que

houve entre judeus e cristãos no século I. A primeira proclamação dos cristãos foi: "Jesus ressuscitou". Os

judeus respondiam: "Os discípulos roubaram o corpo dele". A isso os cristãos replicavam: "Não pode ser,

porque os guardas no túmulo teriam impedido esse roubo". Os judeus argumentavam: "Bem, os guardas no

túmulo tinham adormecido". E os cristãos rebatiam: "Não, os judeus é que subornaram os guardas para dizerem

que adormeceram". Muito bem, se não tivesse havido guardas, a discussão teria sido mais ou menos esta: em

reação à afirmação de que Jesus ressuscitou, os judeus diriam: "Os discípulos roubaram o corpo dele". Os

cristãos replicariam: "Mas os guardas teriam impedido o roubo". E a resposta dos judeus teria sido: "Que

guardas? Vocês estão delirando! Não havia guardas!". Os registros históricos nos mostram que não era isso que

os judeus diziam. Isso indica que os guardas existiram mesmo e que os judeus

sabiam disso, razão pela qual

tiveram de inventar a história absurda de que os guardas adormeceram enquanto os discípulos levavam o corpo.

Novamente uma pergunta premente me fez interrompê-lo.

— Parece haver ainda outro problema aqui — eu disse, fazendo uma pausa para formular minha objeção

o mais sucintamente possível. — Por que, afinal, as autoridades judaicas teriam colocado guardas no túmulo?

Se eles estavam esperando que ele ressuscitasse ou que os discípulos simulassem a ressurreição, isso

significaria que eles acreditavam mais nas predições de Jesus do que os discípulos! Afinal de contas, os

discípulos ficaram surpresos com tudo o que aconteceu.

— Você pôs o dedo na ferida — Craig concordou. — Todavia, também pode ser que eles tenham

colocado guardas para impedir que roubos nos túmulos ou outras perturbações acontecessem durante a Páscoa.

Não sabemos. O argumento é bom; concordo com sua força. Mas não creio que seja incontornável.

De qualquer forma, ele levanta questões em relação à história dos guardas. Mais uma objeção veio à

minha mente:

— Mateus diz que os guardas romanos prestaram relatório às autoridades judaicas. Isso não parece

improvável, já que eles eram responsáveis diante de Pilatos?

Um leve sorriso iluminou o rosto de Craig.

— Se você olhar com atenção, Mateus não diz que os guardas eram romanos. Quando os judeus vão até

Pilatos para lhe pedir uma guarda, ele diz: "Vocês têm a sua guarda". Muito bem, será que ele está dizendo:

"Está bem, aqui você têm um destacamento de soldados?". Ou está querendo dizer: "Vocês têm os seus próprios

guardas do templo. Usem-nos"? Os estudiosos debatem se a guarda era judaica ou não. Inicialmente minha

tendência era pensar que ela era judaica, pelo motivo que você mencionou. Reconsiderei, porém, porque a

palavra que Mateus usa para referir-se aos guardas é aplicada com mais freqüência a soldados romanos do que a

meros funcionários do templo. Além disso, lembre-se de que João nos diz que foi um centurião romano que

conduziu soldados romanos para prender Jesus, sob as ordens dos líderes judeus. Isso mostra um precedente de

guardas romanos reportando-se a autoridades religiosas judaicas. Parece plausível que eles também tivessem

como tarefa guardar o túmulo.

Avaliando as evidências, senti-me convencido de que havia guardas no túmulo, mas decidi interromper

essa seqüência de perguntas, já que Craig não dá mesmo muita importância à história dos guardas. Eu também

já estava ansioso para confrontar Craig com o que parece ser o argumento mais persuasivo contra a idéia de que

o túmulo, de Jesus estava vazio na manhã da Páscoa.

E as contradições?

Com o passar dos anos, os críticos do cristianismo atacaram a história do túmulo vazio, levantando

aparentes discrepâncias entre os relatos dos evangelhos. Por exemplo, o cético Charles Templeton disse

recentemente: 'As quatro descrições dos eventos [...] diferem de modo tão marcante que, com toda a boa

vontade do mundo, não há como conciliá-las".114

Se aceitarmos essa objeção, entenderemos que ela fere de morte a confiabilidade das narrativas do

túmulo vazio. Veja este resumo feito pelo Dr. Michael Martin, da Universidade de Boston, que li para Craig

naquela manhã:

Em Mateus, quando Maria Madalena e a outra Maria chegaram ao túmulo antes do alvorecer, encontraram a grande pedra

diante da entrada, presenciaram um terremoto violento, e um anjo desceu para rolar a pedra para o lado. Em Marcos, as mulheres

chegaram no túmulo ao nascer do sol, e a pedra já tinha sido tirada. Em Lucas, quando as mulheres chegaram ao amanhecer, viram

que a pedra já tinha sido retirada.

Em Mateus, um anjo está sentado sobre a rocha fora do túmulo, e em Marcos um jovem está sentado dentro do túmulo. Em

Lucas, há dois homens lá dentro.

Em Mateus, as mulheres presentes no túmulo são Maria Madalena e a outra Maria. Em Marcos, as mulheres presentes no

túmulo são as duas Marias e Salomé. Em Lucas, Maria Madalena, Maria, a mãe

de Tiago, Joana e as outras mulheres estão no túmulo.

Em Mateus, as duas Marias saem correndo do túmulo, cheias de medo e alegria, para dar a notícia aos discípulos, e

encontram Jesus no caminho. Em Marcos, elas saem correndo do túmulo cheias de medo e não dizem nada a ninguém. Em Lucas, as

mulheres contam a história aos discípulos, que não acreditam nelas, não havendo indicação de que eles se encontraram com Jesus.115

— Além disso — eu disse a Craig —, Martin mostra que João difere dos outros três evangelhos em

muitas coisas. Ele conclui: "Em suma, os relatos do que aconteceu no túmulo são ou incoerentes ou só podem

ser tornados coerentes com a ajuda de interpretações nada plausíveis".116

Parei de ler e levantei os olhos das minhas anotações. Olhando bem para Craig, perguntei-lhe de chofre:

— À luz de tudo isso, como é possível considerar verídica a história do túmulo vazio?

Imediatamente, percebi uma mudança na postura de Craig. Na conversa informal ou ao discutir objeções

mornas ao túmulo vazio, ele é bastante tranqüilo. Mas, quanto mais difícil a pergunta e quanto maior o desafio,

mais animado e concentrado ele fica. A essa altura sua linguagem corporal me disse que ele mal podia esperar

para mergulhar nessas águas aparentemente perigosas.

Limpando a garganta, Craig começou:

— Com o devido respeito, Michael Martin é um filósofo, e não um historiador, e não creio que ele

entenda o trabalho de um historiador.

Para um filósofo, se algo é incoerente, a lei da não-contradição diz: "Isso não pode ser verdadeiro; fora

com isso!". O historiador, porém, olha para essas narrativas e diz: "Vejo algumas incoerências, mas há algo de

comum nelas: todas dizem respeito a detalhes secundários". O cerne da história não muda: José de Arimatéia

toma o corpo de Jesus, coloca-o em um túmulo, este é visitado por um pequeno grupo de mulheres que seguiam

Jesus, bem cedo no domingo depois da crucificação, e constata que o túmulo está vazio. Elas têm uma visão de

anjos que dizem que Jesus ressuscitou. O historiador atento, ao contrário do filósofo, não joga fora o bebê junto

com a água do banho. Ele diz: "Isso indica que há uma base histórica nessa história que é confiável, por mais

conflitantes que sejam os detalhes secundários". Portanto, podemos ter grande confiança no núcleo central que é

comum às narrativas e com o qual concordaria a maioria dos estudiosos do Novo Testamento hoje em dia,

mesmo que haja algumas diferenças quanto aos nomes das mulheres, a hora exata de manhã, o número de anjos

e assim por diante. Esse tipo de discrepâncias secundárias não incomodaria um historiador.

Mesmo o historiador geralmente cético Michael Grant, professor no Trinity College em Cambridge e na

Universidade de Edimburgo, concorda em seu livro *Jesus:* an historian's review of the gospels: "É verdade que

a descoberta do túmulo vazio é descrita de modo diferente pelos vários evangelhos, mas, se aplicarmos o

mesmo tipo de critérios que se aplicam a qualquer outra fonte literária antiga, as evidências são suficientemente

fortes e plausíveis para levar-nos a concluir que o túmulo foi, realmente, encontrado vazio".117

Será que as discrepâncias podem ser harmonizadas?

Algumas vezes, ao cobrir julgamentos de criminosos, tenho visto duas testemunhas dar exatamente o

mesmo testemunho, até nos mínimos detalhes, para depois serem desmascarados pelo advogado de defesa por

terem combinado tudo antes do julgamento. Por isso eu disse a Craig:

— Imagino que, se os quatro evangelhos fossem idênticos em todas as minúcias, isso levantaria a

114 TEMPLETON, *Farewell to God*, p. 120.

115 MARTIN, *The case against Christianity,* p. 78-9.

116 Ibid., p. 81.

117 Michael GRANT, *Jesus:* a historian's review of the gospels, New York, Charles Schribner's Sons, 1977, p. 176.

suspeita de plágio.

— Sim, muito boa observação — ele concordou. — As diferenças entre as narrativas do túmulo vazio

indicam que temos várias confirmações independentes da história do túmulo vazio. Às vezes as pessoas dizem:

"Mateus e Lucas só plagiaram Marcos", mas, ao analisar as narrativas de perto, você vê divergências que

indicam que, mesmo que Mateus e Lucas conhessem o relato de Marcos, eles também tinham fontes separadas

e independentes da história do túmulo vazio. Por isso, com esses diversos relatos independentes, nenhum

historiador descartaria essas evidências só por causa de discrepâncias secundárias. Deixe-me dar-lhe um

exemplo secular. Temos duas narrativas da travessia dos Alpes por Aníbal para atacar Roma, e elas são

incompatíveis e irreconciliáveis. Entretanto, nenhum historiador clássico duvida de que Aníbal levou a cabo sua

campanha. Essa é uma ilustração de fora da Bíblia sobre discrepâncias em detalhes secundários que não chegam

a minar o cerne do registro histórico.

Concordei que era um bom argumento. E, refletindo sobre a crítica de Martin, pareceu-me que algumas

das suas supostas contradições podiam ser facilmente conciliadas. Mencionei isso a Craig:

— Será que não há maneiras de harmonizar algumas das diferenças entre os relatos?

— Certamente há — foi sua resposta. — Por exemplo, a hora da ida ao túmulo. Um escritor pode dizer

que ainda estava escuro e o outro que estava começando a clarear, mas isso é como o otimista e o pessimista

discutindo se um copo está quase cheio ou quase vazio. Era ao amanhecer, e eles estavam contando a mesma

coisa com palavras diferentes. Quanto ao número e nome das mulheres, nenhum dos evangelhos afirma

apresentar uma lista completa. Todos incluem Maria Madalena e outras mulheres, de modo que provavelmente

o grupo de mulheres continha estas e outras discípulas não citadas pelo nome. Creio que seria pedante dizer que

isso é uma contradição.

— E quanto aos relatos diferentes do que aconteceu depois? — perguntei. — Marcos disse que as

mulheres não falaram com ninguém, ao contrário dos outros evangelhos.

Craig explicou:

— Estudando a teologia de Marcos, vê-se que ele gosta de enfatizar espanto, medo, temor e adoração na

presença do divino. Portanto, essa reação das mulheres, de fugir cheias de medo e tremor, sem dizer nada a

ninguém de tão assustadas, faz parte do estilo literário e teológico de Marcos. Pode bem ser que esse silêncio

tenha sido temporário, e depois as mulheres voltaram a disseram aos outros o que tinha acontecido. Na verdade

— Craig terminou com um sorriso maroto —, *tinha* de ser um silêncio temporário; senão Marcos não poderia

estar contando essa história!

Eu queria perguntar sobre outra discrepância mencionada com freqüência.

— Jesus disse em Mateus 12.40: "Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um

grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra". No entanto, os

evangelhos contam que Jesus na verdade ficou no túmulo apenas um dia inteiro,

duas noites e parte de outros

dois dias. Esse não é um exemplo de Jesus não cumprir corretamente sua própria profecia?

— Alguns cristãos bem-intencionados usaram esse versículo para dizer que Jesus foi crucificado na

quarta-feira, e não na sexta-feira, para obter três dias inteiros no túmulo! — Craig acrescentou. — Contudo, a

maioria dos estudiosos reconhece que, de acordo com a maneira de os judeus antigamente contarem o tempo,

uma parte mesmo que pequena de um dia contava como um dia inteiro. Jesus esteve no túmulo de sexta-feira à

tarde, passando pelo sábado inteiro, até domingo de manhã. De acordo com a forma de os judeus contarem o

tempo naquela época, isso seria contado como três dias.

— Mais uma vez — concluí —, esse é apenas mais um exemplo de quantas dessas discrepâncias podem

ser explicadas ou minimizadas com algumas pesquisas históricas ou simplesmente analisando-as com a mente

aberta.

Podemos confiar nas testemunhas?

Os evangelhos concordam entre si que o túmulo vazio foi descoberto por mulheres que eram amigas e

seguidoras de Jesus. Isso, porém, na opinião de Martin, lança suspeitas sobre o testemunho delas, pois

"provavelmente elas não foram observadoras objetivas".

Por isso coloquei a seguinte pergunta para Craig:

— Será que o relacionamento dessas mulheres com Jesus pode pôr em dúvida a confiabilidade do

testemunho delas?

Sem saber, eu tinha ido ao encontro do pensamento dele.

— Na verdade, esse argumento se volta contra as pessoas que o usam — ele respondeu. — Com certeza

essas mulheres eram amigas de Jesus. Mas para quem conhece o papel das mulheres na sociedade judaica do

século i, é realmente extraordinário que essa história reporte que mulheres descobriram o túmulo vazio. As

mulheres estavam em um nível muito baixo na escala social da Palestina do século I. Há antigas declarações de

rabinos dizendo o seguinte: "É preferível que as palavras da *Tora* sejam queimadas do que entregues a

mulheres", e: "Feliz é quem tem filhos, mas ai de quem tem filhas". O testemunho das mulheres era considerado

tão sem valor que elas não eram nem admitidas como testemunhas em um tribunal judaico. Em vista disso, é

realmente notável que as principais testemunhas do túmulo vazio sejam essas mulheres que eram amigas de

Jesus. Qualquer relato lendário posterior certamente teria colocado os discípulos descobrindo o túmulo —

Pedro e João, por exemplo. O fato de mulheres serem as primeiras testemunhas do túmulo vazio é explicado de

modo mais plausível em vista de que, gostemos ou não, *foram* elas que de fato encontraram o túmulo vazio!

Isso mostra que os escritores dos evangelhos registraram fielmente o que aconteceu, mesmo sendo-lhes

embaraçoso. Isso fala a favor da historicidade dessa tradição, e não da sua condição de lenda.

Por que as mulheres foram ao túmulo?

A explicação de Craig, no entanto, deixou outra pergunta em aberto: por que as mulheres iriam ungir o

corpo de Jesus se sabiam que seu túmulo estava bem fechado?

— Será que as ações delas realmente fazem sentido? — perguntei.

Craig pensou por um instante antes de responder — desta vez não no tom em que costuma falar em

debates, e sim em um tom mais brando.

— Lee, eu realmente acho que os estudiosos que não fazem idéia do amor e da devoção que essas

mulheres tinham por Jesus não deveriam se pronunciar sobre o que elas queriam fazer. Em relação a pessoas

que estão de luto, que perderam alguém que seguiam e amavam desesperadamente, aponto de quererem visitar

o túmulo na última esperança de ungir o corpo, eu simplesmente não creio que um crítico posterior possa tratá-

las como robôs e dizer: "Elas não deviam ter ido".

Ele deu de ombros.

— Quem sabe elas achassem que haveria homens por perto que poderiam remover a pedra. Se havia

guardas, pode ser que contassem com eles. Eu não sei. Com certeza a idéia de visitar um túmulo para derramar

óleo sobre um corpo é uma prática judaica antiga comprovada; a única pergunta é quem elas achavam que

poderia tirar a pedra. E não creio que tenhamos condições de decidir se elas não deviam simplesmente ter

ficado em casa.

Por que os cristãos não falavam do túmulo vazio?

Ao me preparar para a entrevista com Craig, eu visitara na Internet vários endereços de organizações

ateístas para ver que tipos de argumentos elas levantavam contra a ressurreição. Por alguma razão, poucos ateus

falam desse tópico. Entretanto, fora levantada uma objeção que eu queria apresentar a Craig.

Em essência, esse argumento diz que nenhum discípulo ou pregador cristão posterior se incomodou em

falar do túmulo vazio. Um desses críticos escreveu: "Deveríamos esperar que os primeiros pregadores

dissessem: Vocês não acreditam em nós? Vão ver o túmulo pessoalmente! Fica na esquina da avenida tal com a

rua tal, terceiro sepulcro à direita".

Todavia, disse ele, Pedro não mencionou o túmulo vazio em sua pregação em Atos 2. O crítico concluiu:

"Se nem os discípulos achavam que a tradição do túmulo vazio era boa, por que nós deveríamos achar?".

Craig arregalou os olhos quando lhe coloquei a questão.

— Não creio que isso seja verdade — replicou ele, com certa perplexidade na voz, apanhando sua Bíblia

e abrindo no segundo capítulo de Atos, que registra o sermão de Pedro em Pentecostes. — O túmulo vazio *está*

no discurso de Pedro — insistiu. — Ele proclama no versículo 24 que "Deus o ressuscitou dos mortos,

rompendo os laços da morte". Em seguida ele cita um salmo que diz que Deus não permitiria que seu Santo

sofresse decomposição. Isso fora escrito por Davi, e Pedro diz: "Irmãos, posso dizer-lhes com franqueza que o

patriarca Davi morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está entre nós até o dia de hoje". Porém, diz ele, Cristo

"não foi abandonado no sepulcro", e seu corpo "não sofreu decomposição. Deus ressuscitou este Jesus, e todos

nós somos testemunhas deste fato".

Craig levantou os olhos da Bíblia.

— Este discurso contrasta o túmulo de Davi, que existia até aquela época, com a profecia em que Davi

diz que Cristo seria levantado: sua carne não se decomporia. Está claramente implícito que o túmulo ficou

vazio.

Então ele virou as páginas até outro capítulo de Atos.

— Em Atos 13.29-31, Paulo diz: "Tendo cumprido tudo o que estava escrito a respeito dele, tiraram-no

do madeiro e o colocaram num sepulcro. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, e, por muitos dias, foi visto por

aqueles que tinham ido com ele da Galiléia para Jerusalém". Sem sombra de dúvida, o túmulo vazio está

implícito aqui.

Ele fechou a Bíblia e acrescentou:

— Creio que é bastante tolo e pouco razoável alegar que estes primeiros pregadores não se referiram ao

túmulo vazio, só porque não usaram as palavras exatas túmulo vazio. Não há dúvida de que eles sabiam, e seus

ouvintes entenderam assim, que o túmulo de Jesus estava vazio.

Existem evidências positivas?

Eu passara a primeira parte da nossa entrevista bombardeando Craig com objeções e argumentos que

questionavam o túmulo vazio. De repente percebi que não lhe dera a oportunidade de defender sua posição com

argumentos positivos. Ele já aludira a várias razões para acreditar que o túmulo de Jesus estava desocupado,

mas eu disse:

— Por que você não me mostra o seu melhor argumento? Convença-me com suas quatro ou cinco

principais razões para crer que o túmulo vazio é um fato histórico.

Craig não fugiu ao desafio. Um por um, ele formulou seus argumentos, de modo conciso e convincente:

— Em primeiro lugar, o túmulo vazio está claramente implícito na tradição antiga que é transmitida por

Paulo em lCoríntios 15, que é uma fonte de informações históricas sobre Jesus muito antiga e confiável. Em

segundo lugar, tanto cristãos quanto judeus conheciam o lugar em que Jesus fora sepultado. Portanto, se o

túmulo não estava vazio, seria impossível criar um movimento baseado na fé na ressurreição, na mesma cidade

onde esse homem fora publicamente executado e sepultado. Em terceiro lugar, podemos dizer, pela linguagem,

gramática e estilo, que Marcos obteve sua história do túmulo vazio (na verdade, toda sua narrativa da Paixão)

de uma fonte anterior. Na verdade, há evidências de que essa fonte já existia por escrito antes do ano 37, o que é

muito cedo para ser corrompida seriamente por uma lenda. A. N. Sherwin-White, o renomado historiador

greco-romano clássico da Universidade de Oxford, disse que teria sido sem precedentes em qualquer lugar da

história que uma lenda surgisse tão rapidamente e distorcesse os evangelhos de modo tão significativo. Em

quarto lugar, temos a simplicidade da história do túmulo vazio em Marcos. Relatos de ficção apócrifos do

século II contêm todos os tipos de floreios, em que Jesus sai do túmulo em glória e poder, e todos o vêem,

desde sacerdotes e autoridades judaicas até os guardas romanos. Assim são as lendas, mas elas só surgem

gerações após os eventos, quando todas as testemunhas oculares já morreram. Em contraste, o relato que

Marcos faz da história do túmulo vazio chama a atenção por sua simplicidade e ausência de comentários da

reflexão teológica. Em quinto lugar, o testemunho unânime de que o túmulo foi encontrado vazio por mulheres

fala em favor da autenticidade da história, porque seria embaraçoso para os

discípulos admitir tal fato, que

muito provavelmente teria sido encoberto se fosse uma lenda. Em sexto lugar, a polêmica mais antiga com os

judeus pressupõe a historicidade do túmulo vazio. Em outras palavras, não havia ninguém que afirmasse que o

túmulo ainda continha o corpo de Jesus. A pergunta era sempre: "O que aconteceu com o corpo?". Os judeus

propuseram a história ridícula de que os guardas tinham adormecido. E evidente que eles estavam se agarrando

a qualquer argumento para se salvar. O que importa é que eles partiram da pressuposição de que o túmulo

estava vazio! Por quê? Porque sabiam que estava!

E as teorias alternativas?

Fiquei ouvindo com atenção enquanto Craig expunha cada ponto, e para mim os seis argumentos

formavam uma defesa definitiva. Todavia, eu ainda queria ver se havia alguns furos, antes de concluir que tudo

estava bem vedado.

— Kirsopp Lake propôs, em 1907, que as mulheres apenas foram até o túmulo errado — afirmei. — Ele

disse que elas se perderam, e um zelador no túmulo errado lhes disse: "Vocês estão procurando por Jesus de

Nazaré. Ele não está aqui", e elas saíram correndo, assustadas. Essa não é uma explicação plausível? **118**

Craig suspirou.

— Lake não conseguiu ninguém que o acompanhasse nessa idéia — respondeu.

— A razão é que o

lugar do sepulta-mento de Jesus era conhecido pelas autoridades judaicas. Mesmo que as mulheres houvessem

cometido esse engano, as autoridades teriam tido o prazer de mostrar o túmulo e corrigir o erro dos discípulos

118 Kirsopp LAKE, *The historical evidence for the resurrection of Jesus Christ*, London, William & Norgate, 1907, p. 247-79, ap.

William Lane CRAIG, *Knowing the truth about the resurrection*, Ann Arbor, Servant, 1988, p. 35-6.

quando estes começaram a proclamar que Jesus tinha ressuscitado. Não sei de ninguém que siga a teoria de

Lake hoje em dia.

Francamente, outras opções também não pareciam ser muito plausíveis. Era óbvio que os discípulos não

tinham nenhum motivo para roubar o corpo e depois morrer por uma mentira, e certamente as autoridades

judaicas não teriam removido o corpo. Então eu disse:

— Resta a teoria de que o túmulo vazio é uma lenda posterior e que, quando foi difundida, ninguém

mais pôde provar o contrário, porque o lugar do sepulcro tinha sido esquecido.

— Isso é assunto de conversa desde 1835, quando David Strauss afirmou que essas histórias eram

lendárias — replicou Craig. — É por isso que, em nossa conversa hoje, nós nos concentramos tanto nessa

hipótese da lenda, mostrando que a história do túmulo vazio remonta a poucos anos após os eventos. Mesmo

que haja alguns elementos lendários nos detalhes secundários da história, o cerne está solidamente confirmado.

Sim, havia respostas para essas explicações alternativas. Sob escrutínio, todas as teorias pareciam

desmoronar sob o peso das evidências e da lógica. A única opção que restava era crer que o Jesus ressuscitado

voltou à vida — conclusão que algumas pessoas consideram extraordinária demais para engolir. Pensei por um

momento em como podia colocar isso para Craig em forma de pergunta. Finalmente, eu disse:

— Mesmo admitindo que essas teorias alternativas têm furos, será que elas não são mais plausíveis do

que a idéia totalmente incrível de que Jesus era Deus encarnado que foi levantado dos mortos?

— Creio que essa é a questão — ele concordou, inclinando-se para frente. — Creio que as pessoas que

vêm com essas teorias alternativas admitem: "Sim, nossas teorias são inverossímeis, mas elas não são tão

improváveis como a idéia de que esse milagre espetacular aconteceu". Entretanto, nesse ponto a questão não é

mais histórica; já é uma questão filosófica, sobre se milagres são possíveis.

— E o que o senhor diria sobre isso? — perguntei.

— Meu argumento é que a hipótese de que Deus ressuscitou Jesus não é de todo improvável. Na

verdade, baseado nas evidências, é a melhor explicação para o que aconteceu. O que é improvável é a hipótese

de que Jesus ressurgiu naturalmente da morte. Isso, tenho de concordar, seria estranho. Qualquer hipótese seria

mais provável do que dizer que o cadáver de Jesus voltou espontaneamente à vida. Mas a hipótese de que Deus

ressuscitou Jesus da morte não contradiz a ciência ou qualquer fato experimental conhecido. Ela apenas requer

a hipótese de que Deus existe, e creio que há boas razões independentes para crer que isso é um fato.

A isso Craig acrescentou sua palavra final:

— Na medida em que a existência de Deus é possível, também é possível que ele tenha agido na

história, levantando Jesus dos mortos.

Conclusão: o túmulo estava vazio

Craig fora convincente: o túmulo vazio — admito, um milagre de proporções incomparáveis — fazia

sentido, à luz das evidências. E isso é apenas uma parte da defesa da ressurreição. Da casa de Craig em Atlanta

eu estava pronto para ir até a Virgínia para entrevistar um notório especialista nas evidências das aparições de

Jesus depois de ressuscitar, e dali para a Califórnia, para falar com outro estudioso sobre as consideráveis

evidências circunstanciais.

Ao agradecer a Craig e sua esposa, Jan, por sua hospitalidade, fiquei pensando que, de perto, em sua

calças *jeans* e meias brancas, Craig não parecia ser o adversário formidável que derrotara os melhores críticos

da ressurreição no mundo. Mas eu ouvira pessoalmente as fitas do debate.

Em vista dos fatos, eles têm sido incapazes de colocar o corpo de Jesus de volta no túmulo. Eles se

debatem, lutam, se agarram a quaisquer argumentos para se salvar, contradizem a si mesmos, perseguem teorias

desesperadas e extraordinárias para tentar explicar as evidências. Mas, vez após outra, no fim o túmulo

permanece vazio.

Lembrei-me das declarações de um dos maiores intelectos na área do direito de todos os tempos, *sir*

Norman Anderson, formado em Cambridge e professor na Universidade de Princeton, que foi convidado para

ser professor vitalício na Universidade de Harvard e serviu como deão na Faculdade de Direito da Universidade

de Londres.

Sua conclusão, depois de uma vida inteira de estudos desse assunto do ponto de vista legal, ele resumiu

numa só frase: "O túmulo vazio é uma verdadeira rocha contra a qual se despedaçam em vão todas as teorias

racionalistas da ressurreição".119

119 J. N. D. ANDERSON, *The evidence for the resurrection*, Downers Grove, InterVarsity Press, 1966, p. 20

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Você acha que o túmulo de Jesus estava vazio na manhã da Páscoa? Que evidência você achou mais

convincente para chegar a essa conclusão?

2. Como Craig ressaltou, todos no mundo antigo admitiram que o túmulo estava vazio; a questão era como é

que se explica que ele estivesse vazio. Você consegue pensar em alguma explicação lógica para o túmulo vazio,

além da ressurreição de Jesus? Em caso afirmativo, como você acha que alguém como Bill Craig responderia à

sua teoria?

3. Leia Marcos 15.4-16.8, o relato mais antigo do sepultamento de Jesus e do túmulo vazio. Você concorda com

Craig que ele "chama a atenção por sua simplicidade e ausência de comentários da reflexão teológica"? Por que

sim ou por que não?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

CRAIG, William Lane. Did Jesus rise from the dead? In: Michael J. WILKINS & J. P. MORELAND, *orgs., Jesus*

underfire, p. 147-82, Grand Rapids, Zondervan, 1995.

_____. The empty tomb of Jesus. In: R. Douglas GEIVETT & Gary R. HABERMAS, orgs., *In: defense ofmiracles,*

p. 247-61, Downers Grove, InterVarsity Press, 1997.

_____. *Knowing the truth about the resurrection.* Ann Arbor, Servant, 1988.

____. *Reasonable faith.* Westchester III, Crossway, 1994.

CRAIG, William Lane & Frank ZINDLER. *Atheism vs. Christianity:* Were does the evidence point? Grand Rapids,

Zondervan, 1993. Fita de vídeo.

HARRIS, Murray J. *Three crucial questions about Jesus.* Grand Rapids, Baker, 1994.



13

A prova das aparições

Jesus foi visto vivo

depois de sua morte na cruz?

Em 1963, o corpo de Addie Mae Collins, uma menina negra de 14 anos assassinada tragicamente com

outras três quando racistas brancos jogaram uma bomba em sua igreja, foi enterrado em Birmingham, no

Alabama. Durante anos seus familiares visitaram o túmulo para orar e colocar flores. Em 1998, eles tomaram a

decisão de desenterrar a menina para transferi-la para outro cemitério.

Os coveiros que foram enviados para exumar o corpo, no entanto, retornaram com uma descoberta

chocante: o túmulo estava vazio.

De modo compreensível, os familiares ficaram terrivelmente perturbados. Confundidos por registros

malfeitos, os funcionários do cemitério se esforçaram para descobrir o que tinha acontecido. Várias

possibilidades foram levantadas, das quais a principal foi que sua lápide tinha sido erigida no lugar errado.120

Em meio ao afã de determinar o que acontecera, porém, uma explicação nunca foi proposta: ninguém

sugeriu que a jovem Addie Mae ressuscitara para andar novamente pela terra. Por quê? Porque por si só o

túmulo vazio não prova uma ressurreição.

Minhas conversas com o dr. William Lane Craig já tinham resultado em provas convincentes de que o

túmulo de Jesus estava vazio no domingo após sua crucificação. Eu sabia que essa era uma evidência

importante e necessária da ressurreição, mas também estava ciente de que um corpo desaparecido não é uma

prova conclusiva por si mesmo. Mais fatos seriam necessários para determinar que Jesus realmente retornou da

morte.

Foi isso que motivou meu vôo até a Virgínia. Enquanto meu avião descia suavemente sobre as colinas

arborizadas do estado, eu fazia uma leitura de última hora de um livro de Michael Martin, o professor da

Universidade de Boston que tenta desacreditar o cristianismo. Sorri com suas palavras: "Talvez a defesa mais

elaborada da ressurreição até hoje tenha sido feita por Gary Habermas".121

Olhei para o meu relógio. Eu pousaria bem a tempo de alugar um carro, dirigir até Lynchburg e chegar

às duas horas para meu encontro com o próprio Habermas.

Décima segunda entrevista: Gary Habermas, Ph.D., D.D.

Duas fotografias autografadas de jogadores de hóquei, tiradas em meio ao embate sobre o gelo, estavam

emolduradas nas paredes do escritório austero de Habermas. Um traz o imortal Bobby Hull dos Chicago

Blackhawks; o outro retrata Dave "Martelo" Schultz, o atacante aguerrido e durão dos Philadelphia Flyers.

— Hull é meu jogador de hóquei favorito — explicou Habermas. — Schultz é meu lutador favorito. —

Ele sorriu malicioso e acrescentou: — Há uma diferença.

Habermas — barbudo, franco, direto — também é um lutador, um *pit buli* acadêmico que mais parece

um leão de chácara de boate do que um intelectual de torre de marfim.

Armado com argumentos afiados como navalha e evidências históricas para fundamentá-los, ele não

foge de nenhuma briga.

Antony Flew, um dos principais filósofos ateus do mundo, descobriu isso quando se envolveu com

Habermas em um grande debate sobre o tópico: "Será que Jesus ressuscitou?". O resultado foi claramente

unilateral. Dos cinco filósofos independentes de diferentes faculdades e universidades que serviram como juizes

do debate, quatro concluíram que Habermas vencera. O quinto declarou a disputa empatada. Nenhum votou em

Flew. Um dos juizes comentou: "Fiquei surpreso (talvez chocado seja a melhor palavra) ao ver como a

estratégia de Flew era fraca [...]. Só me restou esta conclusão: se o questionamento da ressurreição não era mais

120 Bomb victim's body not in grave, *Chicago Tribune,* 14 Jan. 1998.

121 MARTIN, *The case against Christianity,* p. 87.

forte que este de Antony Flew, estava na hora de começar a levar a ressurreição a sério".122

Um dos outros cinco juizes profissionais que avaliaram as técnicas de

argumentação dos contendores

(nas quais Habermas também foi o vencedor) viu-se compelido a escrever: "Concluí que as evidências

históricas, apesar de falhas, são suficientemente fortes para levar mentes razoáveis a concluir que Cristo

realmente ressuscitou [...]. Habermas trouxe mesmo 'evidências altamente prováveis' da historicidade da

ressurreição, 'sem evidências naturalistas plausíveis contra ela'. Por isso Habermas, na minha opinião, venceu o

debate".123

Depois de obter seu doutorado em filosofia na Michigan State University, onde escreveu sua dissertação

sobre a ressurreição, Habermas obteve o grau de doutor em teologia do Emmanuel College em Oxford, na

Inglaterra. Escreveu sete livros que tratam da ressurreição de Jesus.

Além disso, ele foi co-editor de *In defense of miracles* e contribuiu com *Jesus underfire* e *Living your*

faith: closing the gap between mind and heart.

Seus mais de cem artigos foram publicados em jornais (como o *Saturday Evening Post),* revistas (como

Faith and Philosophy e *Religious Studies)* e livros de referência (por exemplo, *The Baker dictionary of*

theology). Também foi presidente da Evangelical Philosophical Society.

Não quero dar a entender, pela descrição inicial, que Habermas é combativo mais que o necessário; na

conversa informal, ele é amável e retraído. Apenas não desejo estar no lado

adversário ao dele em um jogo de

hóquei — ou em uma discussão. Ele possui um radar inato que o ajuda a ir direto aos pontos vulneráveis dos

seus opositores. Mas tem seu lado terno, que eu descobriria, de modo inesperado, antes do fim da nossa

entrevista.

Encontrei Habermas em seu escritório bem organizado na Liberty University, onde é atualmente

professor titular e diretor do Departamento de Filosofia e Teologia, bem como coordenador do programa de

mestrado em apologética. A sala, com seus arquivos de aço escuros, mesa de metal com tampo de imitação de

madeira, carpete gasto e cadeiras dobráveis para as visitas, certamente não é um lugar vistoso. Como o seu

ocupante, a sala é despretensiosa.

"Pessoas mortas não fazem isso"

Habermas, sentado atrás da sua escrivaninha, arregaçou as mangas da camisa, enquanto eu ligava meu

gravador e começava nossa entrevista.

— É verdade — comecei, direto como no tribunal — que não existe absolutamente nenhuma

testemunha ocular da ressurreição de Jesus?

— Você está certíssimo: não existem relatos descritivos da ressurreição — Habermas replicou,

admitindo o que pode surpreender pessoas que têm um conhecimento apenas superficial do assunto. — Quando

eu era jovem, li um livro de CS. Lewis em que ele afirmava que o Novo Testamento não diz nada sobre a

ressurreição. Escrevi um grande *Não!* na margem. Então entendi o que ele estava dizendo: ninguém estava

sentado dentro do túmulo para ver o corpo começar a se mexer, pôr-se de pé, tirar as faixas de linho e dobrá-las,

empurrar a pedra, afugentar os guardas e ir embora.

Pareceu-me que isso poderia dar lugar a alguns problemas.

— Isso não põe em xeque seu esforço para estabelecer que a ressurreição é um fato histórico? —

perguntei.

Habermas empurrou sua cadeira para trás para ficar mais confortável.

— Não, isso não afeta a questão nem um centímetro, por-, que ciência versa sobre causas e efeitos. Não

vemos dinossauros; estudamos os fósseis. Podemos não saber como uma doença surge, mas estudamos seus

sintomas. Talvez ninguém tenha visto um crime, mas a polícia reúne as evidências depois do fato.

Após uma pausa, prosseguiu:

— Portanto, é assim que encaro as evidências da ressurreição. Em primeiro lugar, Jesus morreu na cruz?

E, em segundo lugar, ele apareceu depois a outras pessoas? Se conseguir determinar essas duas coisas, você

provou seu argumento, porque pessoas mortas não costumam fazer isso.

Os historiadores concordam que há muitas evidências de que Jesus foi crucificado, e o dr. Alexander

Metherell demonstrou em um capítulo anterior que Jesus não poderia ter sobrevivido aos rigores daquela

execução. Isso nos deixa com a segunda parte da questão: Jesus realmente apareceu mais tarde?

— Que evidências temos de que alguém o viu? — perguntei.

122 Gary HABERMAS & Anthony FLEW, *Did Jesus rise from the dead?* The resurrection debate, San Francisco, Harper & Row, 1987, p.

14.

123 Ibid., p. 15.

— Começarei com evidências que praticamente todos os estudiosos críticos aceitam — disse ele,

abrindo a Bíblia à sua frente. — Ninguém questiona que Paulo escreveu 1Coríntios, e ali ele afirma duas vezes

o que encontrou o Cristo ressurreto pessoalmente. Ele diz em 1Coríntios 9.1: "Não sou apóstolo? Não vi Jesus,

nosso Senhor?" E em 15.8: "Depois destes apareceu também a mim".

Constatei que esta última citação foi acrescentada ao credo da igreja antiga que Craig Blomberg e eu já

tínhamos estudado. Como William Lane Craig mostrou, a primeira parte do credo (v. 3,4) se refere à execução,

sepultamento e ressurreição de Jesus.

A parte final do credo (v. 5-8) trata das suas aparições após a ressurreição: " [Cristo] apareceu a Pedro e

depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda

vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a

todos os apóstolos". No

versículo 8, Paulo emenda: "Depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora do tempo".

Tomando o texto pelo que diz, isso é um testemunho incrivelmente influente de que Jesus apareceu vivo

depois da sua morte. Temos nomes de indivíduos e grupos de pessoas específicas que o viram, anotados quando

ainda era possível conferir com eles a veracidade da afirmação. Como eu sabia que este credo era básico para

determinar a ressurreição de Jesus, decidi submetê-lo a uma análise mais profunda. Por que os historiadores têm

certeza de que se trata de um credo? Até que ponto ele é confiável? Quão antigo é ele?

— O senhor se importa se eu lhe fizer um interrogatório sobre esse credo? — perguntei a Habermas.

Ele fez um gesto com a mão, como que me convidando a entrar.

— Por favor — disse ele, educadamente —, vá em frente.

"Convença-me de que isso é um credo"

Inicialmente eu queria saber por que Habermas, Craig, Blomberg e outros estão convictos de que essa

passagem é um credo da igreja antiga, e não meras palavras de Paulo, que escreveu a carta à igreja de Corinto,

da qual ele fazia parte. Meu desafio para Habermas foi simples e direto:

— Convença-me que isto é um credo.

— Bem, posso lhe dar várias razões sólidas. Em primeiro lugar, Paulo apresenta o trecho com as

palavras "recebi" e "transmiti", que são termos rabínicos que indicam a transmissão de uma tradição. Em

segundo lugar — continuou Habermas, olhando para sua mão enquanto separava um dedo por vez, para

enfatizar cada ponto —, o paralelismo do texto e seu conteúdo estilizado mostram que se trata de um credo. Em

terceiro lugar, o texto original usa *Cefas* para Pedro, que é seu nome aramaico. Na verdade, o próprio uso do

aramaico indica uma origem muito antiga. Em quarto lugar, o credo contém diversas outras expressões antigas

que Paulo não usava costumeiramente, como "aos Doze", "no terceiro dia", "ressuscitou" e outros. Em quinto

lugar, certas palavras são usadas no estilo de narrativa do aramaico e do hebraico da *Mishná.*

Os dedos da mão acabaram, e Habermas levantou os olhos para mim.

— Devo continuar? — perguntou.

— Sim, sim — respondi. — O senhor está dizendo que estes fatos convencem você, um cristão

evangélico conservador, de que esse é um credo antigo.

Habermas pareceu um pouco ofendido por essa observação, admito, provocadora.

— Não são apenas os cristãos conservadores que estão convencidos disso — ele insistiu, indignado. —

Essa é uma constatação partilhada por estudiosos de um amplo espectro teológico. O destacado pesquisador

Joachim Jeremias chama esse credo "de "a tradição mais antiga de todas", e

Ulrich Wilckens diz que ele

"indubitavelmente remonta à fase mais antiga da história inicial do cristianismo".

Isso suscitou a pergunta sobre o quão antigo o credo era:

— Que data lhe pode ser atribuída? — perguntei.

— Sabemos que Paulo escreveu 1Coríntios entre 55 e 57 d.C. Em 1Coríntios 15.1-4, ele diz que

transmitira anteriormente o credo à igreja em Corinto, o que significa que ele deve ser anterior à sua estada ali,

no ano 51. Portanto, o credo estava em uso menos de 20 anos após a ressurreição de Jesus, que é uma data bem

antiga. No entanto, posso concordar com os vários estudiosos que o colocam ainda antes, entre dois e oito anos

após a ressurreição de Jesus, ou seja, entre 32 e 38, sendo que Paulo o recebeu ou em Damasco ou em

Jerusalém. Portanto, esse material é incrivelmente antigo, um testemunho dos primórdios, sem floreios, de que

Jesus apareceu vivo a céticos como Paulo e Tiago, assim como a Pedro e aos demais discípulos.

— Contudo — protestei —, não se trata, na verdade, de um relato de primeira mão. Paulo está passando

uma lista de segunda ou terceira mão. Isso não diminui seu valor como prova?

Não para Habermas.

— Não esqueça que Paulo afirma que Jesus também apareceu a ele pessoalmente, portanto seu

testemunho é de primeira mão. E Paulo não repassou simplesmente uma lista de estranhos da rua. A opinião

dominante é que ele a recebeu diretamente das testemunhas oculares Pedro e Tiago e tomou todos os cuidados

para confirmar sua exatidão.

Essa era uma afirmação forte.

— Como o senhor sabe isso? — perguntei.

— Concordo com os estudiosos que crêem que Paulo recebeu esse material três anos após sua

conversão, quando fez uma viagem a Jerusalém, onde se encontrou com Pedro e Tiago. Paulo descreve essa

viagem em Gálatas 1.18,19, onde usa uma palavra grega muito interessante: *historeo.*

Eu não estava familiarizado com o sentido da palavra.

— Por que isso é significativo?

—Porque essa palavra indica que Paulo não apanhou simplesmente algo que estava no ar quando se

encontrou com eles. Mostra que ele fez uma investigação. Paulo fez o papel de pesquisador, alguém que está

conferindo cuidadosamente os dados. Portanto, o fato de Paulo confirmar pessoalmente os detalhes com duas

testemunhas oculares que são mencionadas especificamente no credo (Pedro e Tiago) lhe confere um peso

extra. Um dos poucos judeus estudiosos do Novo Testamento, Pinchas Lapide, diz que as evidências que

sustentam o credo são tão fortes que ele "pode ser considerado a declaração de uma testemunha ocular".

Antes de eu poder interromper, Habermas acrescentou:

— E um pouco mais adiante, em 1Coríntios 15.11, Paulo enfatiza que os outros apóstolos pregavam o

mesmo evangelho, a mesma mensagem da ressurreição. Isso quer dizer que a testemunha ocular Paulo está

dizendo exatamente a mesma coisa que as testemunhas oculares Pedro e Tiago.

Tive de admitir: tudo isso soava muito convincente. Mesmo assim, eu ainda tinha algumas reservas em

relação ao credo, e não queria que as afirmações confiantes de Habermas me impedissem de ir mais fundo.

O mistério dos 500 irmãos

O credo em 1Coríntios 15 é o único lugar na literatura antiga em que se afirma que Jesus apareceu a 500

pessoas ao mesmo tempo. Os evangelhos não confirmam o fato. Nenhum historiador secular o menciona. Para

mim, isso acende uma luz amarela.

— Se tal fato aconteceu realmente, por que ninguém mais fala sobre o assunto? — perguntei a

Habermas. — Era de imaginar que os apóstolos o citassem como prova em todo lugar que fossem. O ateu

Michael Martin diz: "Temos de concluir que é extremamente improvável que esse incidente realmente tenha

acontecido" e que isso, portanto, "indiretamente lança dúvidas sobre Paulo como fonte confiável".124

A observação irritou Habermas.

— Bem, é uma grande tolice dizer que isso lança dúvidas sobre Paulo — ele replicou, parecendo

surpreso e revoltado por alguém afirmar uma coisa dessas. — Quero dizer, dê-me um tempo! Em primeiro

lugar, mesmo que apenas uma fonte registre o fato, acontece que essa é a passagem mais antiga e mais bem

confirmada de todas! Isso tem *algum* valor. Em segundo lugar, Paulo, ao que parece, tinha uma ligação próxima

com essas pessoas. Ele diz: "A maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido". Paulo ou

conhecia algumas dessas pessoas ou foi informado por alguém que as conhecia e sabia que ainda estavam por

aí, dispostas a ser entrevistadas. Agora, pare e pense um pouco: você nunca incluiria essa frase a não ser que

tivesse confiança absoluta de que essas pessoas confirmariam que realmente viram Jesus vivo. Em outras

palavras, Paulo estava praticamente convidando os interlocutores a verificarem por si mesmos! Ele não teria

dito isso se não tivesse certeza do apoio das testemunhas. Em terceiro lugar, se você tem apenas uma fonte,

pode perguntar: "Por que não há outras?". Mas você não pode dizer: "Esta única fonte é tão fraca que ninguém

mais quis citá-la". Você não pode desvalorizar essa fonte assim, sem mais nem menos. Portanto, isso não lança

nenhuma dúvida sobre Paulo. Acredito que Martin gostaria muito de fazer isso, mas não pode fazê-lo

legitimamente. Esse é um exemplo de como alguns críticos querem sempre ter razão. Via de regra, eles

difamam os relatos da ressurreição de Jesus nos evangelhos em favor de Paulo,

já que ele é considerado a

autoridade principal. Nessa questão, porém, eles duvidam de Paulo baseando-se em textos em que não confiam!

O que isso nos diz sobre a metodologia deles?

Eu ainda tinha dificuldades para visualizar a aparição de Jesus para uma multidão tão grande.

— Onde esse encontro com 500 pessoas pode ter acontecido? — perguntei.

— Bem, no interior da Galiléia — Habermas especulou. — Se Jesus pôde alimentar 5 mil, também pôde

pregar para 500. Mateus diz que Jesus apareceu no alto de um monte; pode muito bem ser que não somente os

11 discípulos estivessem ali.

124 MARTIN, *The case against Christianity*, p. 90.

Imaginando a cena, ainda não conseguia compreender por que ninguém mais falou desse evento.

— Não seria de se esperar que o historiador Josefo mencionasse algo dessa magnitude?

— Não, acho que isso não seria provável. Josefo escreveu 60 anos mais tarde. Durante quanto tempo

histórias locais circulam, até começar a desaparecer? — Habermas perguntou. — Portanto, ou Josefo não

conhecia esses fatos, o que é possível, ou decidiu não mencioná-los, o que faria sentido, pois sabemos que ele

não era um seguidor de Jesus. Não se pode esperar que Josefo defendesse evidências em favor dele.

Como não respondi logo, Habermas continuou.

— Veja, eu adoraria ter cinco fontes como essa. Mas não tenho. O que eu tenho é uma fonte excelente

— um credo tão bom que o historiador alemão Hans von Campenhausen disse: "Este relato atende a todas as

exigências da confiabilidade histórica que se pode requerer de um texto como este". Além disso, você não

precisa depender da referência aos 500 para comprovar a ressurreição de Jesus. Eu geralmente nem a uso.

A resposta de Habermas tinha a sua lógica. Contudo, havia ainda outro aspecto do credo que me

incomodava. Ele diz que Jesus apareceu primeiro a Pedro, enquanto João disse que a primeira pessoa a quem

ele se mostrou foi Maria Madalena. Na verdade, o credo não menciona nenhuma mulher, apesar do destaque

que elas recebem nas narrativas dos evangelhos.

— Essas contradições não põem em dúvida sua credibilidade? — perguntei.

— De forma alguma — foi sua resposta. — Antes de qualquer coisa, olhe o credo com atenção: ele não

diz que Jesus apareceu *primeiro* a Pedro. Ele apenas coloca o nome de Pedro no começo da lista. E como as

mulheres não eram consideradas competentes como testemunhas na cultura judaica do século I, não é de

surpreender que não sejam mencionadas aqui. No contexto do século I, o testemunho delas não teria peso

algum. Portanto, colocar Pedro em primeiro lugar indica prioridade lógica, e não prioridade cronológica.

Fez uma pausa e concluiu:

— Mais uma vez a credibilidade do credo continua intacta. Você levantou algumas questões, mas não

concorda que elas não conseguem minar as evidências persuasivas de que o credo é antigo, livre de

contaminação lendária, sem ambigüidades, específico e, em última análise, baseado em relatos de testemunhas

oculares?

Somando tudo isso, fui forçado a concordar que ele estava certo. O peso das evidências comprova de

modo claro e convincente que o credo é uma prova muito forte das aparições de Jesus depois da ressurreição.

Tão forte que William Lane Craig, o especialista em ressurreição que entrevistei no capítulo anterior,

disse que Wolfhart Pannenberg, talvez o maior teólogo sistemático vivo hoje, "zombou da teologia alemã

moderna, cética, construindo toda sua teologia precisamente sobre as evidências históricas da ressurreição de

Jesus fornecidas pela lista de aparições de Paulo".125

Satisfeito com a confiabilidade essencial do credo de 1Coríntios, senti que estava na hora de estudar os

quatro evangelhos, que narram com mais detalhes as várias aparições de Jesus depois da ressurreição.

O testemunho dos evangelhos

Comecei essa linha de investigação pedindo a Habermas que descrevesse as aparições de Jesus após a

ressurreição em Mateus, Marcos, Lucas e João.

— Há várias aparições diferentes a muitas pessoas diferentes nos evangelhos e em Atos: algumas a

indivíduos, outras a grupos, às vezes dentro de casa, outras vezes fora, a pessoas receptivas como João e a

céticas como Tomé — começou Habermas.— Algumas vezes as pessoas tocavam em Jesus ou comiam com

ele, e os textos ensinam que ele estava fisicamente presente. As aparições ocorreram durante várias semanas. E

há bons motivos para confiar nesses relatos: por exemplo, faltam neles muitas tendências míticas típicas.

— O senhor pode relacionar essas aparições para mim? De memória, Habermas mencionou-as pela

ordem. Jesus

apareceu a:

• Maria Madalena, em João 2 0.10-18;

• outras mulheres, em Mateus 28.8-10;

• Cleopas e outro discípulo na estrada para Emaús, em Lucas 24.13-32;

• 11 discípulos e outras pessoas, em Lucas 24.33-49;

• dez apóstolos e outros discípulos, sem a presença de Tome, em João 20.19-23;

• Tomé e os outros apóstolos, em João 20.26-30;

• sete apóstolos, em João 21.1-14;

• todos os discípulos, em Mateus 28.16-20;

125 CRAIG, *The Son rises*, p. 125.

• todos os apóstolos no monte das Oliveiras antes da ascensão, em Lucas 24.50-52 e Atos 1.4-9.

— É particularmente interessante — acrescentou Habermas — que C. H. Dodd, famoso professor da

Universidade de Cambridge, tenha estudado com cuidado essas aparições e concluído que várias delas se

baseiam em material especialmente antigo, como o encontro de Jesus com as mulheres em Mateus 28.8-10, seu

encontro com os 11 apóstolos quando ele lhes deu a Grande Comissão em Mateus 28.16-20 e sua reunião com

os discípulos em João 20.19-23, quando ele lhes mostrou suas mãos e seu lado.

Temos, portanto, uma riqueza de informações de pessoas que viram Jesus. Não foram apenas uma ou

duas pessoas que observaram uma sombra de passagem. Houve aparições repetidas a numerosas pessoas, e

várias delas foram confirmadas em mais de um evangelho ou pelo credo de 1Coríntios 15.

— Existe mais alguma comprovação? — perguntei.

— É só olhar em Atos — respondeu Habermas, referindo-se ao livro do Novo Testamento que registra o

início da igreja. — Não somente aparições de Jesus são mencionadas várias vezes, como também são

fornecidos detalhes, de modo que encontramos em quase cada contexto o tema

de que os discípulos são

testemunhas dessas coisas. A chave é que vários relatos em Atos 1—5, 10 e 13 contêm credos como o de

1Coríntios 15, registrando algumas informações muito antigas referentes à morte e ressurreição de Jesus.

Com isso Habermas apanhou um livro e leu a conclusão de John Drane:

As evidências mais antigas que temos da ressurreição quase com certeza remontam à época imediatamente posterior àquela

em que se supõe que o evento sucedeu. Estas evidências estão contidas nos primeiros sermões em Atos dos Apóstolos [...]. Não pode

haver dúvida de que, nos primeiros capítulos de Atos, seu autor preservou material de fontes muito antigas. **126**

De fato, Atos está cheio de referências às aparições de Jesus. O apóstolo Pedro foi especialmente

categórico quanto a isso. Ele diz em Atos 2.32: "Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas

desse fato". E repete em Atos 3.15: "Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós

somos testemunhas disso". Pedro confirma a Cornélio em Atos 10.41 que ele e outros comeram e beberam com

ele "depois que ressuscitou dos mortos".

Sem ficar para trás, Paulo disse em um recurso registrado em Atos 13.31: "Por muitos dias, [ele] foi

visto por aqueles que tinham ido com ele da Galiléia para Jerusalém. Eles agora são testemunhas dele para o

povo".

Habermas asseverou:

— A ressurreição de Jesus foi com certeza o centro da pro-clamação dos primeiros cristãos, desde o

começo. Eles não apenas endossavam os ensinos de Jesus; estavam convictos de que o tinham visto vivo depois

da crucificação. Foi *isso* o que mudou a vida deles e deu início à igreja. Certamente, já que essa era sua

convicção mais central, devem ter se certificado totalmente que ela era verídica.

Todas as evidências nos evangelhos e em Atos — incidente após incidente, testemunho após

testemunho, detalhe após detalhe, comprovação sobre comprovação — são extremamente impressionantes.

Tentei, mas não consegui lembrar nenhum outro evento da história antiga tão bem atestado.

Havia mais uma questão que tinha de ser levantada, relacionada ao evangelho que a maioria dos

estudiosos crê ter sido o primeiro relato da vida de Jesus a ser escrito.

A conclusão que falta em Marcos

Quando comecei a investigar a ressurreição, deparei-me com um comentário intrigante no rodapé da

minha Bíblia: "Os manuscritos bíblicos mais confiáveis e antigos e outros documentos antigos não contêm

Marcos 16.9-20". Em outras palavras, a maioria dos estudiosos acredita que o evangelho de Marcos termina em

16.8, depois que as mulheres encontraram o túmulo vazio, mas sem Jesus ter aparecido vivo a nenhuma pessoa.

Isso me deixou perplexo.

— Não o incomoda que o evangelho mais antigo não registre nenhuma aparição de Jesus depois da

ressurreição? — perguntei a Habermas.

Pelo contrário, ele nem pareceu se incomodar.

— Não tenho nenhum problema com isso — ele disse. — É claro que seria interessante se ele tivesse

incluído uma lista de aparições, mas tenho algumas coisas para você pensar. Mesmo que Marcos termine em

16.8, o que não é aceito por todos, você ainda tem sua afirmação de que o túmulo estava vazio e um jovem

exclamando: "Ele ressuscitou!" e dizendo às mulheres que haverá aparições. Assim você tem, primeiro, a

126 John DRANE, *Introducing the New Testament*, San Francisco, Harper & Row, 1986, p. 99.

proclamação de que a ressurreição aconteceu, e, segundo, a predição de que se seguirão aparições. Você pode

chegar ao fim de um capítulo de novela e dizer: "Não acredito que o autor não mostrou cenas do próximo

capítulo!", mas você não pode dizer: "O autor não acredita no próximo capítulo". Marcos sem sombra de dúvida

acredita. É evidente que ele crê que a ressurreição de Jesus aconteceu. Ele termina seu livro mostrando que as

mulheres são informadas de que Jesus aparecerá na Galiléia, e mais tarde outros confirmarão que ele o fez.

De acordo com a tradição da igreja, Marcos foi companheiro de Pedro, que foi

testemunha ocular.

— Não é estranho — perguntei — que Marcos não mencione que Jesus apareceu a Pedro, se ele o fez?

— Marcos não menciona aparição alguma, por isso não é estranho que Pedro não seja relacionado — foi

sua resposta. — Todavia, observe que Marcos põe Pedro em evidência. Em 16.7, ele diz: "Vão e digam aos

discípulos dele e a Pedro: Ele está indo adiante de vocês para a Galiléia. Lá vocês o verão, como ele lhes disse".

Isso concorda com 1Coríntios 15.5, que confirma que Jesus apareceu a Pedro, e com Lucas 24.34, outro credo

antigo, que diz: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!", que é Pedro. Portanto, o que Marcos

predisse sobre Pedro cumpriu-se, e o verificamos, em dois credos antigos e muito confiáveis da igreja, bem

como pelo próprio Pedro em Atos.

Existem alternativas?

Sem dúvida, a quantidade de testemunhos e provas das aparições de Jesus depois da ressurreição é

impressionante. Para dar-lhe a perspectiva: se você fosse chamar cada testemunha a um tribunal para ser

interrogada por apenas 15 minutos, e fizesse isso sem interrupção, você ficaria ocupado do café da manhã de

segunda-feira até o jantar de sexta para ouvir todos. Depois de ouvir 129 horas de testemunhos oculares, quem

poderia ficar sem se deixar convencer?

Como fui jornalista de assuntos legais e cobri dúzias de julgamentos, tanto criminais como civis, tive de

concordar com a afirmação de *sir* Edward Clarke, juiz da suprema corte britânica que fez um estudo legal

completo do primeiro domingo de Páscoa: "Para mim as evidências são conclusivas, e freqüentemente na

suprema corte cheguei a um veredicto com evidências muito menos convincentes. Como advogado, aceito as

evidências dos evangelhos sem reservas, o testemunho de homens confiáveis sobre fatos que eles puderam

comprovar". **127**

Entretanto, será que poderia haver alternativas plausíveis que explicassem de outra forma esses

encontros com o Cristo ressurreto? Será que esses relatos poderiam ser de natureza lendária? Ou será que as

testemunhas poderiam estar alucinadas? Decidi levantar essas questões com Habermas, para obter sua resposta.

Possibilidade 1: As aparições são lendárias

Se for verdade que o evangelho de Marcos, no original, terminou antes dos relatos das aparições, poder-

se-ia argumentar que há um desenvolvimento evolutivo nos evangelhos: Marcos não relata aparições, Mateus

tem algumas, Lucas tem mais e João é o que mais tem.

— Será que isso não demonstra que as aparições não passam de lendas que se formaram com o tempo?

— perguntei.

— Não, e por várias razões — Habermas me garantiu. — Em primeiro lugar, nem todo mundo crê que

Marcos seja o evangelho mais antigo. Há estudiosos, que admito serem minoria, que pensam que Mateus foi

escrito primeiro. Em segundo lugar, mesmo que eu aceite a tese deles como verdadeira, ela só explica que, com

o passar do tempo, se formaram lendas: ela não consegue explicar a convicção fundamental de que Jesus

ressuscitou. *Algo* aconteceu que fez os discípulos tornarem a ressurreição de Cristo o centro da proclamação da

igreja antiga. Lendas não conseguem explicar os relatos iniciais de testemunhas oculares. Em outras palavras,

lendas podem explicar como uma história ficou maior; elas não conseguem explicar como ela se originou ou se

os participantes eram testemunhas oculares e contaram a história desde o começo. Em terceiro lugar, você está

esquecendo que o credo de 1Coríntios 15 é anterior a todos os evangelhos e faz declarações categóricas a

respeito das aparições. Na verdade, a afirmação que contém o maior número, que Jesus foi visto vivo por 500

pessoas ao mesmo tempo, procede dessa fonte primordial! Isso cria problemas para a teoria do desenvolvimento

lendário. As melhores razões para rejeitar a teoria da lenda vêm dos credos antigos que encontramos em

1Coríntios 15 e em Atos, todos anteriores ao material dos evangelhos. E, em quarto lugar, e o túmulo vazio? Se

a ressurreição de Jesus não passasse de uma lenda, o túmulo estaria ocupado.

Contudo, ele estava vazio na

manhã da Páscoa. Isso requer uma hipótese adicional.

127 Michael GREEN, *Christ is risen:* so what?, Kent, Sovereign World, 1995, p. 34.

Possibilidade 2: As aparições foram alucinações

Pode ser que as testemunhas acreditassem seriamente ter visto Jesus. Talvez tenham relatado com

exatidão o que aconteceu. Mas será que poderiam ter uma alucinação que as convenceu de que estavam

encontrando Jesus, quando na verdade isso não aconteceu?

Habermas sorriu com a pergunta.

— Você conhece Gary Collins? — ele perguntou.

A pergunta me pegou de surpresa. Respondi que obviamente o conhecia.

— Estive no escritório dele há poucos dias, para entrevistá-lo para este mesmo livro — eu disse.

— Você acha que ele é qualificado como psicólogo?

— É claro — respondi, impaciente, pois podia ver que ele estava me aprontando alguma coisa. — Ele

fez doutorado, foi professor por 20 anos, escreveu dezenas de livros sobre temas da psicologia, foi presidente de

uma associação nacional dos psicólogos — sim, claro, eu o consideraria qualificado.

Habermas me estendeu uma folha de papel.

— Perguntei a Gary sobre a possibilidade de se tratar de alucinações, e esta é sua opinião profissional —

ele disse.

Passei os olhos no documento.

Alucinações são ocorrências individuais. Pela própria natureza, apenas uma pessoa pode ver uma alucinação em dado

momento. Alucinações não são algo que possa ser visto por um grupo de pessoas. Também não é possível que alguém induza outra

pessoa a ter uma alucinação. E como uma alucinação só existe neste sentido subjetivo, pessoal, é óbvio que outros não podem

testemunhá-la. **128**

— Isso — disse Habermas, — é um grande problema para a teoria da alucinação, pois temos relatos

repetidos de Jesus aparecendo a várias pessoas que contaram a mesma coisa. E há vários argumentos que

demonstram por que alucinações não podem explicar essas aparições. Os discípulos estavam cheios de medo e

dúvidas, em desespero depois da crucificação, ao passo que pessoas que possuem alucinações têm uma mente

fértil, cheia de expectativa.

Pedro era um cabeça-dura, Tiago um cético: certamente não eram bons candidatos a alucinações.

Após uma pausa, ele continuou:

— Além disso, alucinações são bastante raras. Via de regra são causadas por drogas ou privações

físicas. É provável que você não conheça ninguém que já teve uma alucinação que não tenha sido provocada

por uma dessas duas causas. E querem que aceitemos que, durante muitas

semanas, pessoas dos mais diversos

contextos, de todos os tipos de temperamentos, em vários lugares, tiveram alucinações? Será que não estão

forçando a hipótese? Mais ainda: aceitando os relatos dos evangelhos como confiáveis, como você explica o

fato de que os discípulos comeram com Jesus e o tocaram? Como pôde Jesus caminhar com dois deles pela

estrada em direção a Emaús? E o túmulo vazio? Se todo mundo apenas imaginava ter visto Jesus, seu corpo

ainda estaria no túmulo.

Muito bem, pensei, se não foi uma alucinação, talvez tenha sido algo mais sutil.

— Não teria sido esse um exemplo de pensamento grupai, em que as pessoas convencem umas às outras

de que viram algo que não existe? — perguntei. — Michael Martin disse: 'Alguém cheio de zelo religioso pode

ver o que quiser, mesmo o que não existe".129

Habermas riu.

— Sabe, um dos ateus com quem debati, Antony Flew, disse-me que não gosta quando outros ateus

usam esse argumento, porque ele pode ser usado na direção contrária. Suas palavras: "Os cristãos crêem porque

querem, mas os ateus não crêem porque querem!". Na verdade, existem várias razões por que os discípulos não

podem ter convencido uns aos outros. Como a crença na ressurreição era o centro da sua fé, havia muita coisa

em jogo; eles foram até a morte para defendê-la.

E será que alguns não teriam reavaliado o pensamento do grupo mais tarde, de modo a renegá-lo ou

simplesmente cair fora? E o que dizer de Tiago, que não acreditava em Jesus, e de Paulo, que perseguia os

cristãos: quem os teria convencido de ter visto algo? E, mais uma vez, o que dizer do túmulo vazio? Acima de

tudo, essa teoria não explica a linguagem direta com que 1Coríntios 15 e outras passagens falam dos que viram

Jesus. As testemunhas oculares pelo menos estavam convencidas de ter *visto* Jesus vivo, e o pensamento grupai

não explica muito bem esse aspecto.

Habermas fez uma pausa para tirar um livro da estante e concluir seu argumento com uma citação do

destacado teólogo e historiador Carl Braaten: "Mesmo os historiadores mais céticos concordam que, para os

128 Ap. Gary HABERMAS & J. P. MORELAND, *Immortality:* the other side of death, Nashville, Nelson, 1992, p. 60.

129 MARTIN, *The case against Christianity,* p. 75.

primeiros cristãos [...] a ressurreição de Jesus foi um evento real na história, a própria base da fé, e não uma

idéia mítica que brotou da imaginação criativa dos crentes". **130**

— Às vezes — concluiu Habermas — as pessoas se valem de qualquer argumento, tentando explicar as

aparições. Só que nada esclarece melhor as evidências do que a explicação de que Jesus estava vivo.

"Nenhuma dúvida racional"

Jesus foi morto na cruz — Alexander Metherell deixara isso totalmente claro. Seu túmulo estava vazio

na manhã da Páscoa — William Lane Craig não deixara dúvidas quanto a isso. Os discípulos e outras pessoas o

viram, tocaram nele e comeram com ele depois da sua ressurreição — Gary Habermas defendera esse ponto

com evidências abundantes. Como mencionou o notável teólogo britânico Michael Green, "as aparições de

Jesus são tão bem confirmadas como os outros fatos da Antigüidade [...].

Não pode haver dúvida racional de que elas tenham ocorrido e de que a principal razão por que os

cristãos tinham certeza da ressurreição nos primeiros dias foi exatamente esta. Eles podiam dizer com certeza:

'Nós vimos o Senhor'. Eles *sabiam* que era ele". 131

Tudo o que vimos ainda não representa todas as provas. Eu já reservara minha passagem para viajar para

o outro extremo do país, para entrevistar mais um especialista, no último tipo de provas de que a ressurreição de

Jesus foi um evento real da história.

Antes de sair do escritório de Habermas, porém, eu tinha mais uma pergunta, Para ser franco, hesitei em

fazê-la, porque era bastante previsível e eu achava que podia obter uma resposta muito óbvia.

A pergunta dizia respeito à importância da ressurreição de Jesus. Eu pensava que, se perguntasse a

Habermas sobre isso, ele daria a resposta-padrão de que ela é o centro da

doutrina cristã, o eixo em torno do

qual gira a fé cristã. Eu estava certo — ele deu uma resposta-padrão.

O que me surpreendeu foi que isso não foi tudo o que ele disse. Este estudioso calejado, este debatedor

duro e direto, este defensor da fé sempre pronto para a batalha deixou-me olhar dentro de sua alma ao dar uma

resposta que brotara do mais profundo vale de desespero pelo qual ele passara.

A ressurreição de Debbie

Habermas cofiou sua barba, que ia ficando grisalha. A cadência rápida da sua voz e as palavras incisivas

do debatedor desapareceram. Ele deixou de citar estudiosos, parou de citar a Bíblia, não estava mais

defendendo uma tese.

Eu lhe perguntara sobre a importância da ressurreição de Jesus, e Habermas decidiu assumir o risco de

voltar a 1995, quando sua esposa, Debbie, lentamente morrera de câncer no estômago. Apanhado de surpresa

pela intimidade do momento, tudo o que pude fazer foi ouvir.

— Eu me sentei em nossa varanda — ele começou, olhando para o lado, para nada em particular.

Suspirou profundamente e depois continuou. — Minha esposa estava lá em cima, morrendo. Exceto durante as

primeiras semanas, ela passara todo o tempo em casa. Foi uma época terrível. E a pior coisa que pode acontecer

a alguém.

Ele se virou e olhou diretamente em meus olhos.

— Mas você sabe o que foi surpreendente? Meus alunos me telefonavam, não apenas um, mas vários, e

diziam: "Numa hora como essa, o senhor não está feliz com a idéia da ressurreição?". Por mais sérias que

fossem as circunstâncias, tive de sorrir por dois motivos. Primeiro, meus alunos tentavam me animar com meu

ensino. E o segundo é que funcionou. Sentado ali, pensei em Jó, que passou por todas aquelas coisas terríveis e

fez perguntas a Deus, até que Deus virou a mesa e fez algumas perguntas a *ele*. Eu sabia que, se Deus viesse até

mim, eu lhe faria somente uma pergunta: "Senhor, por que Debbie está lá em cima naquela cama?". E acho que

Deus responderia perguntando com carinho: "Gary, eu não ressuscitei o meu Filho?". Eu diria: "Tudo bem,

Senhor. Já escrevi sete livros sobre esse tema! E claro que ele ressuscitou. Eu quero saber é sobre Debbie!".

Acho que o Senhor ficaria retomando sempre a mesma pergunta — "Eu não ressuscitei o meu Filho? Eu não

ressuscitei o meu Filho?" — até que eu entendesse: a ressurreição de Jesus significa que, se Jesus ressuscitou 2

mil anos atrás, há uma resposta para a morte de Debbie em 1995. E quer saber de uma coisa? Essa resposta me

bastou quando estava sentado naquela varanda, e me basta até hoje. Fez uma pausa e prosseguiu:

130 Carl BRAATEN, *History and Hermeneutics*, v. 2 de *New directions in theology today*, org. William Hordern, Philadelphia,

Westminster Press, 1966, ap. HABERMAS & FLEW, *Did Jesus rise from the dead?*, p. 24.

131 Michael GREEN, *The empty cross of Jesus*, Downers Grove, InterVarsity Press, 1984, p. 97, ap. ANKERBERG WELDON, *Knowing the*

truth about the resurrection, p. 22, (grifo do autor).

— Emocionalmente foi uma época terrível para mim, mas não pude fugir do fato de que a ressurreição

de Jesus *é* a resposta para o sofrimento de Debbie. Eu ainda estava angustiado; ainda me perguntava como

criaria quatro filhos sozinho. Mas não houve um só momento em que essa verdade não me confortasse. Perder

minha esposa foi a experiência mais dolorosa por que jamais passei, mas se a ressurreição de Jesus pôde me

ajudar a passar por ela, pode me fazer passar por qualquer outra coisa. Ela serviu para o ano 30 d.C, serviu para

1995, serve para 2002 e servirá para o futuro.

Habermas novamente me olhou nos olhos.

— Isso não é um sermão — ele disse calmamente. — Creio nisso de todo o meu coração. Se existe

ressurreição, existe o céu. Se Jesus ressuscitou, Debbie ressuscitará. E eu também ressuscitarei um dia. Então

verei a ambos.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Habermas reduziu a questão da ressurreição de Jesus a duas perguntas: Jesus morreu mesmo? E depois, foi

visto vivo? Baseado nas evidências até aqui, como você responderia a essas perguntas e por quê?

2. Que influência o credo de 1Coríntios 15 tem em sua conclusão sobre se Jesus foi visto vivo? Quais são suas

razões para concluir que ele é significativo ou não em sua investigação?

3. Gaste alguns minutos para estudar algumas das aparições nos evangelhos citadas por Habermas. Elas soam

como verdade para você? Como você as avaliaria como evidências da ressurreição de Jesus?

4. Habermas falou sobre como a ressurreição de Jesus tinha um sentido pessoal para ele. Você já sofreu a perda

de um ente querido? Como a fé na ressurreição afetaria a maneira como você a encara?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

ANKERBERG, John & WELDON, John. *Ready with an answer.* Eugene, Harvest House, 1997.

GEIVETT, R. Douglas & HABERMAS, Gary R., orgs. *In defense of miracles.* Downers Grove, InterVarsity Press,

1997.

HABERMAS, Gary & FLEW Antony. *Did Jesus rise from the dead?* The resurrection debate. San Francisco,

Harper & Row, 1987.

HABERMAS, Gary & MORELAND J. P. *Beyond death:* exploring the evidence for immortality. Westchester,

Crossway, 1998.

MORISON, Frank. *Who moved the stone?* Grand Rapids, Zondervan, 1987.

PROCTOR, William. *The resurrection report.* Nashville, Broadman & Holman, 1998.



14

A prova circunstancial

Existem fatos secundários

que apontam para a ressurreição?

Nenhuma testemunha viu Timothy McVeigh carregar um caminhão alugado com duas toneladas de

explosivos. Ninguém o viu dirigir o veículo até a frente do prédio federal na cidade de Oklahoma e detonar a

bomba, matando 168 pessoas. Nenhuma câmera de vídeo captou uma imagem dele fugindo da cena do crime.

Contudo, um júri pôde concluir, praticamente sem sombra de dúvida, que McVeigh era culpado do pior

ato terrorista interno na história dos Estados Unidos. Por quê? Porque, fato por fato, prova por prova,

testemunha por testemunha, os promotores usaram evidências circunstanciais para fechar uma acusação

impermeável contra ele.

Nenhuma das 137 pessoas chamadas ao banco das testemunhas vira McVeigh cometer o crime, mas o

testemunho delas proveu evidências indiretas da sua culpa: um comerciante viu McVeigh alugar o caminhão,

um amigo disse que McVeigh falou em explodir aquele prédio de raiva do governo, e um cientista disse que as

roupas de McVeigh continham resíduos de pólvora quando ele foi preso.

Os promotores reforçaram isso com mais de 700 provas materiais, desde recibos de hotéis e de taxistas

até telefonemas, uma chave de caminhão e a nota fiscal de um restaurante chinês. Durante 18 dias eles

habilmente teceram uma rede convincente de evidências da qual McVeigh não conseguiu se desvencilhar.

O testemunho de pessoas é chamado de evidência indireta porque elas, sob juramento, descrevem como

pessoalmente viram o acusado cometer o crime. Isso com freqüência é convincente, mas às vezes pode estar

sujeito a recordações distorcidas, preconceitos e até invenção descarada. Em contraste, a prova circunstancial é

composta de fatos indiretos dos quais se pode tirar conclusões racionais.132 Seu efeito cumulativo pode ser tão

forte quanto os relatos das testemunhas oculares — e às vezes é até mais significativo.

Timothy McVeigh pode ter pensado que cometera o crime perfeito ao evitar testemunhas oculares, mas

mesmo assim acabou no corredor da morte e foi executado, por causa de fatos circunstanciais que apontaram

para ele de modo tão devastador como uma testemunha de primeira mão.

Depois de estudar as evidências persuasivas do túmulo vazio e os relatos das testemunhas oculares do

Jesus ressurreto, estava na hora de procurar as evidências circunstanciais que poderiam embasar o argumento

em favor da ressurreição de Jesus. Eu sabia que, se um evento tão extraordinário como a sua ressurreição tinha

acontecido realmente, a história deveria estar repleta de evidências indiretas que a apoiariam.

Essa busca me levou mais uma vez ao Sul da Califórnia, desta vez ao escritório de um professor que

conjuga de modo magistral a especialização em história, filosofia e ciência.

Décima terceira entrevista: J. P. Moreland, Ph.D.

Os cabelos brancos de J. P. Moreland, seu bigode grisalho e seus óculos de aros dourados faziam-no

parecer um pouco mais velho que seus 50 anos.

Ele, porém, está cheio de energia. Falou em tom animado e entusiasmado, com freqüência inclinando-se

para frente em sua cadeira giratória para enfatizar o que está dizendo, na verdade erguendo-se um pouco às

vezes, como se fosse dar um pulo e me esganar com seus argumentos.

— Eu adoro este assunto — ele exclamou durante um breve intervalo, a única vez durante a nossa

conversa em que ele afirmou o óbvio.

A mente altamente organizada de Moreland trabalha de modo tão sistemático, tão lógico, que ele parece

montar sem esforço sua argumentação, em frases completas e parágrafos inteiros, sem desperdiçar palavras ou

incluir pensamentos estranhos ao assunto, em um texto pronto para ser revisado e impresso. Quando meu

gravador parava, ele fazia uma pausa, dando-me tempo para inserir uma nova fita, para depois retomar

exatamente onde parará, sem perder o ritmo.

132 *BLACK, Black's law dictionary*, p. 221.

Embora Moreland seja um filósofo bastante conhecido (com um doutorado da Universidade do Sul da

Califórnia) e se sinta à vontade ao navegar pelos mundos conceituais de Kant e Kierkegaard, ele não habita

exclusivamente no abstrato. Sua origem na ciência (ele é bacharel em química pela Universidade do Missouri) e

seu domínio da história (como ficou demonstrado em seu excelente livro *Scaling the secular city)* ancoram-no

no mundo real e o impedem de flutuar para o pensamento puramente etéreo.

Moreland, que também é mestre em teologia do Dallas Theological Seminary, atualmente é professor na

Talbot School of Theology, onde leciona no curso de mestrado em filosofia e ética.

Seus artigos foram publicados em mais de 30 revistas profissionais, como American *Philosophical*

Quarterlys, Metaphilosophy e *Philosophy and Phenomenological Research.* Ele também escreveu, foi co-autor

ou editou mais de uma dezena de livros.

Sentado com Moreland em seu escritório pequeno mas aconchegante, eu já sabia que a evidência

circunstancial é plural, e não singular. Em outras palavras, ela é construída pedra por pedra até haver um

alicerce firme sobre o qual podem-se erguer conclusões confiantemente.

Assim, comecei nossa entrevista com um desafio direto:

— O senhor pode me dar cinco peças de provas circunstanciais que o convencem de que Jesus

ressuscitou?

Moreland ouviu minha pergunta com atenção.

— Cinco exemplos? — ele inquiriu. — Cinco coisas que não são discutidas por ninguém?

Fiz que sim com a cabeça. Com isso Moreland empurrou sua cadeira para longe da mesa e aprofundou-

se em sua primeira prova material: a vida transformada dos discípulos, a ponto de estarem prontos a morrer por

sua convicção de que Jesus ressuscitara.

Prova n.° 1: Os discípulos morreram por suas crenças

— Quando Jesus foi crucificado — Moreland começou —, seus seguidores estavam desanimados e

deprimidos. Eles não tinham mais certeza de que Jesus fora enviado por Deus, porque criam que toda pessoa

crucificada era amaldiçoada por Deus. Eles também tinham recebido o ensino de que Deus não deixaria seu

Messias passar pela morte. Assim, se dispersaram. O movimento de Jesus fora detido no nascedouro.

Após breve pausa, prosseguiu:

— Então, depois de um curto período de tempo, nós os vemos abandonando suas ocupações, reunindo-

se e dedicando-se a espalhar uma mensagem bem específica: que Jesus Cristo era o Messias de Deus que

morrera em uma cruz, voltara à vida e fora visto vivo por eles. E eles estavam dispostos a passar o resto da sua

vida proclamando isso, sem nenhuma vantagem de um ponto de vista humano.

Não havia nenhuma mansão

esperando por eles na margem do Mediterrâneo. Enfrentaram uma vida dura. Muitas vezes ficaram sem comer,

dormiram ao relento, foram ridicularizados, surrados, aprisionados. E, por fim, a maioria deles foi executada em

meio a torturas. Por quê? Por boas intenções? Não, antes, é porque eles estavam convictos sem sombra de

dúvida de que tinham visto Jesus Cristo vivo depois de morto. Você não consegue explicar como esse grupo

específico de homens se levantou com essa convicção peculiar sem terem uma experiência com o Cristo

ressurreto. Não existe outra explicação adequada. Interrompi-o com um "sim, mas...":

— Sim — concordei —, eles estavam prontos para morrer por suas convicções. Mas — acrescentei — o

mesmo têm feito muçulmanos, mórmons e os seguidores de Jim Jones e David Koresh. Isso pode mostrar que

eles eram fanáticos, mas, sejamos sinceros: não prova que aquilo em que eles criam era verdadeiro.

— Espere aí; pense com cuidado na diferença — Moreland insistiu, girando a cadeira para me olhar de

frente, com os dois pés firmes no chão. — Os muçulmanos podem estar dispostos a morrer por sua convicção

de que Alá se revelou a Maomé, mas essa revelação não foi feita de modo publicamente observável. Eles

podem estar enganados. Podem crer sinceramente que isso é verdade, mas não podem ter certeza, porque não

presenciaram eles mesmos o fato. Por outro lado, os apóstolos estavam dispostos a morrer por algo que tinham

visto com os próprios olhos e tocado com as próprias mãos. Estavam na posição única de não apenas crer que

Jesus ressuscitou, mas de saber que era verdade. E se você tem 11 pessoas dignas de crédito, sem segundas

intenções, sem nada a ganhar e muito a perder, todas concordando em ter visto algo com os próprios olhos, vai

ser difícil achar outra explicação para isso.

Sorri porque eu bancara o advogado do Diabo ao levantar a minha objeção. Na verdade, eu sabia que ele

estava certo. De fato, essa distinção crítica era central em minha jornada espiritual.

A mim tinha sido dito o seguinte: há pessoas que morrem por suas convicções religiosas se crerem

sinceramente que são verdadeiras, mas ninguém morre por convicções religiosas que sabe serem falsas.

A maioria das pessoas pode apenas ter fé que suas convicções são verdadeiras, mas os discípulos tinham

condições de saber com certeza absoluta que Jesus ressuscitou. Eles afirmaram tê-lo visto, conversado e comido

com ele. Se não tivessem certeza absoluta, não se deixariam torturar até a morte pela proclamação da

ressurreição de Jesus. **133**

— Está bem, deste ponto você me convenceu — eu disse.

— O que mais você tem?

Prova n.° 2: A conversão dos céticos

— Outra prova circunstancial — Moreland continuou — é que havia determinados céticos, que não

acreditavam em Jesus antes da sua crucificação e eram, até certo ponto, inimigos do cristianismo, que deram

meia-volta e abraçaram a fé cristã depois da morte de Jesus. Não há bons motivos para isso, a não ser que

tenham experimentado o Cristo ressurreto.

— É evidente que o senhor está falando de Tiago, o irmão de Jesus, e Saulo de Tarso, que veio a ser o

apóstolo Paulo — comentei. — Mas o senhor tem realmente uma evidência aceitável de que Tiago

anteriormente era cético?

— Tenho, sim — confirmou ele. — Os evangelhos nos contam que os familiares de Jesus, incluindo

Tiago, sentiam-se pouco à vontade com quem ele dizia ser. Eles não acreditavam nele; confrontavam-no. No

judaísmo antigo, era muito embaraçoso quando a família de um rabino não o aceitava. Por isso, os escritores

dos evangelhos não teriam motivos para inventar esse ceticismo, se ele não fosse verídico.

Mais tarde, o historiador Josefo nos conta que Tiago, o irmão de Jesus, que se tornara líder da igreja de

Jerusalém, foi apedrejado até morrer pelo fato de crer em seu irmão. Por que a vida de Tiago mudou? Paulo nos

diz: Jesus ressurreto lhe apareceu. Não existe outra explicação.

De fato, nenhuma outra veio à minha mente.

— E Saulo? — perguntei.

— Como fariseu, ele odiava tudo o que ameaçasse as tradições do povo judeu. Para ele, aquele novo

movimento contrário chamado cristianismo seria o auge da deslealdade. De fato, ele expressou sua frustração

executando cristãos sempre que tinha chance — Moreland replicou. — De repente ele pára de perseguir os

cristãos e se junta a eles! Como isso foi acontecer? Bem, todo mundo concorda que Paulo escreveu a carta aos

Gaiatas, e ele mesmo nos diz nessa carta o que fez com que ele desse uma volta de 180 graus e se tornasse o

principal proclamador da fé cristã. De próprio punho ele escreve que viu o Cristo ressurreto e ouviu-o convocá-

lo para ser seu seguidor.

Eu estava esperando que Moreland chegasse à sua conclusão, para poder desafiá-lo com uma objeção de

Michael Martin, um crítico do cristianismo. Ele disse que, se considerarmos a conversão de Paulo como

evidência da verdade da ressurreição de Cristo, temos de levar em conta a conversão de Maomé ao islamismo

como evidência de que Jesus não ressuscitou, já que os muçulmanos negam isso!

— Basicamente, ele diz que o peso da conversão de Paulo e o valor da conversão de Maomé cancelam

um ao outro como prova — eu disse a Moreland. — Para ser franco, esse parece um bom argumento. O senhor

não concordaria que ele está certo?

Moreland não mordeu a isca.

— Olhemos mais de perto a conversão de Maomé — ele disse em tom confiante. — Ninguém sabe

qualquer coisa sobre ela. Maomé diz ter entrado em uma caverna, onde teve uma experiência religiosa em que

Alá lhe revelou o *Alcorão*. Não há nenhuma testemunha ocular para confirmar isso. Maomé não fez nenhum

sinal miraculoso em público para confirmar coisa alguma. Muitas pessoas podiam ter segundas intenções ao

seguir Maomé, porque nos primeiros anos o islamismo se expandiu em boa parte pela guerra. Os seguidores de

Maomé obtiveram influência política e poder sobre os povoados que foram conquistados e "converteram" todos

ao islamismo pela espada. Contraste isso com as afirmações dos primeiros seguidores de Jesus, incluindo Paulo.

Eles falavam de eventos públicos que outros também tinham presenciado. Eram coisas que tinham acontecido

fora da sua mente, não apenas na cabeça deles. Além disso, quando Paulo escreveu 2Coríntios (o que ninguém

discute), ele lembrou aos seus leitores que fizera milagres quando estivera com eles. Ele certamente não seria

tolo de fazer essa afirmação se eles sabiam que não era verdade.

— Onde o senhor quer chegar? — perguntei.

— Lembre-se de que não se trata simplesmente de Paulo mudar de posição — respondeu ele. — E

preciso explicar como ele chegou a essa mudança específica de convicção, que foi totalmente contra tudo o que

ele aprendera, como ele viu Cristo ressurreto em um acontecimento público que foi testemunhado por outras

pessoas, mesmo que elas não tenham entendido nada; e como ele fez milagres para embasar sua afirmação de

133 V. Josh MCDOWELL, *Mais que um carpinteiro*, 5. ed., Venda Nova, Betânia, 1989, p. 59-69.

que era um apóstolo.

— Está bem, está bem — concordei. — Entendo seu argumento. E é um bom argumento. — Com isso

lhe indiquei que ele podia passar para sua próxima prova.

Prova n.° 3: Mudanças em estruturas sociais fundamentais

A fim de explicar a categoria seguinte de provas circunstanciais, Moreland tinha de dar algumas

informações importantes sobre o contexto cultural judaico.

— No tempo de Jesus, já fazia 700 anos que os judeus estavam sendo perseguidos por babilônios,

assírios, persas, gregos e, então, romanos — Moreland explicou. — Muitos judeus tinham sido espalhados pelo

mundo e viviam fora da sua terra. No entanto, ainda vemos judeus hoje, enquanto não vemos hititas, perizeus,

amonitas, assírios, persas, babilônios e outros povos que viviam na época. Por quê? Porque esses povos, ao

serem conquistados por outras nações, misturaram-se com elas e perderam sua identidade nacional. Por que isso

não aconteceu com os judeus? Porque fazem com que um judeu seja judeu, as estruturas sociais que lhe davam

identidade nacional, eram incrivelmente importantes para eles. Os judeus passavam essas estruturas aos seus

filhos, celebravam-nas em suas reuniões na sinagoga todos os sábados e as praticavam com seus rituais, porque

sabiam que, se não o fizessem, em pouco tempo não haveria mais judeus. Seriam assimilados pelas culturas que

os dominavam. E há mais uma razão por que essas instituições sociais eram tão importantes: Eles acreditavam

que elas lhes tinham sido confiadas por Deus. Acreditavam que, abandonando-as, estariam correndo o risco de

ver sua alma condenada ao inferno após a morte. Fez uma pausa e continuou:

— Agora vem um rabino de nome Jesus de uma região de baixo nível social. Ele ensina durante três

anos, reúne um grupo de seguidores de classe média e baixa, entra em conflito com as autoridades e é

crucificado, assim como outros 30 mil judeus que foram executados no mesmo período. Cinco semanas depois

de ele ser crucificado, porém, mais de 10 mil judeus o estão seguindo, declarando-o iniciador de uma nova

religião. E veja: eles estão dispostos a abrir mão ou a alterar as cinco instituições sociais que, desde a infância,

lhes tinham sido ensinadas como fundamentais em termos sociais e teológicos.

— Portanto, a implicação é que algo importante estava acontecendo — comentei.

Moreland exclamou:

— Algo *muito* importante estava acontecendo!

Uma revolução na vida judaica

Convidei Moreland a passar pelas cinco estruturas sociais e explicar como os seguidores de Jesus as

tinham mudado ou abandonado.

— Em primeiro lugar — ele começou —, eles tinham aprendido desde o tempo de Abraão e Moisés que

precisavam oferecer anualmente sacrifícios de animais para expiar seus pecados. Deus transferiria os pecados

deles para o animal, e seus pecados seriam perdoados, para poderem manter o relacionamento com Deus. De

repente, depois da morte desse carpinteiro de Nazaré, esses judeus deixam de oferecer sacrifícios. Em segundo

lugar, os judeus davam ênfase à obediência às leis que Deus lhes transmitira por meio de Moisés. Na opinião

deles, era isso o que os separava das nações pagas. Pouco tempo depois da morte de Jesus, porém, esses judeus

começaram a dizer que ninguém se torna um membro destacado da sociedade simplesmente obedecendo às leis

de Moisés. Em terceiro lugar, os judeus guardavam escrupulosamente o sábado, no qual não faziam

estritamente nada que não fizesse parte do culto religioso. É assim que ficavam de bem com Deus, garantiam a

salvação da sua família e mantinham a harmonia na nação. Todavia, depois da morte desse carpinteiro de

Nazaré, essa tradição de 1 500 anos é mudada abruptamente. Os cristãos adoram a Deus no domingo. E por

quê? Porque foi nesse dia que Jesus ressuscitou. Em quarto lugar, os judeus criam no monoteísmo: só existe um

Deus. Os cristãos ensinam uma forma de monoteísmo, mas eles dizem que Pai, Filho e Espírito Santo são esse

único Deus. Isso é radicalmente diferente do que os judeus acreditavam. Eles teriam considerado a heresia das

heresias dizer que alguém podia ser Deus e homem ao mesmo tempo. Entretanto, vemos judeus começando a

adorar Jesus como Deus na primeira década da religião cristã. E em quinto lugar, esses cristãos retratavam o

Messias como alguém que sofrerá e morrera pelos pecados do mundo, enquanto os judeus tinham sido

ensinados a crer que o Messias seria um líder político que destruiria os exércitos romanos.

Com esse contexto definido, Moreland partiu para o golpe retórico final, prendendo-me com seu olhar

intenso e inabalável.

— Lee — disse ele —, como explicar que, em um período de tempo tão curto, não apenas um judeu mas

uma comunidade inteira de pelo menos 10 mil judeus estava disposta a desistir desses cinco costumes

fundamentais que lhes tinham servido em termos sociológicos e teológicos durante tantos séculos? A minha

explicação é simples: eles tinham visto Jesus ressuscitado.

O argumento de Moreland era extremamente convincente, mas eu via um problema para muitas pessoas

o compreenderem hoje em dia. Eu lhe disse que é muito difícil que os cidadãos do século xxi entendam a

natureza radical dessa transformação.

— Essas pessoas são volúveis em sua fé — expliquei. — Elas vão e vêm entre crenças cristãs e da Nova

Era. Envolvem-se com o budismo, misturam, combinam e criam a própria espiritualidade. Para elas, fazer o tipo

de mudanças que o senhor mencionou não pareceria grande coisa.

Moreland fez que sim com a cabeça. Ele já devia ter ouvido essa objeção antes.

— Eu perguntaria a uma pessoa como a que você descreveu: "Qual é sua crença mais querida? Que seus

pais são pessoas boas? Que assassinato é imoral? Pense em quão radical algo deve ser para fazê-lo desistir dessa

crença que você preza tanto. Aí estaremos começando a chegar perto". Tenha em mente que aquela era uma

comunidade inteira de pessoas que estão abandonando convicções que lhes eram caras, que lhes tinham sido

transmitidas durante séculos e que eles criam terem vindo do próprio Deus. Elas o estavam fazendo apesar de

colocarem em risco seu bem-estar, e também acreditavam que estavam correndo o risco de ter a alma

condenada ao inferno se estivessem erradas. Além disso, elas não estavam fazendo isso porque tinham

descoberto idéias melhores. Estavam muito contentes com as tradições antigas.

Desistiram delas porque tinham

visto milagres que não conseguiam explicar e que os forçaram a ver o mundo de outro modo.

— Nós, ocidentais, gostamos de mudanças tecnológicas e sociológicas — observei. — Tradições não

significam tanto assim para nós.

— Concordo — Moreland replicou. — Mas aquelas pessoas valorizavam a tradição. Elas viviam em

uma época em que, quanto mais antigo algo fosse, melhor. De fato, para eles, quanto mais para trás no tempo

você conseguisse traçar uma idéia, mais chances ela teria de ser verdadeira. Portanto, vir com idéias novas

causava a reação oposta à que vemos hoje em dia.

Após breve pausa, concluiu:

— Creia em mim, essas mudanças nas estruturas sociais dos judeus não foram meros ajustes feitos ao

acaso, elas foram monumentais. Foi o equivalente a um terremoto social! E os terremotos não acontecem sem

causa.

Prova n° 4: Ceia e batismo

Moreland mencionou a instituição da ceia do Senhor e do batismo na igreja antiga como mais uma

prova circunstancial de que a ressurreição de Cristo realmente aconteceu. Eu, porém, tinha algumas dúvidas.

— Não é simplesmente natural que as religiões criem seus rituais e costumes? — perguntei. — Todas as

religiões os têm. Portanto, como isso prova algo a respeito da ressurreição de Jesus?

— É verdade, mas vejamos a ceia com mais atenção — replicou ele. — O que é estranho é que esses

primeiros seguidores de Jesus não se reuniam para celebrar seus ensinos ou sua pessoa maravilhosa. Eles se

reuniam regularmente para uma refeição de celebração por um motivo: recordar que Jesus fora trucidado de

modo grotesco e humilhante. Pense nisso em termos modernos. Se houvesse um grupo de pessoas que amasse

John F. Kennedy, elas poderiam se encontrar regularmente para recordar seu confronto com a União Soviética,

sua promoção dos direitos civis e sua personalidade carismática. Mas elas não iriam celebrar seu assassinato por

Lee Harvey Oswald! No entanto, isso é análogo ao que esses primeiros cristãos faziam. Como explicar tal fato?

Eu o explico assim: eles entenderam que o assassinato de Jesus foi um passo necessário para uma vitória muito

maior. Sua morte não fora a última palavra; a última palavra era que ele vencera a morte por todos nós,

ressuscitando. Eles celebravam sua execução porque estavam convictos de que o tinham visto vivo depois do

sepultamento.

— E o batismo? — perguntei.

— A igreja antiga adotou uma forma de batismo do seu tempo que eles conheciam como judeus, o

batismo de prosé-litos. Quando um gentio queria adotar as leis de Moisés, os judeus o batizavam na autoridade

do Deus de Israel. No Novo Testamento, por sua vez, as pessoas eram batizadas em nome de Deus Pai, Deus

Filho e Deus Espírito Santo, o que significava que Jesus tinha sido elevado à plena condição divina. E não

apenas isso, mas o batismo era uma celebração da morte de Jesus, assim como a ceia. Ao submergir, a pessoa

celebra a morte de Jesus e, ao sair da água, celebra o fato de que Jesus foi ressuscitado para uma nova vida.

Interrompi-o para dizer:

— O senhor está querendo dizer que esses rituais não foram meramente adaptados das chamadas

religiões de mistério.

— Exatamente, e por boas razões — assentiu Moreland. — Em primeiro lugar, porque não há provas

convincentes de que alguma religião de mistério acreditasse que deuses morrem e ressuscitam, antes do período

do Novo Testamento. Portanto, se houve algum empréstimo, foram essas religiões que os tomaram emprestado

do cristianismo. Em segundo lugar, a prática do batismo veio do costume judaico, e os judeus eram totalmente

contrários quanto a permitir que idéias gentias ou gregas afetassem seu culto. E, em terceiro lugar, essas duas

práticas podem ser datadas do início da comunidade cristã, muito cedo para que influências de qualquer religião

se imiscuíssem na sua compreensão acerca do significado da morte de Jesus.

Prova n.° 5: O surgimento da igreja

Moreland prefaciou este último ponto dizendo:

— Quando ocorre uma mudança cultural importante, os historiadores sempre procuram eventos que

possam explicá-la.

— Sim, isso faz sentido — concordei.

— Muito bem, vejamos o começo da igreja cristã. Não há dúvida de que ela teve início logo depois da

morte de Jesus e que se espalhou de modo tão rápido que, no período de talvez 20 anos, já tinha chegado ao

palácio de César em Roma. E não apenas isso, mas esse movimento triunfou sobre várias ideologias que

competiam com ele e acabou dominando todo o império romano. Agora, se você fosse um marciano olhando

para o século I, quem você acha que sobreviveria: o cristianismo ou o império romano? Você provavelmente

não apostaria um vintém furado em um grupo de pessoas insignificantes cuja principal mensagem era que um

carpinteiro crucificado de um povoado obscuro triunfara sobre morte. No entanto, essa mensagem foi tão bem-

sucedida que até hoje chamamos nossos filhos "Pedro" e "Paulo" e nossos cachorros "César" e "Nero"! Gosto

da maneira como C. E D. Moule, professor de Novo Testamento em Cambridge, definiu a questão: "Se o

surgimento dos nazarenos, um fenômeno atestado de modo inegável pelo Novo

Testamento, faz um buraco

enorme na história, um buraco do tamanho e da forma da ressurreição de Jesus, o que o historiador secular

propõe para fechá-lo?". 134

Esse não era o mais forte dos argumentos de Moreland, já que outros movimentos religiosos também

irromperam e se espalharam, mas as evidências circunstanciais não se baseiam somente na força de um fato.

Elas, antes, são o peso cumulativo de vários fatos que, juntos, mostram o caminho para uma conclusão. E, para

Moreland, a conclusão é evidente:

— Veja — disse ele —, se alguém quiser ver essas evidências circunstanciais e chegar ao veredicto de

que Jesus não ressuscitou, tudo bem. Mas terá de propor uma explicação alternativa que responda de modo

plausível a todos os cinco fatos. Lembre-se, não há dúvida que esses fatos são verdadeiros; a questão é como

explicá-los. E eu jamais vi uma explicação melhor que a ressurreição de Jesus.

Mentalmente voltei a fita das provas circunstanciais: a disposição dos discípulos de morrer pelo que

tinham experimentado; a vida de céticos como Tiago e Saulo virada do avesso; as mudanças radicais em

estruturas sociais prezadas pelos judeus há séculos; o surgimento repentino da ceia do Senhor e do batismo; e o

surgimento e crescimento impressionante da igreja.

Considerando todos os cinco fatos incontestes, tive de concordar com Moreland

que a ressurreição de

Jesus e apenas ela justifica todos eles. Nenhuma outra explicação chega perto. E essas são apenas as evidências

indiretas. Quando acrescentei a prova poderosa do túmulo de Jesus vazio e o testemunho convincente de suas

aparições após a ressurreição, o caso parecia encerrado.

Esta também foi a conclusão de Sir Lionel Luckhoo, o advogado brilhante e inteligente cujas 245

absolvições impressionantes de assassinato consecutivas lhe valeram um lugar no livro *Guinness* de recordes

mundiais como o advogado mais bem-sucedido do mundo. **135**

Feito cavaleiro duas vezes pela rainha Elisabete, este antigo juiz e diplomata submeteu os fatos

históricos sobre a ressurreição de Jesus à sua análise rigorosa durante sete anos antes de declarar: "Digo de

modo inequívoco que as provas da ressurreição de Jesus Cristo são tão avassaladoras que exigem que as

aceitemos sem deixar absolutamente nenhum lugar para dúvidas". 136

Mas espere. Ainda há mais.

O último passo

134 C. F. D. MOULE, *The phenomenon of the New Testament,* London, SCM Press, 1967, p. 3.

135 Donald MCFARLAN, org., *The Guinness book of world records,* New York, Bantam, 1991, p. 547.

136 CLIFFORD, *The case for the empty tomb,* p. 112.

Encerrada a entrevista, Moreland e eu ficamos falando de futebol enquanto eu desligava meu gravador e

guardava minhas anotações. Embora estivesse com um pouco de pressa para pegar meu vôo de volta para

Chicago, ele me disse algo que me fez parar.

— Há um outro tipo de evidência sobre a qual você não perguntou — ele observou.

Minha mente repassou nossa entrevista.

— Desisto — resignei-me. — O que é?

— É o encontro constante com o Cristo ressurreto que acontece em todo o mundo, em cada cultura, a

gente de todos os contextos e personalidades: instruídas ou não, ricas e pobres, os que pensam e os que sentem,

homens e mulheres — ele disse. — Todos estes testemunharão que, mais que qualquer outra coisa em sua vida,

Jesus Cristo os transformou.

Moreland inclinou-se para frente para enfatizar o que dizia.

— Para mim, essa é a prova final. Não a única, mas a prova definitiva, que confirma tudo o que

dissemos: que a mensagem de Jesus pode abrir a porta para o encontro direto com o Cristo ressurreto.

— Imagino que o senhor teve um encontro desses — eu o incentivei. — Conte-me sobre ele.

— Em 1968, eu era um cínico formando de química na Universidade do Missouri, quando fui

confrontado com o desafio de que, se examinasse as declarações de Jesus Cristo

de modo crítico, mas com a

mente aberta, encontraria evidências mais que suficientes para crer nele. Assim, dei um passo de fé na mesma

direção que as evidências estavam indicando, recebendo Jesus como aquele que me perdoa e dirige, e comecei a

me relacionar com ele, o Cristo ressurreto, de modo muito real e contínuo. Nas últimas três décadas tive

centenas de respostas específicas a orações, vi acontecer coisas que simplesmente não podem ser explicadas de

modo natural e experimentei uma vida transformada além de qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

— Mas — protestei — as pessoas experimentam mudança de vida também em outras religiões, cujas

bases contradizem o cristianismo. Não é perigoso fundamentar uma decisão em experiências subjetivas? —

perguntei.

— Deixe-me tornar duas coisas bem claras — rebateu Moreland. — Em primeiro lugar, não estou

dizendo: "Simplesmente confie em sua experiência". Estou dizendo: "Use sua mente de modo tranqüilo e pese

as evidências, e depois deixe a experiência ser uma parte das evidências". Em segundo lugar, se o que as

evidências apontam é verdadeiro, ou seja, se todas essas linhas de evidências realmente apontam para a

ressurreição de Jesus, as próprias evidências pedem um teste da experiência.

— Por favor, defina isso — pedi.

— O teste experimental é: "Ele ainda está vivo, e posso descobrir isso relacionando-me com ele". Se

você estivesse em um júri e ouvisse provas suficientes para convencê-lo da culpa de alguém, não teria sentido

parar um pouco antes do último passo de condená-lo. Do mesmo modo, se alguém aceita as evidências da

ressurreição de Jesus e não dá o último passo de testá-las pela experiência, não teria entendido para onde as

evidências, em última análise, estão apontando.

— Então — eu disse —, se as evidências apontam fortemente nessa direção, é simplesmente uma

questão racional e lógica fazê-las caminhar para a esfera experimental.

Ele assentiu com a cabeça.

— É exatamente isso. Essa é a confirmação final das evidências. Na verdade, eu diria o seguinte: as

evidências clamam pelo teste experimental.

Ponderações

Perguntas para reflexão ou estudo em grupo

1. Os discípulos estavam na posição singular de saber com certeza se Jesus retornou da morte, e eles estavam

dispôstos a morrer por sua convicção de que isso aconteceu. Você consegue lembrar-se de alguém na história

que, consciente e intencionalmente, morreu por uma mentira? Que grau de certeza você precisaria ter para

oferecer sua vida por uma convicção? Em que profundidade você investigaria uma questão se fosse para

fundamentar sua vida nela?

2. Quais são suas convicções mais valiosas? Quanto lhe custaria abandonar ou repensar radicalmente essas

opiniões preciosas — especialmente se você cresse com certeza que estaria arriscando perder a alma no inferno

se entrasse por um caminho errado? Que relação sua resposta tem com o fato histórico de que milhares de

judeus abandonaram de repente cinco estruturas sociais e religiosas fundamentais pouco depois da crucificação

de Jesus?

3. Além da ressurreição de Jesus, você consegue pensar em outra explicação que responda ao mesmo tempo por

todos os cinco tipos de provas que J. P. Moreland apresentou? Como você acha que alguém como ele

responderia à sua hipótese?

4. Moreland terminou sua entrevista falando do teste da experiência. O que teria de acontecer para você se

dispor a também dar esse passo?

Outras fontes de consulta

Mais recursos sobre esse tema

GREEN, Michael. *Christ is rísen:* so what? Kent, Sovereign World, 1995.

MCDOWELL. *The ressurrection factor,* p. 105-20. SanBernardino, Here's Life, 1981.

MORELAND, J. P. *Scaling the secular city.* Grand Rapids, Baker, 1987.
MOULE, C. F. D. *Thephenomenon ofthe*

New Testament. London, SCM Press, 1967.



Conclusão

O veredicto da historia



O que as provas indicam -

e o que elas significam hoje

A data era 8 de novembro de 1981. Era um domingo. Tranquei-me em meu escritório em casa e passei a

tarde repassando a peregrinação espiritual que eu tinha feito durante os últimos 21 meses.

Minha investigação sobre Jesus foi semelhante à que você acabou de ler, com a diferença de que li

principalmente livros e outras pesquisas históricas, em vez de conversar pessoalmente com estudiosos. Eu fizera

perguntas e analisara respostas com a mente mais aberta que conseguira ter. Agora eu chegara ao ponto crítico.

As evidências eram claras. A única questão que restava era o que eu faria com elas.

Tomando um bloco de anotações, comecei a relacionar as perguntas que me fizera quando iniciei a

investigação e alguns dos fatos-chave que descobrira. De modo semelhante, posso resumir agora o essencial do

que aprendemos em nossa avaliação das provas.

PODE-SE CONFIAR NAS BIOGRAFIAS DE JESUS?

Antes eu pensava que os evangelhos não passavam de propaganda religiosa, comprometidos pela

imaginação e zelo evangelístico dos seus escritores. Contudo, Craig Blomberg, uma das principais autoridades

do país sobre o assunto, montou uma defesa convincente de que eles refletem o testemunho ocular e trazem as

marcas inconfundíveis da exatidão. Essas biografias são tão próximas dos fatos que não podem ser explicadas

como invenções lendárias. De fato, as noções fundamentais dos milagres, ressurreição e divindade de Jesus

remontam ao alvorecer do movimento cristão.

AS BIOGRAFIAS DE JESUS RESISTEM À INVESTIGAÇÃO MINUCIOSA?

Blomberg argumentou de modo persuasivo que os escritores dos evangelhos tinham o propósito de

preservar uma história confiável, tinham a capacidade para fazê-lo, eram honestos, estando dispostos a incluir

material difícil de explicar, e não permitiram que preconceitos distorcessem indevidamente seus relatos. A

harmonia entre os evangelhos nos fatos essenciais, somada à divergência em alguns detalhes, dá credibilidade

histórica aos relatos. Além disso, a igreja antiga não poderia ter lançado raízes e florescido bem ali em

Jerusalém se tivesse ensinado fatos sobre Jesus que seus contemporâneos seriam capazes de denunciar exagero

ou falsidade. Em resumo, os evangelhos conseguiram passar pelos os oito testes de evidências.

AS BIOGRAFIAS DE JESUS FORAM PRESERVADAS DE MODO CONFIÁVEL?

O estudioso de nível mundial Bruce Metzger disse que, comparados com outros documentos antigos,

existe um número sem precedentes de manuscritos no Novo Testamento cuja data está extremamente próxima à

dos escritos originais. O Novo Testamento que temos hoje está 99,5% livre de discrepâncias textuais, sem o

questionamento de nenhuma doutrina cristã importante. Os critérios usados pela igreja antiga para determinar

quais livros devem ser considerados autoritativos fez com que possuíssemos os melhores relatos possíveis sobre

Jesus.

EXISTEM EVIDÊNCIAS CONFIÁVEIS A FAVOR DE JESUS ALÉM DE SUAS BIOGRAFIAS?

"Temos uma documentação histórica sobre Jesus melhor do que sobre o autor de qualquer outra religião

antiga", disse Edwin Yamauchi. Fontes externas à Bíblia corroboram que muitas pessoas acreditavam que Jesus

tinha efetuado curas e era o Messias, que foi crucificado e que, apesar da sua morte vergonhosa, seus

seguidores, que criam que ele continuava vivo, o adoravam como Deus. Um especialista documentou 39 fontes

antigas que confirmam mais de uma centena de fatos sobre a vida, os ensinos, a crucificação e a ressurreição de

Jesus. Sete fontes seculares e vários credos antigos falam da divindade de Jesus, doutrina "evidentemente

presente na igreja antiga", segundo o estudioso Gary Habermas.

A ARQUEOLOGIA CONFIRMA OU CONTRADIZ AS BIOGRAFIAS DE JESUS?

O arqueólogo John McRay disse que não há dúvida de que as descobertas arqueológicas reforçaram a

credibilidade do Novo Testamento. Nenhuma descoberta jamais pôs em xeque uma referência bíblica. Além

disso, a arqueologia confirmou que Lucas, que escreveu quase 25% do Novo Testamento, era um historiador

especialmente cuidadoso. Um especialista concluiu: "Se Lucas era tão exato até nos mínimos detalhes em seus

relatos históricos, em que base lógica podemos presumir que ele era crédulo ou inexato ao relatar assuntos que

eram bem mais importantes, não apenas para ele, mas também para outros?" — como, por exemplo, a

ressurreição de Jesus.

O JESUS DA HISTÓRIA É O MESMO JESUS DA FÉ?

Gregory Boyd disse que o tão falado Seminário Jesus, o qual coloca em dúvida que Jesus tenha dito a

maior parte do que lhe é atribuído, representa "um número muito pequeno de estudiosos extremistas que estão

bem à esquerda do pensamento do Novo Testamento". O Seminário descartou de antemão a possibilidade de

milagres, empregou critérios questionáveis, e alguns dos seus integrantes têm difundido documentos permeados

de mitos, de qualidade extremamente duvidosa. Mais que isso, a idéia de que as histórias sobre Jesus surgiram

da mitologia sobre deuses que morrem e ressuscitam não resiste à investigação. Boyd disse: 'As evidências de

que Jesus era quem os discípulos diziam [...] estão a anos-luz de distância da idéia de que os cientistas

esquerdistas do Seminário Jesus estão corretos". Em suma, o Jesus da fé é o mesmo Jesus da história.

JESUS ESTAVA REALMENTE CONVICTO DE QUE ERA O FILHO DE DEUS?

Indo até às primeiras de todas as tradições, totalmente seguras quanto ao desenvolvimento lendário, Ben

Witherington III pôde mostrar que Jesus tinha uma compreensão suprema e transcendente de si mesmo. Baseado

nas evidências, Witherington disse: "Jesus acreditava ser o Filho de Deus, o ungido de Deus? A resposta é sim.

Ele se considerava o Filho do Homem? A resposta é sim. Ele se via como o Messias do fim dos tempos? Sim,

ele se via dessa forma. Ele acreditava que alguém menos que Deus poderia salvar o mundo? Não, não creio que

ele pensasse isso".

JESUS ESTAVA LOUCO QUANDO AFIRMOU SER O FILHO DE DEUS?

O conhecido psicólogo Gary Collins disse que Jesus nunca apresentou nenhuma emoção inapropriada,

estava em contato com a realidade, era brilhante e tinha uma compreensão impressionante da natureza humana,

além de cultivar relacionamentos profundos e duradouros. "Não vejo nenhum sinal de que Jesus sofresse de

qualquer doença mental conhecida", concluiu. Além disso, Jesus respaldou sua reivindicação de ser Deus por

meio de feitos milagrosos de curas, por demonstrações surpreendentes de poder sobre a natureza, pelo ensino

incomparável, pelo conhecimento divino das pessoas e pela própria ressurreição, que foi a autenticação

definitiva da sua identidade.

JESUS APRESENTOU OS ATRIBUTOS DE DEUS?

Embora a encarnação — em que Deus se torna um ser humano, o infinito se torna finito — extrapole a

nossa imaginação, o destacado teólogo D. A. Carson ressaltou que há muitas evidências de que Jesus exibiu as

características da divindade. Com base em Filipenses 2, muitos teólogos acreditam que Jesus voluntariamente

se esvaziou do uso independente desses atributos divinos ao executar sua missão de redenção humana. Mesmo

assim, o Novo Testamento confirma especificamente que Jesus, de fato, possuía todos os atributos da

divindade, incluindo onisciência, onipresença, onipotência, eternidade e imutabilidade.

JESUS — E só ELE — ENQUADRA-SE NO PERFIL DO MESSIAS?

Centenas de anos antes de Jesus nascer, os profetas predisseram a vinda do Messias, do Ungido, que

haveria de redimir o povo de Deus. Na verdade, dezenas dessas profecias do Antigo Testamento criaram um

perfil ao qual somente o verdadeiro Messias poderia corresponder. Isso deu a

Israel um instrumento para

descartar impostores e validar as credenciais do Messias autêntico. Dentro de possibilidades infinitamente

pequenas — uma em um trilhão elevado à décima quinta potência — Jesus, e apenas ele em toda a história,

enquadrou-se nesse perfil. Isso confirma a identidade de Jesus com um grau incrível de certeza.

A MORTE DE JESUS FOI UMA FRAUDE E SUA RESSURREIÇÃO, UM LOGRO?

Analisando as informações médicas e históricas, o dr. Alexander Metherell concluiu que Jesus não

poderia ter sobrevivido à tortura terrível da crucificação, muito menos à ferida que foi aberta em seu pulmão e

coração. A idéia de que ele, de alguma forma, desmaiou na cruz e fingiu estar morto não tem nenhuma base

factual. Os executores romanos eram horrivelmente eficientes, sabendo que poderiam ser mortos se alguma das

suas vítimas descesse viva da cruz. E, mesmo que Jesus tivesse sobrevivido à tortura, sua condição deplora vel

jamais teria inspirado um movimento mundial baseado na premissa de que ele triunfou gloriosamente do

túmulo.

O CORPO DE JESUS REALMENTE DESAPARECEU DO TÚMULO?

William Lane Craig apresentou evidências impressionantes de que o símbolo da Páscoa — o túmulo

vazio de Jesus — foi uma realidade histórica. O túmulo vazio é mencionado ou

está implícito em fontes

extremamente antigas, como o evangelho de Marcos e o credo de 1Coríntios 15, que provêm de tão perto do

evento que não podem ter sido produto de uma lenda. O fato de os evangelhos informarem que foram mulheres

que descobriram o túmulo reforça a autenticidade da história. O lugar onde Jesus foi enterrado era do

conhecimento de cristãos e judeus, portanto poderia ser conferido pelos céticos. Na verdade, ninguém, nem

mesmo as autoridades romanas ou os líderes judaicos, jamais afirmaram que o túmulo ainda continha o corpo

de Jesus. Pelo contrário, eles foram forçados a inventar a história absurda de que os discípulos, apesar de não

terem nem motivo nem oportunidade, tinham roubado o corpo — uma teoria em que nem os céticos mais

críticos acreditam hoje em dia.

JESUS FOI VISTO VIVO DEPOIS DE SUA MORTE NA CRUZ?

As evidências das aparições de Jesus depois da ressurreição não se desenvolveram gradualmente com o

passar dos anos, à medida que a mitologia distorcia as lembranças da sua vida. Antes, como disse o especialista

em ressurreição Gary Habermas, a ressurreição de Jesus era "o centro da proclamação da igreja antiga desde o

começo". O antigo credo de 1Coríntios 15 menciona indivíduos que se encontraram com o Cristo ressurreto, e

Paulo chegou a desafiar os céticos do século I a conversar pessoalmente com

eles e que verificassem por si

mesmos a veracidade da história. O livro de Atos está cheio de afirmações muito antigas da ressurreição de

Jesus, e os evangelhos descrevem numerosos encontros em detalhes. O teólogo britânico Michael Green

concluiu: "As aparições de Jesus são mais bem autenticadas do que qualquer outro fato da Antigüidade [...].

Não pode haver dúvidas racionais de que elas ocorreram".

EXISTEM FATOS SECUNDÁRIOS QUE APONTAM PARA A RESSURREIÇÃO?

As provas circunstanciais de J. P. Moreland acrescentaram uma documentação final em favor da

ressurreição de Jesus. Em primeiro lugar, os discípulos estavam na condição singular de saber se a ressurreição

acontecera, e eles enfrentaram a morte proclamando que ela era verdadeira. Ninguém dá sua vida consciente e

intencionalmente por uma mentira. Em segundo lugar, além da ressurreição de Jesus não há nenhuma boa razão

por que céticos como Paulo e Tiago teriam se convertido e morrido por sua fé. Em terceiro lugar, poucas

semanas depois da crucificação milhares de judeus começaram a abandonar costumes sociais que tinham crucial

importância sociológica e religiosa havia séculos. Eles sabiam que incorreriam em condenação se estivessem

enganados. Em quarto lugar, a prática da ceia do Senhor e do batismo desde o começo afirmava a ressurreição e

divindade de Jesus. E, em quinto lugar, o surgimento milagroso da igreja em meio à perseguição brutal pelos

romanos "faz um grande buraco na história, um buraco do tamanho e da forma da ressurreição de Jesus", como

disse C. E D. Moule.

DERROTADOS PELO DESAFIO DE MÜLLER

Tenho de admitir: eu estava intimidado pela quantidade e qualidade das evidências de que Jesus é o

Filho especial de Deus. Sentado diante de minha escrivaninha naquela tarde de domingo, balancei a cabeça,

atônito. Eu já vira réus serem enviados à câmara-de-gás com provas muito menos convincentes! Os fatos e

dados, somados, apontavam de modo inconfundível para a conclusão a que eu não queria chegar.

Para ser franco, eu queria crer que a divinização de Jesus foi resultado de um desenvolvimento lendário

em que pessoas bem-intencionadas, mas iludidas, transformaram um sábio homem no mitológico Filho de

Deus. Isso parecia seguro e confortador: afinal de contas, um pregador apocalíptico itinerante do século i não

poderia fazer exigências a mim. Mas por mais que eu aprofundasse minha investigação, pensando que essa

explicação lendária era intuitivamente óbvia, acabei convencido de que ela era totalmente sem base.

O que resolveu a questão para mim foi o famoso estudo de A. N. Sherwin-White, o grande historiador

clássico da Universidade de Oxford, a quem William Lane Craig aludiu em nossa entrevista. Sherwin-White

examinou de modo meticuloso, à proporção que apareciam lendas no mundo antigo. Sua conclusão foi: nem

mesmo duas gerações completas seriam tempo suficiente para que uma lenda se desenvolvesse a ponto de

apagar um cerne sólido de verdade histórica. **137**

Agora veja o caso de Jesus. Em termos históricos, as notícias do túmulo vazio, os relatos das

testemunhas oculares das suas aparições depois da ressurreição e a convicção de que ele era realmente o Filho

único de Deus surgiram praticamente de modo instantâneo.

O credo de 1Coríntios 15, que afirma a morte de Jesus por nossos pecados e relaciona suas aparições

após a ressurreição a testemunhas oculares citadas pelo nome, já era recitado pelos cristãos em menos de dois

anos após a crucificação. O relato de Marcos do túmulo vazio foi tirado de material que procede de poucos anos

após o evento.

Os evangelhos, que atestam o ensino, os milagres e a ressurreição de Jesus, circularam ainda durante a

vida de pessoas que conviveram com ele, que teriam o maior interesse em corrigir o relato se ele tivesse sido

embelezado ou falsificado. Os hinos cristãos mais antigos afirmam a natureza divina de Jesus.

Blomberg resumiu a questão nestes termos: *"No prazo de dois anos após a sua*

morte, portanto, parece

que um número significativo de seguidores de Jesus já tinham formulado uma doutrina da expiação,

convencidos de que ele ressuscitara em forma corporal, já haviam associado Jesus com Deus e criam ter

encontrado apoio para todas essas convicções no Antigo Testamento".138

William Lane Craig concluiu: "O período de tempo necessário para o surgimento de uma lenda

convincente em relação aos eventos dos evangelhos nos colocaria no século n d.C, *exatamente a época em que*

os evangelhos apócrifos lendários foram escritos. Estes são os relatos lendários procurados pelos críticos".139

Simplesmente não havia tempo suficiente em nenhum lugar para que a mitologia corrompesse

totalmente o registro histórico de Jesus, especialmente em meio a testemunhas oculares que ainda tinham

lembranças pessoais dele.

Quando o teólogo alemão Julius Müller desafiou em 1844 qualquer pessoa a encontrar um único

exemplo de desenvolvimento lendário com rapidez em qualquer período da história, a resposta dos estudiosos

do seu tempo — e até hoje — foi um silêncio total.140

Em 8 de novembro de 1981 compreendi que minha maior objeção a Jesus também tinha sido

solucionada pela história. Vi-me rindo de como tudo acabara dando um resultado contrário.

À luz dos fatos convincentes que descobrira na minha investigação, à luz dessa avalanche de evidências

em defesa de Cristo, a grande ironia era esta: eu precisaria de muito mais fé para manter meu ateísmo do que

para confiar em Jesus de Nazaré!

IMPLICAÇÕES DAS EVIDÊNCIAS

Você se lembra da história de James Dixon, na introdução a este livro? As evidências indicavam

fortemente sua culpa de atirar em um sargento da polícia de Chicago. Ele até admitiu tê-lo feito!

No entanto, quando uma investigação mais profunda foi feita, de repente ocorreu uma mudança: o

cenário que melhor combinou com os fatos foi o de que o sargento tinha incriminado Dixon, que era inocente.

Dixon foi libertado, e o policial se viu condenado. Ao concluirmos nossa investigação do caso de Cristo, vale a

pena rever as duas grandes lições desta história.

1. A compilação das provas realmente foi completa?

Sim, foi. Escolhi especialistas que podiam formular sua posição e defendê-la com evidências históricas

137 A. N. SHERWIN-WHITE, *Roman society and Roman law in the New Testament*, Oxford, Clarendon Press, 1963, p. 188-91.

138 BLOMBERG, Where do we start studying Jesus?, in: WILKINS &MORELAND, *Jesus underfire,* p. 43 (grifo do autor).

139 CRAIG, *The Son rise*, p. 102, (grifo do autor). *rises*, p. 101

140 Julius MÜLLER, *The theory of myths, in its application to the gospel*

history, examined and confuted, London, John Chapman, 1844,

p. 26, ap. CRAIG, *The Son*

que eu podia confirmar em outras fontes. Eu não estava simplesmente interessado nas opiniões deles; queria

fatos.

Desafiei-os com as teorias contemporâneas de ateus e professores liberais. Considerando seu contexto,

suas credenciais, sua experiência e seu caráter, esses estudiosos estavam mais que qualificados para trazer

informações históricas confiáveis sobre Jesus.

2. Qual explicação atende melhor ao conjunto das provas?

No dia 8 de novembro de 1981, minha tese da lenda, à qual eu me agarrara com força durante tantos

anos, foi totalmente desmantelada. Além disso, meu ceticismo jornalístico diante do sobrenatural se dissolvera à

luz das evidências históricas emocionantes de que a ressurreição de Jesus fora um evento real, histórico. De

fato, minha mente não conseguiu recorrer a uma única explicação que atendesse às evidências históricas tão

bem quanto a conclusão de que Jesus era quem afirmava ser: o único Filho de Deus.

O ateísmo que eu adotara por tanto tempo vergou sob o peso da verdade histórica. Era um resultado

surpreendente **e** radical, certamente não o que eu previra quando embarquei nesse processo investigativo. Mas

era, na minha opinião, uma decisão forçada pelos fatos.

Tudo isso me levou à pergunta: "E daí?". Se isto é verdade, que diferença faz? Havia várias implicações

óbvias.

• Se Jesus é o Filho de Deus, seus ensinos são mais que meras

idéias corretas de um mestre sábio; são

posições divinas sobre

as quais posso com confiança edificar minha vida.

• Se Jesus estabelece o padrão da moralidade, posso agora ter

um fundamento inabalável para minhas

escolhas e decisões, em

vez de baseá-las na areia movediça dos interesses próprios e do

egocentrismo.

• Se Jesus ressuscitou, ele ainda está vivo hoje e disponível para que eu o encontre pessoalmente.

• Se Jesus derrotou a morte, ele pode abrir a porta da vida eterna para mim também.

• Se Jesus tem poder divino, ele tem a capacidade sobrenatural

de me guiar, ajudar e transformar enquanto

eu o sigo.

• Se Jesus conhece pessoalmente a dor da perda e do

sofrimento, ele pode me consolar e encorajar em

meio à turbulência que ele avisou que seria inevitável em um mundo

corrompido pelo pecado.

• Se Jesus me ama como diz, ele tem meus melhores interesses

em mente. Isso significa que nada tenho a

perder e tudo a

ganhar ao me confiar a ele e a seus propósitos.

• Se Jesus é quem afirma ser (e lembre-se de que nenhum líder

de qualquer outra religião importante jamais

disse ser Deus),

como meu Criador ele merece por direito minha lealdade, obediência e adoração.

Lembro de ter escrito essas implicações em meu bloco de anotações e depois ter me reclinado na

cadeira. Eu chegara ao ponto culminante de minha peregrinação de quase dois anos. Finalmente estava na hora

de encarar a pergunta mais premente de todas: "E agora?".

A FÓRMULA DA FÉ

Depois de uma investigação pessoal que durou mais de 600 dias e horas incontáveis, meu próprio

veredicto no caso de Cristo estava claro. Entretanto, sentado à minha escrivaninha, constatei que precisava de

mais que uma decisão intelectual. Eu queria dar o passo experimental que J. P. Moreland descrevera na última

entrevista.

Procurando uma maneira de fazer isso, apanhei uma Bíblia e a abri em João 1.12, um versículo que eu

encontrara durante a minha investigação: 'Aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito

de se tornarem filhos de Deus".

Os verbos-chave nesse versículo exprimem com precisão matemática o que é preciso para ir além da

mera concordância mental com a divindade de Jesus e entrar em um relacionamento permanente com ele, sendo

adotado na família de Deus: crer + receber = tornar-se.

1. Crer

Sendo alguém formado em jornalismo e direito, eu fora ensinado a responder aos fatos, não importa em

que direção eles levassem. Para mim, os fatos demonstravam de modo convincente que Jesus é o Filho de Deus,

que morreu como meu substituto para pagar a pena que eu merecia pelos males que pratiquei.

E havia muitos males. Vou poupar a mim mesmo o embaraço de entrar em detalhes, mas a verdade é

que eu levava uma vida profana, ébria, egoísta, imoral. Em minha carreira, traíra colegas para obter vantagens

para mim e violara regularmente padrões legais e éticos em busca de histórias. Na vida pessoal, estava

sacrificando minha esposa e filhos no altar do sucesso. Eu era um mentiroso, trapaceiro, enganador.

Meu coração encolhera até se transformar em uma pedra em relação a todo mundo. Minha motivação

principal era o prazer pessoal — e, ironicamente, quanto mais eu o buscava, mais ilusório e destruidor ele se

tornava.

Quando li na Bíblia que esses pecados me separavam de Deus, que é santo e moralmente puro,

compreendi que isso era verdade. Com certeza Deus, cuja existência eu negara durante anos, parecia estar muito

distante, e ficou evidente para mim que eu precisava da cruz de Cristo para sobrepor tal abismo. O apóstolo

Pedro disse: "Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a

Deus" (1Pe 3.18).

Em tudo isso eu acreditava agora. As evidências da história e minha experiência eram fortes demais para

ser ignoradas.

2. Receber

Todos os outros sistemas de fé que estudei durante a minha investigação se baseavam no "fazer". Em

outras palavras, era necessário que as pessoas fizessem alguma coisa. Por exemplo, orar com a ajuda de uma

roda de oração tibetana, dar esmolas, peregrinar, reencarnar, compensar carmas de ações más do passado,

melhorar o caráter — tentar, de algum modo, conquistar o caminho de volta para Deus. Apesar dos seus

melhores esforços, as multidões de pessoas sinceras simplesmente não conseguem.

O cristianismo é único. Ele se baseia no que "foi feito". Jesus fez por nós na cruz o que não podemos

fazer por nós mesmos: ele pagou a pena de morte que nós merecemos por nossa rebelião e vida errada, para

podermos ser reconciliados com Deus.

Não precisei lutar e me esforçar para tentar fazer o impossível de me tornar digno. A Bíblia diz

repetidamente que Jesus oferece perdão e vida eterna de graça, como um presente que não pode ser adquirido

(veja Rra 6.23; Ef 2.8,9; Tt 3.5). Isso se chama graça — graça *surpreendente*, favor imerecido. Ela está

disponível para todos os que a recebem em oração sincera de arrependimento. Mesmo alguém como eu.

Sim, eu tinha de dar um passo de fé, como fazemos em cada decisão que tomamos na vida. Mas esta é a

distinção crucial: eu não mais tentava nadar rio acima, contra a correnteza forte das evidências; pelo contrário,

escolhi ir na mesma direção que a torrente de fatos me levava. Isso era razoável, racional e lógico. Além disso,

de maneira interior e inexplicável, também era o que eu sentia que o Espírito de Deus me impulsionava a fazer.

Assim, no dia 8 de novembro de 1981, conversei com Deus em oração sincera e não programada,

admitindo meus erros e renegando-os, recebendo a dádiva do perdão e da vida eterna por meio de Jesus. Eu lhe

disse que, com sua ajuda, queria segui-lo e andar em seus caminhos dali em diante.

Não houve relâmpagos, nem respostas audíveis, nem sensações picantes. Sei que algumas pessoas

sentem uma forte emoção em um momento como esse; para mim, porém, ocorreu outra coisa que me encheu de

alegria da mesma forma: um profundo entendimento.

3. Tornar-se

Depois de ter dado tal passo, eu sabia por meio de João 1.12 que cruzara o limiar para uma nova

experiência. Eu me tornara algo diferente: um filho de Deus, adotado para sempre em sua família por meio do

Jesus histórico e ressurreto. O apóstolo Paulo disse: "Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas

antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!" (2Co5.17).

Realmente, com o tempo, enquanto eu me dedicava a seguir os ensinos de Jesus

e a me abrir ao seu

poder transformador, minhas prioridades, meus valores e meu caráter foram (e continuam a ser) gradualmente

transformados. Cada vez mais quero que a motivação e a perspectiva de Jesus sejam também a minha.

Parafraseando Martin Luther King Jr., posso ainda não ser o homem que deveria ser ou o homem que, com a

ajuda de Cristo, um dia serei — mas, graças a Deus, não sou mais o homem que eu era!

Eu não sei, mas isso pode soar místico para você. Há não muito tempo teria soado para mim. Contudo, é

muito real para mim agora, assim como para os que estão ao meu redor. De fato, a diferença em minha vida foi

tão radical que, alguns meses depois de eu me tornar um seguidor de Jesus, nossa filha Alison, de cinco anos de

idade, voltou-se para a minha esposa e disse: "Mamãe, eu quero que Deus faça por mim o que fez pelo papai".

Aí estava uma menininha que só conhecera um pai mundano, irado, verbalmente grosseiro e muito

ausente. E, apesar de nunca ter entrevistado um catedrático, nunca ter estudado as informações, nem

investigado as evidências históricas, ela vira de perto a influência que Jesus pode ter sobre a vida de uma

pessoa. Na verdade, ela estava dizendo: "Se é isto o que Deus faz com uma pessoa, é isso que eu quero para

mim".

Remetendo-me a duas décadas atrás, posso ver com clareza que o dia em que me decidi sobre a questão

de Cristo foi nada menos que o dia que mudou toda a minha vida.

CHEGANDO AO SEU VEREDICTO

Agora você. No começo, eu o incentivei a ver as evidências neste livro o mais próximo possível de um

jurado justo e imparcial, tirando suas conclusões com base no peso das evidências. No fim o veredicto é seu e

apenas seu. Ninguém pode votar por você.

Talvez depois de ler a entrevista com um especialista após outro, ouvindo argumento após argumento,

vendo as respostas a pergunta após pergunta e testando as evidências com sua lógica e bom senso, você tenha

descoberto, como eu, que o argumento em favor de Cristo é conclusivo.

A parte de João 1.12, que fala sobre crer, está firme no lugar; tudo o que falta é receber a graça de Jesus,

para então tornar-se seu filho, lançando-se em uma aventura espiritual que pode florescer para o resto da sua

vida e até a eternidade. Para você, a hora do passo experimental chegou, e não há mais como encorajá-lo além

do que já fiz para dar esse passo com entusiasmo.

Contudo, talvez algumas questões ainda estejam em aberto para você. Talvez eu não tenha tratado da objeção

que é a mais importante em sua mente. Está certo. Nenhum livro pode tratar de todas as nuanças.

Contudo, tenho certeza de que o montante de informações compiladas nestas páginas pelo menos terá

convencido você de que é razoável — na verdade, é imperativo — que você

continue sua investigação.

Marque onde você acha que as evidências precisam ser mais investigadas e procure respostas adicionais

de especialistas de renome. Se você crê que encontrou um cenário que explica melhor os fatos, disponha-se a

sujeitá-lo ao escrutínio crítico. Use os recursos sugeridos neste livro para cavar mais fundo. Estude a Bíblia por

si mesmo. (Sugestão: use a *Bíblia de estudo Vida,* destinada a pessoas que ainda não crêem que ela é a palavra

de Deus.) 141

Decida chegar a um veredicto quando tiver reunido uma quantidade suficiente de informações, sabendo

que nunca terá a solução para todas as questões menores. Talvez até você queira ensaiar uma oração ao Deus

que você não tem certeza de que existe, pedindo-lhe que o guie à verdade sobre ele. E, em tudo isso, você tem

meu incentivo sincero enquanto avança em sua busca espiritual.

Ao mesmo tempo, sinto uma forte obrigação de insistir em que você faça dessa questão um ponto

primordial em sua vida. Não a encare de modo superficial ou leviano, porque muita coisa depende da sua

conclusão. Como Michael Murphy disse, com muita propriedade, "nós mesmos — e não simplesmente as

declarações da verdade — dependemos da investigação". 142 Em outras palavras, se a conclusão de meus

argumentos em favor de Cristo está correta, seu futuro eterno depende de como

você responde a Cristo. Jesus

disse: "Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados" (Jo 8.24).

Essas são palavras sérias, ditas com preocupação autêntica e amorosa. Eu as cito para sublinhar a

magnitude da questão e na esperança de que elas o incentivarão a examinar ativa e profundamente a questão de

Cristo.

No fundo, todavia, lembre-se de que algumas alternativas simplesmente não são viáveis. As evidências

somadas já as excluíram.

Veja o que observou C. S. Lewis, o brilhante e antes cético professor da Universidade de Cambridge que

acabou sendo conquistado para Jesus pelas evidências:

Estou tentando evitar que se diga a coisa mais tola que muita gente diz por aí, a respeito de Cristo: "Estou pronto para aceitar

que Jesus foi um grande mestre da moral, mas não aceito a sua prerrogativa de ser Deus". Eis aí precisamente o que não podemos

dizer. Um homem que fosse só homem, e dissesse as coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre da moral: seria ou um

lunático, em pé de igualdade com quem diz ser um ovo cozido, ou então seria o Demônio. Cada um de nós tem de optar por uma das

alternativas possíveis. Ou este homem era, e é, Filho de Deus, ou então foi um louco, ou algo pior. Podemos contra-argumentá-lo,

talhando-o de louco, ou cuspir nele e matá-lo como um demônio; ou podemos cair a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não

venhamos com nenhuma bobagem paternalista sobre ser ele um grande ser humano. Ele não nos deu esta escolha. Nem nunca

pretendeu. **143**

141 *Bíblia de estudo* Vida, São Paulo, Vida, 1998

142 Michael MURPHY, The two-sided game of Christian faith, in: John Warwick MONTGOMERY, org., *Christianity for the tough-*

minded, Minneapolis, Bethany House, 1973, p. 125, ap. ANKERBERG & WELDON, *Knowing the truth about the resurrection*, p. 44.

143 C. S. LEWIS, *Cristianismo puro e simples*, p. 29

FIM

Table of Contents

Start